

EDMUNDO DE AMICIS

Sup

CORAÇÃO



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO
65, Rua de S. Bento

BELLO HORIZONTE
1055, Rua da Bahia

1911

EDMUNDO DE AMICIS

O. R.

C. N. de E.

Duplicando de

Nº 23677

CORAÇÃO

A.
B. - 11
28

Traducção brasileira feita da 101ª edição italiana
por João Ribeiro

1852

22ª EDIÇÃO

Cuidadosamente corrigida



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO
65, Rua de S. Bento

| BELLO HORIZONTE
1055, Rua da Bahia

1911

Typ. da Livraria Francisco Alves

CORAÇÃO

OUTUBRO

O primeiro dia de escola

Ségunda-feira, 17.

Primeiro dia de escola, hoje. Vão longe como um sonho aquelles tres mezes de férias na roça ! De manhã, mamãe levou-me para matricular-me na classe adiantada. A roça não me saía da cabeça, e eu ia de mau humor.

As ruas estavam cheias de meninos ; as duas livrarias apinhavam-se de paes e mães que compravam bolsas, cadernos e carteiras ; diante da escola havia tanta gente que o bedel e o guarda civil a muito custo conseguiam deixar a porta desimpedida. Junto á porta, senti que me tocavam no hombro : era o meu mestre da outra classe que eu já tinha deixado. Era elle, alegre, sempre alegre, de cabellos ruivos desgrenhados.

—Então, Henrique, disse-me, vamo -nos separar para sempre !

Bem o sabia eu, mas aquellas palavras me doeram dentro d'alma.

A muito custo entrámos. Homens e mulheres, empregados e militares, levando os meninos e segurando os

certificados de accesso da classe atrasada, enchiam o saguão da entrada e as escadas, e faziam tanto barulho como num theatro.

Com saudade tornei a ver aquella sala grande, larga, de sete portas que davam para as aulas, por onde todos os dias eu preocupado passava. A gente era de mais, e os professores iam e vinham. A minha mestra da primeira classe complimentou-me da porta, dizendo e olhando-me com tristeza :

— Tu vaes agora para o andar de cima, para a classe adiantada, e nem ao menos te verei passar !

O Director tinha em roda de si muitas e muitas mulheres, que pareciam estar aborrecidas por não arranjam logar para os filhos. Não sei, mas pareceu-me que elle estava com a barba mais branca do que no anno passado. Os meninos como eu é que estavam mais altos e com mais corpo. Em baixo estavam os alumnos da classe atrasada, que não queriam entrar para as aulas, e se apertavam com medo, como carneiros em rebanho ; era preciso empurrar-os á força. Alguns fugiam dos bancos, outros caíam em pranto ao verem os paes retirarem-se, até que os consolassem ou os levassem comsigo.

Meu irmãozinho entrou para a classe da professora Delcati, e eu para a do professor Perboni, em cima, no primeiro andar.

A's dez, estavam todos na aula ; cincoenta e quatro. Apenas 15 ou 16 da classe atrasada e entre elles Derossi, aquelle que sempre ganhava o primeiro premio.

Parecia-me tristonha e estreita a escola, em comparação com o matto e as montanhas onde passei o verão. Tambem lembrei-me do meu antigo professor, tão bom, sempre alegre, a rir-se, quasi do nosso tamanho ; parecia um collega nosso ! e tive pena de não o vêr mais ahi, com seus cabellos ruivos e desgrenhados.

Agora, o nosso novo professor é alto, sem barba, cabellos compridos e grisalhos, tem uma ruga na testa, a voz grossa ; e olha-nos fixamente, como para ler-nos nas consciencias. Nunca ri. Eu disse de mim para mim :

— Primeiro dia, hoje. Ainda faltam muitos mezes de trabalho e de estudo.

Corri a beijar a mão de mamãe que se ia embora.

— Coragem, Henrique. Havemos de estudar juntos, disse-me ella.

E voltei para casa contente ; mas sem poder esquecer o meu antigo mestre, alegre, sempre alegre, com os seus cabellos ruivos desgrenhados.

O nosso professor

Terça-feira, 18.

Nesta manhã, fiquei logo gostando do meu professor. Os alumnos do anno passado ajuntavam-se, muitos, para comprimental-o.

— Bom dia, Sr. Perboni.

Uns chegavam, apertavam-lhe a mão e iam-se embora. Via-se que elles gostavam do professor, e tinham vontade de não o deixar.

Bom dia ! dizia o professor aos alumnos, mas sem olhal-os, com os olhos fitos para cima, com a face para o tecto, sério, grave com a sua ruga na testa.

Depois começou attento a fitar-nos um por um. Começou a dictar, passeando entre os bancos. Notando que um menino tinha a face vermelha e com vesiculas, tomou-lhe a cabeça entre as mãos a ver se tinha febre. Nisto, um alumno levantou-se por detraz e começou a fazer caretas e tregeitos. O professor voltou-se de repente, o alumno sentou-se logo, confuso, com a cabeça baixa, á espera do castigo.

O professor apenas tocou-lhe a cabeça, levantando-a, e disse :

— Não faça mais isso.

E continuou a dictar.

Quando se acabou o dictado, fez-se um pequeno silencio. E o professor, de vagar, de vagar, com a sua voz grossa, falou :

— Attendam. Nós temos que passar juntos um anno. Estudem. Sejam bons. Sejam a minha familia que eu já não tenho. Tinha mãe, e morreu. Fiquei só. Os meus discipulos são os meus filhos. Quero-os amigos ; não quero castigar nenhum.

Ahi, o bedel veio dizer que tinha dado a hora. Levantamos-nos todos. Havia silencio, e, tremulo, o alumno que tinha desrespeitado o mestre chegou-se e murmurou :

— Sr. mestre, eu venho pedir perdão !

E cheio de ternura, paternalmente, o mestre beijou-o na testa, dizendo :

— Vá, vá, meu filho !

Uma desgraça

Sexta-feira, 21.

O anno principiou logo por uma desgraça.

Ia eu para a escola e estava contando a historia do meu novo mestre a papae, quando vimos a rua cheia de gente. Papae disse :

— Uma desgraça ! O anno começa mal.

Entrámos a custo na sala grande ; os alumnos fóra das aulas enchiam o salão, e homens e crianças voltavam-se para o gabinete do Director. Ouvia-se falar :

— Pobre moço ! Pobre Robetti !

Por cima das cabeças de tanta gente viam-se o capacete do guarda civil e a calva do Director. Logo, entrou um sujeito de chapéo alto e disseram — É o medico.

Papae perguntou a um dos mestres :

— Que foi ?

— Uma roda de carro esmagou-lhe o pé.

Era o caso que um alumno adiantado vira uma criança da primeira classe, na rua, escapar-se da mão de sua mãezinha e cair ao pé de um carro que passava. O rapaz correu a salvá-la e salvou-a, mas não teve tempo de retirar o pé, que o carro esmagou.

Nisto, entrou pela sala uma senhora rompendo a multidão, desgrenhada, como uma louca. Era a mãe de Robetti. Outra senhora, a mãe da criança salva, soluçando, chega. E ambas se abraçam longamente, mudas, sem palavras nos lábios. E uma d'ellas, num tom desesperado :

— Meu Julio ! meu filho !

Parou uma carruagem á porta, e o Director appareceu, tendo nos braços a criança, pallida, desmaiada, o rosto branco e os olhos cerrados. Estavam todos calados e o silencio era interrompido pelos soluços da mãe afflicta.

— Bravo, Robetti ! diziam atirando beijos, mestres e alumnos que admiravam a bravura generosa do camarada ; e beijavam-lhe as mãos e os braços.

E elle abrindo os olhos :

— E a minha carteira ?

A mãe da criança salva, com as lagrimas nos olhos, mostrou-lh'a dizendo : — Eu t'a levo, meu anjinho, eu t'a levo.

Subiram todos para a carruagem, que ruidosamente partiu pela rua afóra.

Em seguida tornámos a entrar para a aula, em silencio.

O menino calabrez

Sabbado, 22.

Hontem á tarde, dava-nos o nosso mestre noticias de Robetti, que tem de andar de muletas, quando entrou o

Director com um alumno novo, menino moreno, de cabellos pretos e olhos negros e grandes, sobrancelhas cerradas, todo vestido de roupa escura, com um cinturão de marroquim preto.

O Director falou ao ouvido do mestre, e saiu, deixando ao pé d'este o menino, que nos olhava com uns olhos grandes, de espantado.

O mestre tomou-o pela mão e dirigiu-se á classe :

— Deveis estar alegres. Hoje entra para a aula um italianozinho, natural de Reggio de Calabria, a quasi duzentas leguas d'aqui. Amae a esse vosso irmão vindo de tão longe. Elle nasceu nessa terra gloriosa que tem dado á Italia homens illustres, trabalhadores e soldados ; nasceu lá nessa terra, que é uma das mais bellas da patria, onde ha immensas florestas e grandes montanhas, habitadas por um povo corajoso e intelligente. Amae-o bem, de modo que elle não se lembre mais de ter nascido longe ; fazei-lhe vêr que, em toda a escola italiana, um italiano, seja d'onde fôr, só encontra irmãos.»

E, falando, o mestre levantou-se, mostrou no mappa mural o ponto onde está Reggio de Calabria.

Depois, com voz alta :

— Ernesto Derossi !

Derossi (o que sempre ganha o primeiro premio) levantou-se.

— Vem cá, disse o mestre.

Derossi saiu do seu banco e chegou-se á mesa, em frente do calabrez.

— Tu que és o primeiro da escola, abraça em nome da classe o teu novo companheiro : são os filhos do Piemonte abraçando o filho da Calabria.

Derossi abraçou o calabrez, dizendo com a sua voz clara : — Seja bemvindo ! E o calabrez num impeto de ternura beijou-o. Todos bateram palmas.

— Silencio ! exclamou o professor. Não se batem palmas na aula.

Mas bem se via que o mestre estava satisfeito, elle e tambem o calabrezinho. O mestre designou-lhe o seu logar, e depois disse :

— Lembrae-vos bem do que vou dizer. Para que um calabrez estivesse em sua casa estando aqui, foi preciso que a nossa patria luctasse cincoenta annos e sacrificasse trinta mil filhos. Assim, deveis respeitar-vos e amar-vos todos uns aos outros. Aquelle d'entre vós que maltratar um companheiro, porque este não nasceu na nossa provincia, é indigno de levantar os olhos do chão, quando passar a bandeira nacional.

Apenas o calabrez se sentou, os companheiros de banco deram-lhe logo pennas e um traslado, e um menino que estava no ultimo banco, mandou-lhe um sello da Suecia.

Os meus companheiros

Terça-feira, 25.

O alumno que deu o sello ao calabrez, é o que, d'entre todos, mais me agrada ; chama-se Garrone ; é o maior da aula, tem quasi quatorze annos, a cabeça grande e os hombros largos ; é bom, e percebe-se, quando elle ri ; mas já parece um homem feito, e está sempre pensando.

Agora já conheço uma porção de collegas. Ha outro que tambem me agrada, de nome Coretti ; anda sempre com jaqueta côr de chocolate e um gorro de pello de gato ; sempre alegre e risonho ; é filho de um vendedor de lenha que foi soldado na guerra de 66, onde, dizem, ganhou tres condecorações.

Ha tambem o Nelli, pequenino, corcunda, muito amarellinho.

Ha tambem um, todo bem vestido, que está sempre a soprar e a limpar o pello da roupa ; chama-se Votini. No banco em frente do meu senta-se um menino a quem chamam *Pedreirinho*, porque o pae é pedreiro ; tem a cara redonda como uma maçã e o narizinho chato ; esse tem uma habilidade particular, sabe fazer o *focinho de lebre*, e é da gente morrer de riso. Usa chapéozinho molle, que amarrota e mette no bolso como um lenço.

Junto do *Pedreirinho* senta-se o Garoffi, um sujeito muito comprido e magro, de olhos pequenos e nariz de papagaio, que anda a negociar em chromos, santinhos e caixas de phosphoros, e escreve a lição nas unhas para *collar* às escondidas.

Ha tambem um senhorzinho Dom Carlos Nobis, muito vaidoso. Sentá-se entre dous rapazes com quem sympathiso ; um, o filho de um ferreiro, mettido em um paletó que lhe deita até aos joelhos, e é muito pallido, e, ao que parece, doente ; anda sempre espantado e nunca ri ; o outro, de cabellos ruivos, tem um braço paralytico, que traz sempre ao peito ; o pae embarcou para a America e a mãe vive de vender hortaliças.

Typo curioso é tambem o do meu vizinho da esquerda, o Stardi, pequeno e ratão, sem pescoço quasi ; não fala e é meio tolo, mas está sempre attento para o mestre, sem pestanejar, com os dentes cerrados e carrancudo. Quando o mestre está falando, ninguem interrogue a Stardi ; não responde á primeira nem á segunda vez, mas na terceira desanda um pontapé.

Perto ha uma cara feia e trigueira, a de Franti, que já foi expulso d'outra escola. Tambem noto dous irmãos, vestidos do mesmo modo, dous bonecos que trajam chapéos á calabreza com uma penna de faisão. Mas o mais bello de todos, o de mais talento e que ao certo ainda neste anno será o primeiro, é Derossi ; o mestre já o comprehendeu e sempre lhe faz perguntas.

Eu, no entanto, gosto muito de Precossi, o filho do ferreiro, aquelle de paletó comprido e que parece doentinho ; dizem que o pae o bate ; por isso é tímido e manso, e toda vez que toca ou se dirige a qualquer pessoa, vae logo dizendo : — Desculpe-me ! e lança-nos um olhar bom e meigo. Mas de todos o maior e melhor é Garrone.

Um rasgo de generosidade

Quarta-feira, 26.

Foi nesta manhã que Garrone se deu a conhecer.

Quando entrei na escola — um pouco tarde, pois a minha antiga mestra me fez parar para saber a que horas poderia ir a nossa casa ; quando entrei na escola, o mestre ainda não estava, e tres ou quatro rapazes judiavam com o pobre Crossi, aquelle dos cabellos ruivos e que tem um braço paralytico, e cuja mãe vende hortaliças ; davam-lhe com as reguas, atiravam-lhe ao rosto cascas de castanhas, e arremedavam o seu braço aleijado. E elle sósinho na ponta do banco, humilde e compassivo, olhava para os que escarneciam com os olhos supplices, como pedindo que o deixassem tranquillo. Mas os outros redobram de escarneo, e elle começou a tremer e a fazer-se vermelho de raiva.

Num momento, Franti, o cara feia e estúpida, subiu a um banco, fingindo trazer dous cestos nos braços, arremedando a mãezinha de Crossi, quando vendia hortaliça, no tempo em que ella vinha á porta da escola ver o filho ; porque agora não vem mais, está doente. Muitos, ao ver isto, pozeram-se a rir. Então Crossi perdeu o juizo, e agarrando num tinteiro atirou-lh'o á cabeça com toda a força ; mas Franti torceu o corpo, e o tinteiro foi em cheio bater no peito do mestre, que entrava naquella hora.

Todos foram para os seus logares. Fez-se silencio. Estavam todos com medo.

O mestre, pallido, chegou-se á mesa e com a voz mudada perguntou :

— Que é isto ?

Ninguém respondeu. E o mestre outra vez gritou, levantando a voz :

— Quem foi que atirou o tinteiro ?

Então Garrone, movido de piedade pelo pobre Crossi, levantou-se de repente e disse firme :

— Fui eu !

O mestre olhou-o e olhou para todos estupefactos ; depois disse, tranquillo :

— Não ! não foste tu. (E depois de uma pausa): O culpado levante-se ! Não soffrerá castigo.

Crossi então levantou-se chorando : — batiam-n'ó, insultavam-n'ó, e elle perdera a cabeça.

— Sente-se, disse o mestre. Levantem-se aquelles que o maltrataram.

Levantaram-se quatro, cabisbaixos todos.

— Vós, disse o mestre, insultastes a um companheiro que não vos provocára, escarnecestes e zombastes d'um infeliz, e batestes num ente fraco que não pôde defender-se. Praticastes a acção mais baixa, a mais vergonhosa que possa manchar uma creatura. Sois uns covardes !

Dito isto, desceu entre os bancos, levantou com a mão o queixo de Garrone, que tinha a cabeça curvada, fel-o erguer o rosto, fitou-o nos olhos e disse-lhe :

— És uma alma nobre !

Aproveitando o momento, Garrone falou não sei que ao ouvido do mestre, e este voltando-se para os quatro culpados, disse seccamente : — Estão perdoados.

A minha antiga mestra

Quinta-feira, 27.

A minha mestra cumpriu a promessa. Veio hoje á nossa casa, no momento em que minha mãe e eu estava-

mos para sair, para levarmos algumas roupas a uma pobre mulher recommendada pela *Gazeta*.

Já fazia um anno que ella não vinha á nossa casa.

E todos nos alegrámos.

E' sempre a mesma, baixinha, com o seu véo verde enrolado ao chapéo, vestida sem luxo, apenas penteada, pois não tem sequer tempo de enfeitar-se; agora anda mais descorada do que no anno passado, e tem mais cabellos brancos e uma tosezinha sempre. Mamãe disse-lhe:

— E de saude, cara mestra! Mais cuidado!

— Ah, isso pouco vale! respondeu ella com o seu sorriso melancolico e ao mesmo tempo expansivo.

— A senhora fala muito alto, disse mamãe, e cança-se muito com os seus discipulos.

Tinha razão mamãe. A nossa mestra nunca se cançava de falar; ainda me lembro quando andava na aula d'ella: estava sempre a falar e a gritar para que os meninos se não distrahissem, e nem se sentava um momento. Eu estava certo de que ella viria, porque não se esquece dos discipulos: guarda os nomes d'elles, annos e annos. No dia do exame mensal, corre a perguntar ao Director o ponto que tiraram; e espera os meninos á saída e pede-lhes os themas para ver se fizeram algum progresso; e muitos, já alumnos do Gymnasio e que já usam calças compridas e relógio, vêm procural-a, ou vêm saber noticias d'ella. Hoje vinha muito cançada da Pinaeotheca, onde tinha levado uns alumnos, tal qual como no anno passado, quando ás quintas-feiras conduzia a gente ao Museu.

Pobre mestra! tão emmagrecida! mas sempre viva. Enthusiasma-se sempre que fala da sua escola. Quiz ver a cama onde me viu caído muito doente, faz dous annos, e que é agora do meu irmãozinho.

Olhou-a um pouco, mas nada disse, porque ella agora ia á pressa ver tambem um menino da sua aula, o filhinho

d'um selleiro, que está com sarampo ; e ainda tem de corrigir uma porção de paginas, de trabalhar toda a tarde e de dar á noitinha uma lição particular de arithmetica á dona de uma loja.

— Então, Henrique, disse-me ao sair, queres bem ainda á tua mestra, agora que estás adiantado e dás lições grandes ?

Beijou-me e disse-me ainda do patamar da escada :

— Não te esqueças de mim, Henrique.

Oh ! minha boa e querida professora ! não, eu não me esquecerei de ti. Ainda quando fôr homem, eu me lembrarei de ti ; irei procurar-te, para ver-te entre os teus dicipulozinhos ; e toda vez que passar por uma escola, e toda vez que ouvir a voz de uma mestra, ha de parecer-me ouvir a tua voz e recordar-me-ei do tempo que passei na tua aula, onde aprendi tantas cousas, onde te vi doente e fatigada, mas sempre solicita, generosa, sempre boa—inquieta quando nos via sem saber pegar na penna ; tremula, quando os inspectores nos interrogavam ; feliz, quando nos via fazermos boa figura ; e sempre amorosa, sempre qual uma mãe. Não ! não ! nunca me esquecerei de ti !

Em um sotão

Sexta-feira, 28.

Mamãe, eu e a minha irmã Sylvia, hontem á noite, saímos a levar a roupa á pobre mulher recommendada pelo jornal ; eu levava oembrulho, e Sylvia o jornal onde estavam as iniciaes e o endereço da pobrezinha ; fomos subindo até quasi ao tecto d'uma casa alta, por um corredor muito comprido e com muitas portas. Mamãe bateu na ultima ; appareceu uma mulher ainda moça, loura e muito branca ; lembrei-me de já tel-a visto assim, loura, com esse lenço azul que trazia na cabeça.

— Seria ella a pessoa, assim, assim, de que falava o jornal? perguntamos.

— Sim, senhora.

— Pois bem, disse minha mãe, trazemos-lhe alguma roupa branca.

E ella a agradecer e aabençoar-nos sem nunca acabar. No emtanto vi em um canto da casa escura e vasia um menino ajoelhado diante de uma cadeira; escrevia sobre ella e estava o tinteiro no chão. Como poderia elle escrever assim tão ás escuras? Emquanto eu dizia isto de mim para mim, eis que reconheço os cabellos ruivos e a jaqueta de fustão de Crossi, o filho da quitandeira, aquelle do braço paralytico. E disse-o baixinho á mamãe, emquanto a mulher guardou a roupa.

— Cala-te! disse ella, não o chames; pôde ser que se envergonhe da esmola que damos á sua mãezinha.

Mas nesse instante Crossi voltou-se; fiquei vexado, mas elle sorriu e então mamãe fez-me signal para que corresse a abraçal-o. Abracei-o, e elle levantou-se e tomou-me as mãos.

— Estou aqui, ia dizendo a mãe de Crossi, aqui vivo sósinha com essa criança; ha seis annos meu marido está na America, e eu de mais a mais doente, sem poder andar em gyro na minha quitanda para ganhar o sustento.

Nem sequer me ficou uma mesa para o meu Luizinho estudar. Quando havia lá em baixo no portal o banco, sempre se ia remediando; agora nem isso. Nem mesmo ha luz para estudar sem fazer mal á vista. E dou graças a Deus se ainda o posso mandar á escola, porque o governo é que dá os livros. Pobre Luizinho! Tem tanta vontade de aprender! Mas sou tão pobre!

Mamãe deu-lhe tudo quanto trazia, beijou o pequeno e saiu quasi chorando. E tinha razão de dizer-me:

— Meu filho! olha como aquella criança na miseria trabalha; tu que tens todas as commodidades, ainda achas duro o estudo. Ah, meu Henrique! no trabalho

d'um dia d'essa criança ha mais merecimento do que no teu trabalho d'um anno. A esses assim é que se deviam dar os primeiros premios.

A escola

«*Meu caro Henrique.*

Sim, parece-te duro estudar, como te disse tua mamãe ; não te vejo mais ir para a aula com a alegria e a coragem que eu desejára. Estás ficando vadio. Não é isso ? Mas vê bem : que triste e misera cousa para ti um dia sem escola ! No fim de uma semana, de mãos juntas pedirias para voltar, cheio de aborrecimento, enjoado de viver brincando. Todo o mundo hoje em dia estuda, meu Henrique. Lembra-te dos operarios que vão á escola de noite, depois de trabalharem com vigor o dia inteiro; d'essa gente toda, moços e moças do povo que vão á escola nos dias de domingo, depois de trabalharem toda a semana ; lembra-te mais dos soldados, que lançam mão de livros e cadernos, já cansados dos exercicios ; até dos rapazes mudos e dos cegos, que todavia estudam ; até dos presos, pois tambem elles aprendem a ler e a escrever.

Pensa que de manhã, quando saes, no mesmo momento e nessa mesma cidade ha 30.000 pequenos, que, como tu, vão para uma casa durante tres horas estudar, estudar. Mas que ! lembra-te do innumeravel bando de rapazes de todos os outrôs paizes que, á mesma hora mais ou menos, vão tambem á escola ; imagina que lá vão elles pelas estradas quietas da roça, pelas ruas cheias de barulho das cidades, pelas praias dos mares e dos lagos, ou sob o sol abrasador, ou sobre a neve fria, em barcos nos logares cortados de canaes, a cavallo nos campos, em trenó sobre a neve, por montes e valles, entre florestas e rios, sósinhos galgando o caminho pela montanha, a sós ou em grupo ou em fileiras, todos com o livro debaixo do braço, vestidos de modas as

mais diferentes, falando mil linguas, desde a ultima escola da Russia, lá perdida nos gelos, até a derradeira escola da Arabia, ensombrada de palmeiras ; milhões e milhões, todos a aprender de cem fórmulas diversas a mesma cousa ; imagina esse vastissimo formigueiro de moços de cem povos, esse movimento enorme, do qual tu fazes parte, e pensa bem :

— *Se esse movimento cessasse, a humanidade se despenharia na barbaria ; porque elle é o progresso, elle é a esperança, elle é a gloria do mundo. Vamos ! coragem, pequeno soldado d'esse exercito immenso. Os teus livros são as tuas armas, a tua classe é um regimento, o campo da batalha é a terra inteira, e a victoria é a civilisação... Meu Henrique ! tu não serás um soldado covarde.*

Teu pai.

O patriotazinho de Padua

(CONTO MENSAL)

Sabbado, 29.

Não, não serei um *soldado covarde*, nunca ; mas eu teria vontade de ir á escola, se o mestre sempre contasse uma historia como a que contou hoje. Todos os mezes, disse elle, contará uma, e será sempre a historia de uma bella acção praticada por um rapazinho. A de hoje chama-se *O patriotazinho de Padua*.

É esta :

— Partiu um vapor francez de Barcelona, cidade da Hespanha, para Genova, na Italia ; a bordo haviam francezes, hespanhoes, suissos e italianos. Havia entre outros um rapaz de onze annos, mal vestido, sósinho, sempre afastado como um animal selvagem, olhando para todos sombriamente. Havia ao certo razão na expressão

sombria do seu olhar... Dous annos já havia que o pae e a mãe, camponezes dos suburbios de Padua, o tinham vendido ao chefe de uma companhia de saltimbancos, os quaes, depois de haverem-lhe ensinado peloticas á custa de socos, pontapés e jejuns, tinham o levado pela França e Hespanha, judiando com elle e matando-o á fome. Chegado a Barcelona e não podendo mais aguentar a fome e maus tratos, reduzido a petição de miseria, fugiu dos seus algozes e correu a pedir a protecção do consul italiano, que, commovido, fel-o embarcar naquelle vapor, dando-lhe uma carta para o chefe de policia de Genova, para que este o enviasse a seus paes, aos paes que o tinham vendido como um animal.

O pobre rapaz estava esfarrapado e doente.

Deram-lhe um beliche de 2.^a classe; todos o encravam, e uns mesmo faziam-lhe perguntas; mas elle não dava resposta e parecia odiar e desprezar a todo o mundo, tanto as privações e as fadigas o tinham aborrecido e exasperado. Tres passageiros, sempre a insistirem com indagações, chegaram a fazel-o falar, e elle disse poucas palavras, uma mistura de veneziano, de hespanhol e de italiano. Os taes não eram italianos, mas comprehenderam-n'o, e movidos talvez por compaixão, ou talvez por effeito do vinho, deram-lhe alguns vintens, gracejando e incitando-o a que contasse outras cousas mais; e entrando na sala umas senhoras, os tres, para se exhibir, deram-lhe mais dinheiro, gritando:

— Toma lá! Mais esta! e atiravam as moedas, que tinham sobre a mesa.

O rapaz embolsou as moedas, resmungando, agradecendo com os seus modos grosseiros, mas já agora com o olhar jovial e meigo. Ah! e começou a scismar; com esse dinheiro compraria a bordo alguma cousa boa que se comesse; compraria uma jaqueta logo que desembarcasse em Genova, pois havia dous annos que não sabia o que era

pão nem bôa roupa. Poderia ainda, indo para casa, fazer com que seus paes o acolhessem com humanidade e ternura maior do que se chegasse com as algibeiras vacias.

Era uma pequena fortuna para elle, aquelle dinheiro. E estava a pensar muito consolado em tudo isso por detraz da cortina do beliche, enquanto sentados á mesa, na sala, os tres passageiros conversavam.

Bebiam e falavam de viagens, das terras que tinham visto, e de conversa vieram a falar da Italia. E logo um começou a queixar-se dos hoteis, outro das estradas de ferro, e depois todos juntos, esquentando a palestra, entraram a dizer mal de tudo. Um teria preferido viajar na Laponia; outro affirmava que na Italia não havia senão tratantes e cousas ruins; o ultimo, que os empregados italianos nem sabiam ler.

— Um povo ignorante, disse o primeiro.

— E porco, disse o segundo.

— E lad... exclamou o ultimo.

Mas nem pôde concluir; uma tempestade de moedas bateu-lhes sobre as cabeças e hombros, e as moedas, fazendo barulho, espalharam-se no chão. Furiosos, os tres passageiros levantaram-se e olharam para cima; mais outras moedas em punhado vieram tinir-lhes na cara.

— Guardae o vosso dinheiro (disse desdenhosamente o rapaz, estirando para fóra do beliche), guardae-o; eu não acceito esmola de quem insulta a minha patria!

NOVEMBRO

O limpador de chaminés

1 de novembro.

Hontem á tarde, fui á aula das meninas, que é junto á nossa, para dar a historia do paduano á mestra de Sylvia, que a queria ler. Setecentas alumnas ! Quando cheguei, começavam a sair, alegres pelas férias de Todos os Santos e de Finados. E eis uma bella cousa que vi.

Em frente á porta da escola, do outro lado da rua, com os braços erguidos e cruzados á parede e a cabeça nos braços, estava um limpador de chaminés, muito pequenino, com a cara suja, com o sacco e a raspadura, num pranto desatinado, a soluçar. Duas ou tres meninas chegaram para perto e perguntaram :

— Por que choras assim ? !

E elle sem responder, a chorar mais ainda. Mas, que dissesse por que chorava, perguntaram de novo as meninas. E foi então que elle levantou a cabeça dos braços — uma suavissima cabeça de criança — e disse que tinha ido a varias casas fazer o seu serviço, que ganhara cinco tostões, mas tendo os perdido (e mostrou os bolsos) faltava-lhe coragem para entrar em casa sem o dinheiro.

— O patrão bate-me. E suffocado por um soluço mettu de novo a cabeça entre os braços, como um desesperado.

As meninas estiveram a olhal-o, todas serias. No emtanto vinham chegando outras, grandes, pequenas, pobres e ricas, sobraçando as carteiras.

Das maiores, uma que tinha uma penna azul no chapéo tirou do bolso dous vintens e disse : — Eu só tenho dous vintens. Vamos fazer uma subscrição.

— Eu dou tambem dous, disse outra de vestido vermelho. Havemos de obter aqui mesmo os cinco tostões.

E começaram a chamar-se : — Amalia ! Luiza ! Aninhas ! Um vintem ! Dous ! Vamos !

Umas deram o dinheiro que traziam para flôres ou cadernos ; outras menores deram menos. A da penna azul ia contando alto :

— Oito ! dez ! quinze !

Ainda não chegava. Então, appareceu a maior de todas, quasi moça, e deu logo um tostão ; todas applaudiram em festa. Faltavam ainda cinco vintens.

— Mas deixem vir as meninas da quarta classe, disse uma.

E de facto ellas vieram, e as moedinhas choveram. E as meninas ajuntaram-se em pinha. Bello de vêr-se aquelle pobrezinho do limpa-chaminés, cercado no meio d'ellas, entre as côres garridas de seus trajos, na confusão palpitante das plumas, das fitas e dos cabellos soltos ! O dinheiro estava completo e já passava da conta. As mais pequenas que não tinham real, iam abrindo caminho entre as maiores, offerecendo flôres para darem tambem alguma cousa.

Nisto, a porteira chega gritando :

— A Directora !

E ellas debandaram, como uma revoada de passaros.

Então, pôde-se ver sósinho, no meio da rua, o pequeno limpador de chaminés, a enxugar os olhos, contente, a rir-se, com as mãos cheias de dinheiro, e todo cheio de flôres pela jaqueta, pelo chapéo...

E ainda havia flôres sob os seus pés, espalhadas no chão.

O dia de finados

Novembro, 2.

« O dia de hoje é consagrado á commemoração dos mortos. Sabes, acaso, meu Henrique, a que mortos deveis vós outros todós dedicar um pensamento?

Aos que morreram por vós, pelos moços e pelas crianças. Quantos já morreram e quantos ainda morrerão!

Já avaliaste acaso quantos paes consumiram a vida no trabalho, quantas mães desceram ao tumulto antes do tempo, exauridas pelas provações a que se entregaram para sustentar os seus filhinhos? Sabes tu quantos homens cravaram uma faca no coração, desesperados ao verem os filhos na miseria, e quantas mulheres caíram no suicidio ou na loucura ou succumbiram de dôr pela perda de um filho amado?

Pensa hoje nesses mortos, Henrique. Pensa nas mestras, tantas, que morreram na flôr da idade, magras e entisicadas pelo canção, gasto todo o vigor no carinho e no amor das crianças, das quaes não teriam coragem de separar-se; pensa nos medicos que morreram de doenças contagiosas, elles que affrontavam corajosamente o dever de curar as crianças; pensa em todos aquelles que nos naufragios, nos incendios e nos tempos de fome, no supremo perigo, tiraram de si para as crianças o ultimo bocado de pão, a ultima taboa de salvamento, a ultima corda com que escapariam ás chammas, e morreram contentes no seus sacrificio d'elles, no sacrificio que assegurava a existencia de um pequeno innocentinho.

São, Henrique, innumeraveis esses mortos! todos os cemiterios guardam centenaes d'essas santas creaturas, d'essas que, se podessem levantar-se da cova um só momento, erguer-se-iam trazendo nos labios o nome de uma criança, a quem entregaram o sacrificio do prazer na moci-

dade, da paz na velhice, das paixões, da intelligencia e da vida inteira; esposas de vinte annos, homens no vigor da idade, velhos octogenarios e moços—obscuros e heroicos martyres da infancia, tão grandes e tão nobres que não tem a terra tantas flôres que cheguem, quantas devemos atirar sobre seus tumulos. Tanto sois amadas, oh crianças!

Pensa hoje naquelles mortos, com gratidão, e serás melhor e mais generoso com todos os que te querem bem e que se cançam por ti, meu caro filho, tão feliz que és, tu que no dia dos mortos não tens ainda um sequer por quem derames as tuas lagrimas!

Tua mãe.

Meu amigo Garrone

Sexta-feira, 4.

Foram apenas dous feriados; no emtanto parece-me que já de ha muito não vejo Garrone. Quanto mais o conheço, mais lhe quero bem, e isso se dá com todos, excepto com os malcriados, que nada conseguem d'elle, porque não deixa praticar insolencias. Toda a vez que um maior levanta a mão para um pequeno, este grita — Garrone! — e o maior não tuge nem muge.

É filho de um machinista da estrada de ferro. Entrou tarde para a escola, tendo perdido dous annos por doente. E o mais alto, o mais forte da aula; levanta o banco com uma só mão; tudo quanto lhe peçam, lapis, borracha, papel ou canivete, empresta ou dá logo tudo, e não conversa nem ri na escola; está sempre immovel no banco, muito estreito para elle, com as costas recurvadas e a cabeça mettida entre os hombros. Quando olho para elle, sorri-me com os olhos meio cerrados, como a dizer:

— Somos pois amigos, Henrique?

Mas faz mesmo rir, com a sua figura grande, grossa, de jaqueta, calças e mangas muito apertadas e muito curtas ; o chapéozinho na corôa da cabeça, rapada á escovinha, os sapatos achamboados e a gravata torcida e sempre como uma corda.

Caro Garrone ! Basta ver-lhe o rosto uma só vez para gostar d'elle. Todos os pequenos desejam ficar-lhe perto. Sabe bem contas. Traz os livros empilhados e amarrados por uma correia de couro vermelho. Tem uma faca de cabo de madreperola, que achou o anno passado na praça d'armas, e um dia cortou com ella o dedo até o osso, mas ninguém na escola o soube, e nada disse em casa para não affligir os paes.

Podem dizer-lhe o que quizerem brincando, não dá cavaco ; mas ninguém lhe diga que falta á verdade quando affirma qualquer cousa ; — incendeiam-se-lhe os olhos e dá murros de quebrar o banco.

Sabbado, pela manhã, deu um vintem a um pequenino que chorava na rua, por lhe terem roubado o dinheiro que trazia para comprar um caderno. Ha já tres dias que está trabalhando em fazer ornatos á penna em uma carta de oito paginas, para o anniversario da sua mãezinha, que vem muitas vezes buscal-o ; ella é alta, gorda e sympathica como elle.

O mestre não o deixa nunca, e sempre que lhe passa perto, toca-lhe com a mão nos hombros, como se faz a um tourinho manso. Gósto muito d'elle. Fico contente quando lhe apérto com a minha a sua mão grande e pesada, que mais parece a de um homem. Estou certo de que arriscaria a vida para salvar a de um companheiro, e que se deixaria matar para defendel-o ; vê-se isto claramente nos seus olhos. Anda sempre resmungando com aquelle vozeirão enorme, voz que sae das profundezas de um coração generoso e bem formado.

O carvoeiro e o fidalgo

Segunda-feira, 7.

Garrone não era capaz de dizer aquillo que hontem de manhã disse Carlos Nobis a Betti. Carlos Nobis é soberbo, porque o pae é fidalgo — um homem alto, com toda a barba preta, muito grave e sério, que vem quasi todos os dias acompanhar o filho. Hontem de manhã, Nobis brigou com Betti, que é um dos mais pequenos, filho de um carvoeiro, e não sabendo mais o que lhe havia de dizer, porque não tinha razão, disse-lhe aspero :

— Teu pae é um esfarrapado.

Betti corou até á raiz dos cabellos. Nada disse. Vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Quando em casa, repetia a phrase ao pae, logo o carvoeiro, homenzinho todo enfarruscado, resolveu ir á aula da tarde com o filho, para fazer queixa ao mestre. Enquanto fazia as suas queixas, e todos nós calados, o pae de Nobis, que tirava, como fazia sempre, a capa dos hombros do filho, á entrada da porta, ouvindo falar em seu nome, entrou para pedir explicações.

— É este operario, respondeu o mestre, que vem queixar-se de que seu filho Carlos dissera ao filho d'elle :

— Teu pae é um esfarrapado.

O pae de Nobis carregou o sobr'olho, e corou um pouco. Depois perguntou ao filho :

— Disseste então aquellas palavras ?

O filho, em pé, no meio da escola, com a cabeça baixa, não respondeu.

O pae então tomou-o por um braço, empurrou-o para diante de Betti, quasi a ajuntal-os, e disse :

— Pede-lhe perdão.

O carvoeiro foi intervindo :

— Não, não...

Mas o pae de Nobis, sem attender, repetiu ao filho :

— Pede-lhe perdão. Repete as minhas palavras :
« Peço-te perdão pela phrase injuriosa, insensata e indigna que proferi contra teu pae, a quem o meu se honra de apertar a mão ».

O carvoeiro fez um gesto impaciente como quem diz : Não, isto não pôde ser. O pae de Nobis não lhe deu attenção, e o filho disse lentamente, com um tenue fio de voz, e sem levantar os olhos do chão :

« Peço-te perdão pela phrase injuriosa, insensata e indigna que disse contra teu pae, a quem o meu se honra de apertar a mão. »

Então Nobis estendeu a mão ao carvoeiro, que lh'a apertou com força, e logo atirou o filho para os braços de Carlos Nobis.

— Faça o favor de collocar-os junto um do outro, disse o fidalgo ao professor.

O mestre poz Betti no banco de Nobis. Quando se sentaram, o pae de Nobis fez uma cortezia e saiu.

Ficou o carvoeiro algum tempo a pensar, olhando para as duas crianças agora juntas ; depois aproximou-se do banco e fixou Nobis com expressão de sympathia e pesar, como se intentasse dizer alguma cousa. Nada disse ; estendeu-lhe a mão para fazer-lhe uma caricia, mas nem a isso se atreveu, e apenas lhe roçou a fronte com dous de seus grossos dedos. Depois encaminhou-se para a porta, e voltando-se ainda uma vez para vel-o, desapareceu...

— Recordem-se bem do que acabam de ver, meus filhos, disse o mestre, esta é a mais bella lição d'este anno.

A mestra de meu irmão

Quinta-feira, 10.

O filho do carvoeiro foi discipulo da mestra Delcati, a qual veio hoje ver meu irmão, que está de cama, e fez-

nos rir contando-nos que a mãe d'aquelle rapaz lhe levára, havia dous annos, um sacco cheio de carvão, agradecendo o ter ella dado uma medalha ao filho ; e teimava a pobre mulher em não querer tornar a levar o carvão para casa, e quasi chorou quando viu que tinha de voltar com o sacco.

Tambem de uma pobre mulher nos contou ella, que lhe levára um ramalhete de flôres muito pesado e que tinha dentro um punhado de moedas de cobre. Divertimos-nos muito a ouvir-a, e d'este modo meu irmão foi tomando o remedio que até alli rejeitara.

Que paciencia não deve ter com aquelles meninos da *primeira*, todos sem dentes como uns velhinhos, sem poderem pronunciar o R nem o S ; e um tosse, outro bota sangue pelo nariz, este perde os sapatos debaixo do banco, aquelle berra, porque se picou com a penna, e outro chora porque comprou o caderno numero dous em vez do caderno numero um ! Cincoenta numa aula, sem saberem nada, com umas mãozinhas de manteiga, e ter-se de ensinar a escrever a tudo aquillo ! Alguns trazem de casa, no bolso, pauzinhos d'alcaçuz, botões, pequenos saca-rolhas, ladri-lho moido, uma porção de cousas miudas, e é preciso que a mestra os reviste ; mas escondem os objectos até nos sapatos ! E nunca estão attentos, um besouro que entre pela janella, põe tudo em alvoroço ; no verão, levam para a escola palhinhas e folhas, que atiram para cima e que vão cair nos tinteiros, e enchem os cadernos de borrrões.

A mestra tem que fazer de mãezinha com elles ; ajuda-os a vestir, liga-lhes os dedinhos quando se ferem, apanha do chão os chapéos e bonés que caem, toma sentido em que não troquem os paletós, senão depois fazem uma choradeira infernal. Pöbres mestras ! E ainda por cima de tudo isto, vêm as mães a queixar-se :

— Como foi que meu pequeno perdeu a penna ?

— Como é que o meu não aprende nada ?

— Porque não dá o premio ao meu, que sabe tão bem?

— Porque não manda tirar o prego do banco que rasgou os calções ao Pedrinho?

Algumas vezes a mestra de meu irmão zanga-se com as crianças, e quando não póde mais, morde nos dedos para não desandar pancada; perde a paciencia, mas arrepende-se logo e acaricia a criança com quem ralhou. Expulsa um garoto da escola, mas traga as lagrimas, e fica zangada com os paes que fazem jejuar as crianças por castigo. É moça e alta a professora Delcati, bem vestida, morena, e não pára; commove-se por um nadinha, e fala então com extrema ternura.

— Mas, sim, as crianças lhe querem bem, disse minha mãe.

— Muitas, sim — respondeu — mas depois, acabado o anno, as outras, na maior parte, nem nos vêm mais. Quando estudam com os mestres, quasi se envergonham de terem aprendido com uma mestra. Depois de dous annos de cuidados, depois de termos amado tanto uma criança, faz-nos tristeza deixal-a, e dizemos :—D'esta estou eu segura que sempre se lembrará de mim... Mas, passam-se as férias, entra de novo na escola, vamos-lhe ao encontro :— Oh ! meu filho, meu querido! — E elle volta a cabeça para o outro lado...

Aqui, a mestra deixou de falar.

— Mas tu não farás assim, não é?

E, a beijar meu irmão, com os olhos humidos de lagrimas : — Tu não me voltarás o rosto, não é? não renegarás tua pobre amiga !

Minha mãe

Quinta-feira, 10.

Na presença da mestra de teu irmão, faltaste ao respeito á tua mãe ! Que isto te não succeda mais, Henrique,

nunca mais ! A tua palavra irreverente varou-me o coração como uma lamina d'aço. Pensa nella, em tua mãe, quando ha annos, debruçada uma noite inteira sobre o teu berço, media a tua respiração, chorando sangue de amargura, batendo os dentes, tremula de terror, com medo de perder-te ! Pois eu a vi louca, e ao lembrar-me d'isto fui tendo agora um sentimento de horror por ti.

Tu ! offenderes a tua mãe ! a tua mãe, a ella que daria um anno de felicidades para poupar-te um instante de dor ! a ella que mendigaria para ti ! a ella que se deixaria matar por salvar-te a vida ! Ouve, Henrique ! Fixa bem na memoria o meu pensamento. Imagina que te estão reservados na vida muitos dias terriveis ; mas o mais terrivel de todos será aquelle em que perderes tua mãe. Mil vezes, Henrique, quando fôres homem, forte, provado em todas as luctas, tu a invocarás, opprimido por um desejo immenso de tornar a ouvir uma vez a sua voz, de te sentires, ainda uma vez, apertar naquelles mesmos braços, braços convulsos, que te hão de cingir a ti, pobre rapaz sem protecção nem conforto. Como te recordarás então de todas as amarguras que lhe tens causado, e com que remorsos as pagarás todas ! Misero !

Não esperes serenidade na tua vida, se tiveres contristado tua mãe ; arrepender-te-ás, pedir-lhe-ás perdão, venerarás a sua memoria, mas tudo em balde ; a tua consciencia não possuirá a paz ; aquella imagem doce e boa te apparecerá sempre numa expressão de tristeza, de retrahimento, tortura eterna de tua alma ! Henrique, olha ! esse é o mais sagrado de todos os affectos humanos, e ai d'aquelle que o desconhece ! O assassino que venera sua mãe, possui ainda dentro de si alguma cousa de honesto e de nobre no coração ; o mais glorioso, o mais illustre dos homens que uma só vez a magôe e a offenda, esse não passa de creatura vil. Que te não saia nunca mais da bocca uma só palavra dura para aquella que te deu a vida. E se uma te escapar, ainda não seja o temor de teu pae, mas o impulso da alma que te lance

aos pés d'ella, a supplicar-lhe que com o beijo de perdão te arranque da fronte a nodoa da ingratidão.

Amo-te, meu filho ; tu és a esperança mais cara da vida : mas antes quero ver-te morto, do que ingrato para com tua mãe. Vae ! Por enquanto não me faças caricias : eu não t'as poderia retribuir de coração.

Teu pae.

O meu companheiro Coretti

Domingo.

Meu pae perdoou-me, mas eu fiquei um pouco triste, e minha mãe então mandou-me com o filho mais velho do porteiro dar um passeio pela avenida. Passando perto de uma carroça parada em frente de uma loja, senti chamarem por meu nome ; volto-me, era Coretti, o meu companheiro de escola, com o seu paletó côr de chocolate e o seu bonné de pello de gato ; estava todo suado e alegre, com um grande feixe de lenha ás costas. Um homem de pé sobre a carroça passava-lhe uma braçada de lenha, que elle por sua vez tomava e levava para o armazem do pae, onde com pressa e trabalho a ia empilhando.

— Que fazes, Coretti ? perguntei.

— Não estás vendo ? — respondeu estendendo os braços para receber o feixe, estou estudando a lição.

Eu ri-me, porém elle falava sério, e tomando a braçada de lenha ia correndo a dizer : *Chamam-se accidentes do verbo... as suas variações... segundo o numero e a pessoa... E depois atirando mais lenha, e arrumando-a : — segundo o tempo a que se refere a acção. E tornava de novo a levar outra braçada : — Segundo o modo com que a acção é enunciada.*

Era a nossa lição de grammatica para o dia seguinte.

— Que queres ? disse-me elle, vou aproveitando o tempo. Meu pae saiu com o caixeiro para uma *fazenda*; minha mãe está doente. Toca-me este trabalho. Nesse tempo vou recordando a *grammatica*. É uma lição difficil a de hoje. Não posso mettel-a na cabeça.

— Meu pae disse que estará aqui ás sete horas para lhe pagar, disse elle ao carroceiro.

A carroça partiu.

— Entra um momento, disse Coretti.

Entrei. Era um casarão cheio de pilhas de lenha e de fachina, com uma balança ao canto.

— Hoje para mim é um dia de carregó. Tenho de fazer o trabalho aos pedaços, aos bocados. Estava desenvolvendo as proposições da *lição de cousas*, e veio gente comprar. Volto a escrever, eis que chega a carroça. Já fui esta manhã duas vezes ao mercado da lenha, á praça de Veneza. Já não dou accôrdo das pernas e tenho as mãos inchadas. Estava arranjado se tivesse lição de desenho,

E entrando ia dando uma varredela ás folhas seccas e ás palhas que cobriam o ladrilho.

— Mas onde estudas, Coretti ? perguntei-lhe.

— Aqui não, decerto, replicou, anda a ver.

E conduziu-me a um quartinho ao fundo da loja que serve de cozinha e de sala de jantar, com uma mesa a um canto, onde estavam os livros, os cadernos e a escripta principiada.

— Estou aqui justamente, deixei em meio a resposta da segunda pergunta : *com couro fazem-se o calçado e as cilhas*.... agora accrescento : — *e malas* — e pegando na penna principiou a escrever com a sua bella calligraphia.

Neste momento ouviu-se dizer alto na loja : — Não está cá ninguem ?

Era uma mulher que vinha comprar lenha miuda.

— Prompto ! respondeu Coretti. E correu, pesou a lenha, recebeu o dinheiro ; num borrador tomou nota da venda, e voltou para a escripta, dizendo :

— Vejamos se posso acabar o periodo. E escreveu :
— *bolsas de viagem e mochilas para os soldados !*

— Ah ! meu pobre café que se vae embora ! exclamou de repente, e correu ao fogão, retirando a cafeteira do fogo.

— É o café para minha mãe. Foi bom aprender a fazel-o. Espera um pouco que vamos levar-lh'o. Assim ella te verá e ha de ficar alegre. Ha sete dias que está de cama... *accidentes do verbo...* Escaldo sempre os dedos com esta cafeteira. Que devo eu accrescentar depois de *mochilas para soldados* ? Ha de haver ainda alguma outra cousa, mas não me lembra. Vem ver a mamãe.

Abriu uma porta e entrámos num outro quarto pequeno. Estava a mãe de Coretti num leito grande com um lenço envolto na cabeça.

— Aqui está o café, mamãe, disse Coretti, dando-lhe a chicara. Este é um meu companheiro de escola.

— Ah ! bravo ! meu menino, vem fazer uma visita á doente, não é verdade ?

Entretanto, Coretti arranjava os travesseiros por detrás dos hombros d'ella ; endireitava a coberta da cama ; espevitava o fogo, e enxotava o gato de cima da caixa.

— Quer mais alguma cousa, mamãe ? perguntou depois, pegando na chicara. Tomou as duas colherinhas do xarope ? Quando acabar, irei buscar outro á botica. A lenha já está descarregada. Ás quatro horas porei a carne ao lume, como me disse ; quando passar a mulher da man teiga, dar-lhe-ei o dinheiro. Tudo irá bem, não se incomode.

— Obrigada, meu filho, respondeu ella. Pobre filho ! Não se esquece de nada.

Quiz que eu tomasse um torrão de assucar, e depois Coretti mostrou-me um quadrozinho, um retrato em photographia de seu pae vestido de soldado, com uma medalha de bravura, que ganhara em 65 no quadrado do principe Humberto ; a mesma cara do filho, com aquelles olhos vivos e o mesmo sorriso alegre.

Voltamos á cozinha.

Já achei... disse Coretti. E accrescentou no caderno : *fazem-se tambem arreios para cavallos*. Bem ! o resto fal-o-ei de noite, deitar-me-ei mais tarde. Tu, sim, que és feliz ; tens todo o tempo para estudar e podes ainda sair a passeio !

E sempre alegre e lesto, tornando a entrar na loja, começou a lascar as achas a meio, dizendo : Esta é a minha gymnastica ! Olha : agora é o *impulso dos braços para diante*. Meu pae volta, e verá toda esta lenha prompta ; ficará satisfeito. O que tu não sabes é que, depois de ter lascado, escrevo os *tt* e os *ll* tremidos que parecem cobras, diz o mestre ; mas que hei de fazer ? Digo-lhe que sou obrigado a mover os braços... O que importa é que minha mãe fique boa já, isso sim ! Hoje está melhor, graças a Deus.

A grammatica estudal-a-ei de manhã cedo, de madrugada. Oh ! lá está a carroça com troncos ! Ao trabalho !

Uma carroça carregada de paus de arvoredos parou defronte da loja. Coretti saiu correndo para falar com o carroceiro e logo voltou.

— Agora deixa-me ; não te posso fazer mais companhia. Até amanhã. Fizeste bem em vir ver-me. Bom passeio. Feliz, tu !

E apertou-me a mão, correu a carregar o primeiro tronco, e recommçou da loja para a carroça, a trabalhar com a cara fresca como uma rosa, debaixo do seu gorro de pello de gato, e esperto que fazia bem vel-o.

Feliz tu ! disse-me elle.— Ah ! não, Coretti ; não ! tu sim, é que és o mais feliz ; tu, porque estudas e trabalhas mais ; porque és mais util a teu pae e a tua mãe ; porque és bom, cem vezes melhor do que eu, ó querido companheiro !

O director

Sexta-feira, 18.

Coretti estava todo satisfeito hoje de manhã, porque veio assistir ao exame mensal o seu mestre da *segunda*, Coatti, um homemzarrão de enorme cabelleira crêspa, barba preta e comprida, dous olhos grandes, escuros, e uma voz de trovão, que ameaça sempre os rapazes de espantifal-os, de levar-os pelo pescoço á policia, fazendo toda a sorte de caretas horrorosas, mas não castiga a ninguem ; pelo contrario, sorri sempre, por dentro das barbas, de modo que ninguem veja.

São oito os mestres, com Coatti, incluindo mais um adjuncto, pequeno e sem barba, que parece um rapazinho. Ha um outro mestre, o da *quarta classe*, que é coxo, afogado numa enorme gravata de lã, e sempre a queixar-se de dôres que apanhou sendo professor na roça, em uma escola humida, cujas paredes gottejavam. Outro mestre da *quarta* é um velho, de cabellino todo branco ; foi em outro tempo mestre dos cegos. Ha um bem vestido, de oculos e suissas louras, a quem chamam o *Advogadinho*, porque, exercendo o magisterio, estudou a advocacia e obteve o titulo ; e fez até um livro para ensinar a escrever cartas. Differente é o mestre que nos ensina gymnastica, typo de soldado ; andou com Garibaldi, e tem no pescoço a cicatriz de uma ferida de terçado que lhe fizeram na batalha de Millazzo. Depois ha o director, alto, calvo, com oculos de ouro e a barba grisalha caindo-lhe sobre o peito, todo vestido de preto, sempre abotoado até

debaixo do queixo ; tão bom para os rapazes, que, quando entram tremulos, chamados á directoria para serem reprehendidos, não lhes ralha ; mas pega-lhes das mãos, diz tantasrazões, que não deviam proceder assim, que é necessario que se arrependam e que promettam ser bons ; e fala com tão bons modos e com voz tão doce, que todos saem com os olhos chorosos e mais confusos que se os tivesse castigado. Pobre director ! Elle é sempre o primeiro no seu posto, logo de manhã, a esperar os estudantes, a dar attenção aos parentes que os acompanham, e quando os mestres vão caminho de casa, gyra elle ainda em volta da escola, a ver que os rapazes se não atirem entre as carroças, e não se entrettenham pela rua a fazer travessuras, ou a encher os bolsos de areia ou de pedras ; e todas as vezes que apparece em uma esquina o seu vulto alto e escuro, os bandos de rapazes fogem por todos os lados, deixando o jogo das penninhas e das bolas, e elle com seu semblante amoravel e triste ameaça-os de longe com o dedo erguido.

Ninguém o viu rir depois que lhe morreu o filho, voluntario do exercito, e tem sempre o retrato d'elle diante dos olhos, em cima da mesa da directoria. Queria ir-se embora depois d'aquella desgraça, e tinha já o requerimento escripto sobre a mesa, pedindo a sua aposentadoria ao municipio ; mas sem mandal-o, porque não tinha animo de deixar as crianças. Mas no outro dia estava decidido a apresental-o, e meu pae que estava com elle na directoria disse-lhe :

— Pena é que se vá embora, senhor director.

Nisto entrou um homem para inscrever um menino que passava de outra secção para a nossa, por ter mudado de casa. Ao ver o novo alumno, o director ficou espantado ; fixou-o por algum tempo, olhou depois para o retrato que estava sobre a mesa, e tornou a fitar o rapaz, tomando-o

entre os joelhos e levantando-lhe a cara. Assemelhava-se em tudo ao seu filho morto. Fez a inscripção, despachou pae e filho e ficou pensativo.

— Pena é que se vá embora... repetiu meu pae.

Então o director pegou do requerimento, rasgou-o em dous pedaços e exclamou :

— Eu fico.

Os soldados

Terça-feira, 22.

Seu filho quando morreu era voluntario do exercito ; por isso o director vae sempre ao *Corso* ver passar os soldados, quando saimos da escola. Ainda hontem passava um regimento de infantaria, e mais de cincoenta rapazes se pozeram a pular em volta da banda de musica, cantando e batendo o compasso com as reguas sobre as bolsas e as pastas. Estavam num grupo, no passeio, a olhar : Garone, impressado nas suas roupas muito esticadas, e com os dentes ferrados num pedaço de pão ; Votini, o tal muito bem vestido, que sacode sempre o pello do fato ; Precossi, o filho do ferreiro, com a jaqueta do pae, o Calabrez, o *Pedreirinho* e Crossi com a sua cabeça ruiva; Franti com a sua face trigueira, e tambem Robetti, o filho do capitão de artilheria, aquelle que salvou uma criança do bonde e anda agora de muletas. Franti deu uma risada na cara de um soldado que ia coxeando... Mas de repente sentiu que lhe batiam no hombro, e voltando-se deu de frente com o director.

— Sentido ! disse-lhe este. Escarnecer de um soldado quando está na fileira e não póde vingar-se nem responder... é o mesmo que insultar um homem preso. É uma villania.

Franti sumiu-se. Os soldados passavam, quatro a quatro, suados, poentos, e as espingardas scintillavam ao sol... O director disse :

— Deveis estimar os soldados, meus filhos; são elles os nossos defensores, são elles que se atirariam á morte por nós, se amanhã um exercito estrangeiro ameaçasse a nossa patria. São moços tambem elles, poucos mais annos têm do que vós, e tambem vão á escola; ha entre elles, como entre vós, pobres e ricos, e vêm de todas as partes da Italia. Vede-os, pela physionomia póde-se reconhecer-os: sicilianos, sardos, napolitanos e lombardos. Este é um velho regimento dos que combateram em 48. Os soldados não são já os mesmos, mas é sempre a mesma bandeira. Quantos não morreram pelo nosso paiz em volta d'ella vinte annos antes de nascerdes!

— Eil-a, disse Garrone.

E com effeito via-se pouco ao longe a bandeira, na frente, por cima das cabeças dos soldados.

— Meus filhos! disse o director, fazei a vossa continencia de escolares, com a mão na fronte, quando passarem as tres côres.

A bandeira, empunhada por um official, passava diante de nós, toda rota e desbotada, com as medalhas presas á haste... Todos nós saudamos ao mesmo tempo. O official olhou para nós, sorriu-se, e com um gesto retribuiu-nos o cumprimento.

— Bravo, rapazes! exclamou alguem por traz de nós.

Voltamos-nos para vêr. Era um velho que tinha na lapella do casaco a fita azul da campanha da Criméa, um official reformado.

— Bravo! disse, bella cousa fizestes.

Por este tempo a banda do regimento voltava ao fundo da avenida, cercada de uma turba de rapazes, que com gritos alegres acompanhavam o *clangor* das trombetas, como um canto de guerra.

— Bravo! dizia o velho official a encarar-nos. Quem em criança sabe respeitar a bandeira, homem saberá defendel-a.

● protector de Nelli

Quarta-feira, 23.

Tambem Nelli, o pobre corcundinha, hontem olhava para os soldados, mas com ar triste, como quem pensasse :

— Nunca poderei ser soldado !

Elle é bom, estuda, mas é tão magrinho e tão pallido, e respira com tanta difficuldade !... Anda sempre de paletó de alpaca preta de lustro. A mãe é uma senhora pequena e loura, vestida de preto, que vem sempre buscal-o antes de acabar a aula, para que elle não caia ao descer com os outros; faz-lhe muitas festas. Nos primeiros dias, porque tem a infelicidade de ser aleijado, muitos rapazes caçoavam d'elle, e davam-lhe com as bolsas na corcunda; elle nunca se revoltava, nem dizia nada á mãe, para não lhe dar o dissabor de saber que seu filho servia de chacota aos companheiros. Escarneciam d'elle, chorava e calava-se apoiando a cabeça no banco. Mas uma manhã, saltou Garrone e disse:

— O primeiro que tocar em Nelli, leva um sopapo que lhe fará dar tres reviravoltas.

Franti não fez caso; o sopapo cantou, e elle deu as tres reviravoltas; desde então ninguem poz mais a mão em Nelli. O mestre collocou-o ao pé de Garrone no mesmo banco. Tornaram-se amigos. Nelli affeição-se-lhe muito. Apenas entra na escola, procura logo se está Garrone. Nunca se vae embora sem lhe dizer . — Adeus, Garrone! E Garrone faz o mesmo. Quando Nelli deixa cair a penna ou um livro debaixo da mesa, immediatamente, para que Nelli não faça esforço em abaixar-se, Garrone abaixa-se, apanha o livro ou a penna, ajuda-o a metter os livros e cadernos na pasta, e enfia-lhe o capote. Por isso Nelli gosta muito de Garrone, e tem sempre os olhos nelle, e quando o professor o elogia, Nelli fica con-

tente como se fôra o elogiado. É natural que Nelli afinal contasse tudo á mãe, as caçadas de que fôra victima nos primeiros dias, quanto o fizeram soffrer, e qual o companheiro que o defendera e o estimava ; digo isto, porque esta manhã aconteceu o seguinte :

O mestre mandou-me levar ao director o programma da lição, meia hora antes da saída ; e eu estava no seu gabinete, quando entrou uma senhora loura e vestida de preto, a mãe de Nelli, a qual disse :

— Senhor director, ha na classe de meu filho um menino chamado Garrone ?

— Sim, respondeu o director.

— Quer ter a bondade de o mandar vir aqui um momento, porque tenho de dar-lhe uma palavra ?

O director chamou o bedel, e mandou-o á aula ; um minuto depois assomava Garrone á porta, com a sua cabeça grande e raspada.

Apenas o viu, a senhora correu para elle, abraçou-se-lhe ao pescoço, dando-lhe muitos beijos na fronte, dizendo :

— És tu, Garrone, o amigo de meu filho ; o protector de meu pobre filhinho ! És tu, bem o sei, és tu !

Em seguida apalpou apressadamente as algibeiras e a bolsa, e, nada encontrando, arrancou do pescoço um collar com uma pequena cruz, pendurou-a ao pescoço de Garrone, por baixo da gravata, e disse-lhe :

— Recebe-a ; traze sempre essa cruz como lembrança minha, lembrança da mãe de Nelli, que te agradece e te abençoa.

O primeiro da classe

Sexta-feira, 25.

Garrone attrae a amizade de todos ; Derossi, a admiração. Ganhou a primeira medalha, e será ainda o

primeiro este anno ; nenhum pôde competir com elle, todos reconhecem a sua superioridade em todas as materias. É o primeiro em arithmetica, em grammatica, em composição e em desenho ; comprehende logo á primeira vista e tem uma memoria extraordinaria, aprendendo sem esforço, como se o estudo lhe fosse um brinquedo.

O mestre disse-lhe hontem :

— Deu-te Deus grandes dons, e não tens mais que aproveitá-los.

E ainda por cima é alto, bonito, com uma grande juba de cabellos louros, e tão agil que salta um banco apoiando-se apenas em uma das mãos, e já sabe jogar armas. Tem doze annos, é filho d'um negociante ; anda sempre vestido de azul com botões dourados, e sempre vivo e alegre ; é delicado com todos, ajuda-os quanto pôde no exame, e nenhum ousou nunca fazer-lhe uma grosseria ou sequer dizer-lhe uma brutalidade. Só Nobis e Franti o olham de esguelha, e Votini despeja a inveja dos olhos ; e todavia Derossi nem dá por isso. Todos sorriem para elle, e lhe tocam com a mão ou o braço quando anda entre nós a recolher os trabalhos com a sua habitual maneira graciosa. Presenteia-nos com jornaes illustrados, com desenhos, com tudo que em casa lhe dão ; desenhou para o calabrezinho uma pequena carta geographica da Calabria ; e dá tudo, rindo, sem pretensão, como fidalgo, sem preferencias por ninguem.

É impossivel não se lhe ter inveja, e nem deixar de reconhecer-se seu inferior em tudo. Ah ! eu tambem como Votini lhe tenho inveja. Experimento uma amargura, quasi despeito ás vezes contra elle, quando me demoro a fazer a minha lição em casa, e me lembro que elle áquella hora a tem já acabada, e sem lhe custar nada. Mas depois quando vou para a escola, e o vejo tão bello, risonho e triumphante, a responder franco e seguro ás interrogações do mestre, e como é cortez, e como todos lhe querem.

então toda a amargura e todo o despeito desaparecem-me do coração, e envergonho-me de haver tido taes sentimentos. Quizera ser sempre seu visinho, dar todas as lições com elle ; sua presença, sua voz, dão-me coragem de trabalhar, dão-me alegria e prazer.

O mestre disse-lhe que copiasse o conto mensal que ha de lêr amanhã — *O pequeno vigia lombardo*. Elle copiava-o esta manhã, estava commovido por aquelle acto heroico ; tinha o rosto incendiado, os olhos humidos, a bocca tremula ; eu fitava-o ; como era bello e nobre ! Com que satisfação não lhe teria dito em face, expansivamente:

— Derossi, vales em tudo mais do que eu ! Tu és um homem comparado commigo ! Eu te respeito, eu te admiro !

O pequeno vigia lombardo

(CONTO MENSAL)

Sabbado, 26.

Em 1859, tempo da guerra da libertação da Lombardia, poucos dias depois da batalha de Solferino e S. Martinho, vencida pelos francezes e italianos contra os austriacos, numa bella madrugada do mez de junho, um pequeno destacamento de cavallaria ligeira de Saluzzo seguia a passo por um caminho solitario, para os lados do inimigo, explorando o campo attentamente.

Commandavam a sortida um official e um sargento, e todos, com a vista fixa ao longe, em frente, mudos, esperavam vêr de um momento a outro surgir entre as arvores as divisas brancas das sentinellas avançadas do inimigo. Chegaram assim a uma cazinha rustica, ensombrada ao redor de freixos, ao pé da qual estava um rapaz de doze annos, que descascava á faca um galho de arvore para fazer uma bengala ; da janella do

predio pendia uma grande bandeira tricolor ; dentro não havia ninguém ; os camponeses arvoraram a bandeira e fugiram com medo dos austriacos. Apenas avistou a cavallaria, o rapaz botou fóra a bengala, e tirou o barrete. Era um bello mocinho, de rosto resolutu e forte, olhos grandes, azues, cabellos louros e compridos. Estava em mangas de camisa, e via-se-lhe o peito nú, descoberto.

— Que fazes aqui ? — perguntou-lhe o official sofrendo o cavallo. Por que não fugiste com a tua familia ?

— Não tenho familia, respondeu o rapaz, sou engeitado. Trabalho um pouco para todos. Fiquei para vêr a guerra.

— Viste passar os austriacos ?

— Não, senhor ; ha tres dias que não.

O official esteve um momento a pensar, depois saltou do cavallo, e, deixando os soldados voltados em direcção ao inimigo, entrou na casa e subiu ao telhado. A casa era baixa, e do telhado não se via mais que um pequeno trecho de campo. Seria necessario subir ás arvores, pensou o official, e desceu. Mesmo em frente do oitão erguia-se aprumado um freixo altissimo e fino, a fronde verde oscillando alta, no azul. O official, só com os seus pensamentos, concentrado, olhava, ora para a arvore, ora para os soldados ; depois, de repente, perguntou ao rapaz :

— Tens boa vista, meu velhaco ?

— Eu ? respondeu o rapaz, vejo um passarinho a meia legua.

— E és capaz de subir ao cimo d'aquella arvore ?

— D'aquella arvore... Eu ? num minuto !

— E saberás dizer o que vires lá do alto ; se ha soldados austriacos por alguma parte, nuvens de pó, luzir de espingardas, cavallos ?

— Decerto.

— Quanto queres para fazer esse serviço ?

— Quanto quero ? disse o rapaz sorrindo, cousa nenhuma... Ora ! Se fosse para os austriacos, isso então por nada d'este mundo... mas para os nossos ! Eu sou lombardo.

— Bem ! sóbe, pois.

— Um momento, para tirar os sapatos !

Descalçou-se, apertou o cinto das calças, atirou ao chão o gorro, e abraçou-se ao tronco do freixo.

— Mas, cuidado ! exclamou o official fazendo menção de retel-o, como assaltado de temor repentino. O rapaz voltou-se e fitou-o com os seus bellos olhos azues, interrogando-o.

— Não é nada, disse o official, sóbe !...

O rapaz trepou como um gato.

— Olhae em frente, gritou o official aos soldados.

Em poucos momentos estava o rapaz no alto da arvore, abraçado ao tronco, com as pernas entre as folhas, o busto coberto. O sol incendiava-lhe a cabeça, que parecia de ouro. O official mal o via, tão pequenino elle parecia lá longe, em cima :

— Olha attento !— gritou-lhe o official.

O pequeno, para ver melhor, desprendeu a mão direita da arvore, e collocou-a sobre a testa.

— Vês alguma cousa ? perguntou o official.

O rapaz inclinou a cabeça para baixo, e fazendo da mão porta-voz respondeu :

— Vejo dous homens a cavallo em uma estrada branca.

— A que distancia d'aqui ?

— Meia milha.

— Movem-se ?

— Estão parados.

— Que mais vês ? perguntou o official, depois de um momento de silencio. Olha agora á direita.

O rapaz olhou á direita e disse :

Ao pé do cemiterio, entre as arvores, ha qualquer cousa que reluz ; parecem bayonetas.

— Vês gente ?

— Não... póde ser que esteja escondida sob as plantações.

Naquelle momento, um silvo de bala, agudissimo, passou alto no ar, indo morrer ao longe, por traz da casa.

— Desce, que já te viram ! Não quero mais nada ; desce.

— Não tenho medo ! respondeu o rapaz.

— Desce ! repetiu o official... o que vês á esquerda ?

— A' esquerda ?

— Sim, á esquerda.

O rapaz voltou a cabeça á esquerda ; nesse momento outro silvo mais agudo e mais abaixo cortou o espaço.

O rapaz encolheu-se todo.

— Milagre ! vinha direitinha a mim !

A bala tinha-lhe passado a pequena distancia.

— Abaixo ! gritou o official imperioso e irritado.

— Desço já, respondeu o rapaz—mas a arvore defende-me ; não tenha receio. A' esquerda é que quer saber, não é ?

— A' esquerda, sim — respondeu o official, mas desce !

— A' esquerda, gritou o rapaz voltando o corpo, onde está uma capella... parece-me que vejo...

Um terceiro silvo feriu os ares, e quasi em seguida o rapaz cambaleou, agarrando-se aqui e alli aos galhos e ramos curvos, caindo de cabeça para baixo, com os braços abertos.

— Maldição ! gritou o official, correndo para elle.

A misera criança batera com a espinha em terra, e estendida de costas, com os braços abertos, um jorro de sangue golfava-lhe rubro do lado esquerdo do peito ; o

sargento e dous soldados apearam-se logo e o official debruçou-se, abrindo-lhe a camisa. A bala tinha penetrado no pulmão esquerdo.

— Morto ! exclamou o official.

— Não ! vive ! acudiu o sargento.

— Ah ! pobre criança ! continuou o official, coragem ! coragem !

Mas, enquanto o animava e lhe apertava um lenço sobre a ferida, o rapaz desfeito, pallido, entreabrindo os olhos deixou cair a cabeça ; estava morto ! O official empallideceu, fixou-o um momento, accommodando-o depois com a cabeça sobre a leiva. Levantou-se em seguida, e ficou a olhar para elle. O sargento e alguns soldados, immoveis, tinham tambem os olhos fitos no pequeno morto, e os outros estavam voltados com a frente para o inimigo.

— Pobre criança ! repetiu tristemente o official.

Depois abeirou-se da casa, e tirando da janella a bandeira tricolor, estendeu-a como uma mortalha sobre o cadaver, deixando-lhe o rosto descoberto. O sargento collocou ao lado do morto os sapatos, o barrete, a bengala e a faca.

Estiveram ainda algum tempo silenciosos, e em seguida o official voltou-se para o sargento e disse :

— Mandal-o-emos receber pela ambulancia ; morreu como soldado, que seja enterrado por soldados !

Dito isto, atirou, com um gesto, um beijo ao morto, e gritou :

— A cavallo !

Todos montaram ; o destacamento reuniu-se e partiu.

Poucas horas depois, o pequeno morto recebia as honras da guerra.

Ao pôr do sol, toda a linha dos postos avançados dos italianos marchava ao encontro do inimigo pelo mesmo caminho percorrido de manhã pelo destacamento de cavalaria ; proseguiu em duas filas cerradas um grande ba-

talhão de caçadores, que poucos dias antes regara valerosamente de sangue o monte de S. Martinho. A noticia da morte do rapazinho tinha-se divulgado entre aquelles soldados antes de deixarem o acampamento. O caminho, ladeado por um regato, ficava a poucos passos de distancia da casa. Quando os primeiros officiaes do batalhão viram o pequeno cadaver estendido ao pé do freixo e coberto com a bandeira tricolor, saudaram-o com a espada, e um d'elles, inclinando-se sobre a margem do regato, que estava toda florida, arrancou duas flôres e atirou-lh'as. Então todos os caçadores, á medida que iam passando, colhiam flôres, e lançavam-as ao morto. Em pouco tempo estava o corpo da misera criança todo coberto de flôres. Officiaes e soldados faziam-lhe a continencia, passando.

— Bravo ! pequeno lombardo ! Adeus ! A ti, louro guerreiro ! Viva ! Gloria ! Adeus !

Um official lançou-lhe a sua medalha de valor, outro foi dar-lhe um beijo na testa.

E as flôres continuavam a chover, muitas, muitas, sobre os pés nús, sobre o peito rubro, ensanguentado, e sobre os cabellos louros do rapaz, envolto na mortalha, como se a bandeira alli no sólo fizesse rebentar uma floração repentina ; e elle alli estava, o morto, o rosto pallido, quasi sorrindo, sentindo talvez aquellas saudações, sentindo que vale bem a pena dar a vida pela patria amada !

Os pobres

Terça-feira, 29.

Morrer pela patria, como aquelle joven lombardo, é uma grande virtude, mas não te esqueçam as pequenas virtudes, filho. Esta manhã ias tu diante de mim, quando voltavamos

da escola ; passaste perto d'uma mulher que tinha entre os joelhos uma criança pallida e sem vida, que te pediu uma esmola. Tu olhaste para ella e nada lhe déste ! e todavia tinhas algumas moedas na algibeira.

Ouve, filho. Nunca te habitues a passar indifferente pela miseria que estende a mão ; menos ainda diante de uma mãe que pede uma esmola para o filho. Pensa que essa criança talvez tivesse fome, e imagina a tortura da pobre mulher ! imagina a dôr profunda de tua mãe se um dia tivesse de dizer-te : Henrique, hoje não te posso dar nem um bocadinho de pão.

Quando dou um vintem a um pobre, e elle me diz — Deus lhe conserve a saude e aos seus — nem tu podes comprehender o prazer que me trazem ao coração aquellas palavras.

Parece-me que aquelles bons desejos me conservam a saude por muito tempo ; volto á casa contente, pensando : — Oh ! aquelle pobre deu-me mais do que lhe dei !... Pois bem ; faze que eu ouça taes votos provocados e merecidos por ti ; tira de vez em quando um vintem da tua pequena bolsa, e deixa-o cair na mão d'um velho sem amparo, d'uma mãe sem pão, ou d'uma criança sem mãe. Os pobres amam a esmola das crianças, que não os humilha, porque as crianças têm necessidade de todos, assemelham-se a elles. Vê como ha sempre pobres ao pé das escolas. A esmola do homem é um acto de caridade ; mas a de uma criança é ao mesmo tempo um acto de caridade e uma caricia, entendes ? É como se da sua mão caísse ao mesmo tempo uma moeda e uma flôr. Lembra-te que a ti nada te falta e a elles falta-lhes tudo, que emquanto ambicionas ser feliz, a elles basta não morrerem de fome. Pensa nesse horror de que no meio de tantos palacios, de tantas ruas por onde passam ricas carruagens e meninos vestidos de velludo, ha mulheres e crianças que não têm que comer, nem de que vestir-se ! Não ter

que comer ! Deus meu ! Rapazes como tu, bons como tu, inteligentes como tu, no centro de uma grande cidade sem terem que comer ! bestas feras perdidas num deserto ! Oh ! nunca mais passes diante de uma mãe mendiga sem deixar-lhe nas mãos uma mesquinha moeda. Nunca mais, Henrique.

Tua mãe.

DEZEMBRO

O negociante

Quinta-feira, 1.

Quer meu pae que todos os dias feriados eu convide para casa um dos meus companheiros, ou que eu proprio vá procural-os, para ir me tornando pouco a pouco amigo de todos. Domingo vou passear com Votini, o tal bem vestido, que está sempre a escovar-se, e que tanta inveja tem de Derossi.

Hoje, porém, veio cá o Garoffi, aquelle alto e magro, de nariz de coruja e olhos pequeninos e maliciosos. É filho de um vendeiro. Muito original. Está sempre a contar os vintens que tem na algibeira, e a fazer conta nos dedos, depressa, sem taboada. E está ajuntando. Tem já cader-neta na caixa economica da escola. Desconfio que não gasta mais nem um vintem, e em caindo-lhe um dez-réis debaixo dos bancos, é capaz de procural-o uma semana inteira.

Faz como as pégas, no dizer de Derossi; tudo o que acha, pennas enferrujadas, sellos servidos, cotos de velas, vae apanhando tudo. Ha mais de dous annos que collecciona sellos, e já tem centos d'elles de todos os paizes, num grande album que tenciona vender mais tarde ao livreiro, quando estiver todo cheio. O livreiro dá-lhe cadernos de graça, porque elle lhe leva lá uma porção de frequesez. Na escola vive negociando todos os dias; faz venda de objectos, rifas, troças e loterias; o que compra por

dous, vae vendendo por quatro; sabe jogar o jogo das peninhas, e nunca perde; tambem vende jornaes velhos aos tendeiros; e tem um pequeno caderno, onde toma nota dos seus negocios, todo cheio de sommas e subtracções.

Na escola, não estuda mais que arithmetica, e se de-seja ganhar o premio, é só para ter entrada *gratis* no theatro de *bonecos*. Gosto d'elle, diverte-me. Temos brincado de negociante, com pesos e balanças; sabe o preço certo de tudo, e sabe fazer embrulhos muito bem e depressa, como qualquer vendeiro.

Diz que, mal saía da escola, ha de pôr um negocio, um commercio novo por elle inventado.

Ficou todo contente, por lhe ter eu dado uns sellos estrangeiros; e disse-me exactamente por quanto se vende cada um para collecções. Meu pae, fingindo ler a gazeta, estava a ouvil-o e a sorrir.

Traz os bolsos sempre cheios das suas pequenas mercadorias, que recobre com um grande capote escuro, e mostra-se continuadamente abstracto e cançado qual um negociante. Mas o que mais aprecia é a collecção de sellos, um thesouro; e fala sempre nella, como se d'alli lhe tivesse de vir uma fortuna. Os companheiros acham-o avarento e usurario. Bem o creio, mas gosto d'elle; ensina-me muitas cousas e tem ares já de um homem. Coretti, o filho do vendedor de lenha, diz que Garoffi nem seria capaz de dar os sellos para salvar a vida da mãe.

Meu pae não acredita nisto. Espera ainda para o julgar definitivamente.

Tem esta mania, mas tem bom coração.

Vaidade

Segunda-feira, 5.

Hontem fui dar um passeio pela avenida de Rivoli com Votini e seu pae. Passando pela rua Dora Grossa,

vimos Stardi, aquelle que responde com pontapés aos importunos ; estava teso e direito diante de um mostrador de livreiro, com os olhos fixos numa carta geographica ; e quem sabe a quanto tempo alli estaria, porque vaê sempre estudando pela rua. Apenas correspondeu ao nosso cumprimento, o selvagem !

Votini ia bem vestido, e até de mais ; trazia botinas de marroquim, pospontadas de vermelho ; casaquinho bordado com enfeites de seda, chapéo de castor branco e relógio. E pavoneava-se todo. Mas d'esta vez devia soffrer a sua vaidade. Depois de termos corrido um grande pedaço pela alameda, seu pae ficou muito atraz porque andava de vagar, e nós parámos junto d'um banco de pedra, ao lado d'um rapaz vestido pobremente, que parecia fatigado e pensava, com a cabeça baixa ; um homem que devia ser pae d'elle, ia e vinha á sombra das arvores, lendo um jornal. Sentámo-nos. Votini ficou entre mim e o menino. De repente lembrou-se de que estava muito elegante, e quiz fazer-se admirar e invejar pelo vizinho.

Levantou um pé e disse-me :

— Já viste as minhas botas de official ?

Disse isto para chamar a attenção do outro, mas este nem se abalou. Abaixou então o pé e mostrou as borlas de seda, e olhando de soslaio para o menino, disse-me que as borlas não lhe agradavam muito e que as ia mandar trocar por botões de prata.

E o rapaz nem sequer olhou para as borlas.

Então Votini pôz-se a fazer gyrar sobre a ponta do index o seu bello chapéo de castor branco. E o rapaz — parece que o fazia de proposito — não se dignou lançar a vista para o chapéo.

Votini, que principiava a impacientar-se, puxou o relógio do bolso, abriu-o e mostrou-me o machinismo.

É de prata dourada ? perguntei.

— Não, respondeu—é de ouro.

— Mas, não ha de ser todo de ouro, repliquei, também ha de ter alguma cousa de prata.

— Nada — replicou. E para obrigar o rapaz a olhar, pôz-lhe o relógio defronte dos olhos e disse — Vê, não é verdade que é todo de ouro ?

O rapaz respondeu seccamente :

— Não sei.

— Oh ! Oh ! exclamou Votini, cheio de colera — que orgulho !

Emquanto dizia isto, chegou seu pae, que, ouvindo a exclamação, fitou o rapaz alguns instantes, e depois disse asperamente ao filho :

— Cala-te !

E inclinando-se ajuntou ao ouvido :

— É cego !

Votini levantou-se logo e fitou o rapaz de frente.

Tinha as pupillas vidradas, sem expressão, sem olhar.

Votini ficou humilhado, silencioso, com os olhos em terra... Depois balbuciou : Faz-me pena... eu não sabia.

Mas o ceguinho, que comprehendera tudo, murmurou com um sorriso bom e melancolico :

— Oh ! não faz mal...

Vaidoso, sim, mas não tem mau coração ; Votini em todo o passeio não riu mais.

A primeira neve

Sabbado, 10.

Adeus passeios de Rivoli ! Eil-a a bella amiga, a primeira neve ! Desde hontem á tarde que caem flocos pesados e grandes como flôres de jasmins. Que prazer ao vel-a

de manhã na escola cair contra as vidraças e amontoar-se sobre as escadas ; até o mestre olhava, esfregava as mãos ; e todos estavam contentes, pensando nas bolas que haviam de fazer, no gelo que viria depois, e no fogão de casa. Só Stardi se mostrava indiferente, absorto na lição, com os punhos encostados ás fontes. Mas que acoadamento e que festas á saída ! Todos a saltar pela rua fóra gritando, bracejando, a juntar montões de neve e a vadeal-a, como câezinhos n'agua ! Os parentes que esperavam fóra tinham os guarda-chuvas brancos ; brancos ficavam os capacetes do guarda civil, e as nossas pastas em pouco tempo também ficavam brancas. Todos pareciam fóra de si d'alegria, até Precossi, o filho do ferreiro, o pallidozinho que nunca se ri; Robetti, o que salvou a criança do bonde, também saltava com as suas mulletas. O calabrez, que nunca tinha tocado em neve, fez uma bola e poz-se a comel-a como se fosse pecego. Crossi, o filho da quitandeira, encheu a bolsa ; e o pedreirinho fez-nos rebentar de riso quando meu pae o convidou para vir amanhã a nossa casa ; tinha a bocca cheia de neve, e, não se resolvendo a botal-a fóra, nem a engulil-a, estava engasgado, a olhar para nós, sem poder dizer nada. Até as mestras saíam da escola a correr e a rir, e também a minha mestra da *primeira superior*, coitadinha, corria pelo meio do nevisco, resguardando a cara com o seu véo verde, e tossia. E no emtanto, centenaes de raparigas da escola vizinha passavam aos gritos e pulavam sobre aquelle alvo tapete. Mestres, bedeis e o guarda gritavam :— Para casa ! para casa ! E iam engulindo flocos de neve, e branquejavam-se-lhes os bigodes e a barba. Mas também esses riam da louca jovialidade das crianças que festejavam o inverno...

« Vós festejaes o inverno... mas ha crianças que não têm pão, nem sapatos, nem fogão em casa. Milhares d'ellas ha que descem das aldeias, por longo e rude caminho,

trazendo nas mãos ensanguentadas pelas frieiras um pouco de lenha para aquecer a escola. Ha centenaes de escolas quasi sepultadas na neve, núas, tetricas como espeluncas, onde os meninos ficam suffocados de fumaça, e batem os dentes de frio, olhando com terror para os flocos brancos que caem mais e mais, sem fim, sobre as suas cabanas distantes, ameaçadas de uma avalanche. Vós festejaes o inverno, crianças, e não vos lembraes de que ha milhares de creaturas para quem o inverno é a miseria que vem, é a morte que tudo acaba.

Teu pae».

O Pedreirinho

Domingo, 11.

O pedreirinho veio hoje á caçadora, todo vestido com um fato já usado por seu pae, ainda salpicado de cal e de gesso. Meu pae desejava ainda mais do que eu, que elle viesse. Que prazer nos causou ! Apenas entrou, tirou o chapéo esfarrapado, todo molhado de neve e metteu-o no bolso ; depois, adiantando-se com o seu andar descuidado de operario cançado, virando para um e outro lado a sua carinha redonda como uma maçã e o seu narizinho grosso, quando chegou á sala de jantar, deu uma olhadélla em derredor, e, parando a vista sobre um quadro que representa Rigoletto, um bobo corcunda, fez o *focinho de lebre*. É impossivel ficar sério quando elle faz o *focinho de lebre*.

Pozemos-nos a brincar com os cubos e taboinhas. Elle tem uma habilidade extraordinaria para fazer torres e pontes, que parece sustentarem-se por milagre, e trabalha com a seriedade e a paciencia de um homem. Emquanto ia fazendo torres, foi falando da familia que está em uma agua-furtada ; o pae vae a escola nocturna aprender a ler ; a mãe é natural de Biella. E vê-se que ambos o amam muito porque anda vestido como pobre. mas bem resguar-

dado do frio, com a roupa bem remendada e a gravata bem enlaçada pela mão de sua mãezinha. O pae, pelo que elle me disse, é um pedaço de homem, um gigante, que custa a passar pelas portas, mas bom, e chama sempre ao filho—*focinho de lebre*. O filho, ao contrario, é pequenino.

A's quatro horas, juntos merendámos pão e uvas, sentados no sofá, e quando nos levantámos, meu pae, não sei por que, não quiz que eu limpasse o espaldar que o pedreirinho tinha manchado de branco com a sua jaqueta; puxou-me a mão, e depois limpou-o elle, ás escondidas; Brincando, o pedreirinho perdeu um botão da *caçadora*; minha mãe pregou-lh'o, e elle corou e esteve a vel-a coser, todo maravilhado e confuso, contendo a respiração. Depois, mostrei-lhe albúns de caricaturas, e elle, sem perceber, ia imitando as caretas tão bem, que até meu pae ria. Tão contente saiu que se esqueceu de pôr na cabeça o gorro furado; e chegando ao patamar, para mostrar a sua gratidão, fez ainda uma vez o *focinho de lebre*.

Chama-se Antonio Rabucco, tem oito annos e oito mezes...

«Sabes tu, meu filho, por que não queria que limpasses o sofá? Porque limpal-o á vista do teu companheiro era quasi reprehendel-o por tel-o manchado. E isso não era bom: primeiro, porque elle não o tinha feito de proposito, e depois por que o tinha feito com a roupa de seu pae, o qual a salpicara de cal no trabalho; e o que se faz no trabalho não se pôde dizer sujo; será poeira, cal, verniz, tudo que quizeres... mas não é porcaria. O trabalho não emporcalha. Nunca digas d'um operario que vem do trabalho: «Está porco.» Dize: «Tem nas roupas os signaes e os indicios de seu trabalho.» Recorda-te bem. Ama o pedreirinho, porque é teu companheiro, e porque é filho de um operario.

Teu pae».

Uma bola de neve

Sexta-feira, 16.

E cae a neve, e cae a neve ...

Triste acontecimento o d'esta manhã, ao sair da escola. Um bando de rapazes, apenas desembocaram no *Corso*, principiaram a atirar bolas com aquella neve aquosa que as torna duras e pesadas como pedra. Passava muita gente. Um homem gritou :

— Alto lá, srs. velhacos !

E justamente nessa occasião ouviu-se um grito agudo do outro lado da rua, e viu-se cambalear um velho a quem caíra o chapéo, cobrindo o rosto com as mãos, e ao lado d'elle um rapaz que gritava :

— Soccorro ! soccorro !

Subito, correu gente de todos os lados. O velho tinha sido ferido com uma bola num olho. Todos os rapazes debandaram, fugindo rapidos como flechas. Eu estava de frente da livraria onde tinha entrado meu pae, e vi chegar a correr muitos dos meus companheiros, que se misturavam com os outros ao pé de mim, fingindo olhar para os mostradores ; estavam alli Garrone com o costumado pão na algibeira, Coretti, o Pedreirinho e Garoffi, o dos sellos. No emtanto tinha-se agglomerado povo em volta do velho, e policiaes corriam d'aqui para alli, ameaçando e perguntando :

— Que é isto ? — Quem foi ? Foste tu ? Dize quem foi !

E olhavam para as mãos dos meninos a vêr se estavam molhadas de neve. Garoffi estava a meu lado e notei que tremia todo e tinha o rosto branco que nem um defunto.

— Quem foi ? Quem foi ? continuava a gritar a gente.

Nisto ouvi Garrone que dizia baixo a Garoffi:

— Anda, apresenta-te; será covardia consentir que outro seja accusado.

— Mas é que não fiz de proposito, respondeu Garoffi tremendo como uma folha.

— Não importa, cumpre teu dever, repetiu Garrone.

— Mas... não me animo...

— Coragem! eu te acompanho.

E o guarda e todos os outros gritando mais forte:

— Quem foi? Quem foi? Fizeram-lhe entrar um vidro dos oculos por um dos olhos! cegaram-o! Tratantes!

Cuidei que Garoffi desmaiava.

— Vem, disse-lhe resolutamente Garrone, eu te defenderei.

E agarrando-o por um braço, deu-lhe um empurrão para diante, amparando-o ao mesmo tempo como a um doente. O povo viu e percebeu tudo, e alguns correram sobre elle com os punhos levantados. Mas Garrone poz-se no meio gritando:

— Dez homens contra uma criança?!

Então contiveram-se, e um guarda civil agarrou Garoffi pela mão, e, abrindo caminho por entre o povo, conduziu-o a uma loja de massas, onde se tinha recolhido o ferido. Vendo-o, reconheci logo no velho o empregado que mora no quarto andar de nossa casa com um sobrinho. Estava sentado numa cadeira, com o lenço sobre os olhos.

— Não foi de proposito... dizia soluçando Garoffi, meio morto de medo—Não foi de proposito.

Duas ou tres pessoas empurraram-no violentamente para dentro da loja, gritando:

— Inclina-te! Pede perdão!

Deitaram-no por terra. Subito, dous braços vigorosos ergueram-no, e alguém com voz resoluta disse:

Não, senhores !—Era o nosso director que tinha visto tudo.—Já que teve a coragem de apresentar-se, ninguém tem o direito de humilha-lo.

Todos ficaram mudos.

— Pede perdão ! disse o director a Garoffi.

Garoffi, num pranto copioso, abraçou os joelhos do velho, e este, procurando com a mão a sua cabeça, afofou-lhe os cabellos. Então disseram todos :

— Vae, rapaz... volta para casa.

E meu pae tirou-me d'entre a multidão e disse-me pelo caminho:—Henrique, tu, em caso semelhante, terias a coragem de cumprir com o teu dever, e de ir confessar a tua culpa?—Respondi que sim. E elle :

— Dás-me a tua palavra de honra que o farias ?

— Dou-te a minha palavra, meu pae.

As mestras

Sabbado, 17.

Garoffi estava todo assustado hoje, esperando uma grande reprehensão do professor, mas este não veio ; e faltando tambem o adjuncto, veio dar aula a senhora Cromi, a mais velha das mestras, que tem dous filhos já grandes, e já ensinou a ler e a escrever a muitas senhoras que vêm agora acompanhar os filhos á *Secção Baretti*. Estava hoje triste, porque tem o filho doente. Apenas a viram, principiaram a fazer algazarra ; porém ella, com voz lenta e tranquillã, disse :

— Respeitae meus cabellos brancos, não sou só uma mestra, sou uma mãe.

E nenhum mais se atreveu a falar, nem Franti, aquelle cara deslavada, que se contentou com fazer momices ás escondidas. Para a classe de Cromi foi mandada a Delcati, mestra de meu irmão, e para o logar da Del-

cati foi aquella a quem chamam a *Freirinha*, por andar sempre de escuro, com um avental preto ; tem o rosto branco e pequeno, os cabellos sempre corridos, os olhos muito claros e uma voz subtil, que parece estar sempre a murmurar umas rezas.

— Custa a comprehender, diz minha mãe, como, sendo tão branda, tão timida, com aquelle fio de voz sempre inalteravel, que mal se sente, e não gritando nem se encolerisando, consiga, apezar d'isso, ter os pequenos tão socegados que ninguem os ouve ; os mais travessos abaixam a cabeça ao mais ligeiro aceno que ella faça com o dedo ; parece uma igreja a sua escola ; e tambem por isso lhe chamam a *Freirinha*.

Ha ainda outra que me agrada muito. É a mestra da *primeira inferior n. 3*, aquella, moça ainda, de rosto corado, que tem duas covinhas nas faces, traz uma grande penna vermelha no chapéo, e uma cruzinha de vidro amarello pendente do pescoço. Está sempre alegre, e com ella está a classe em alegria ; sorri sempre, grita sempre, com a sua voz argentina, que parece que canta, tocando com a varinha em cima da mesa, batendo com as mãos para impôr silencio ; depois, á saída, corre como uma criança atraz de uns e d'outros para mettel-os em fileira ; a este levanta a gola da jaqueta, áquelle abotoa o capote para que se não constipe ; segue-os até á rua, para que não vão desgrenhados, pede aos paes que os não castiguem em casa, dá pastilhas aos que têm tosse, empresta a sua capa aos que se queixam de frio ; e vive atormentada de continuo pelos mais pequeninos, que lhe fazem muitas festas e pedem beijos, puxando-lhe pelo véo e pela mantilha. E deixa que façam tudo, e beija-os a todos rindo, e vae sempre para casa com o vestido amarrotado, fatigada e contente, com as suas bellas covinhas nas faces e sua penna vermelha. É tambem mestra de desenho das meninas, e sustenta com seu trabalho a mãe e um irmãozinho

Em casa do ferido

Domingo, 18.

Está com a mestra da penna vermelha o sobrinho do velho empregado que foi ferido no olho pela bola de neve de Garoffi ; vimol-o hoje em casa do tio, que o estima como a um filho. Tinha acabado de escrever o conto mensal para a futura semana—*O pequeno escrevente florentino*—que o mestre me deu para copiar; quando meu pae me disse :

— Subamos ao quarto andar a vêr como está dos olhos o velhinho.

Entrámos num quarto quasi escuro, onde estava o velho numa cama, recostado em muitas almofadas ; á cabeceira sentava-se sua mulher e a um canto estava brincando o sobrinho. O velho estava com o olho vendado. Ficou muito satisfeito por vêr meu pae ; fez-nos sentar, disse que se sentia melhor, que a vista não estava perdida, e mais, que em poucos dias estaria curado.

— Foi uma desgraça ! ajuntou, e que susto devia ter tido aquelle pobre rapaz !...

Depois falou-nos do medico, que devia chegar nessa hora para fazer o curativo. Nesse momento soou a campainha.

É o medico... disse a senhora.

Abre-se a porta, e que vejo ? Garoffi com o seu capote comprido. Em pé na porta, cabisbaixo, sem ter coragem de entrar.

— Quem é ? pergunta o doente.

— É o menino que atirou com a bola, disse meu pae.

E o velho exclamou :

— Oh ! pobre criança ! entra. Então vens visitar o ferido, não é verdade ? Vae melhor, fica socegado, vae melhor ! estou quasi bom... vem cá !

Garoffi, confuso que nem nos via, aproximou-se do leite, esforçando-se para não chorar; o velho começou a acaricial-o, mas elle não podia falar.

— Obrigado, disse o velho. Dize, pois, a teu pae e á tua mãe que tudo vae indo bem, que não se dêem cuidado maior.

Mas Garoffi não se movia; percebia-se, porém, que tinha vontade de dizer alguma cousa. Mas não ousava.

— Que tens a dizer? que queres?

— En, . . . nada.

— Bem, então adeus, até á vista; vae e leva o coração em paz.

Garoffi foi até a porta, mas ahi parou, voltando-se depois para o sobrinho que o seguia e olhava curiosamente. De subito, tira de baixo do capote um objecto e mette-o nas mãos do pequeno, dizendo-lhe:

— É para ti.

E desapareceu como relampago. O pequeno levou o objecto ao tio. Tinha escripto: *Faço-te presente d'isto*. Vae olhar. . . e ha uma exclamação de espanto. Era o famoso album com a collecção de sellos que Garoffi tinha trazido, a collecção de que falava sempre, sobre a qual tinha fundado tantas esperanças, e que lhe custára tantas fadigas; era o seu thesouro! pobre criança! era a metade do seu sangue que dava em troca do perdão!

O pequeno escrevente florentino

(CONTO MENSAL)

Elle andava na *quarta classe elementar*. Era um gracioso florentino de doze annos, negro de cabellos e claro de rosto, filho mais velho de um empregado da estrada de ferro, que, tendo muita familia e pequeno ordenado, vivia em aperto. O pae estimava-o muito, bom e indulgente com

elle em tudo, menos no que dizia aos estudos ; nisto exigia muito, por que era preciso que o filho podesse um dia ajudar a familia ; e para tornar-se de prompto habil em qualquer cousa, havia mister fatigar-se muito em pouco tempo. E comquanto o rapaz estudasse, o pae exhortava-o sempre a estudar mais. Era já adiantado em annos o pae, e o muito trabalho o tinha envelhecido antes do tempo. Assim, para prover as necessidades da familia, além das horas obrigadas do emprego, tomava ainda, aqui e alli, trabalhos extraordinarios de copista, e passava grande parte da noite a escrever. Ultimamente conseguira de uma casa editora, que publicava jornaes e livros em fascículos, encarregar-se de escrever nas cintas o nome e a morada dos assignantes, e ganhava tres libras por quinhentas d'aquellas tiras de papel escriptas em letras grandes e regulares. Esse trabalho, porém, extenuava-o, e queixava-se muitas vezes á familia á hora do jantar.

— Os meus olhos se vão... Esse trabalho de noite dá cabo de mim !

Um dia o filho disse-lhe :

— Papá, deixa-me fazer o teu trabalho, bem sabes que escrevo tal qual como tu.

Mas o pae respondeu-lhe :

— Não, meu filho, tu deves estudar ; a tua escola é muito mais importante do que as minhas tiras de papel. Sentiria remorsos se te roubasse uma hora. Agradeço-te, mas não quero, e não falemos mais nisso.

O rapaz sabia que com seu pae, em materia de estudo, era inutil insistir, e não insistiu... Mas eis o que fez : sabia que o pae á meia noite acabava de escrever, e saía do quarto de trabalho para o quarto de dormir. Algumas vezes o tinha percebido ; era darem as doze pancadas do relógio, e elle logo ouvia o rumor de uma cadeira que se arrastava e o passo lento do pae. Uma noite esperou até que elle estivesse já na cama ; vestiu-se de vagar, andou

as apalpadelas no gabinete, accendeu o candieiro de kerozene, sentou-se á escrevaninha, onde havia um montão de cintas em branco e a lista dos endereços, e principiou a escrever, imitando exactamente a letra do pae. E escrevia de boa vontade e contente, um pouco assustado ; e as tiras iam-se amontoando ; de tempos a tempos depunha a penna para esfregar as mãos, por causa do frio , e recomeçava logo com mais gosto, ouvido attento e sorrindo. Escreveu cento e sessenta nomes, uma lira ! Então acabou ; poz a penna onde a tinha encontrado, apagou a luz e voltou para a cama nas pontas dos pés.

Naquelle dia, ao meio-dia, o pae sentou-se á mesa de bom humor. Não tinha desconfiado de cousa alguma. Fazia aquelle trabalho mecanicamente, medindo-o apenas pelas horas e pensando noutras cousas, sem contar as tiras escriptas senão no dia seguinte. Sentou-se á mesa satisfeito, e, tocando com a mão no hombro do filho, disse-lhe :

— Ah, Julio ! É ainda um bom trabalhador o teu pae, faze idéa ! Em duas horas fiz hontem á noite um bom terço mais de trabalho do que o costumado. A mão ainda está leve, e os olhos cumprem ainda o seu dever.

E Julio, contente, mudo, dizia comsigo : Pobre pae ! além do ganho, ainda lhe dou esse prazer de crer-se remogado. Pois bem, coragem !

Animado pelo bom resultado, na noite seguinte, dada meia-noite, foi trabalhar. E fez assim por muitas noites. O pae não dava por isso. Uma vez apenas á ceia, saiu-se com esta exclamação : — É estranho quanto kerozene se gasta nesta casa ha tempos para cá ! Julio enfiou ; mas a observação ficou nisso, acabou alli. E o trabalho nocturno ia para diante.

Interrompendo assim o somno todas as noites, Julio não dormia bastante ; de manhã levantava-se fatigado, e á noite, quando estudava, custava-lhe ter os olhos abertos. Uma noite (pela primeira vez em sua vida !) adormeceu so-

bre o caderno ! — Animo ! animo ! gritou o pae batendo as mãos — ao trabalho... Elle acordou estremunhado e continuou a estudar. Mas nas noites e dias seguintes era a mesma cousa, ou peor... Cochilava sobre os livros, levantava-se mais tarde que de costume, estudava a lição com enfado, e parecia desviado do estudo. O pae principiou a observal-o, a preoccupar-se com elle, e finalmente a reprehendel-o.

— Julio ! — disse-lhe uma manhã — tu estás ficando ruim ; não és já o que eras. Isto assim não vae bem... Olha, todas as esperanças da familia se fundam em ti. Estou desgostoso, sabes ?

Com esta censura, a primeira verdadeiramente séria que recebia, a criança perturbou-se. — Sim ! é verdade... disse consigo. D'este modo com effeito não se pôde continuar ! é necessario que o engano se acabe... Mas, á tarde, naquelle mesmo dia, ao jantar, disse o pae com muita alegria :

— Sabem que neste mez ganhei mais trinta e duas liras em sobrescriptar do que no mez passado ?

E dizendo isto tirou de baixo da mesa um cartucho de doces, que tinha comprado para festejar com os filhos o ganho extraordinario. E todos applaudiram batendo as mãos. Julio, vendo isto, cobrou animo ; e, em seu coração, disse : — Não, pobre papae, não deixarei de enganar-te, farei maiores esforços para estudar durante o dia, mas continuarei a trabalhar de noite para ti e para todos os outros.

O pae accrescentou ainda : — Trinta e duas liras mais ! Estou contente. Mas aquelle lá... (e apontando para Julio) é só quem me desgosta...

E Julio recebeu a censura em silencio, recalcando duas lagrimas que queriam rebentar, mas sentindo ao mesmo tempo dentro do coração uma doçura immensa.

E proseguiu no trabalho. Mas a fadiga accumulando-se á fadiga, cada vez mais difficil era-lhe resistir. As cousas iam assim, havia dous mezes ! O pae continuava a censurar o filho, e a encaral-o sempre de sobr'olho carregado. Um dia foi pedir informações ao mestre, e este disse-lhe :

— Sim, vae indo, vae indo, porque é intelligente ; mas já não tem a boa vontade de outr'ora. Cochila, boceja, é distrahido. Faz ás composições curtas, ás pressas, e com pessima letra. Oh ! podia fazer mais, muito mais !

Naquelle tarde, o pae chamou o rapaz á parte e disse-lhe cousas graves, como nunca as dissera :

«Que elle trabalhava, que consumia a vida pela familia... Que Julio não o auxiliava mais, não tinha coração para o pae, nem para os irmãos, nem para sua pobre mãe! ... »

— Ah ! não digas isso, meu pae !... exclamou o filho em copioso pranto, e ia abrir a bocca para dizer tudo. Mas o pae interrompeu-o, dizendo :

— Tu bem conheces as nossas condições ; sabes que ha mister muito boa vontade e sacrificios da parte de nós todos. Eu proprio, vê tu, terei de redobrar os meus estorços ; contava este mez com uma gratificação de cem liras da estrada de ferro, e soube esta manhã que nada receberei.

A essa noticia recalcou a confissão que ia partir-lhe da alma, e de si para si resolutamente: — « Não, pae, não te direi nada. Guardarei o meu segredo e continuarei a trabalhar para ti. D'essa dôr de que sou causa, eu te compensarei de outro modo. Na escola estudarei quanto baste para ser promovido ; o que importa é ajudar-te a ganhar a vida e diminuir-te a fadiga que te mata.»

E continuou sempre, e passaram-se outros dous mezes de trabalho de noite, de canção de dia, de esforços desesperados do filho, e de reprehensões amargas do pae. O peor era que este ia esfriando e já falava ao filho rara-

mente, como se fosse elle um indigno, de que não restasse mais nada a esperar ; e fugia quasi de encontrar o seu olhar com o d'elle. Julio tudo percebia e soffria com isso ; e quando o pae voltava as costas, atirava-lhe furtivamente um beijo, inclinava o rosto com um sentimento de ternura piedosa e triste, e, entre a dôr e a fadiga, emmagrecia, ia perdendo as côres, luctando com a necessidade de descurar dos estudos. Percebia bem que isto havia de acabar um dia, e todas as tardes dizia consigo : « Já esta noite não me levantarei. »

Mas ao soarem as doze badaladas, no momento em que devia mais vigorosamente permanecer no seu proposito, sentia como que um remorso, e parecia-lhe que se ficasse na cama faltaria a um dever, e roubaria uma lira a seu pae e á sua familia ; então levantava-se, pensando que, qualquer noite, o pae despertando, o surprehenderia no trabalho, ou que poderia vir a conhecer o engano, se por acaso lhe dêsse para contar as tiras ; e então tudo se acabaria naturalmente, sem um acto de sua vontade, que elle não se sentia com coragem de exercer. E assim ia trabalhando.

Mas, uma tarde, ao jantar, o pae pronunciou uma palavra que foi decisiva para elle. A mãe encarou-o e, parecendo vê-lo mais fraco e mais descorado que de costume, disse-lhe :

— Julio ! tu estás doente ! e voltando-se para o pae, anciosamente : Julio está doente !... Vê como está pallido ! Meu Julio, que tens ?

O pae olhou-o de relance e disse :

— É a má consciencia que faz a má saude. Não estava assim quando era um escolar estudioso e um filho do coração.

— Mas elle está doente ! exclamou a mãezinha.

— Não me importo — respondeu o pae seccamente.

Aquellas palavras foram facadas no coração da pobre criança. Ah ! não se importava mais com elle seu pae, que o amava, e d'antes tremia só de ouvil-o tossir ! Já não se importava mais ! não havia mais duvida que o filho morrerá para o seu coração.

— Oh ! não, meu pae ! — pensou elle, com o coração amargurado de angustia, opprimido — isto não pôde continuar, não posso viver sem teu affecto ; quero-o como outr'ora todo inteiro ; dir-te-ei tudo, não te illudirei mais, estudarei como d'antes, aconteça o que acontecer, com-tanto que tu voltes a querer-me bem. Oh ! d'esta vez estou bem seguro da minha resolução !

E comtudo, ainda naquella noite despertou, mais por força de habito que por outra cousa... Depois teve desejo, uma vez ainda, de tornar alguns minutos áquelle quarto onde tanto tinha trabalhado, a horas mortas, com o coração cheio de satisfação e de ternura. E quando se viu perto da escrevaninha, com o candieiro acceso, e viu aquellas tiras em branco, sobre as quaes não escreveria mais os nomes das cidades e das pessoas, nomes que já sabia de cór, foi tomado de grande tristeza ; e num impeto pegou na pena para recommençar o trabalho costumado. Mas, ao estender a mão, deu com o braço num livro e o livro caiu... O sangue fugiu-lhe. Se o pae acordasse ! É certo que o não surprehenderia a praticar uma acção má... mesmo já tinha resolvido contar-lhe tudo... mas sentir aquelle passo aproximar-se na escuridão, ser surprehendido áquella hora, naquelle silencio... e sua mãe, que seria despertada com medo ! pensar que seu pae poderia, pela primeira vez, sentir-se humilhado na sua presença descobrindo tudo... ah ! isso o aterrava. Applicou o ouvido, com a respiração contida... não ouviu nada... Escutou á fechadura da porta que lhe ficava por traz das costas... e nada. Todos em casa dormiam... o pae não ouvira cousa alguma. Tranquillisou-se emfim.

E recommençou a escrever... e as tiras iam-se amontoando sobre as tiras... Na rua deserta passavam lentas as rondas; era ás vezes o rodar de um carro que parava de repente, ou o estrepito de uma fila de carros que iam de vagar; depois um silencio profundo, cortado de quando em quando pelos latidos ao longe de algum cão... E escrevia... e escrevia...

E no emtanto, o pae estava alli por traz d'elle; levantára-se ouvindo cair o livro, e espreitava a occasião opportuna; o estrepito dos carros havia abafado o rumor dos seus passos e o leve ranger das dobradiças da porta; e estava alli, com a sua cabeça branca por sobre a cabecinha negra de Julio; vira correr a penna sobre as cintas, e num momento tinha adivinhado tudo; tudo recordára e comprehendera tudo; e um arrependimento subito, uma ternura immensa lhe invadira a alma presa, inquieta, suffocada, alli por detraz do filho. De repente, Julio deu um grito agudo!... dous braços convulsos estreitavam-o fortemente...

— Papae! perdoa-me, gritou, reconhecendo o pae, que chorava copiosamente.

— Perdoa-me tu, meu filho — responde o pae soluçando, tremulo, cobrindo-lhe a fronte de lagrimas e beijos. Comprehendo agora... sei tudo, sou eu, sou eu quem te pede perdão, santa creatura minha! Vem, vem commigo.

E impelliu-o ou antes levou-o até o leito de sua mãezinha, já acordada, e lançou-o entre os braços d'ella, dizendo:

— Beija este anjo, beija este filho querido, que ha tres mezes não dorme e trabalha para mim, para mim que torturava o coração d'este anjinho que nos ganhava o pão!

A mãe apertou-o affectuosamente ao peito, sem poder falar; depois disse:

— Vae dormir, meu querido filho, vae dormir, e descansar ! Leva-o tu á cama.

O pae tomou-o nos braços e conduziu-o ao quarto ; deitou-o no leito, commovido, acariciando-o, aconchegando-lhe as almofadas e as colchas.

— Muito obrigado, papae, foi dizendo o filho— muito obrigado ! Mas vá deitar-se... estou muito bem ; vá deitar-se.

Mas o pae queria vel-o adormecido ; sentou-se na cabeceira da cama, tomou-lhe a mão, e disse-lhe :

— Dorme, dorme, meu filho !

E Julio, cansado, adormeceu finalmente, e dormiu, e dormiu longas horas, gozando pela primeira vez, depois de alguns mezes, de um somno tranquillo, povoado de sonhos ; e quando abriu os olhos já o sol brilhava havia muito, e sentiu e viu depois, junto ao peito, apoiada na beira da cama, a cabeça branca do pae, que tinha passado a noite alli, com a bocca tremente, como se por ella passassem sem nunca acabar de passar uma multidão de beijos e preces, ao lado d'elle, e dormia ainda com a cabeça sobre o coração do filho bem amado.

A vontade

Quarta-feira, 28.

Stardi na minha *classe* é que seria capaz de fazer o que fez o pequeno florentino. Esta manhã houve dous acontecimentos na escola : Garoffi, doido de alegria, porque lhe tornaram a dar seu album augmentado com tres sellos da republica de Guatemala que elle procurava havia tres mezes ; e Stardi, porque teve a segunda medalha. Stardi, primeiro da classe, depois de Derossi ! Todos ficaram maravi-

lhados. Quem havia de dizer em Outubro, quando o pae o conduziu á escola, embiocado naquelle capotão verde, e disse ao mestre alli, á vista de todos : — É necessario que tenha muita paciencia, porque elle é muito rude.

Todos lhe chamavam cabeça de pau, a principio.

Mas elle disse : — Ou arrebento ou hei de vencer.

E poz-se a estudar, de dia, de noite, em casa, na escola, com os dentes cerrados, com os punhos fechados, paciente como um boi, teimoso como um jumento, e assim, á força de moer, desprezando *as caçoadas*, atirando pontapés aos perturbadores, passou adiante de todos, aquelle cabeçudo. Não sabia uma palavra de arithmetica, enchia de disparates a composição, não conseguia decorar um periodo, e agora resolve os problemas, escreve a lição, canta-a como se fôra uma aria. Adivinha-se-lhe a vontade de ferro, ao ver como é feito, assim baixo, com a cabeça quadrada, sem pescoço, com as mãos curtas e grossas e com aquella voz rude. Estuda até em pedaços de jornaes, em annuncios de theatros; e sempre que pôde juntar dez moedas compra um livro; já tem reunido uma pequena bibliotheca; e num momento de bom humor declarou-me, ha dias, que me ha de levar á casa para vel-a. Não fala a ninguem e não brinca com pessoa alguma; está sempre alli, á carteira, com os punhos nas fontes, firme como um pau, a ouvir o mestre. Quanto deve ter-se fatigado, pobre Stardi !

O mestre disse-lhe esta manhã, apezar de estar impaciente e de mau humor, quando deu as medalhas:

— Bravo, Stardi ! quem porfia, afinal vence.

Mas elle não pareceu ficar orgulhoso, não riu, e, apenas voltou para o banco com a sua medalha, tornou a encostar os punhos nas fontes, e ficou ainda mais immovel e mais attento que d'antès. Mas o bello foi á saídã, onde estava esperando o pae, um sujeito gordo e baixo como elle, com um carão enorme e uma voz de trombone.

Não esperava a medalha, e não queria acreditar ; foi necessario que o mestre lhe dissesse que era verdade. Poz-se então a rir de gosto, e deu uma palmada na nuca do filho, dizendo com voz forte :

—Mas muito bem ! bravo, meu careca !

El olhava para elle maravilhado, a sorrir. E todos nós em volta sorrimos, menos Stardi. Esse ruminava já no bostunto a lição d'amanhã.

Gratidão

Sabbado, 31.

Stardi, o teu companheiro, não se queixará mais do mestre, estou certo. O mestre «estava de mau humor, estava impaciente», assim o disseste tu, em tom de sentimento. Pensa quantas vezes tu tambem te mostras impaciente, e a quem ? a teu pae e a tua mãe, áquelles para quem a tua impaciencia é crime. Bem razão tem o mestre para mostrar-se, uma vez ou outra, impaciente ! Pensa que ha muitos annos elle se cança pelos rapazes, e se entre elles teve muitos bem criados e agradecidos, encontrou tambem muitissimos ingratos, que abusaram de sua bondade, e desconheceraam os seus trabalhos ; e é certo que, uma cousa por outra, ha mais amarguras que prazeres. Repara em que o mais santo homem da terra, em seu logar se deixaria vencer algumas vezes pela colera. E se, pois, soubesses quantos dias vae elle dar lição doente, e só porque a doença não é tão grave que possa dispensal-o da escola ! impaciente, porque soffre, e é grande pezar para elle ver que vós outros não percebeis, e abusaes.

Respeita e ama a teu mestre, meu filho. Ama-o, porque teu pae o ama e respeita ; ama-o, porque elle consagra a vida ao bem de tantas crianças que o esquecem ; porque te abre e illumina a intelligencia e te educa o coração ; ama-o, emfim, porque um dia, quando fôres homem, e quando nem eu nem elle fôrmos mais d'este mundo, a sua imagem se te apresentará

muitas vezes á memoria ao lado da minha ; e então a expressão de dôr e de canção d'aquella boa physionomia de homem honrado, que mal comprehendes agora, acudir-te-á á memoria e causar-te-á pena ; trinta annos depois terás vergonha e grande tristeza de não o haveres estimado como elle o merecia, e de teres te portado mal com elle. Ama a teu mestre, porque pertence áquella grande familia de cincoenta mil professores elementares, espalhados por toda a Italia, que são como os paes intellectuaes de milhões de crianças que crescem contigo ; são elles, trabalhadores mal comprehendidos e mal recompensados, que preparam para o nosso paiz uma geração melhor do que a presente. Eu não fico contente com o amor que tens por mim, se o não tens para todos aquelles que te fazem bem ; e entre estes o primeiro é o teu mestre, e depois os teus. Ama-o como amarias um meu irmão ; ama-o quando te acaricia, ou quando te reprehende, quando é justo, ou quando te parece que é injusto ; ama-o quando elle estiver alegre e affavel, e ama-o mais quando o vires triste. Ama-o sempre. E pronuncia sempre com reverencia este nome—mestre—que depois do de pae é o mais nobre e o mais doce dos nomes que possa um homem dar a outro homem.

Teu pae.

JANEIRO

O mestre substituto

Quarta-feira, 4.

Tinha razão meu pae. O mestre estava de mau humor porque achava-se mal de saude e ha tres dias, com effeito, vem substituil-o ás vezes aquelle professor sem barba que parece um *rapazinho*. Deu-se esta manhã um factio desagradavel. Já no primeiro e no segundo dia tinham feito chacota na escola, porque o substituto tem paciencia e não faz senão dizer : — Estejam calados ! por favor, estejam calados ! Mas esta manhã passou dos limites. Faziam tal algazarra que se não ouvia sua voz ; e elle admoestava, pedia, mas era tempo perdido. Duas vezes o director appareceu á porta e observou. Mas apenas dava as costas, o sussuro crescia como num mercado. Bem se voltavam Garrone e Derossi a fazer acenos aos companheiros, que estivessem quietos, que aquillo era uma vergonha. Nenhum fazia caso ; Stardi era o unico que estava silencioso, com os cotovelos fincados na banca e os punhos nas fontes, pensando talvez na sua famosa bibliotheca ; e Garoffi, o nariz de gancho, o dos sellos, que estava todo occupado a fazer a lista dos subscriptores a dous vintens para a rifa de um tinteiro de algibeira. Os outros riam-se e faziam tinir pontas de pennas espetadas nos bancos, e atiravam bolinhas de papelão com os elasticos das botinas. O substituto agarrava por um braço, ora a um, ora a outro, sacudia-os, e chegou a pôr um contra a parede.

Tempo perdido ! Nem elle sabia já com que santo se agarrasse, e pedia :

— Mas para que procedeis d'este modo ? Quereis zangar-me por força ?

Depois dava murros na mesa e gritava com voz de raiva e de choro :

— Silencio ! Silencio ! Silencio !

Fazia pena vel-o. Mas o rumor crescia sempre.

Franti atirou-lhe uma flecha de papel. Uns miavam como gato, e outros davam piparotes ; emfim, era mais do que se pôde descrever ; nisto entrou de repente o bedel, e disse :

— Senhor professor, o senhor director chama-o.

O mestre levantou-se e saiu ás pressas, em desespero.

Então a algazarra recomeçou ainda mais forte. Mas, de subito, Garrone levantou-se com a physionomia decomposta e os punhos cerrados, e gritou com a voz rouca de colera :

— Basta ! animaes ! Todo esse abuso é porque elle é bom. Se vos desancasse os ossos, estarieis ahí murchos como uns cães ! bando de velhacos ! O primeiro que lhe fizer o mais leve insulto, espero-o lá fóra e quebro-lhe os dentes, juro-o, ainda que seja á vista do pae.

Todos se calaram. Ah ! como era bello ver Garrone, com os olhos grandes a lançar chammas. Parecia um leãozinho furioso. Olhou um por um, para os mais atrevidos, e todos abaixaram a cabeça. Quando o substituto entrou com os olhos vermelhos, não se ouvia mais nem um suspiro. Ficou sem comprehender. Mas, reparando em Garrone, que ainda estava todo incendiado, comprehendeu o que se passára e disse-lhe com carinho, como diria a um irmão :

— Eu te agradeço, Garrone.

A livraria de Stardi

Fui visitar Stardi, que mora numa casa em frente á escola; e tinha devêras vontade de ver a sua livraria. Não é nada rico, nem pôde comprar muitos volumes, mas conserva com extremo cuidado os seus livros de escola, e os que lhe dão os parentes; e todas as moedas com que o presenteiam, colloca-as de parte e gasta-as no livreiro; d'este modo já organisou uma pequena bibliotheca; e quando o pae conheceu que elle tinha aquella paixão, comprou-lhe uma bella estante de nogueira, de cortinas verdes, e mandou-lhe encadernar os livros todos, com as côres que mais lhe agradavam. Assim, elle agora puxa por um cordãozinho, a cortina verde corre e deixa ver tres filas de livros de todas as côres, e todos em ordem, limpos, com titulos dourados no dorso; livros de contos, de viagens e de poesias, e tambem livros illustrados. Elle sabe combinar bem as côres; põe os volumes brancos ao lado dos vermelhos, os amarellos ao lado dos pretos; os azues ao lado dos brancos; de maneira que se vejam de longe e produzam boa impressão, e depois diverte-se em variar as combinações. Fez o seu catalogo. E fel-o como se fôra um bibliothecario. Está sempre junto dos livros, a espanejal-os, a folheal-os e a examinar as encadernações. E de vêr o cuidado com que os abre, com as suas mãos curtas e grossas, a soprar sobre as paginas; todos os livros parecem novos.

E eu, que tenho estragado todos os meus! para elle cada livro novo que compra, é uma festa; leva a alisal-o, a pol-o na estante, a tiral-o para o examinar de todos os lados; e afinal guarda-o como thesouro. Não me mostrou mais nada durante uma hora. E estava doente dos olhos, de tanto lêr. Em certo momento passou o pae pela sala; elle que é grosso e baixo como o filho, com uma cabeçorra como a sua, deu-lhe duas ou tres palmadas na nuca, dizendo-me com a sua voz grossa de gigante:

— Hein ! que me dizes d'esta cabeça de bronze ? É uma cabeça que ha de dar alguma cousa, eu t'o asseguro.

E Stardi ia fechando os olhos ao pesado contacto d'aquellas rudes caricias, como um grande cão de caça, amoroso. Eu não sei, mas não me atreveria a brincar com elle ; não me parece que tenha só um anno mais do que eu. Quando me disse : — Até á vista — com aquella cara que parece sempre aspera, pouco faltou que lhe não respondesse :

— Muito me honra ! — como se fosse a um homem.

Eu depois disse em casa a meu pae :

— Não comprehendo ! Stardi não tem muito talento, não tem maneiras agradaveis, é uma figura quasi de lobo, e no entanto me domina.

E meu pae respondeu :

— É porque tem character.

— Numa hora que estive com elle, não pronunciou cincoenta palavras, não me mostrou um só brinquedo, não riu uma unica vez ; e apesar d'isso eu estava contente.

E meu pae disse :

— É porque o estimas.

O filho do artista ferreiro

Sim, mas tambem estimo Precossi, e é muito pouco dizer simplesmente que o estimo, a Precossi, o filho do ferreiro, aquelle pequenino, fraquinho, de olhos meigos e tristes e ar de espantado ; tão timido que vive a dizer a todos — desculpe-me ! Sempre vive adoentado ; é que estuda muito. O pae entra em casa embriagado com aguardente, bate-lhe sem que nem porque, atira-lhe pelos ares livros e cadernos ; e elle vem para a escola com manchas no rosto, e algumas vezes com a cara inchada e os olhos inflammados de tanto chorar. Mas ninguem lhe diga que levou pancadas do pae.

— Foi teu pae que te bateu... dizem-lhe os compa-
nheiros. — E elle logo grita:

— É falso, é muito falso — para não deshonrar o pae.

— Esta folha não a queimaste — disse-lhe uma vez
o mestre, mostrando-lhe um trabalho meio queimado.

— Fui eu, sim senhor, respondeu elle com a voz tre-
mente; fui eu que a deixei cair ao fogo.

E comtudo nós sabiamos bem que fôra o pae embria-
gado, que, com um pontapé, tinha tombado a mesa com o
candieiro e tudo, quando elle estudava a lição. Elle está
morando numas aguas furtadas da nossa casa, com escada
independente; a porteira conta tudo a minha mãe; minha
irmã Sylvia ouviu-o gritar do terraço um dia em que o pae
o fez descer a escada aos trambolhões, porque lhe pedira
alguns tostões para comprar uma grammatica. O pae bebe,
não trabalha, sua familia passa fome. Quantas vezes o po-
bre Precossi vem para a escola em jejum, e rói um bocado
de pão que lhe dá Garrone ás escondidas ou uma maçã que
lhe traz a mestrinha da penna vermelha, que foi mestra sua
na *primeira classe*! Mas nunca elle diz: «Estou com fome;
meu pae não me dá de comer».

O pae vem algumas vezes buscal-o, quando passa por
acaso diante da escola, pallido, a cambalear, com uma cara
sombria, os cabellos caídos sobre a testa e a carapuça de
lado; e o pobre rapaz treme todo quando o vê na rua, mas
corrê-lhe ao encontro sorrindo; e o pae parece que nem
o vê, pensando noutra cousa. Pobre Precossi! Cose e re-
cose os cadernos rotos, pede livros emprestados para estudar
a lição, prende os punhos da camisa com alfinetes; e faz
piedade vêl-o fazer gymnastica, com aquelles sapatos em
que se pôde nadar dentro, aquellas calças a arrastar no
chão, e aquella jaqueta, muito comprida, com as mangas
arregaçadas até os cotovelos!

E estuda, e empenha-se; e fôra um dos primeiros se

podesse trabalhar em casa tranquillo. Esta manhã veio para a escola com signal de uma unhada na face, e todos disseram-lhe :

— Foi teu pae ! agora não pôdes negar que te faz isso ! Dize ao director para que o faça chamar á policia.

Mas elle levantou-se todo vermelho, com a voz tremula de indignação, exclamando .

— Não é verdade ! é uma mentira ! meu pae não me bate nunca . . .

Mas depois, durante a lição, caiam-lhe as lagrimas sobre a mesa ; e quando se olhava para elle, esforçava-se por sorrir, e esconder as lagrimas ! Pobre Precossi ! Amanhã devem vir a minha casa Derossi, Coretti e Nelli. Quero dizer-lhe tambem que venha ; obrigar-o-ei a merendar comigo, e hei de fazer-lhe presente de livros e pôr em alvoro a casa para divertil-o, e encher-lhe as algibeiras de fructas para o ver uma vez contente, pobre Precossi ! que tão bom é e que tanta coragem tem !

Uma bella visita

Quinta-feira, 12.

Eil-a, para mim, uma das bellas quintas-feiras do anno. As duas em ponto vieram á minha casa Derossi. Coretti e Nelli, o corcundinha ; Precossi não veio porque o pae não deixou. Derossi e Coretti riam ainda, porque tinham encontrado na rua Crossi, o filho da quitandeira, aquelle do braço paralytico e dos cabellos ruivos, que andava a vender uma enorme couve para com o producto d'ella comprar uma penna ; e estava muito contente porque o pae tinha escripto da America que o esperassem qualquer dia. Oh ! as bellas horas que passamos juntos ! São os dous mais alegres da classe, Derossi e Coretti ; meu pae gostou muito d'elles. Coretti tinha uma camisola côr de chocolate e o gorro de pelle de gato. É um diabinho

que está sempre a fazer alguma cousa, a mexer, a bolir. Já havia carregado sobre os hombros uma carrada de lenha, de manhã cedo, e apesar d'isso andou aos saltos por toda a casa, observando tudo e falando sempre, vivo como um ratinho ; e passando pela cozinha perguntou á cozinheira por quanto pagava o feixe de lenha, e disse que o pae vendia a quatro centos réis. Fala sempre do pae, de quando este foi soldado no regimento 49 na batalha de Custosa, onde se achou no quadrado do principe Humberto ; e é tão delicado de maneiras ! pouco importa que tenha crescido entre a lenha, se tem nobreza no sangue e no coração, como bem diz meu pae. Derossi divertiu-nos muito ; sabe geographia como um mestre, fecha os olhos ás vezes e diz : — «Agora estou vendo toda a Italia, os montes Apenninos, que se alongam até o mar Jonio ; os rios que correm de cá e de lá, as cidades brancas, os golfos, as bahias azues e as ilhas verdes» ; e dizia os nomes certos, rapidamente, como se os lesse no mappa ; e ao vel-o assim, com aquella cabeça levantada, toda cheia do ouro dos cabellos, os olhos cerrados, vestido de azul com botões dourados, direito e bello como uma estatua, ficavamos todos admirados.

Em uma hora elle tinha decorado quasi tres paginas de uma oração que deve recitar depois d'amanhã, pelo anniversario dos funeraes de Victor Manoel. E por isso Nelli olhava para elle admirado, e com affecto, torcendo as pontas do seu avental de panninho preto, sorrindo com aquelles olhos claros e melancolicos. Deu-me grande prazer essa visita e deixou-me alguma cousa como fulgurações estranhas de sol e luz sadia, no espirito e no coração. E ainda me agradou, quando saíram, ver o pobre Nelli no meio dos outros todos, grandes e fortes, que o levavam á casa pelo braço, fazendo-o rir como nunca vi rir tanto. Quando tornei a entrar na sala de jantar, notei que não estava lá o quadro que representa Rigoletto, o bobo corcunda. Tinha-o tirado meu pae para que Nelli, o corcundinha, o não visse.

Os funeraes de Victor Manoel

Janeiro, 17.

Hoje ás duas horas, logo que o mestre entrou na aula chamou Derossi, que foi para junto da mesa, em frente a nós, e começou a dizer com intonação vibrante, levantando pouco a pouco a voz limpida e corando :

— « São passados quatro annos que neste dia, nesta hora, chegava em frente ao Pantheon, em Roma, o carro funebre que conduzia o cadaver de Victor Manoel II, primeiro rei da Italia, fallecido depois de vinte e nove annos de reinado, durante os quaes a grande patria italiana, dividida em sete Estados e opprimida por estrangeiros e tyrannos, resurgiu em um só Estado independente e livre ; após um reinado de vinte e nove annos que elle tornou illustre e bemfazejo, com valor, com lealdade e coragem nos perigos, prudencia no triumpho e constancia na desgraça. Chegára o carro funebre, cheio de corôas, depois de ter percorrido Roma sob uma chuva de flôres, no silencio de uma immensa multidão dolorida, que corra de todas as partes da Italia, precedido de uma legião de generaes e de innumerados ministros e principes, seguido de um cortejo de mutilados, de uma floresta de bandeiras, de convidados de trezentas cidades, de tudo que representa o poder e a gloria de um povo, e parava diante do templo augusto, onde o tumulto o esperava. Doze couraceiros levantaram o feretro do carro ; e neste momento a Italia dava o ultimo adeus ao seu rei morto, ao seu velho rei que tanto amára, dava o ultimo adeus ao seu soldado, ao seu pae e aos vinte e nove annos mais abençoados e felizes da sua historia !

Foi um momento grande e solemne ! A vista e a alma de todos trepidavam entre o feretro e as bandeiras já sem côr de oitenta regimentos do exercito italiano, empunha-

das por oitenta officiaes enfileirados á passagem, pois que a Italia estava alli, naquelles oitenta symbolos, que recordavam os milhares de rios de sangue derramado, as nossas mais sagradas glorias, os nossos mais santos sacrificios, as nossas dores mais tremendas. O feretro conduzido pelos couraceiros passou, e então inclinaram-se ao mesmo tempo, em continencia, todas as bandeiras dos novos regimentos, os velhos pendões de Goito, de Pastrengo, de Santa Lucia, de Novara, da Criméa, de Palestre, de San Martino, de Castelfidardo; oitenta véos negros caíram, cem medalhas tilintaram contra o ataúde. E aquelle estrepito sonoro e confuso, que abrazava o sangue de todos, era como um som de mil vozes humanas que dissessem todas juntas:—« Adeus, bom Rei! Rei altivo! Rei leal! Tu viverás no coração de teu povo enquanto o sol alumiar a Italia »!

Depois do que, levantaram-se as bandeiras alterosas para o céu, e o rei Victor entrou na gloria immortal do sepulcro».

Franti expulso da escola

Sabbado, 21.

Um unicamente seria capaz de rir-se enquanto Derossi falava nos funeraes do rei, e Franti riu-se. Eu detesto-o. É um perverso. Quando algum pae vem á escola fazer queixa d'um filho, elle regosija-se; se alguém chora, elle ri-se. Treme diante de Garrone, mas bate no Pedreirinho porque é pequeno, e atormenta Crossi porque tem o braço paralytico. Escarnece Precossi, que todos estimam, e zomba até de Robetti, d'aquelle que anda de muletas por ter salvado uma criança. Provoca a todos os que são mais fracos do que elle, e quando dá soco é uma

fêra. Ha qualquer cousa de repellente naquella testa baixa, naquelles olhos maus, quasi escondidos debaixo da viseira do seu gorro encarnado. Não teme cousa alguma, ri na cara do mestre, rouba quando pôde, nega com uma cara desavergonhada, e está sempre em briga com alguém ; traz para a escola alfinetes para picar os visinhos, arranca os botões da sua jaqueta e das dos outros e joga-os ; e tem a carteira, cadernos, livros, tudo esfrangalhado, despedaçado e sujo ; a regua cheia de dentes, a canneta meio comida, as unhas roídas, o fato cheio de gordura e de rasgões feitos em briga. Dizem que a mãe está doente por causa dos trabalhos que elle lhe dá, e que o pae já o expulsou de casa três vezes ; a mãe vem de vez em quando pedir informações ao mestre, e volta sempre chorando. Elle odeia a escola, odeia os companheiros, odeia o mestre. O mestre finge algumas vezes que não vê as suas velhacadas, e elle ainda faz peor. Tentou leval-o por boa maneira e elle levou tudo flauteando. Disse-lhe então palavras muito duras, e elle cobriu a cara com as mãos, a fingir que chorava, e estava a rir-se ! Foi suspenso da escola por tres dias, e quando voltou vinha ainda mais insolente do que d'antes. Derossi disse-lhe um dia : « Acaba de uma vez com isso ; olha que o mestre já te soffre de mais ». E elle ameaçou-o de metter-lhe um prego na barriga. Mas finalmente esta manhã foi expulso como um cão. Emquanto o mestre dava a Garrone o rascunho do *Tamborzinho sardo*, o conto mensal de janeiro, para copiar, atirou no soalho uma bomba, que rebentou fazendo um estrondo como uma descarga de fuzilaria. Toda a aula estremeceu. O mestre poz-se de pé, gritando :

— Franti, fóra da aula !

Elle respondeu :

— Não fui eu ! . . . mas ria-se.

O mestre repetiu :

— Ponha-se fóra !

— Não me arredo, respondeu.

Então o mestre perdeu a cabeça, lançou-se a elle, agarrou-o por um braço, e arrancou-o do banco. Elle estorcia-se e ringia os dentes; foi preciso arrastal-o á viva força. O mestre quasi que o levou ao Director, e depois, voltando só, sentou-se á mesa com a cabeça entre as mãos, afflicto, cançado, com uma expressão de anciedade que fazia mal vel-o.

— Ha trinta annos que ensino ! — exclamou tristemente, inclinando a cabeça. Ninguém respirava. As mãos tremiam-lhe de colera, e a ruga que lhe atravessava horizontalmente a testa, estava tão profunda que parecia uma ferida. Pobre mestre ! Todos soffriam ; Derossi levantou-se então e disse :

— Senhor professor, não se afflija. Nós somos seus amigos.

Ouvindo isto, pareceu ficar socegado, e disse serenamente:

— Continuemos a lição.

O tamborzinho sardo

(CONTO MENSAL)

No primeiro dia da batalha de Custoza, a 24 de julho de 1848, cerca de sessenta soldados d'um regimento de infantaria do nosso exercito, mandados para occupar sobre um morro uma casa solitaria, foram de repente assaltados por duas companhias de soldados austriacos, que, atacando-os a balas numa tempestuosa saraivada de todos os lados, apenas lhes deram tempo de refugiarem-se na casa e trancarem precipitadamente as portas, depois de terem deixado alguns mortos e feridos no campo.

Fechadas as entradas, correram os nossos furiosamente ás janellas do rez do chão e do primeiro andar, e principiaram a fazer fogo vivissimo sobre os assaltantes,

que, avançando aos poucos em semi-circulo, respondiam vigorosamente. Commandavam os sessenta soldados italianos dous officiaes subalternos e um capitão, militar velho, alto, magro e austero, de cabellos e bigodes brancos; e estava com elles um tamborzinho sardo, rapaz de pouco mais de quatorze annos, que parecia ter doze, pequeno, rosto trigueiro, azeitonado, com dous olhinhos negros, profundos, que faiscavam. O capitão dirigia de uma sala do primeiro andar a defesa com vozes de commando que pareciam tiros de pistola, e não se percebia em seu rosto de ferro signal algum de commoção. O tamborzinho, um pouco pallido, mas firme nas pernas, trepado sobre uma mesa, estendia o pescoço encostando-se á parede, afim de ver pelas janellas o que havia fóra; e via por entre o fumo, pelos campos, as divisas brancas dos austriacos, que vinham marchando lentamente. A casa era situada no alto d'uma ladeira, e não tinha da parte do declive senão uma janellinha alta correspondente a um sotão; por isso os austriacos não atacaram por aquelle lado e a descida estava livre. O fogo dirigia-se á fachada e aos dous flancos.

Mas era um fogo do inferno, uma saraivada de balas de chumbo que rachava as paredes e despedaçava os telhados, e dentro quebrava o forro, moveis, umbreiras e batentes, lançando pelo ar estilhaços de madeira, nuvens de caliça, fragmentos de louças e vidros, sibilando, detonando, ricochetando num fragor pavoroso de arrebentar os ouvidos. De quando em quando ouvia-se o baque de um dos soldados que faziam fogo das janellas, que caía de costas sobre o pavimento, e era arrastado para o fundo. Outros cambaleavam passando de sala em sala, comprimindo as feridas com as mãos. Na cozinha havia já um morto com a cabeça esmigalhada. O semi-circulo dos inimigos ia-se cerrando, estreitando. Em certo momento viu-se o capitão, até alli impassivel, dar signal de inquietação e sair apressadamente da sala seguido d'um

sargento. Tres minutos depois voltou a correr o sargento e chamou o *Tamborzinho*, acenando-lhe para que o seguisse. O rapaz seguiu-o, subindo apressadamente por uma escada de madeira, e entrou numa agua furtada núa, onde viu o capitão a escrever com um lapis numa folha de papel, apoiado á pequena janella, tendo aos pés, no chão, uma corda de poço. O capitão dobrou a folha de papel, e disse de improviso, encarando o rapaz, e fitando-o com suas pupillas pardas e quietas, diante das quaes todos os soldados tremiam :

— Tambor !

O tambor poz a mão na viseira. O capitão perguntou :

— Tens coragem ?

Os olhos do rapaz lampejaram.

— Tenho, sim, capitão—respondeu.

— Olha lá para baixo—disse o capitão impellindo-o para a janella—vês no plano perto da casaria de Villafranca uma scintillação de bayonetas ? Lá estão immoveis os nossos. Toma este bilhete, agarra-te á corda, desce pela janella, devora a ladeira, corre pelos campos, chega até os nossos e entrega o bilhete ao primeiro official que encontrares. Tira o cinturão e a mochila.

O tamborzinho tirou o cinturão e a mochila e mettu o bilhete no seio. O sargento deitou a corda para fóra da janella, segurando-a por uma das pontas ; e o capitão, ajudando o rapaz a passar pela janella com as costas voltadas para fóra, disse-lhe :

— Olha ! A salvação do destacamento está na tua coragem e nas tuas pernas.

— Confie em mim, senhor capitão ! — respondeu o tambor já suspenso da parte de fóra.

— Curva-te na descida, disse ainda o capitão, segurando a corda juntamente com o sargento.

— Não ha duvida.

— Deus te acompañhe.

Em poucos momentos o tamborzinho tocou em terra; o sargento puxou para cima a corda e desapareceu; o capitão foi rapidamente direito á janella e viu o rapaz que voava, ladeira abaixo; já o suppunham livre das vistas do inimigo, quando cinco ou seis nuvens de poeira que se erguiam do chão, raspando a terra em torno do rapaz, lhe deram a perceber que tinha sido descoberto pelos austriacos, que do ponto mais elevado da ladeira lhe faziam fogo pelas costas. Mas o tamborzinho continuava a correr, a correr. De repente caiu.

— Morto! rugiu o capitão mordendo os punhos.

Mal tinha falado, e logo viu o tamborzinho levantar-se.

— Ah! apenas uma quêda... disse comsigo, e respirou. O tamborzinho effectivamente recommêçara a correr a toda a força, mas coxeava. Torceu um pé... pensou o capitão. Algumas nuvenzitas de pó se levantaram ainda, aqui e alli, em volta do rapaz, mas cada vez mais longe. Estava, pois, salvo. O capitão soltou uma exclamação de triumpho, mas continuou a seguil-o com os olhos, nervoso, tremulo, porque era questão de minutos; se o emissario não chegasse lá abaixo depressa com o bilhete em que pedia soccorro immediato, ou todos os soldados cairiam mortos ou teria elle de render-se e ficar prisioneiro com os seus.

O rapaz corria com rapidez um pedaço, depois afrouxava o passo, coxeando; tornava a correr, mas, cada vez mais cansado, ora tropeçava, ora parava de repente. — É que alguma bala o apanhou de rasto, pensou o capitão, e tremendo acompanhava-lhe todos os movimentos, encorajava-o, falava-lhe de longe como se elle o pudesse ouvir, media sem descânço com o olhar incendido o espaço interposto entre o rapaz que corria e o scintillar das armas que brilhavam lá embaixo na planicie, no meio dos campos de trigo dourados ao sol. E entretanto ouvia o zunido e estrondo das balas nas salas de baixo, as vozes

rudes do commando dos officiaes e sargentos, os gemidos agudos dos feridos, o estalar dos moveis e da calça.

— Sus ! coragem ! gritava, seguindo com a vista o pequeno tambor — mais... mais... corre... avante... corre ! ... Lá pára, o maldito ! Bem, torna outra vez a correr !

Um official vem dizer-lhe, offegante, que os inimigos, sem interromper o fogo, desfraldavam uma bandeira branca, intimando-os á rendição.

— Não se responda ! — gritou elle, sem despregar os olhos do rapaz que já entrara na planicie, mas andando vagarosamente e parecendo arrastar-se a custo... Mais ! mais ! corre ! ... dizia o capitão, cerrando os dentes e os punhos. Mata-te... morre, scelerado, mas chega ! Depois soltou uma imprecação horrivel : — O infame poltrão sentou-se !

De facto, o rapaz, cuja cabeça até então se descobria por cima do trigal louro, desapparecera como se tivesse caído. Um momento depois, porém, a sua cabeça surgiu acima, uma vez, outra vez, e afinal se perdeu no matto e o capitão não o viu mais...

Desceu o capitão precipitadamente ; saraivavam as balas ; as salas, estavam atulhadas de feridos ; alguns cambaleavam como bebados, agarrando-se aos moveis, ás paredes ; no pavimento manchado de sangue os cadaveres amontoavam-se atravessados ás portas. O tenente tinha o braço direito partido por uma bala, a fumaça e a poeira envolviam toda a casa.

— Coragem ! gritou o capitão. Cada um firme no seu posto ! Chegam-nos soccorros ! Ainda um pouco de coragem !

Os austriacos tinham-se aproximado mais ; viam-se de cima, por entre o fumo, os rostos desfeitos pela ira ; ouvia-se o estrepito das descargas, gritos selvagens que intimavam á rendição com ameaças de exterminio. Se algum soldado menos corajoso se retirava da janella, os

sargentos empurravam-no para a frente. Mas o fogo da defesa ia enfraquecendo, o desanimo manifestava-se em todos os rostos, e não era mais possível prolongar a resistencia. Num momento, os tiros dos austriacos afrouxaram, e uma voz trovejante gritou, primeiro em allemão e depois em italiano :

—Rendei-vos !

—Não ! rugiu o capitão de uma das janellas.

E o fogo recomeçou mais vivo e mais furioso das duas partes. Cairam mais soldados ; mais de uma janella já estava sem defensor. O momento fatal era iminente. O capitão gritava com a voz suffocada, entre dentes :

—Não vêm ! não vêm...

E corria d'um para outro lado, furioso, torcendo a espada nas mãos convulsas, resolvido a morrer.

Nisto um sargento, descendo do sotão, gritou fortemente :

—Chegam !

—Chegam afinal ! repetiu e capitão num grito de alegria.

Aquella voz, todos, sãos e feridos, sargentos e officiaes, lançaram-se para as janellas e a resistencia tornou-se mais feroz ainda. D'alli apoucos momentos notou-se entre os inimigos como que uma tal ou qual incerteza, e um principio de desordem. De repente, o capitão, em furia, reuniu um grupo numa sala ao rez do chão para esperar o inimigo á bayoneta calada. Voltou ainda acima e, mal tinha chegado, quando se sentiu o estrepito de passos precipitados, acompanhados de um *hurrah* formidavel, e se viu das janellas por entre o fumo avançarem os chapéos de dous bicos dos carabineiros italianos, um esquadrão de cavallaria a todo galope, um relampago fulminador de lamínas esfusiantes e luminosas, que caíam sobre as cabeças, os hombros e as costas ; os sitiados então pela porta afóra irromperam de bayoneta calada, e os inimigos vacillantes, em desordem, voltaram as costas, fugindo ; o

terreno ficou desembaraçado, a casa ficou livre, e pouco depois dous batalhões de infantaria italiana e dous companhões occupavam a altura.

O capitão com os soldados que lhe restavam, uniu-se ao regimento, combateu ainda, e ficou bastante ferido na mão esquerda por uma bala de ricochete no ultimo assalto á bayoneta.

O dia acabou com a victoria dos nossos.

Mas, no dia seguinte, tendo recommçado o combate, os italianos foram derrotados, apesar da valorosa resistencia, pelo numero superior dos austriacos; e na manhã de vinte e seis tiveram de tomar tristemente o caminho da retirada para o Mincio.

O capitão, bem que ferido, fez a marcha a pé com os seus soldados, cansados, silenciosos, e, chegando ao cair do dia a Goito sobre o Mincio, procurou logo o tenente, que fôra recolhido á ambulancia, com o braço partido, e devia ter já chegado alli antes d'elle; indicaram-lhe uma igreja transformada apressadamente em hospital de guerra. Foi lá. A igreja estava cheia de feridos deitados em duas filas de leitos e de colchões estendidos no pavimento; dous medicos e varios enfermeiros iam e vinham, apressados, e ouviam-se gritos abafados e gemidos.

Apenas entrando, o capitão parou, olhando em volta, em procura do seu official.

Nesse momento ouviu que o chamavam com uma voz fraca, muito proxima:

— Sr. capitão! ...

Voltou-se, era o tamborzinho.

Estava estendido num estrada, coberto até o peito com uma cortina grossa de flanella de quadrinhos vermelhos e brancos; com os braços de fóra, pallido, escaveirado, emmagrecido, mas sempre com aquelles olhos vivos como dous brilhantes.

— Estás aqui, exclamou o capitão surprezo, sem entender — Bravo! cumpriste o teu dever.

— Fiz o possível, disse o tamborzinho.

— Estás ferido? disse o capitão, buscando com os olhos o seu official nos outros leitos.

— Que quèr?— respondeu o rapaz, a quem dava coragem para falar a altiva alegria de ser pela primeira vez ferido, sem o que não se atreveria a abrir a bocca em presença de seu capitão—corrida de corcunda, viram-me logo. Chegaria vinte minutos mais cedo se não me atirassem. Felizmente encontrei um capitão de estado maior a quem entreguei o bilhete. Mas foi o diabo aquella minha descida depois do tal presente. Morria de sede, receiava não chegar mais, chorava de raiva, pensando que, a cada minuto de demora, lá em cima ia indo um companheiro para o outro mundo. Basta! fiz o que pude. Estou contente. Mas, com licença, capitão, também o senhor está ferido?

Com effeito, da mão mal ligada do capitão, caíam pelos dedos abaixo algumas gottas de sangue.

— Quer que eu lhe aperte mais a ligadura, capitão? Dê-me a sua mão por um momento.

O capitão deu-lhe a mão esquerda, estendendo a direita para ajudar o rapaz a desatar o nó e tornar a atal-o; mas, havendo-se erguido apenas do travesseiro, o rapazinho empallideceu e inclinou a cabeça.

— Basta! basta! disse o capitão, olhando-o attento e retirando a mão ligada que elle tentava reter, cuida em teus males em vez de cuidares nos de outrem; cousas insignificantes descuradas pôdem tornar-se graves.

O tamborzinho abanou a cabeça.

— Mas tu, disse-lhe o capitão fixando-o attentamente, deves ter perdido muito sangue para estares debilitado d'esse modo...

— Perdido muito sangue? respondeu o rapaz com um sorriso — alguma cousa mais que sangue. Olhe...

E tirou de um jacto a coberta.

O capitão deu um passo atraz horrorisado. O rapaz tinha apenas uma perna; a perna esquerda fôra-lhe am-

putada por cima do joelho. A coxa estava ligada em panos sanguejantes. Naquella occasião passava, em mangas de camisa, um medico militar, pequeno e gordo.

— Senhor capitão, disse elle rapidamente, mostrando o tamborzinho, um caso desgraçado. Salvava-se-lhe a perna se elle a não tivesse forçado d'aquelle modo; veio uma maldita inilamação; foi necessario amputar-lh'a por alli, como vê. Oh! mas é um bravo este rapaz! asseguro-lh'o. Nem uma lagrima, nem um grito! Orgulhava-me de que era um italiano quando o estava operando; palavra de honra! este, Deus do céu, é de bôa raça!...

E seguiu o caminho.

O capitão carregou as grandes sobranceiras, fitou o tamborzinho, e tornou a estender-lhe a coberta por cima; depois lentamente, quasi que sem perceber o que fazia, e fitando-o sempre, levou a mão á cabeça e tirou o kepi, saudando.

—Capitão! interveio o rapaz maravilhado, que faz meu capitão? Para mim?

E então aquelle rude soldado, que nunca dissera uma palavra branda a um inferior qualquer, respondeu com uma voz indizivelmente carinhosa e doce:

—Eu sou apenas um capitão, e tu és um heróe!

E debruçou-se de braços abertos para o tamborzinho, e estreitou-o tres vezes sobre o coração.

❶ amor da patria

Terça-feira, 24.

Pois que a historia do tamborzinho te fez bater o coração, devia ser-te facil esta manhã escrever bem sobre o thema do exame: Porque amas a Italia. Não te aco-dem cem respostas? Amo a Italia porque minha mãe é italiana; porque o sangue que me corre nas veias é

italiano ; porque é italiana a terra aonde estão sepultados os mortos que minha mãe chora e meu pae venera ; porque a cidade onde nasci, a lingua que falo, os livros que me educam, meu irmão, minha irmã, eu, meus collegas, o grande povo no meio de qual vivo, a bella natureza que me cerca, tudo que vejo, que amo, que estudo e que admiro, é italiano.

Oh ! tu não podes ainda sentir toda inteira essa paixão ! Sentil-a-ás quando fôres homem, quando ao voltares de longa viagem, depois de longa ausencia, chegando uma manhã á amurada da embarcação, vires no horizonte ao longe as montanhas azues da tua terra ; sentil-a-ás então, na onda impetuosa de ternura que te arrazará os olhos de lagrimas e irá descendo buscar um grito ao coração. Sentil-a-ás em qualquer grande cidade distante no impulso d'alma que te arrastar, por entre uma multidão desconhecida, para o operario desconhecido, que ao passar ao teu lado pronuncie uma palavra da tua lingua. Sentil-a-ás na colera dolorosa e sublime que te fará subir o sangue ao rosto quando ouvires uma injuria ao teu paiz da bocca de um estrangeiro. Sentil-a-ás mais violenta e mais profunda ainda, no dia em que a ameaça de um povo inimigo desencadear uma tempestade de fogo sobre a tua patria, e vires levantarem-se, frementes, exercitos de todas as partes, correrem os moços ás legiões, os paes beijando os filhos, exhortando coragem ! Sentil-a-ás com uma alegria divina, se tiveres a fortuna de ver entrar na tua cidade os regimentos, rareados pelos claros luminosos dos sacrificados, esfarrapados, com as bandeiras em trapos, varadas pelas balas, seguidos por um comboio sem fim de valorosos que levantarão alto as cabeças feridas e ligadas, no meio de uma multidão delirante que os cobrirá de flôres, de bençãos e de beijos.

Tu comprehenderás então o amor da patria, sentirás então a patria, Henrique.

E é ella tão grande, tão sagrada, que, se um dia eu te

visse voltar são e salvo de uma batalha combatida por ella, a ti que és minha carne, a ti que és a minha alma, e se soubesse que tinhas salvado a vida por teres fugido do perigo e da morte, eu, teu pae, eu, teu amor, eu que te acolho com um grito de alegria quando voltas da escola, eu receber-te-ia com um soluço de amargura, não poderia mais amar-te nem mais ver-te, e morreria miseravelmente com esse punhal no coração.

Teu pae.

Inveja

Quarta-feira, 25.

A melhor de todas as composições sobre a *Patria* foi a de Derossi. E Votini que estava certo de obter a primeira medalha! Eu poderia ainda gostar de Votini, apesar da sua vaidade e dos seus luxos, mas agora que estou junto d'elle no banco, faz-me mal ver a inveja que tem de Derossi. Estuda, mas não pôde competir com elle, não o pôde de modo algum; o outro sabe dez vezes mais, e Votini morde-se nos dedos de raiva. Carlos Nobis tambem lhe tem inveja, mas tem tanta soberba no corpo que até por soberba, não dá a perceber. Votini, ao contrario, queixa-se dos pontos em casa, e diz que o mestre faz injustiças; e quando Derossi responde ás perguntas tão prompto e tão bem, elle perturba-se, abaixa a cabeça, finge que não ouve, ou então arremeda um riso, mas um riso amarello. Todos o sabem já, e quando o mestre elogia Derossi, voltam-se os olhares para Votini, que se mostra zangado; e até o pedreiro faz-lhe o *focinho de lebre*.

Esta manhã, por exemplo, fez uma das suas. O mestre entra na escola e annuncia o resultado do exame dizendo: «Derossi, dez pontos e a primeira medalha». Votini deu um grande espirro. O mestre olhou-o, era facil comprehendel-o.

— Votini, disse-lhe, não deixes entrar no teu corpo o demonio da inveja, é uma serpente que roe o cerebro e corrompe o coração.

Fitaram-no todos, excepto Derossi ; Votini quiz responder, mas não pôde, ficou como que petrificado, com o rosto pallido. Depois, em quanto o mestre explicava a lição, poz-se a escrever com letras grandes numa folha de papel : *Não tenho inveja dos que ganham a primeira medalha com protecções e injustiças.* Era um bilhete que queria mandar a Derossi, e entretanto via eu que os vizinhos de Derossi tramavam alguma cousa, falavam-se ao ouvido, e um recortava com o canivete uma grande medalha de papel, onde tinham desenhado uma cobra. E Votini percebeu. O mestre saiu por poucos minutos, e logo os que estavam perto de Derossi levantaram-se para sair dos bancos e vir apresentar solememente a medalha a Votini. Toda a aula se preparava para uma comedia. Votini tremia todo. Derossi gritou :

— Dê-m'a.

— Sim, responderam, é melhor que sejas tu quem lh'a leve.

Derossi pegou da medalha e rasgou-a em mil pedacinhos. Naquelle momento tornou a entrar o mestre e continuou a lição. Eu tinha os olhos pregados em Votini. Elle estava vermelho como uma braza ; pegou do papel que escrevera, e de vagar, como se o fizesse por distracção, machucou-o ás escondidas, mettem-o na bocca, mastigou-o um pouco, e cuspiu-o depois debaixo do banco. Ao sair da escola, passando diante de Derossi, Votini que estava ainda um pouco atrapalhado, deixou cair um mataborrão ; Derossi, delicado, apanhou-o e mettem-lh'o na carteira, ajudando-o a apertar a correia.

Votini nem ousou levantar a cabeça.

A mãe de Franti

Sabbado, 28.

Mas Votini é incorrigível. Hontem na aula de religião, em presença do director, o mestre perguntava a Derossi se sabia de cór as duas estrophezinhas do livro de leitura :

E por onde o olhar se volva
Sempre a Deus encontrará...

— Não sei — E Votini atalhou immediatamente — Sei eu — com um sorriso para fazer picardia a Derossi. Peior, porém, para elle, que não pôde recitar a poesia. porque neste momento entrou na escola a mãe de Franti, offegante, com os cabellos grisalhos em desordem, toda molhada de neve, e empurrando adiante de si o filho, que fôra expulso da escola por oito dias. Que triste scena essa de ver-se ! A pobre mulher quasi se deitou de joelhos diante do director, juntando as mãos em supplica.

— Oh ! senhor director, faça-me este favor, torne a admittir o menino na escola ! Tres dias ha que está em casa, e o trago escondido, mas Deus me livre que o pae saiba isso tudo, porque o matará. Tenha piedade de mim, senhor, que não sei mais que fazer ! Peço-lh'o de todo o coração.

O director procurou conduzi-la para fóra da sala, ella, porém, resistia, pedindo sempre e chorando.

— Oh ! se soubesse as privações que tenho passado por este filho, o senhor teria compaixão. Faça-me este favor ; elle ha de mudar, eu o espero. Eu já não viverei muito ; tenho a morte perto, mas quereria vel-o mudado antes de morrer, porque... (e caiu em pranto) — é meu filho, amo-o e morreria desesperada... Admitta-o ainda mais uma vez, para que não succeda alguma desgraça na familia ; piedade para uma pobre mulher !

E cobria o rosto com as mãos, angustiada, soluçando.

Franti estava de cabeça baixa, impassivel. O director olhou para elle, esteve pensando um pouco, e em seguida disse :

— Franti, vá para o teu logar.

Então, a pobre senhora tirou as mãos do rosto, satisfeita, a dizer-se obrigada, sem deixar falar o director, e encaminhou-se para a porta, enxugando os olhos, e dizendo cousas sem nexo, atropelladamente : — Filho meu. Eu te recomendo. Tenham paciencia, todos, sim?... Muito obrigada, senhor director, por essa obra de caridade; meu filho, sê bom!... Bons dias, meninos.—Muito obrigada! até á vista, senhor mestre.—E desculpem todos uma pobre mãe.

Ainda da porta olhou com ar supplice para o filho e foi-se embora arrastando o chale que ia caído, pallida, curvada, toda tremula; ouvimos-a ainda tossir já nas escadas.

O director olhou fixamente para Franti, no meio do silencio absoluto da sala e falou com uma voz de fazer tremer a todos :

— Franti, tu matas tua mãe!

Todos voltaram-se para ver Franti.

E a peste ria-se.

Esperança

Domingo, 29.

Bello o impeto, Henrique, de lançar-te ao seio de tua mãe, quando voltavas da aula de religião. Sim, grandes e consoladoras palavras tel-as-ia dito o mestre. Deus que nos lançou um nos braços do outro, não ha de separar-nos, para sempre; quando eu morrer, quando teu pae morrer não nos diremos aquellas tremendas e desesperadas palavras: Mamãe, papae, Henrique, nunca mais te verei.

Ver-nos-emos em uma outra vida, onde os que sofreram nesta, serão compensados; onde o que muito amou na terra, tornará a encontrar as almas amadas num outro mundo sem lagrimas e sem morte. Mas devemos tornar-nos todos dignos d'essa outra vida. Ouve, filho, a tua acção boa, a tua palavra de affecto aos que te amam, cada acto de cortezia para com os teus companheiros e cada nobre pensamento, será como que mais um impulso que te irá erguendo, e te irá aproximando d'aquelle mundo. E tambem te elevam todas as desgraças e todas as dôres, porque cada dôr é a expiação de uma culpa, e cada lagrima apagará uma nodoa. Procura cada dia ser melhor e mais amavel que no dia anterior. Dize todas as manhãs: Hoje quero fazer uma cousa de que a consciencia me louve, e que meu pae approve, qualquer cousa que me faça amado d'este ou d'aquelle companheiro, de meu mestre, de meu irmão, ou d'outro emfim. E pede a Deus que te dê força para realizares o teu proposito:

— Senhor, eu quero ser bom, eu quero ser nobre, corajoso, sincero; soccorrei-me, fazei que todas as noites quan dominha mãe me dá o ultimo beijo, eu possa dizer-lhe: Tu beijas esta noite um filho mais honesto e mais digno do que o que beijaste hontem.

Tem sempre no pensamento aquelle outro Henrique sobrehumano e feliz que poderás ver na outra vida. E reza. Não podes imaginar que doçura experimenta, como ella se sente bem, uma mãe, quando vê o filho de joelhos com as mãos postas. Quando te vejo a rezar, parece-me impossivel que ninguem te vigie e ninguem te esteja ouvindo. Creio então mais firmemente que existe uma bondade suprema e ha uma piedade infinita; amo-te mais, trabalho com mais ardor, soffro com mais paciencia; perdôo de toda a minha alma; e penso na morte serena, calma, sem attribulações nem temores. Oh! Deus grande! Deus bom! Tornar a ouvir, depois da morte, a voz de

minha mãe, tornar a encontrar-me com os meus filhos, tornar a ver o meu Henrique, o Henrique abençoado e immortal, apertal-o num abraço que não se dissolverá mais, nunca mais !

Oh ! reza ! amemos-nos ! sejamos bons, com esta celeste esperança dentro d'alma, meu adorado filho !

Tua mae.

FEVEREIRO

Uma medalha bem dada

Sabbado, 4.

Esta manhã veio distribuir as medalhas o inspector escolar, um senhor de barbas brancas, vestido de preto. Entrou com o director pouco antes da hora de saída e sentou-se ao lado do mestre. Interrogou varios alumnos e depois deu a primeira medalha a Derossi; e, antes de dar a segunda, esteve a ouvir o mestre e o director, que lhe falavam em voz baixa. Todos perguntavam :

— A quem dará elle a segunda ?

O inspector disse em voz alta :

— A segunda medalha, mereceu-a esta semana o alumno Pedro Precossi ; mereceu-a pelos trabalhos que fez em casa, pelas lições, pela calligraphia e pelo procedimento, por tudo.

Todos se voltaram para vêr Precossi, e via-se em todos a alegria. Precossi levantou-se muito envergonhado ; nem sabia mais onde estava.

— Vem cá ! — disse o inspector.

Precossi saltou do banco e foi collocar-se ao lado da mesa do mestre. O inspector olhou attento para aquella carinha côm de cêra, aquelle corpinho mettido numas roupas todas arregaçadas e em desalinho, para aquelles olhos

cheios de bondade e de ternura que evitavam os seus, mas que deixavam adivinhar uma historia de soffrimentos ; depois, com a voz cheia de carinhos, prendeu-lhe a medalha ao peito :

— Precossi, dou-te esta medalha. Nenhum é mais digno do que tu de possuil-a. Não a dou só á tua intelligencia e á tua boa vontade ; dou-a tambem ao teu coração, á tua coragem, ao teu character de generoso e bom filho. Não é verdade, accrescentou voltando-se para a aula, não é verdade que elle a merece ainda por todos esses motivos ?

— Sim, sim ! responderam todos a uma voz.

Precossi fez um movimento com o pescoço como para engolir qualquer cousa, e lançou sobre toda a aula um olhar dulcissimo, que exprimia sua gratidão illimitada.

— Vae, pois, disse-lhe o inspector. — E Deus te proteja !

Era chegada a hora de sair. A nossa classe saiu antes das outras. Apenas tinhamos descido, á entrada, no saguão, quem havíamos nós de vêr ? O pae de Precossi, o ferreiro, pallido, como de costume, carrancudo, os cabellos sobre os olhos, a carapuça pelo avesso, e mal firme nas pernas. O mestre viu-o logo e falou ao ouvido do inspector ; este procurou Precossi apressadamente, e, tomando-o pela mão, levou-o para junto do pae. O rapaz tremia. O mestre e o director aproximaram-se, e muitos rapazes cercaram-n'o.

— O senhor é o pae d'este rapaz, não é verdade ? — perguntou o inspector ao ferreiro, com ar alegre como se fossem amigos. E sem esperar resposta continuou : Pois dou-lhe os parabens. Olhe, seu filho ganhou a segunda medalha entre cincoenta e quatro companheiros ; e mereceu-a pela escripta, pela composição, pela arithmetica, e por tudo. É um menino cheio de intelligencia e de boa vontade, que ha de ir muito longe ! um bravo que possui a affeição e estima de todos. Póde orgulhar-se d'elle, eu lh'o digo.

O ferreiro, que estava a ouvir-o de bocca aberta, olhou fixamente para o inspector e para o director, e depois para o filhinho que tinha ao pé de si, com os olhos baixos, tremendo; e como se recordasse e comprehendesse naquelle momento, pela primeira vez, tudo quanto tinha feito soffrer áquella pobre criança, e toda a bondade, toda a heroica constancia com que ella, fraca, tudo soffrera, retratou-se-lhe de repente no rosto um pasmo estúpido, uma dôr muda e concentrada, e afinal uma ternura violenta e triste; e num gesto rapido lançou os braços ao pescoço do filhinho, apertou-o ao peito fortemente, convulsamente.

Passámos todos diante d'elle, e eu convidei o filho para vir á nossa casa, quinta-feira, com Garrone e Derossi. Outros comprimentavam-o; um fazia-lhe caricias, outro tocava-lhe na medalha, e todos lhe disseram cousas alegres. E o pae olhava para nós, estupefacto, admirado, tendo sempre apertada contra o seu rude peito de operario a cabeça do filho, que soluçava.

Bons propositos

Domingo, 5.

Despertou-me um remorso aquella medalha dada a Precossi. Eu que não ganhei ainda nenhuma! De tempos para cá não estudo, ando descontente; o mestre, meu pae e minha mãe andam descontentes. Nem ao menos sinto prazer em divertir-me como d'antes, quando trabalhava de boa vontade; então deixava a mesa do trabalho e corria para os meus brinquedos cheio de alegria, como se não tivesse brincado durante um mez! Nem á mesa, com os meus, sinto a alegria de outr'ora. Trago sempre não sei que sombra no espirito, e ha uma voz

dentro em mim que me diz continuamente :— *Assim não vaes bem !*

Quando vejo, á tarde, passar pelas ruas tantos meninos que voltam do trabalho, no meio de grupos de operarios, cançados todos, mas alegres, a apressar o passo, impacientes por chegarem á casa para jantar, falando alto, rindo, batendo-se nos hombros uns dos outros, com as mãos negras de carvão ou brancas de cal, e penso em que elles trabalharam desde o romper do dia até aquella hora ; e em tantos outros, ainda mais pequenos, que passaram o dia inteiro em cima dos telhados, diante dos fornos, no meio de machinas, dentro d'agua ou debaixo da terra, não comendo mais que um bocado de pão... sinto uma immensa vergonha por não ter feito em todo aquelle tempo mais que rabiscar quatro paginazinhas, e de má vontade ! Ah ! estou descontente, muito descontente ! Vejo bem que meu pae está de mau humor, e com vontade de m'o dizer, mas penalisa-se e espera ainda. O meu querido pae, elle que trabalha tanto ! Tudo é teu, tudo o que vejo aqui, tudo o que toco, tudo o que me veste e me alimenta, tudo o que me ensina e me diverte, tudo é fructo do teu esforço, e eu não trabalho ! tudo te tem custado pensamentos, provações, desgostos, fadigas, e eu não me afadigo ! não, isto é uma injustiça, isto me fere o coração. Quero principiar desde hoje, quero entregar-me ao estudo como Stardi, com os punhos e dentes cerrados, com toda a força da minha vontade e com toda a força do meu coração ; hei de vencer o somno á noite, hei de levantar-me cedo de manhã, martellar a cabeça sem descanso, castigar a preguiça sem piedade, sem detença, afadigar-me, soffrer mesmo e cair doente, mas emfim acabar por uma vez com esta vida que se arrasta fraca, sem vontade, que me avilta, e entristece os outros.

Coragem ! ao trabalho ! ao trabalho toda a alma, todos os nervos. Ao trabalho, que me tornará outra vez

suave o descanso, divertidos os jogos e alegre o jantar ; ao trabalho, que me restituirá o bom sorriso de meu mestre e o beijo abençoado de meu pae !

① trem de ferro

Sexta-feira, 10.

Precossi veio hontem cá em casa com Garrone. Creio que, se fossem filhos de principes, não seriam acolhidos com mais festas. Garrone era a primeira vez que vinha, porque é um pouco urso, e envergonha-se de apparecer, por ser já crescido e estar ainda na classe elemental.

Fomos todos abrir-lhes a porta quando bateram ; Crossi não veio, porque lhe tinha finalmente chegado o pae da America, ausente havia seis annos. Minha mãe logo beijou Precossi, e meu pae apresentou-lhe Garrone, dizendo :

— Eil-o, aqui está ! Este não é sómente um bom rapaz, é um homem de bem.

Garrone curvou a grande cabeça rapada, rindo para mim ás escondidas. Precossi tinha a sua medalha, e estava contente porque o pae se poz novamente a trabalhar ; e já cinco dias ha que não se embriaga, desejando tel-o sempre na officina a fazer-lhe companhia ; e parece outro ! Pozemos-nos a brincar, e mostrei todos os meus brinquedos. Precossi ficou encantado diante do meu trem de ferro, com a machina que anda por si, dando-se-lhe corda ; nunca vira cousa assim, devorava com os olhos aquelles vagõezinhos vermelhos e amarellos.

Dei-lhe a chavezinha, para que elle tambem brincasse ; ajoelhou-se a brincar e não levantou mais a cabeça. Nunca o vi tão alegre ! e dizia sempre :— Desculpe-me !... desculpe-me !— a todo proposito, acenando com a mão, para que não fizessemos parar a machina. E depois pegava e tornava a pôr os vagõezinhos com mil cuidados, como se fossem de vidro ; tinha medo de em-

bacial-os com o halito, limpava-os e examinava-os por cima e por baixo, rindo-se sósinho. Nós todos em pé observavamos, olhávamos para aquelle pescoço fino, para as pobres orelhinhas, das quaes eu vira escorrer sangue, para o jaquetão com as mangas arregaçadas, d'onde saíam dous bracinhos de doente, que se haviam erguido tantas vezes para defender o rosto das pancadas.

Oh ! naquelle momento lhe deitaria aos pés todos os meus brinquedos e todos os meus livros, arrancaria da minha bocca o ultimo bocado de pão para dar-lhe ; ter-me-ia despido para vestil-o ; caíria de joelhos só para beijar-lhe as mãos.

Ao menos o trem quero lh'o dar — pensei eu ; mas era preciso pedir licença a meu pae. Nesse momento notei que me mettião um pedaço de papel na mão, olhei ; era escripto a lapis por meu pae, e dizia : «O teu trem agrada a Precossi. Elle não tem brinquedos. Teu coração nada te aconselha ?»

Peguei na machina logo e nos vagões com ambas as mãos, e puz-lhe tudo nos braços, dizendo :

— Toma tudo, é para ti.

Elle olhou para mim, sem nada comprehender.

— É para ti — disse eu — dou-te isso de presente.

Então elle olhou para meu pae e para minha mãe, ainda mais espantado, e perguntou-me :

— Mas por que ?

Meu pae disse-lhe :

— Henrique t'o dá porque é teu amigo, e porque te quer bem, para festejar tua medalha.

Precossi perguntou timidamente :

— Devo levar tudo para casa ?

— Certamente — respondemos todos.

Estava á porta e não ousava ir-se embora. Era feliz ! Pedia desculpa com os labios tremulos e sorridentes. Garrone ajudou-o a embrulhar o trem no lenço, e inclinándose deixou cair os biscoitos que lhe enchiam os bolsos.

— Tambem um dia — disse-me Precossi — hei de levar-te á officina para veres meu pae trabalhar, e hei de dar-te pregos.

Minha mãe poz uma flôrzinha na casa do jaquetão de Garrone, para que a dêsse a sua mamãe em seu nome.

Garrone disse com a sua voz muito grossa:

— Obrigado ! — mas isto sem levantar a cabeça. De dentro vinha illuminar-lhe os olhos a sua alma boa e nobre.

Soberba

Sabbado, 14.

E dizer que Carlos Nobis sacode sempre as mangas com affectação, quando, ao passar, Precossi o toca !

É a soberba em carne e osso, porque seu pae é rico. E todavia tambem o pae de Derossi é rico. Mas aquelle quizerater um banco só para si, porque receia que os outros o sujem, e olha para todos de cima para baixo, e sempre com um risinho de desprezo nos labios ; ai do que o encontrôa quando saimos dous a dous ! Por uma cousa atôa lança em rosto uma palavra injuriosa, ou ameaça com a vinda do pae á escola, apesar d'este lhe ter dado um bom lembrete, quando chamou de pobretão ao carvoeiro.

Nunca vi empafia igual ! Ninguem lhe fala, ninguem lhe diz adeus quando sae, e não ha um só que lhe explique a lição, quando não sabe. Tambem á pessoa alguma atura, e finge desprezar principalmente a Derossi, porque é o primeiro, e a Garrone, porque todos lhe querem bem. Derossi, porém, nem sequer olha para elle, e Garrone, quando lhe contaram que Nobis falava d'elle, respondeu :

—É de uma soberba tão estúpida, que nem merece os meus cachações.

Tambem Coretti, um dia em que zombou de seu barrete de pello de gato, lhe disse :

— Vae ter com Derossi, se queres aprender um pouco a ser delicado.

Hontem queixou-se ao mestre, porque o calabrez lhe tocara numa perna com o pé. O mestre perguntou ao calabrez :

— Fizeste-o de proposito ?

— Não, senhor — respondeu francamente.

E o mestre continuou : — É muito melindroso, Nobis ! — E Nobis com a sua cantilena : «Hei de dizer a meu pae».

Então o mestre irritou-se : — Seu pae não lhe ha de dar razão, como já fez de outras vezes — disse ; — na escola não ha senão o mestre que julga e castiga ; — e depois accrescentou com doçura : — Ora vamos, Nobis, mude de maneiras, seja bom e delicado com os seus companheiros.

— Veja que ha aqui filhos de operarios e de senhores ricos e pobres, e todos se amam e tratam-se como irmãos, como de feito são. Por que não ha de fazer como os outros ? Custava-lhe bem pouco fazer-se estimado de todos, e havia de andar mais satisfeito... Então, nada tem que responder-me ?

Nobis, que estivera ouvindo com o seu habitual risinho de desprezo, respondeu friamente : — Não, senhor.

— Bem, sente-se, disse-lhe o mestre. Lastimo-o, por que é um menino sem coração.

Parecia ter acabado tudo, mas o pedreirinho, que está no primeiro banco, voltou a sua carinha redonda para Nobis, que está no ultimo, fez-lhe um *focinho de lebre* tão bem feito e tão engraçado, que toda a classe caiu em gargalhadas. O mestre reprehendeu-o, mas viu-se obrigado a tapar a bocca com a mão para esconder o riso. Nobis tambem riu, mas era alvar o riso que lhe passara pelos labios.

As victimas do trabalho

Segunda-feira, 13.

Nobis pôde emparelhar com Franti ; não se commoveram esta manhã com o terrível espectáculo que nos passou diante dos olhos. Saindo da escola, estava eu com meu pae a ver uns poucos de gaiatos da segunda, que se atiravam de joelhos em terra, esfregando o gelo com as mantas e os barretes, para tornal-o mais escorregadio, quando vimos vir do extremo da rua uma multidão de gente apressada, todos sérios e como que espantados falando em voz baixa.

No centro vinham tres guardas municipaes, e por traz dos guardas dous homens que conduziam uma padiola.

Os meninos corriam de todos os lados e a multidão caminhava em direcção a nós. Sobre a padiola estava estendido um homem branco, muito branco, como um cadaver, com a cabeça caída sobre um hombro, os cabellos em desordem, ensanguentado, e saía-lhe sangue pela bocca e pelos ouvidos ; ao lado da padiola caminhava uma mulher que parecia louca, com uma criança nos braços a gritar, chorando de momento a momento.

— Morto ! Está morto ! exclamaram.

Seguia um rapaz com a pasta debaixo do braço, soluçando.

— Que foi que houve ? perguntou meu pae.

Alguem que estava perto, respondeu que um pedreiro caíra d'um quarto andar, quando trabalhava.

Os portadores da padiola descansaram um momento. Muitos voltaram o rosto horrorisados.

Vi a mestra da penna vermelha, que amparava a minha mestra da primeira superior, quasi desmaiada, e ao mesmo tempo senti que me tocavam no cotovelo.

Era o pedreirinho, pallido, que tremia da cabeça aos pés.

Pensava em seu pae.

Tambem me lembrei d'elle.

Felizmente tenho a alma em paz quando estou na escola, porque sei que meu pae está em casa sentado á escrevaninha, longe de qualquer perigo ; mas quantos de meus companheiros não pensam nos paes que trabalham sobre pontes altissimas ou perto das rodas das machinas, onde um gesto, um passo em falso, pôde custar-lhes a vida ! São como os filhos dos soldados que têm os paes na guerra. E o pedreirinho olhava, olhava cada vez mais, tremia ; e meu pae, reparando nelle, disse :

— Vae, vae para casa, vae para casa de teu pae, que lá o acharás bom e tranquillo, vae !

O pedreirinho foi-se, mas voltando-se para traz a cada passo. Entretanto a multidão poz-se de novo em movimento, e a mulher gemia, a cortar a alma : «Está morto ! Está morto !»

— Não, não, não está morto, diziam-lhe de todas as partes.

Mas a nada attendia e arrancava os cabellos. Nisto ouvi uma voz indignada que disse : Tu te ris ! e voltando-me vi um homem barbado a olhar para Franti, que ria ainda. Então o homem das barbas atirou-lhe o barrete ao meio da rua com um safanão, dizendo :

—Descobre-te, perverso, quando passa uma victima do trabalho.

A multidão havia já passado ; listrava a rua, ao meio, um longuissimo rastro de sangue.

O preso

Ah ! este é de certo o caso mais extraordinario de todo o anno.

Meu pae levou-me hontem de manhã aos arredores

de Moncalieri, onde ia ver uma chacara que se alugava para o verão proximo ; porque este anno não vamos mais para Chieri. Soube-se lá que quem tinha a chave era um mestre que serve de secretario ao senhorio. Mostrou-nos a casa toda, depois levou-nos ao seu gabinete, onde nos deu de beber. Havia sobre a escrevaninha, entre alguns côpos, um tinteiro de madeira em fôrma de funil, esculpido de modo singular. Vendo que meu pae o analysava, o homem disse-lhe :

— Este tinteiro me é muito precioso. Se o senhor soubesse a historia d'esse tinteiro... E contou-a.

— Annos ha, era mestre em Turim, e foi durante todo o inverno dar lições aos presos da cadeia. Dava aula na igreja da cadeia, que é um edificio redondo, tendo em torno pelas paredes altas e núas, vedadas por duas barras de ferro em cruz, janellinhas quadradas, a cada uma das quaes correspondia uma cella pequenina e apertada. Dava lições passeando pela igreja fria e escura, e os presos debruçavam-se naquellas aberturas, com os cadernos de encontro ás reixas; não se vendo mais que os rostos na sombra, rostos descarnados e tetricos, as barbas grisalhas e maltratadas, os olhos fixos de homicidas e de ladrões. Havia entre elles um, o n. 78, que era o mais attento de todos, estudava muito, e olhava para o mestre com os olhos cheios de respeito e gratidão.

Era um homem moço, de barba preta, mais desgraçado que perverso ; marceneiro que num impeto de colera tinha atirado com uma plaina contra o mestre, que o havia pouco antes reprehendido, ferindo-o mortalmente na cabeça, e por isso foi condemnado a alguns annos de prisão.

Em tres mezes tinha aprendido a ler e a escrever, e lia continuamente, e quanto mais aprendia, mais parecia tornar-se bom e arrepender-se do seu crime.

Um dia, ao terminar a lição, fez signal ao mestre para chegar-se á grade, e annunciou-lhe com tristeza

que na manhã seguinte partiria de Turim para ir cumprir sentença num dos carceres de Veneza; e dizendo-lhe adeus, pediu com voz humilde e commovida que consentisse em lhe apertar a mão.

O mestre deu-lhe a mão, e elle a beijou soffrego e depois disse :

— Obrigado, muito obrigado.

E retirou-se. O mestre retirou a mão, que estava banhada de lagrimas. Depois d'isso nunca mais o viu.

Passaram-se seis annos.

Pensaria em tudo menos naquelle desgraçado, disse o mestre, quando hontem de manhã me apparece em casa um desconhecido, com uma barba preta, crescida, já com alguns fios brancos, mal vestido, que me perguntou:

— E o senhor mestre fulano de tal?...

— Quem é o senhor? perguntei-lhe.

— Sou o preso n. 78. Ensinou-me a ler e a escrever ha seis annos. Não se recorda? Na ultima lição deixou-me apertar-lhe a mão. Acabei de cumprir a minha sentença, e aqui estou para pedir-lhe que me faça o favor de acceitar uma lembrança minha, uma cousa que fiz na prisão. Não quer acceitar esta lembrança, senhor mestre?

Fiquei absorto sem poder falar. Elle pensava que eu não lhe queria acceitar a offerta, olhou para mim como se quizesse dizer: seis annos de soffrimento não são ainda bastantes para me purificarem as mãos? E olhou-me com tão viva expressão de dôr, que estendi logo a mão e tomei o tinteiro. Eil-o ahi, é esse.

Examinamos detidamente o tinteiro: parecia ter sido trabalhado com a ponta de um prego com extrema paciência; estava na parte superior esculpida uma penna atravessada sobre um caderno, e escripto em volta: « *Ao meu mestre. Lembrança do n. 78. Seis annos!* »

E por baixo em lettras miudas: « *Estudo e esperança.* » O mestre não disse mais nada e saímos.

Mas por todo o trajecto de Moncalieri a Turim não

podia sair-me da cabeça um momento aquelle prisioneiro debruçado na grade, aquelle adeus ao mestre e aquelle pobre tinteiro trabalhado no carcere, que dizia tantas cousas. Sonhei com elle de noite, e ainda esta manhã pensava nelle... Quão longe estava da surpresa que me esperava na escola !

Mal entrei e me sentei no meu novo banco ao lado de Derossi, e depois de escripto o problema de arithmetica para o exame mensal, contei ao meu companheiro toda a historia do condemnado e do tinteiro ; como o tinteiro era feito, e como tinha uma penna atravessada sobre o caderno, e aquillo que estava escripto em volta : *Seis annos !*

Derossi, a taes palavras, ficou estupefacto e principiou a olhar, ora para mim, ora para Crossi, o filho da quitandeira que estava no banco da frente com as costas voltadas para nós, todo abstracto a ver o seu problema.

— Sciui !... disse logo em voz baixa, agarrando-me por um braço. Não sabes ! Crossi disse-me ante-hontem que viu de relance um tinteiro de madeira nas mãos de seu pae, que chegou da America, um tinteiro afunilado feito á mão, com um caderno, uma penna e ains crição *Seis annos* ; e disse-me mais que o pae estivera na America, quando onde esteve foi na cadeia. Crossi era criança quando o pae commetteu o delicto, não se recordava, e a mãe trouxe-o sempre enganado ; elle tudo ignora. É preciso que nos não escape uma palavra a este respeito.

Fiquei mudo, com os olhos pregados em Crossi ; Derossi, resolvendo o problema, passou-lh'o por baixo do banco, deu-lhe uma folha de papel e tomou-lhe das mãos o *Enfermeiro de Tata*, historia mensal que o mestre lhe dá para copiar, com o fim de fazer por elle o trabalho ; e deu-lhe tambem pennas, acariciou-o, pousando-lhe brandamente as mãos nos hombros ; e fez com que eu lhe dêsse a minha palavra de honra de não dizer a

ninguem cousa alguma do que sabia. Quando saímos da escola, disse-me apressadamente :

Hontem o pae veio buscal-o, é provavel que tambem venha hoje. Procede como eu.

Na rua estava o pae de Crossi, um pouco retrahido a um canto ; era um homem de barba negra um tanto grisalha, mal vestido, de rosto macilento e pensativo. Derossi apertou a mão de Crossi de modo que todos o vissem bem, dizendo em voz alta : «Até á vista, Crossi !» e passou-lhe as mãos pelas faces.

Fiz o mesmo, mas, como Derossi, fiquei muito vermelho ; e o pae de Crossi olhou-nos attentamente com um olhar benevolo, mas em que transluzia a expressão irrequieta de suspeita, que nos gelou o coração.

O enfermeiro de Tata

(CONTO MENSAL)

Era uma manhã chuvosa de março. Um menino vestido de camponez, todo encharcado e enlameado, sobraçando uma trouxa de roupa, chegava ao *Hospital dos Peregrinos*, de Napoles, e perguntava ao porteiro por seu pae, apresentando ao mesmo tempo uma carta.

Tinha bello rosto oval, de um moreno pallido, olhos pensativos e dous grossos labios semiabertos, deixando ver a brancura dos dentes. Chegava de uma aldeia dos arredores de Napoles. O pae partira de casa havia um anno, para ir procurar trabalho em França, e voltára á Italia. Desembarcando em Napoles pouco antes e ahi adoecendo repentinamente, apenas tinha tido tempo de escrever algumas linhas á familia, annunciando-lhe a chegada e dizendo que baixava ao hospital. A mulher, afflicta com esta noticia, não podendo sair de casa, porque tinha uma filha enferma e outra de peito, mandára a Napoles o filho

mais velho com algum dinheiro no bolso, para ir fazer companhia ao pae, ao seu *Tata*, como lá se diz. O rapaz andára tres milhas. O porteiro passou os olhos pela carta, chamou um enfermeiro, e disse-lhe que conduzisse o rapaz ao pae.

— Que pae? perguntou o enfermeiro.

O menino tremendo com receio de uma triste noticia, disse o nome do pae. O enfermeiro não se recordava d'aquelle nome.

— Um velho operario que veio de fóra? perguntou.

— Sim, um operario, respondeu o rapaz cada vez mais ancioso, mas não é muito velho; veio de fóra, é verdade.

— E entrou no hospital, quando? perguntou o enfermeiro.

O rapaz correu os olhos pela carta, e disse:

— Ha cinco dias, creio.

O enfermeiro esteve a pensar um pouco, e depois, como que recordando-se de repente, disse:

— Ah! sim... no quarto salão... na ultima cama.

— Estará muito doente? Como está elle? — perguntou anciosamente o rapaz.

O enfermeiro olhou-o sem responder, e, passados momentos, disse:

— Vem commigo.

Subiram dous lances da escada, e, seguindo até o fim de um longo corredor, acharam-se em frente da porta aberta de um salão, onde se alongavam duas filas de leitos.

— Vem, repetiu o enfermeiro, entrando.

O rapaz cobrou animo e seguiu-o, lançando olhares receiosos para a direita e para a esquerda, sobre os rostos pallidos e cadavericos dos doentes, alguns dos quaes tinham os olhos fechados e pareciam mortos, e outros olhavam fixamente para o tecto com os olhos aber-

tos e espantados. Alguns gemiam como crianças. O salão estava escuro ; o ar, impregnado de um aroma forte de remedios.

Duas irmãs de caridade iam e vinham com garrafas de medicamentos. Chegando ao fundo do salão, o enfermeiro parou á cabeceira de um leito, e, abrindo as cortinas, disse :

— Aqui está teu pae.

O rapaz desatou a chorar, e, largando a trouxa, deixou cair a cabeça sobre o hombro do doente, agarrando-lhe com uma das mãos no braço que tinha estendido, immovel, sobre a coberta.

O doente não se mexeu. O rapazito levantou-se, olhou para o pae, e rompeu de novo em pranto.

Então o doente volveu-lhe um olhar longo, demorado e pareceu reconhecê-lo. Mas os seus labios não se moviam. Pobre Tata ! como estava mudado !

O filho não o teria reconhecido. Tinham-se-lhe branqueado os cabellos, crescera-lhe a barba ; inchara-lhe o rosto, tomando uma côr vermelha carregada, com a pelle esticada e lustrosa, os olhos esmorecidos, os labios grossos, a physionomia toda alterada ; de seu não tinha mais que a fronte e o arco das sobranceiras. Respirava difficilmente.

— Tata, meu Tata ! disse a criança, sou eu, não me conheces ! Sou Cecilio, o teu Cecilio, que veio agora de casa, e foi a mamãe que me mandou. Olha bem ! não me reconheces ? Dize-me uma palavra ao menos.

Mas o doente, depois de tel-o fixado attento, fechou os olhos.

— Tata ! Tata ! que tens ? olha, sou eu, sou o teu filho, o teu Cecilio.

O doente não se mexeu mais e continuou a respirar com ancia.

Então o rapaz, chorando, puxou uma cadeira, sentou-se e ficou esperando, sem levantar os olhos do rosto

do pae. Algum medico ha de vir á visita (pensava) e me dirá alguma cousa. E mergulhou-se nos seus tristes pensamentos, recordando tantas cousas do seu bom pae ; o dia da partida d'elle, quando lhe dera o ultimo adeus a bordo, as esperanças que fundára a familia naquella viagem, a tristeza de sua mãe á chegada da carta ; e pensou na morte d'elle, viu-o morto, a mãe vestida de preto, a familia na miseria. E esteve assim muito tempo.

Afinal sentiui tocarem-lhe de leve no hombro e estre-meceu ; era uma religiosa.

— Que tem meu pae ? perguntou-lhe logo.

— E teu pae ? disse a irmã docemente.

— É, sim, meu pae, e vim... Mas que tem elle ?

— Coragem, meu filho, respondeu a irmã, logo virá o medico. E foi-se embora sem dizer mais nada.

D'ahi a meia hora ouviu o toque de uma campainha, e viu entrar na extremidade do salão o medico, acompanhado de um assistente; seguiam-n'o uma irmã e um enfermeiro. Principiavam a visita, parando em cada leito. A espera parecia eterna ao rapaz, e a cada passo do medico lhe crescia a anciedade. Finalmente, chegára ao leito vizinho. O medico era um velho alto, já curvado, de ar grave. Antes que se afastasse do leito vizinho, o rapaz levantou-se ; e quando o medico se aproximou, poz-se a chorar. O medico olhou para elle.

— É o filho do doente — disse a irmã — chegou esta manhã da sua terra.

O medico passou-lhe a mão pelo hombro, e depois, inclinando-se sobre o doente, tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe a testa, e fez algumas perguntas á irmã, que respondeu:

— Nada de novo.

Ficou um momento pensativo, dizendo em seguida :

— Continue como eu disse.

Então o rapaz cobrou coragem e perguntou com a voz cheia de lagrimas :

— Que é que meu pae tem ?

— Cria animo, meu filho, respondeu o medico tornando a passar-lhe a mão pelos hombros. Teu pae tem uma erysipela na face. É grave, mas ainda ha esperanza. Assiste-o, que a tua presença ha de fazer-lhe bem.

— Mas elle não me reconhece ! exclamou o rapaz num tom angustioso.

— Ha de reconhecer-te... amanhã talvez. Esperemos sempre, e cria coragem.

O rapaz bem quizera perguntar mais, mas não se atreveu. O medico passou adiante. E o rapaz começou então a sua vida de enfermeiro. Não podendo fazer mais, arranjava as cobertas, tocava de vez em quando na mão do doente, enxotava-lhe as moscas, inclinava-se sobre elle a cada gemido ; e, quando a irmã lhe trazia o remedio, tirava-lhe da mão o copo ou a colher e em pessoa o ministrava. Encarava-o o doente uma vez ou outra ; mas não dava signal de reconhecê-lo. Apenas o seu olhar se detinha cada vez mais sobre elle, especialmente quando o via levar o lenço aos olhos. Assim passou o primeiro dia. A' noite o rapaz dormiu em cima de duas cadeiras, num canto da enfermaria, e de manhã recommçou o seu piedoso officio. Nesse dia pareceu-lhe que os olhos do doente principiavam a revelar uns começos de consciencia.

A' voz acariciadora do rapaz parecia que uma expressão vaga de gratidão lhe brilhava a momentos nas pupillas ; e de uma vez moveu um pouco os labios, como se quizesse dizer alguma cousa. Sempre depois de curta modorra, reabrindo os olhos, parecia procurar o seu pequeno enfermeiro. O medico, passando duas vezes, notou que ia melhorando. A' tarde, chegando-lhe um copo á bocca, o rapaz julgou ver desabrochar um ligeirissimo sorriso nos seus labios intumecidos. Principiou então a animar-se e a esperar. E suppondo que era comprehendido, emborá confusamente, falava-lhe, falava-lhe muito,

da mãe, das irmãs pequenas, da volta para casa, e animava-o com palavras amorosas e meigas.

E supposto duvidasse muitas vezes de ser realmente compreendido, no entanto falava-lhe sempre, porque lhe parecia que, embora o doente o não entendesse, ouviria com prazer a sua voz repassada d'uma intonação sem igual, de ternura e de tristeza. E assim passou-se o segundo dia, o terceiro, o quarto, numa alternativa de ligeiras melhoras e de recaídas; e o rapaz, alli, vivia absorto nos seus cuidados; apenas tomava duas vezes ao dia um pouco de pão e um pouco de queijo, que a irmã lhe levava, e nem dava fé do que se passava ao pé d'elle, nem dos enfermos moribundos, nem do correr inesperado das irmãs, de noite, nem do pranto e desespero dos visitantes que saíam sem esperanças. Todas aquellas scenas dolorosas e lugubres da vida d'um hospital, certo, em qualquer outra occasião o teriam aturdido e aterrorizado. E as horas e os dias iam-se indo, e elle sempre alli com o seu Tata, attento, solícito, tremendo a cada suspiro, a cada olhar, mobil, sem repouso, entre uma esperança que lhe consolava a alma e um desconforto que lhe confrangia o coração. No quinto dia, o doente repentinamente peiorou. O medico, interrogado, abanou a cabeça, como quem dizia estar tudo acabado, e o rapaz deixou-se cair sobre a cadeira, rompendo em soluços. E, comtudo, uma cousa o consolava. Comquanto peiorasse parecia-lhe que o doente lentamente ia readquirindo um pouco de intelligencia. Encarava o rapaz agora mais fixamente com uma expressão crescente de doçura não queria beber nem tomar remedios a não ser pela mão d'elle; fazia muitas vezes o movimento forçado dos labios, como se quizesse pronunciar uma palavra, ás vezes de modo tal que o pequeno lhe segurava o braço violentamente, e, embalado por uma repentina esperança, dizia-lhe quasi com alegria: — Coragem! coragem, Tata! Has de ficar bom; iremos vêr mamãe, animo!

Justamente ás quatro horas da tarde entregava-se o rapaz a um d'aquelles impetos de ternura e de esperança, quando, ouvindo do outro lado da porta mais proxima da enfermaria, um rumor de passos, e logo em seguida em voz forte estas unicas palavras—Até á vista, irmã!—deu um pulo e soltou um grito suffocado, estrangulado na garganta. Ao mesmo tempo entrou na enfermaria um homem com uma grande trouxa na mão, seguido de uma irmã de caridade. O rapaz soltou um grito agudo e ficou pregado ao logar. O homem voltou-se, e encarando-o um momento:—Cecilio! exclamou. — E correu direito para elle. O rapaz caiu nos braços de seu pae, suffocado. As irmãs, os enfermeiros, o assistente, de todos os lados correram, e ficaram alli, estupefactos! O rapaz não podia falar.

— Oh! meu Cecilio! exclamou o pae, depois de ter olhado attentamente para o doente, beijando e tornando a beijar o rapaz, meu querido filho! Como! Pois conduziram-te á cama d'outro? Já desesperava de te não vêr. Bem sabia pela carta de tua mãe que vieras, pobre Cecilio! Ha quantos dias estás tu aqui? que confusão foi esta?... Estive vae não vae, mas sinto-me forte, sabes? E a mamãe? e a Conceiçãozinha? e o nenê? como vão todos? Saio já do hospital... vamos! Ah! meu Deus! quem o teria dito!

Ao rapaz custou-lhe balbuciar quatro palavras para dar noticia da familia, e depois:— Oh! como estou contente! Como estou satisfeito! Mas que dias horriveis tenho passado! E não cessava de beijar o pae.

Porém não se movia.

— Anda d'ahi! — disse-lhe o pae. Ainda esta tarde chegaremos a nossa casa... Vamos! e puxou-o para si. Mas o filho volveu o olhar para o doente.

— Então? vens ou não vens? perguntou-lhe o pae, espantado.

O rapaz dirigiu ainda um olhar ao enfermo, que na-

quelle momento abriu os olhos e fitou-o. Rebentou-lhe então d'alma uma torrente de palavras :

— Não, Tata, espera... vê... não posso... E aquelle velho que alli está ? Ha cinco dias que estou junto d'elle. Procura-me sempre com os olhos. E pensava que eras tu. Já lhe queria bem... Olha, sou quem lhe dá os remedios e sinto que me deseja sempre a seu lado ; agora está elle muito mal. Tem paciencia, mas não tenho animo, faz-me muita pena. Voltarei á casa amanhã ; deixa que fique aqui mais um pouco, não devo abandonal-o. Vê, vê de que maneira me está olhando ! Não sei quem é, mas sinto que me estima ; morreria só ; deixa-me ficar, meu querido Tata.

— Muito bem, meu rapaz ! gritou o assistente.

O pae ficou perplexo, olhou para o filho e depois para o enfermo.

— Mas... quem é elle ? perguntou.

— É um campones como o senhor, respondeu o assistente. Veio de fóra e entrou para o hospital no mesmo dia em que o senhor entrou, trouxeram-o aqui porque estava sem sentidos, e até agora nada pôde dizer. Tem talvez alguma familia distante, tem filhos, cuida talvez que este é algum dos seus.

O doente tinha sempre os olhos no rapaz. O pae disse a Cecilio : Fica !

— Não terá de ficar por muito tempo, murmurou o assistente.

— Fica, repetiu o pae, tens bom coração. Vou já á casa para livrar tua mãe de cuidados. Toma lá um escudo para as tuas necessidades. Adeus, meu querido filho ! Até á vista.

Abraçou-o, fitou-o, beijou-o de novo na testa, e partiu.

O rapaz voltou para a cabeceira da cama e o enfermo pareceu ficar mais consolado. Cecilio continuou a servir-lhe de enfermeiro, não chorando mais, mas com a mesma solicitude, a mesma paciencia que d'antes ; continuou a

dar-lhe de beber, a endireitar-lhe a roupa da cama, a acariciar-lhe as mãos, a falar-lhe com doçura, a animal-o; assistiu-lhe o dia todo, toda a noite, e estivera sempre ao lado d'elle todo o dia seguinte. O doente, porém, ia sempre a peor, o rosto tornára-se côr de violeta, a respiração pesada, a agitação augmentava sempre; da bocca saíam-lhe sons inarticulados e a inflamação tornava-se monstruosa. Na visita da tarde, o medico disse que não passaria d'aquella noite. Cecilio redobrou de cuidados e não o perdeu de vista um só minuto. O doente conservava sempre os olhos fitos nelle; movia ainda os labios de quando em quando, com grande esforço, como se quizesse dizer alguma cousa, e uma expressão de doçura extraordinaria illuminava-lhe de tempos a tempos os olhos, que se iam escurecendo e desmaiando aos poucos. Naquella noite, o rapaz velou-lhe á cabeceira até que viu através das janellas os primeiros alvares da aurora, e viu apparecer a irmã.

A irmã abeirou-se do leito, olhou um momento para o enfermo e saiu a passos rapidos, voltando logo com o medico assistente e com um enfermeiro que trazia uma lanterna.

— Está agonisando, disse o medico.

O rapaz tomou a mão do moribundo. Este abriu os olhos, fitou-o e tornou a fechá-los.

Nesse momento, pareceu ao rapaz ter sentido um aperto de mão, e exclamou:

— Apertou-me a mão!

O medico debruçou-se sobre o doente, observando-o, e ergueu-se logo. A irmã de caridade despregou da parede um crucifixo.

— Morreu! exclamou o rapaz.

— Vae, filho, respondeu o medico. A tua santa obra está terminada. Vae e sê feliz, que tu bem o mereces. Deus te protegerá. Adeus!

A irmã, que se afastára um momento, voltou com um

raminho de violetas, tirado d'um copo que estava na janella, e entregou-o ao rapaz, dizendo :

— Não tenho outra cousa para te dar, guarda bem isso, é uma lembrança do hospital.

— Obrigado, respondeu o rapaz tomando as flôres com uma das mãos e enxugando os olhos com a outra ; mas tenho tanto que caminhar a pé... que murcharão de certo ! E soltando as violetas, espalhou-as pelo leito, dizendo :

— Deixo-as em recordação ao meu pobre morto. Obrigado, irmã ; obrigado, senhor doutor. Depois, voltando-se para o morto : — Adeus ! E enquanto procurava o nome que lhe havia de dar, subiu-lhe do coração aos lábios o nome que lhe dera durante cinco dias :

— Adeus, pobre Tata !

Dizendo isso, metteno debaixo do braço a sua trouxa de roupa e, á passos lentos, extenuado, cansado, partiu. Pelo céu de ouro, a manhã vinha rompendo...

A officina

Sabbado, 18.

Precossi hontem á tarde veio lembrar-me a visita á sua officina, que é embaixo, na rua ; esta manhã saindo com meu pae, parámos lá um momento. Quando estavam já a entrar na officina, Garoffi, saía a correr com um embrulho na mão, e voava, enfunado o seu grande capote que lhe cobre os generos de trafico. Ah ! agora já sei onde vae buscar a limalha de ferro que troca por jornaes velhos ! o traficante do Garoffi !

Chegando á porta, vimos Precossi sentado sobre um monte de tijolos, a estudar a lição com o livro nos joelhos.

Levantou-se logo e fez-nos entrar.

Era um armazem cheio de pó de carvão, com as paredes todas cheias de martellos, tenazes, alavancas e ferra-

mentas de todas as fôrmas ; a um canto ardia rubro o fogo de uma forja, com um folle a soprar, movido por um menino. Precossi pae estava junto da bigorna, e um aprendiz sustentava uma barra de ferro mettida no fogo.

—Eil-o aqui, disse o ferreiro, apenas nos viu, tirando a carapuça, o bravo mocinho que faz presentes de trens de ferro... Com que então veio vêr trabalhar um pouco, não é verdade ? Pois vae já ser servido.

E, dizendo isto, sorria, e não tinha já aquelle aspecto sombrio, nem aquelles olhos vesgos d'outr'ora. O aprendiz apresentou-lhe uma longa vara de ferro, vermelha e candente numa ponta, e o ferreiro pol-a na bigorna. Estava fazendo uma d'essas grades em voluta, que servem de parapeito nos terraços. Levantou um grande martello e começou a bater, voltando a parte rubra ora de um, ora de outro lado, entre uma ponta e o centro da bigorna, girando com a vara de diversos modos ; era uma maravilha vêr como, sob golpes rapidos e certos, o ferro se encurvava e retorcia, e ia tomando aos poucos a fôrma graciosa, encrespada de uma flôr, como um pedaço de massa modelada á mão. E no emtanto o filho olhava para nós com certo ar altivo, como se quizesse dizer : Então, vêm como meu pae trabalha ! — Então, viu como trabalhei ? perguntou-me o ferreiro quando acabou, mostrando-me a vara de ferro que parecia o baculo de um bispo.

Depois pol-a de parte, e metteu outra vara no fogo.

— Na verdade, está muito bem feita, disse-lhe meu pae. E accrescentou : Com que então trabalha-se... hein ? Voltou a vontade antiga !

—Voltou, sim, respondeu o operario enxugando o suor e corando um pouco. E sabe quem m'a fez voltar ?

Meu pae fingiu que não o entendia. — Foi aquelle bom rapaz, disse o ferreiro apontando com o dedo para o filho, aquelle bom filho, que estudava honrando seu pae, emquanto que o pae andava na vadiagem e o tratava como um animal... Quando vi aquella medalha... Ah ! meu

magrizella mais fino que uma fatia de queijo, vem cá, vem cá, deixa lá vêr esse focinho.

O rapaz correu direito a elle, e o ferreiro pol-o em pé sobre a bigorna, segurando-o por debaixo dos braços e dizendo :

— Anda. Limpa um pouco a cara a este animalão de teu pae.

E então Precossi cobriu de beijos o rosto enfarruscado do pae, e ambos ficaram com a mesma cara toda tisnada.

— Ficas bem assim... disse-lhe o ferreiro, e tornou a apeal-o.

— Sim, muito bem, com certeza, Precossi ! exclamou meu pae, satisfeito.

E, feitas as despedidas ao ferreiro e ao filho, saímos. Já fóra, o pequeno Precossi disse-me :

— Desculpe-me — e mettem-me na algibeira um pacotinho de prégos. Convidei-o para vir ver de nossa casa o carnaval.

— Tu presenteaste-o com o teu trem de ferro (pelo caminho adiante, disse-me meu pae), fosse elle de ouro e carregado de perolas, ainda seria um pequeno presente para aquella santa creaturazinha, que fez nascer de novo o coração paterno.

O palhaçozinho

Segunda-feira, 20.

Toda a cidade está em reboição com o carnaval, que se vae acabando ; em todas as praças erguem-se barracas de saltimbancos e cavallinhos ; e temos debaixo da janella um circo de lona onde dá espectaculos uma pequena companhia veneziana com cinco cavallo. O circo é no meio da praça, e numa esquina ha tres carroções onde os saltimbancos dormem e se mascaram. São tres casas com

rodas, janellas e uma chaminé que fumega sempre, e entre as janellinhas vêm-se fraldas de crianças a seccar. Ha uma mulher que amamenta uma criança, cozinha e dança na corda. Pobre gente ! e para muitos o nome de saltimbanco é uma injuria ; e comtudo elles ganham o pão honestamente, divertindo aos mais. E quanto não se afa-digam !

Durante todo o dia correm do circo para as carroças, vestidos de malha, por este frio, e comem uns dous bocados, de fugida, ás carreiras, em pé, entre uma e outra representação ; ás vezes, quando está o circo cheio de gente, levanta-se uma ventania que arranca o toldo, apaga as luzes e adeus espectáculo ! e elles têm então de restituir o dinheiro e andam toda a noite a endireitar a barraca. Ha dous meninos que trabalham ; meu pae reconheceu o mais novo, quando atravessava a praça.

É filho do dono do circo, o mesmo que vimos fazer habilidades a cavallo, o anno passado, na praça Victor Manoel. Está crescido ; terá já oito annos, e é uma linda criança de carinha redonda, trigueira, muito viva, cabellos negros, em profusão de anneis que lhe caem em torno do chapéo afunilado.

Anda vestido de palhaço, mettido dentro de uma especie de sacco com mangas, branco, bordado de preto, e com sapatos de lona.

É um diabinho. Não ha quem não goste d'elle.

Faz tudo.

Vemol-o embrulhado num chale, de manhã cedo, levando leite para a sua casa de madeira ; depois vae buscar os cavallos á cocheira da rua Bertola, anda com o pequerrucho ao collo, transporta os arcos, os cavalletes, as barras e as cordas ; limpa e varre os carroções, accende o fogo ; e nos momentos de descanso está sempre agarrado á mãe. Meu pae vê-o sempre da janella, e fala muito d'elle e dos seus, que todos parecem ser bons e querem bem aos filhos.

Uma noite, fomos ao circo ; fazia frio, não havia quasi ninguem, e todavia o palhaçozinho fazia toda a diligencia por alegrar aquella pouca gente d'alli ; dava saltos mortaes, agarrava-se á cauda dos cavallos, caminhava com as pernas para o ar, sósinho, e cantava, sempre a rir-se com a sua carinha morena e bonitinha ; o pae que vestia casaca vermelha e calções brancos, de botas altas, chicote na mão, olhava-o ; mas estava triste. Meu pae teve pena d'elles, e falou a seu respeito, no dia seguinte, com o pintor Dellis, que veio visitar-nos. Aquella pobre gente mata-se a trabalhar e faz tão máu negocio ! Gostava tanto d'aquella criança ! Que se podia fazer em seu favor ?

O pintor teve uma lembrança.

— Escreve um bom artigo para a *Gazeta*, disse-lhe, tu que sabes escrever. Conta as proezas do palhaçozinho, e eu faço-lhe o retrato ; e como todos lêem a *Gazeta*, arranja-se-lhe, ao menos por uma vez, uma enchente.

E assim se deu. Meu pae escreveu um bello artigo cheio de graça, que contava tudo o que nós viamos da janella, e que dava vontade de conhecer e applaudir o pequeno artista, e o pintor esboçou um retrato muito parecido e gracioso, que saiu publicado no sabbado de tarde. E por isso, no espectáculo de domingo, correu ao circo grande multidão de curiosos.

Estava annuciado : — *Representação em beneficio do Palhaçozinho*—do Palhaçozinho, como lhe chamava a *Gazeta*. Meu pae levou-me para os primeiros logares. Junto á entrada haviam pregado a *Gazeta*. O circo estava repleto e muitos espectadores tinham o jornal na mão e mostravam-n'o ao beneficiado, que ria e pulava de um lado para outro, todo feliz. Tambem o director estava contente. Façam idéa ! Nunca jornal algum lhe fizera tanta honra, e a gaveta encheu-se. Meu pae sentou-se a meu lado, e entre os espectadores vimos pessoas conhecidas. O mestre de gymnastica, aquelle que andou com Garibaldi, estava

próximo á entrada dos cavallos ; e em frente a nós, nos segundos logares, o Pedreirinho, com a sua carinha redonda, sentado ao lado do gigante do pae ; e apenas me avistou, fez-me de lá o *focinho de lebre*. Um pouco mais adiante estava Garoffi, que contava os espectadores, calculando pelos dedos quanto poderia ter ganhado a companhia. Estava tambem nos logares de primeira ordem, pouco mais adiante de nós, o pobre Robetti, o que salvou a criança do bonde, com as suas muletas entre os joelhos, muito junto ao pae, capitão de artilheria, que lhe pousava a mão sobre o hombro. Principiou a representação.

O palhaçozinho fez o diabo a quatro em cima do cavallo, no trapezio e na corda, e sempre que saltava a baixo, todos davam palmas, e muitos lhe puxavam brincando pelos longos anneis do cabello. Depois deram sortes os outros funambulos, pelotiqueiros e picadores, vestidos de farrapos, numa scintillação de ouro e pedraria falsa. Mas quando o palhaçozinho não estava na praça, parecia que o publico se aborrecia. Em certo momento vi o mestre de gymnastica parado, perto da entrada dos cavallos; falava ao ouvido do director do circo e este logo correu a vista pelos espectadores, como se procurasse alguem.

E o seu olhar fixou-se em nós.

Meu pae entendeu e percebeu logo que o mestre dissera ser elle o auctor do artigo ; e para evitar agradecimentos, foi saindo, dizendo-me :

— Fica, Henrique, espero-te lá fóra.

O palhaçozinho, depois de ter trocado algumas palavras com o pae, fez ainda um exercicio, de pé sobre o cavallo, a galopar, trajou-se quatro vezes de peregrino, de marinheiro, de soldado e de acrobata, e todas as vezes que passava perto, olhava-me.

Depois, quando desceu, principiou a andar ao redor do circo com o chapéo de palhaço entre as mãos, e todos lhe iam atirando moedas e confeitos.

Eu tambem já tinha na mão dous vintens, mas quando chegou diante de mim, em vez de apresentar-me o chapéo, retirou-o, olhou-me e passou adiante.

Fiquei mortificado. Porque teria elle para commigo tal desconsideração ?

A representação acabou-se emfim, o director agradeceu ao publico e toda a gente se levantou, agglomerando-se na saída. Eu ia perdido na multidão, e estava já perto da rua, quando senti que me tocavam na mão. Voltei-me ; era o palhaçozinho com a sua bella carinha morena e os seus anneis de cabellos pretos, que sorria para mim, e tinha as mãos cheias de confeitos. Então comprehendí tudo :

— *Quererás, disse elle, acceitar estes confeitos do palhaçozinho ?*

Fiz com a cabeça que sim, e tirei uns tres ou quatro.

— *Então, accrescentou ainda, vae tambem um beijo ?*

— *Dá-me dous*, respondi, e apresentei-lhe a face

E elle limpou com a manga a cara enfarinhada, poz-me um braço em volta do pescoço e deu-me dous beijos nas faces :

— *Leva um para teu pae.*

O ultimo dia de carnaval

Terça-feira, 21.

Triste a scena que vimos hoje na corrida dos mascaras !

Acabou bem, felizmente, mas podia haver uma grande desgraça.

Na praça de S. Carlos, toda decorada de galhardetes amarelllos, vermelhos e brancos, atropellava-se uma grande multidão ; iam e vinham mascaras de todas as cores, rodavam carros dourados e embandeirados, em fôrma de

pavilhões, de theatrinhos e de barcos, cheios de arlequins e de guerreiros, de cozinheiros, de marinheiros e de pastorinhas ; era tal a confusão que nem se sabia para onde se devia olhar ; era um estrondear de trombetas, de clarins e pratos turcos que arrebetava os ouvidos, e os mascarados, dos carros, bebiam e cantavam, apostrophando a gente de pé, e as pessoas das janellas respondiam á queima-roupa, atirando com furia laranjas e confeitos ; e acima dos carros e da multidão, até aonde a vista chegava, viam-se fluctuar bandeirinhas, faiscar os capacetes, tremular os pennachos, agitarem-se enormes cabeças de papelão, toucados gigantescos, tubos enormes, armas extravagantes, tambores, cascaveis, barretes vermelhos e garrafas ; todos pareciam doidos ! Quando a nossa caruagem entrou na praça, ia adiante de nós um carro magnifico, tirado por quatro cavallos cobertos de gualdrapas recamadas de rosas artificiaes, sobre o qual iam quatorze ou quinze *senhores*, mascarados de gentis-homens da côrte de França, todos resplendentes de sedas, com cabelleiras brancas, chapêos de plumas debaixo do braço, espadim, laço de fitas e rendas ao peito ; bellissimo ! Cantavam todos juntos uma cançoneta franceza e lançavam doces ao povo, e o povo, gritando, batia palmas.

De repente, vimos á nossa esquerda um homem levantar ao ar, por cima das cabeças da multidão, uma criancinha de cinco ou seis annos, uma pobrezinha que chorava desesperadamente, agitando os braços em convulsões.

O homem abriu caminho até ao carro dos fidalgos, um d'estes inclinou-se, e o homem disse alto :

— Tome conta d'esta menina ; ella perdeu a mãe no meio da multidão ; traga-a nos braços, a mãe não estará longe e vel-a-á. Não ha outro meio.

O gentil-homem tomou a menina nos braços, e todos os outros cessaram de cantar ; a criança berrava e debatia-se ; elle tirou a mascara, e o carro continuou a

andar vagorosamente. Nesse momento, segundo depois nos disseram, na extremidade opposta da praça, uma pobre mulher rompia o povo, acotovelando, empurrando a todos e gritando :

— Maria ! Maria ! Maria ! Perdi a minha filhinha ! roubaram-n'a ! mataram-n'a ! minha pobre Maria !

Um quarto de hora havia que se estorcia e desesperava, andava de uma parte para outra, apertada pela multidão, que a custo se abria para ella passar. O fidalgo do carro, no entanto, tinha a criança apertada contra as fitas e as rendas do peito ; e girando a vista pela praça procurava socegar a pobre menina, que cobria o rosto com as mãos, não sabia onde estava, e soluçava de modo a cortar o coração. Estava commovido, e via-se bem que aquelles gritos lhe feriam dentro na alma.

Todos os seus companheiros offereciam á menina laranjas e confeitos, ella, porém, repellia tudo, cada vez mais espantada e convulsa.

— Procurem a mãe, gritava do carro, dirigindo-se ao povo. Procurem a mãe !

E todos se voltavam á direita e á esquerda, mas não se achava a mãe da criança. Finalmente, a poucos passos da embocadura da rua de Roma, viu-se uma mulher correr para o carro. Ah ! nunca mais poderei esquecel-a ! Nem parecia mais uma creatura humana, tinha os cabellos soltos, o rosto desfigurado, rotos os vestidos ; lançou-se, estertorando em gritos, que se não comprehendia bem se eram de alegria, de angustia ou de raiva, e estendeu as mãos fortes como duas garras para empolgar a filha. O carro parou.

— Eil-a, disse o gentil-homem apresentando a criança, e depois de a ter beijado, pôl-a nos braços da mãe, que a apertou ao seio com furia.

Mas uma das mãozinhas da criança ficou ainda alguns instantes presa ás mãos do fidalgo, e este, tirando então

do dedo um anel de ouro com um grande diamante, enfiou-o rapidamente no dedinho da criança.

— Toma ! será o teu dote de esposa.

A mãe quedou-se alli, pasma ; o povo rompeu em applausos, e elle tornou a pôr a mascara e os seus compa-nheiros recommçaram o canto. E o carro lentamente partiu, no meio de uma tempestade de palmas e de vivas.

Os meninos cégos

Quarta-feira, 22.

O meu mestre está muito doente, e mandaram para substituil-o o da 4^a classe, que fôra professor no Instituto dos Cégos ; é o mais velho de todos, tão branco que parece ter na cabeça uma cabelleira de algodão ; fala como se cantasse uma canção melancolica, mas fala bem e sabe muito. Mal entrou na escola, vendo um menino com um olho vendado, aproximou-se d'elle e perguntou-lhe o que tinha.

— Muito cuidado com os olhos, disse.

E então Derossi perguntou-lhe :

É verdade, senhor mestre, que o senhor já foi mestre dos cégos ?

— Fui, sim, por muitos annos.

E Derossi disse a meia voz :

— Conte-nos alguma cousa...

O mestre foi sentar-se à mesa.

Coretti disse alto : — O Instituto dos Cégos é na rua Nizza.

— Dizeis cégos, cégos... falou o mestre, como se dissesseis pobres ou que sei eu ? Compreendeis bem o significado d'essa palavra ? Reflecti um pouco ! cégos ! não ver cousa alguma nunca ! Não distinguir o dia da noite ; não ver o céu, nem o sol, nem os proprios paes, nada de tudo

aquillo que está em volta de nós e em que se toca ; viver immerso numa obscuridade perpetua, e como sepultado nas profundezas da terra ! Experimentae um momento, cerraes os olhos, e lembrae-vos de que podeis ficar sempre assim ; uma tortura subito vos tomará, e um terror a que vos seria impossivel resistir, obrigar-vos-ia a gritar e morre-rieis ou ficarieis loucos.

«E comtudo, pobrezinhas ! quando se entra pela primeira vez no Instituto dos Cegos, á hora do recreio, e se ouvem violinos e flautas de todas as partes e se os vêem falando alto e rindo, subindo e descendo escadas a passos apressados, girando livremente pelos corredores e dormitórios, ninguém dirá serem elles tão desventurados como realmente são.

«É preciso observal-os bem. Ha moços de dezaseis e dezoito annos, robustos e alegres, que soffrem a cegueira como que desenvoltos, e quasi despreoccupados ; mas comprehende-se pela expressão resentida e altiva dos rostos, que devem ter soffrido tremendamente antes de se resignarem áquella desventura. Ha outros de rosto pallido e suave, onde se vê uma grande resignação e adivinha-se que algumas vezes, em segredo, devam chorar ainda. Ah ! filhos meus ! Lembrae-vos de que alguns d'elles perderam a vista em poucos dias ; outros, depois de longos annos de martyrio e de muitas operações cirurgicas terriveis, e que muitos assim nasceram numa noite que nunca mais teve aurora para elles, e entraram no mundo como se entrassem num sepulcro immenso, e não sabem como seja formado o rosto humano !

«Imaginae quanto não terão soffrido, quanto ainda não devem soffrer, pensando assim confusamente na differença tremenda que existe entre elles que nada vêem e os outros que vêem tudo, perguntando a si mesmos : — « Por que esta differença. se não temos culpa alguma ? » Eu que tenho passado muitos annos entre elles, quando me lembro d'aquella escola, de todos aquelles olhos apagados

para sempre, de todas aquellas pupillas sem olhar e sem vida, e ólho depois para vós outros, parece-me impossivel que não sejaes todos felizes. Reparai, ha cerca de vinte e seis mil cegos, na Italia. Vinte e seis mil pessoas que não vêm a luz, entendei bem. Um exercito que gastaria quatro horas a desfilar debaixo de nossas janellas.»

O mestre calou-se; não se sentia nem uma respiração na escola. Derossi perguntou se era verdade que os cegos têm o tacto mais apurado do que nós.

—É verdade, sim, disse o mestre, todos os outros sentidos se aperfeiçoam nelles; a razão é que, devendo todos juntos supprir o da vista, são mais e melhor exercitados do que os d'aquelles que vêm.

« De manhã, nos dormitorios, pergunta um a outro :

— Faz sol ? e o que é mais ligeiro em vestir-se corre immediatamente ao pateo, agita as mãos no ar para sentir se ha calor de sol, e corre a dar a boa nova :

— Faz sol...

«Pela voz de qualquer pessoa fazem idéa da sua estatura. Nós avaliamos a coragem das pessoas pelos olhos; elles, pela voz; e recordam-se da intonação e do accento d'ella por muitos annos. Conhecem se numa sala está mais do que um individuo, ainda que um só fale e os outros se conservem immoveis. Conhecem pelo tacto se uma colher está pouco ou muito limpa. As crianças differencam a lã tingida d'aquella que tem a côr natural. Passando dous a dous pela rua distinguem quasi todas as lojas pelo cheiro, mesmo aquellas em que nós não sentimos cheiro algum. Jogam o pião e ouvindo o zunido que elle faz, girando, vão direitos apanhal-o, sem se enganarem.

« Correm com arcos, jogam a bola, saltam a corda, fazem cazinhas com pedras, colhem violetas como se as vissem; fazem estojos e cestinhas, entrancando palhas de varias côres, depressa e bem, tão exercitado têm elles o tacto ! O tacto é nelles a vista. Um dos maiores prazeres para elles, é o de apalpar, de apertar e de adivinhar a

fôrma dos objectos, tacteando-os. É commovente vel-os quando os levam ao museu industrial, onde lhes deixam pôr a mão em tudo quanto querem, e ver com que alegria se apoderam dos instrumentos geometricos, dos modelinhos de casas, de todos os instrumentos, e com que satisfação apalpam, esfregam e reviram entre as mãos todas as cousas para ver como são feitas ! E elles dizem — *ver.*»

Garoffi interrompeu o mestre para lhe perguntar se era verdade que os rapazes cégos aprendem a fazer contas, melhor do que os outros.

— E verdade, sim, respondeu o mestre. Aprendem a fazer contas e a ler. Ha livros feitos de proposito com as letrâs em relevo ; passam-lhes os dedos por cima, reconhecem-as, dizem as palavras e lêem correctamente. E é preciso ver-se como elles, coitadinhos, córam quando commettem algum erro. E escrevem tambem, mas sem tinta ; escrevem sobre um papel grosso e duro com um ponteiro de metal, abrindo pontinhos agrupados, segundo um alphabeto especial, cujos signaes apparecem em relevo no verso do papel, de modo que, voltando o papel e passando os dedos por cima d'aquellas saliencias, lêem o que escreveram, e assim tambem o que os outros escrevem ; e dest'arte, fazem composições e correspondem-se.

« Pelo mesmo systema escrevem algarismos e fazem calculos. Calculam bem, de cór e com uma facilidade incrível, porque se não distraem com ver outras cousas como a nós succede. E se visseis como são apaixonados por ouvir lêr, como ficam attentos, e como depois se recordam de tudo ; como discutem uns com os outros — até os pequenos — acerca de cousas de historia e de lingua, sentados todos aos quatro e aos cinco no mesmo banco, sem se voltarem uns para os outros, e conversando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto, em voz alta e todos juntos, sem perderem uma só palavra, de tal modo têm o ouvido agudo e prompto ! Dão mais importancia aos exames e afeiçoam-se mais aos mestres do que vós ; eu vol-o asseguro.

«Reconhecem o mestre pelos passos e pelo cheiro ; percebem se está de bom ou mau humor, se está doente ou são, e só pelo som de suas palavras ; querem muitos que elle lhes ponha a mão quando os anima e os louva, e apalpam-lhe tambem as mãos e os braços para exprimir-lhe a sua gratidão.

«E querem-se bem uns aos outros e são bons companheiros. Nas horas de recreio, os que se juntam em grupo são sempre os mesmos.

«Na secção das meninas, formam grupos, segundo os instrumentos que tocam, as violinistas, as pianistas e as que tocam flauta, e nunca se separam. Quando se affeioam, é difficil separal-os. Elles acham um grande conforto na amisade. Julgam-se sem paixão entre si. Têm uma noção clara e profunda do bem e do mal. Ninguem se exalta como elles contando um acto generoso ou um grande feito. »

Votini perguntou se tocavam bem.

—Amam a musica ardentemente, respondeu o mestre. Ella é a sua alegria e a sua vida, a musica. Crianças cégas, mal entram no *Instituto*, são capazes de estar tres horas immoveis, de pé, a ouvir tocar. Aprendem facilmente e tocam com paixão.

«Quando o mestre diz a algum que não tem vocação para a musica, esse passa grandes desgostos e mettê-se a estudar desesperadamente ! Ah ! se ouvisseis a musica lá dentro, se os visseis quando tocam, com a cabeça erguida, o sorriso nos labios, o rosto incendiado, tremulos de commoção, extaticos quasi, escutando, apanhando as harmonias que atiram na escuridão infinita que os circumda, comprehenderieis então que consolação divina é essa da musica !

«Regosijam-se e illuminam-se de felicidade quando um mestre lhes diz : — Tu serás um artista ! Para elles o primeiro na musica, o que sobresaie á todos no piano ou no violino, é como um rei, e amam-o e veneram-o !

«Se dous discutem, recorrem a aquelle como a juiz ; se dous amigos se desavêm, é elle quem os reconcilia. Os mais pequenos a quem elle ensina a tocar, tratam-o como pae. Antes de se irem deitar, vão todos dar-lhe as boas noites. E falam continuadamente de musica. Estão já na cama, de noite, tarde, quasi todos cansados do estudo e do trabalho e meio adormecidos, e discorrem ainda em voz baixa sobre operas, *maestros*, instrumentos e orchestra. E é um castigo bem grande para elles privar-os da leitura ou da lição de musica, e soffrem tanto, que quasi não ha coragem de castigal-os assim outra vez. O que a luz é para os nossos olhos, é a musica para o coração d'elles.»

Derossi perguntou se não se podia ir vel-os.

— Póde-se, sim, respondeu o mestre — mas vós, rapazes, não deveis lá ir por ora. Ireis mais tarde, quando estiverdes no caso de comprehender toda a piedade que elles merecem. É um espectáculo triste, meus filhos ! Vereis lá algumas vezes rapazes sentados junto a uma janella aberta gozando o ar fresco com a cara immovel, que parece que olham para a grande planicie verde e as bellas montanhas azues que nós vemos ; e ao pensar que nada vêem, e que nunca verão cousa alguma de toda essa immensa belleza, confrange-se-lhes a alma, como se ficassem cegos naquélle mesmo instante. E ainda os cégos de nascença, nunca tendo visto o mundo, nada têm que lastimar, porque não têm a imagem de cousa nenhuma e excitam por isso menos compaixão. Mas ha rapazes cégos de poucos mezes, que se recordam ainda de tudo e avaliam bem tudo o que perderam ; esses têm mais a dôr de sentir que se lhes vão escurecendo na mente, dia por dia, as imagens mais queridas ; de sentir que se lhes vão morrendo e se apagando na memoria as pessoas mais amadas. Um d'estes dizia-me uma vez, com tristeza inexprimivel : — Quizera ter vista uma vez, um só momento apenas, para tornar a ver as feições de minha mãe, de que já não me lembro ! » E quando a mãe vae visital-os, põem-lhe as

mãos no rosto, apalpam-a muito desde a testa até ao queixo e as orelhas, para sentir como ella é feita ; quasi se não persuadem que não podem vel-a, e chamam-lhe pelo nome muitas vezes, como para rogar-lhe que se deixe ver, que se mostre uma vez ao menos. Quantos visitantes (mesmo aquelles de coração duro) não saem de lá chorando !

« E quando a gente sae d'alli parece ser nossa essa excepção, esse immerecido privilegio de ver os homens, as casas e o céo. Oh ! qualquer de vós, estou certo, saindo do Instituto dos Cegos, se sentiria disposto a privar-se um pouco da propria vista, para dar qualquer cousa, um vislumbre ao menos áquellas pobres crianças, a essas para quem o sol não tem luz, e as mães não tem semblantes. »

❶ mestre enfermo

Sabbado, 25.

Hoje de tarde, ao sair da escola, fui visitar o meu mestre doente. De muito trabalhar, adoeceu.

Cinco horas de lição por dia, mais uma hora de gymnastica, depois mais duas horas na escola nocturna, o que quer dizer dormir pouco, comer ás carreiras e esfalfar-se da manhã á noite !

E arruinou a saude. Assim disse minha mãe, que ficou esperando por mim em baixo, no portal ; subi só, e encontrei na escada o mestre das barbas grandes, pretas, Coatti, o que mette medo a todo o mundo e a ninguem castiga ; olhou para mim com os seus grandes olhos, e rugindo imitou, ao passar, a voz do leão, por brincadeira, mas sem se rir.

Ria-me ainda puxando a campainha, no quarto andar, mas fiquei logo triste, quando a criada me fez entrar numa pobre alcova, meio escura, onde estava o meu mes-

tre deitado, numa pequena cama de ferro ; tinha crescidas as barbas. Poz a mão sobre os olhos para ver melhor, e exclamou com a sua voz affectuosa :

— Olá, Henrique !

Aproximei-me do leito, e elle, pousando-me a mão em cima do hombro, disse :

— Muito bem, meu filho ! Fizeste bem em vir visitar o teu pobre mestre. Estou reduzido a este estado que vês, meu caro Henrique. Como vae a escola ? Como vão os companheiros ? Tudo bem, hein ? mesmo sem mim. Não faz por lá nenhuma falta o velho mestre, não é certo ?

Eu queria dizer que não, mas elle interrompeu :

— Sei bem que não me queres mal.

E suspirou.

Eu olhava para umas photographias suspensas á parede .

— Vês, disse-me, são todas de crianças que ha vinte annos para cá me têm dado os seus retratos. Uns bons rapazes ! são as minhas memorias da vida. Quando morrer, o meu derradeiro olhar dal-o-ei a elles, a todos esses vadios entre os quaes passei a minha existencia. Tu tambem me has de dar o teu retrato, não é verdade ? quando tiveres acabado os primeiros estudos.

Depois pegou d'uma laranja que tinha sobre a mesa de cabeceira e deu-m'a, dizendo :

— Não tenho outra cousa para dar-te. É um mimo de doente.

Eu olhava-o e tinha o coração triste, não sei porque.

— Olha lá, continuou a falar, espero escapar d'esta, mas se não melhorar mais, vê se te fazes mais forte na arithmetica, que é o teu fraco. Faze um esforço, não se trata senão de um pequeno esforço , porque ás vezes não é falta de aptidão, é um preconceito, é como se dissesse uma idéa fixa.

Mas, dizendo isto, respirava difficilmente, e via-se que soffria.

— Tenho uma ruim febre, disse suspirando; já vae a meio caminho. Nota o que te digo : insistir na arithmetica e nos problemas. Não os resolves á primeira? Descança um pouco e torna a principiar. Não consegues ainda? Recomeça novamente. Torna a descansar e torna a repetir. E assim por diante, mas tranquillamente, sem impaciencia. Vae. Recommendações a tua mamãe. E não tornes a subir estas escadas; havemos de nos vêr na escola; mas se assim não fôr, recorda-te algumas vezes do teu mestre da *terceira*, que foi muito teu amigo.

A essas palavras, não pude deixar de chorar.

— Chega-te cá, disse elle.

Inclinei a cabeça sobre o travesseiro, e elle beijou-me os cabellos. Depois disse :

— Vae ! — E voltou o rosto para a parede.

E voei pelas escadas abaixo. porque sentia necessidade de abraçar minha mãe.

A rua

Sabbado, 25.

Observava-te eu da janella, esta tarde quando voltavas da casa do mestre ; dêste um encontrão numa senhora. Toma cuidado quando andares pela rua. Alli tambem ha deveres. Se medes os teus passos e os teus gestos numa casa particular, porque não has de fazer o mesmo na rua, que é a casa de todos ? Repara, Henrique. Todas as vezes que encontrares um velho tropego, um pobre, uma mulher com uma criança nos braços, um aleijado com suas muletas, um homem com um fardo, uma familia vestida de luto, cede-lhe o passo com respeito; nós devemos respeitar a velhice, a miseria, o amor de mãe, a enfermidade, a fadiga e a morte.

Todas as vezes que vires uma pessoa de quem inapercebidamente se aproxima um carro, desvia-a se fôr uma criança, e avisa se fôr um homem ; pergunta sempre á cri-

ança sósinha que chora o que é que ella tem, e apanha a bengala do ancião que a deixa cair. Se dous meninos brigarem, separa-os ; se forem dous homens, afasta-te e não assistas ao espectáculo da violencia brutal que offende e endurece o coração. E quando passar um homem preso no meio de guardas, não ajuntes a tua curiosidade cruel á da multidão : elle pôde ser um innocente. Cessa de falar com o teu companheiro e de sorrir, quando encontrares uma maca de hospital, que conduz talvez um moribundo, ou um carro mortuario, porque amanhã um igual pôde sair de tua casa. Olha com reverencia para todos os meninos dos institutos, que passam dous a dous : são cegos, mudos, rachiticos, orphãos e crianças abandonadas ; e lembra-te que são a desventura e caridade humana que passam. Finge sempre não vêr o individuo que tem uma deformidade repugnante ou ridicula. Apaga sempre os phosphoros accesos que encontrares debaixo dos teus passos e que podem custar a vida a outros. Responde sempre com amabilidade ao transeunte que te perguntar onde fica uma rua. Não olhes para pessoa alguma rindo, nem corras sem necessidade, nem grites. Respeita a rua. A educação de um povo julga-se, antes de tudo, pelo comportamento d'esse povo na rua.

Onde vires a villania nas praças, encontrarás a villania dentro das casas. Estuda as ruas, estuda a cidade onde vives ; se amanhã fores forçado a deixal-a, has de alegrar-te tendo-a bem presente na memoria e podendo-a percorrer toda com o pensamento. A tua cidade, tua pequena patria, aquella que foi por tantos annos o teu mundo, onde dêste os primeiros passos ao lado de tua mãe ; onde experimentaste as primeiras impressões ; onde primeiro choraste e abriste o espirito ás primeiras idéas ; onde enfim tiveste os primeiros amigos : essa foi mãe para ti ; instruiu-te, protegeu-te. Estuda-a nas suas ruas e na sua gente, ama-a bem ; e quando ouvires injurial-a, defende-a.

Teu pae

MARÇO

As escolas nocturnas

Quarta-feira, 1.

Meu pae levou-me hontem ás escolas nocturnas da nossa secção Baretti, que estavam já todas illuminadas. Os operarios começavam a entrar.

Ao chegarmos encontrámos o director e os mestres aborrecidos, porque pouco antes haviam quebrado com uma pedra um vidro da janella. O bedel saiu á rua, e agarrou um menino que passava ; mas logo se apresentou Stardi, que mora defronte da escola, e disse :

— Não foi esse, vi com os meus olhos. Foi Franti quem atirou a pedra, e disse : “Ai de ti se contares alguma cousa ! ,, Mas não tenho medo d'elle.

O director declarou que Franti ia ser expulso para sempre. Entretanto ia eu olhando para os operarios que entravam aos dous e aos tres, juntos, e já lá havia mais de duzentos !

Não imaginava quanto era bella uma escola nocturna !

Havia moços de doze annos para cima e homens barbados, que vinham do trabalho, trazendo livros e cadernos, carpinteiros, foguistas com a cara negra, pedreiros com as mãos brancas de cal, serventes de pedreiros com os cabellos enfarinhados, e sentia-se o cheiro de verniz, de couros, de peixe, de azeite, de todos os officios. Entrou tambem uma companhia de operarios de artilheria, vestidos de soldados, conduzidos por um cabo. Enfileiraram-se todos, á pressa, nos bancos, tirando a taboa de baixo, onde

costumamos pôr os pés, curvando logo a cabeça sobre o trabalho. Alguns iam ao mestre pedir explicações com os cadernos abertos. Vi lá aquelle mestre, muito moço, que anda sempre muito bem vestido, o *Advogadinho*, com tres ou quatro operarios em volta da escrevaninha, fazendo-lhes correcções na escripta, e vi tambem aquelle outro côxo, que ria mostrando o tintureiro, que lhe levava um caderno todo manchado de tinta vermelha e azul.

Estava tambem o meu mestre, já restabelecido, e que deve voltar amanhã á escola. As portas da aula estavam abertas.

Fiquei maravilhado, quando principiaram as lições, ao ver como todos se conservavam attentos e de olhos fixos.

E comtudo a maior parte d'elles, dizia o director, por não chegarem tarde, nem ao menos passaram por casa para comer um bocado de pão, e tinham fome. Os pequenos, esses, depois de meia hora de escola, caíam de somno; alguns até adormeciam com a cabeça encostada á banca, e o mestre ia acordal-os, fazendo-lhes cócegas nas orelhas com a penna. Mas os grandes estavam bem despertos, com a bocca aberta, ouvindo a lição sem pestanejar.

A mim fazia-me impressão ver todos aquelles homens barbados nos nossos bancos. Subimos depois ao outro andar e, indo eu logo direito á porta da minha aula, vi, no meu lugar, um homem com grandes bigodes e uma das mãos entrapada, talvez por se ter ferido em alguma machina; e todavia procurava meios de escrever, de vagar. Mas o que mais me agradou, foi ver no lugar do Pedreirinho, exactamente no mesmo banco e no mesmo canto, seu pae, aquelle pedreiro grande como um gigante, que lá estava, sem poder mexer-se, com os cotovelos sobre o banco, a barba apoiada nos punhos e os olhos sobre o livro, tão attento que quasi nem respirava.

E não estava alli por simples coincidencia. Elle

proprio, na primeira noite que veio á escola, disse ao director :

— Senhor director, ha de fazer-me o prazer de collocar-me no lugar do meu *focinho de lebre*. (Porque assim é que elle chama ao filho...)

Meu pae entreteve-se alli até o fim, e ao sair vimos na rua muitas mulheres com crianças ao collo, que esperavam os maridos. Os operarios traziam os filhos nos braços e davam ás mulheres os livros e os cadernos, e assim iam para casa. A rua esteve por alguns momentos cheia de gente e de rumor. Depois caiu tudo em silencio, e não vimos mais que a figura esguia e curva do director que se ia embora.

A lucta

Domingo, 5.

Era de esperar : Franti, expulso pelo director, quiz vingar-se e esperou Stardi em uma esquina, depois da saída da escola, quando elle passava com a irmã, que vae buscar todos os dias a um Instituto da rua Dora Grossa. Minha irmã Sylvia, saindo do collegio, viu tudo e chegou á casa cheia de susto.

Eis o que aconteceu. Franti, com o seu barrete de oleado, achatado, á banda sobre uma orelha, correu nas pontas dos pés após de Stardi e, para o provocar, puxou pela trança dos cabellos da irmã; puxão tão forte, que quasi a deitou por terra, de costas.

A menina deu um grito e seu irmão voltou-se logo. Franti, que é muito mais alto e mais forte do que Stardi, pensava:—ou elle não respinga ou batel-o-ei a valer. Mas Stardi não se demorou a pensar, e, assim pequeno como é, arremessou-se de um salto sobre o grandalhão, e começou a socal-o; porém, como era menos possante, apanhava mais do que dava. Na rua não havia senão meninas e ninguem podia separal-os. Franti atirou-o ao chão,

porém Stardi ergueu-se logo e investiu de novo; mas Franti batia-lhe como numa porta; num momento arrançou-lhe metade de uma orelha, machucou-lhe um olho, e fez-lhe deitar sangue pelo nariz. Mas Stardi, forte, rugia:

—Mata-me; mas has de pagar-me.

E Franti, de cima, aos bofetões e ponta-pés; e Stardi, de baixo, correspondia com cabeçadas e murros.

Uma senhora gritou da janella:

—Bravo, rapaz!

Diziam outras:

—É um irmão que defende sua irmã... Coragem!
Dá-lhe, dá-lhe sem pena.

E gritavam a Franti:

—Perverso, covarde!

Franti estava furioso; passou-lhe uma rasteira, Stardi caiu por baixo d'elle.

—Rende-te!

—Não!

—Rende-te!

—Não! •

E num pulo conseguiu Stardi levantar-se, e, cingindo Franti pela cintura e fazendo um furioso esforço, atirou-o de costas na calçada, e poz-lhe um joelho no peito.

—Ai! que o infame puxa por uma faca! gritou um homem correndo para desarmar Franti.

Mas Stardi, fóra de si, já lhe tinha agarrado no braço com ambas as mãos e dado na mão uma tal mordidela, que a faca caíra-lhe, e da mão escorria sangue. Neste meio tempo, acudiram outros que os separaram e levantaram; Franti foi-se safando, muito maltratado; e Stardi ficou com a cara arranhada e um olho pisado, mas vencedor, alli, ao lado da irmã, que chorava, enquanto que algumas raparigas apanhavam os livros e os cadernos espalhados pela rua.

—Bravo!—diziam todos—defendeu sua irmã!

Mas Stardi occupava-se mais de sua carteira do que

da victoria, e poz-se logo a examinar, um por um, os livros e os cadernos, a vêr se tinha algum perdido ou roto ; limpou-os com a manga, guardou a penna, poz cada cousa em seu lugar ; depois, tranquillo e sério como sempre, disse á irmã :

—Vamos depressa, que tenho que resolver um problema das quatro operações.

Os parentes dos meninos

Segunda-feira, 6.

Esta manhã estava o grande Stardi, pae, á porta da escola, á espera do filho, com receio de que este se encontrasse outra vez com Franti. Mas Franti não apparecerá mais, dizem, porque vae ser preso. Entre outros via-se tambem o vendedor de lenha, o pae de Coretti, completo retrato do filho, esbelto, alegre, com os seus bigodinhos pontudos e uma fita de duas côres na casa do paletó. Eu já vou conhecendo quasi todos os paes dos rapazes, por vêl-os alli sempre. Ha uma avó, corcovada, de coifa branca, que vem quatro vezes ao dia, chova, nevisque ou haja tempestade, trazer e buscar um seu netinho da *primeira superior* ; péga-lhe no capote, enfia-lh'o, endireita-lhe a gravata, sacode-lhe a poeira, penteia-o e guarda-lhe os cadernos... Vê-se que ella não tem outra preocupação, nem vê cousa mais bella neste mundo. Tambem apparece muitas vezes o capitão de artilheria, pae de Robetti, aquelle das muletas que salvou a criança do omnibus ; e assim como todos os companheiros do filho o saudam ao passarem diante d'elle, tambem elle retribue do mesmo modo ; e não ha exemplo de esquecer-se d'um ;—inclina-se para todos ; e quanto mais pobres são e mal vestidos, mais satisfeito fica, e mais lhes agradece.

Mas ás vezes vêm-se cousas bem tristes.

Um senhor que não apparecia havia mais de mez, por que lhe morrera um filho, e mandava o outro pela criada voltando hontem pela primeira vez, e tornando a ver a classe e os companheiros de seu pequeno morto, romper em soluços, cobrindo o rosto com as mãos ; e o director, tomando-o por um braço, conduziu-o ao seu gabinete.

Ha paes e mães que conhecem pelos nomes todos os companheiros dos filhos, as meninas da escola vizinha e os estudantes do gymnasio que vêm esperar os irmãos.

Ha um senhor velho que foi coronel, e quando algum deixa cair um caderno ou uma penna, apanha e entrega-lh'a. Vê-se tambem senhoras bem vestidas, que falam a respeito da escola, com outras de *fichú* na cabeça e cesta no braço, e dizem :

— Ah ! foi terrivel, d'esta vez, o problema !

— A lição de grammatica parecia não ter fim hoje !

E quando ha um doente na classe, todos o sabem. quando o doente melhora, todos se alegram. Ainda esta manhã oito ou dez senhoras e operarios estavam em volta da mãe de Crossi, a quitandeira, a pedir-lhe noticias de um pobre pequeno da classe de meu irmão, que mora na mesma casa e está em perigo de vida. É que torna todos amigos e iguaes, a escola.

● numero 78

Quarta-feira. 8.

Hontem á tarde, vi uma scena commovente. Havia já muitos dias que a quitandeira, todas as vezes que passava por Derossi, olhava-o sempre com expressão de grande affecto ; isso porque Derossi, depois que fez a descoberta do tinteiro e do preso numero 78, principiou a estimar muito seu filho Crossi, o dos cabellos ruivos e do braço paralytico, ajudando-lhe a fazer o trabalho na escola, suggerindo-lhe as respostas e dando-lhe papel, pennas e lapis ; em summa, fazendo o que faria a um irmão, e isso para com-

pensal-o da desgraça que aconteceu ao pae e que elle nem sabe.

E por isso a quitandeira olhava com insistencia para Derossi ; parecia não poder desprender os olhos d'elle, porque é uma boa mulher que vive toda para o seu filho, a quem Derossi auxilia para que faça boa figura na aula. Derossi, que é um *senhor* e o primeiro da escola, parece-lhe um rei, um santo. Olhava sempre para ella, e parecia querer dizer-lhe alguma coisa, mas acanhava-se. Hontem de manhã, finalmente, encheu-se de coragem e fel-o parar diante de um portão, dizendo-lhe :

— Perdõe-me, *senhor*, que tão bom é, e tanto bem quer a meu filho, faça-me o prazer de acceitar esta pequena lembrança de uma pobre mãe (e tirou da cesta de hortaliça uma caixinha de cartão branco e dourado).

Derossi corou e recuou, dizendo resolutamente :

— Dê-a a seu filho, que eu não acceito nada.

A mulher ficou muito vexada e pediu desculpa balbuciando :

— Eu não pensava offendel-o ; a caixinha não tem senão caramelos.

Derossi continuou a dizer que não, abanando a cabeça. Então, timidamente, ella tirou da cesta um molhinho de rabanetes, e disse :

— Aceite-os que são muito fresquinhos ; faça favor de os levar á sua mamãe.

Derossi sorriu e respondeu :

— Muito obrigado, não acceito, não quero cousa alguma, e esteja certa que farei sempre o que poder por Crossi. Nada posso acceitar. Muito obrigado, e agradeço-lhe como se acceitasse.

Derossi disse-lhe que não, que não, sorrindo ; e seguiu o seu caminho, enquanto a mulher clamava toda contente :

— Oh ! que mocinho este ! Nunca vi nenhum tão bom, nem tão bonito assim !

Parecia tudo terminado, quando, ás quatro da tarde, em vez da mãe de Crossi, aproximou-se de Derossi o pae com o seu semblante pallido e melancolico, fel-o parar, e pelo modo porque o encarava comprehendi logo que suspeitava ter Derossi conhecimento do seu segredo.

Olhou-o fixamente, e disse com voz triste e affectuosa :

— Sei que estima muito meu filho. Por que lhe quer tanto bem ?

Derossi ficou com o rosto côr de fogo, e quizera responder-lhe : *Quero-lhe bem porque tem sido infeliz, e porque o senhor tambem tem sido talvez mais infeliz que culpado ; já expiou nobremente o seu crime e é um homem de coração ;* mas faltou-lhe a coragem para dizer-lhe isto, porque lá no seu intimo sentia ainda um certo receio e quasi repugnancia diante do homem que derramára o sangue de outro homem e estivera seis annos na prisão.

Mas o outro adivinhou tudo, e baixando a voz, disse ao ouvido de Derossi, quasi tremendo :

— Quer bem ao meu filho, mas não quer mal nem despreza o pae, não é verdade ?

— Ah ! não ! não ! pelo contrario, exclamou Derossi num impulso d'alma.

E então o homem fez um gesto violento, como quem desejava apertal-o nos braços, mas não ousou, e em vez de abraço, tomou entre os dedos um annel dos seus cabellos louros, desenrolando-o, e deixou-o ir seguindo o seu caminho ; depois levou a mão á bocca, beijou-a na palma, seguindo Derossi com os olhos humidos, como para dizer-lhe que era para elle aquelle beijo... Em seguida deu a mão ao filho, e foi-se embora a passos apressados.

O pequeno morto

Segunda-feira, 13.

O pequeno que morava no pateo da quitandeira, o da primeira superior, companheiro de meu irmão, morreu. A

mestra Delcati veio sabbado de tarde, toda afflicta, dar esta noticia ao mestre ; e logo Garrone e Coretti se offereceram para ajudar a levar o caixão.

Era um bello menino ; ainda na semana passada ganhára a medalha ; era muito amigo de meu irmão e tinha-lhe dado um mealheiro quebrado ; minha mãe fazia-lhe festá sempre que o encontrava. Trazia um barrete com duas listras de panno vermelho. O pae é carregador na estrada de ferro. Hontem á tarde, ás quatro e meia, fomos á sua casa para acompanhar o filho á igreja. Mora no rez do chão. No pateo estavam já muitos collegas da *primeira superior*, com as mães, e todas traziam suas velas, cinco ou seis mestras e alguns vizinhos. A mestra da penna vermelha e a Delcati tinham entrado ; e por uma janella aberta via-se que ellas choravam ; e via-se a mãe do pequeno que soluçava alto. Duas senhoras, mães de dous colleguinhas do morto, traziam grinaldas de flôres. A's cinco em ponto pozemo-nos a caminho. Ia adiante um rapaz que levava a cruz, depois um padre, atraz o caixão, um caixão pequenino — pobre criança ! — coberto com um panno preto, ao qual iam presas as grinaldas de flôres das duas senhoras. Do mesmo panno pendiam a medalha e tres menções honrosas que o pequeno ganhára durante o anno. Pegavam no caixão Garrone, Coretti e dous rapazes do pateo. Seguiam-n'o primeiro a Delcati, que chorava como se fosse elle seu filho ; atraz d'ella iam outras mestras, e logo depois d'estas, crianças, algumas das quaes muito pequeninas, e estas olhavam espantadas para o feretro, dando a mão ás mães, que levavam as velas por ellas. A uma ouvi que perguntava :

— Elle agora não volta mais á escola ?

Quando o caixão saiu do pateo, ouviu-se pela janella um grito desesperado. Era a mãezinha do morto ; mas logo a fizeram recolher-se. Chegando á rua encontrámos os alumnos de um collegio, que passavam dous a

dous, e vendo o feretro com a medalha e as mestras, todos se descobriram.

Pobre criança que foi dormir para sempre com a sua medalha ! Não o tornaremos a ver, o seu barretinho vermelho. Estava bom ainda ha pouco ; em quatro dias morreu !

No ultimo dia fez ainda um esforço para levantar-se e fazer o seu trabalhozinho de nomenclatura, e quiz que lhe pozessem a medalha em cima da cama com medo que lh'a furtassem.

Ninguem t'a furtará mais, pobre criança ! Adeus ! adeus ! A tua memoria não se apagará na secção Baretti, anjinho ! Dorme em paz.

A vespera de 14 de Março

Hoje foi um dia mais alegre que o de hontem. Treze de Março ! Vespera da distribuição dos premios no theatro Victor Manoel, a bella e grandiosa festa de todos os annos ! Mas d'esta vez não foram apanhados ao acaso os meninos que devem ir ao palco apresentar a lista dos premios aos senhores que os distribuem. O director veio esta manhã á hora da saída e disse :

— Meus filhos, uma boa noticia.

E em seguida chamou Coraci, o calabrez. Coraci levantou-se.

— Queres ir amanhã ao theatro apresentar a lista dos premios á auctoridade ?

O calabrez respondeu que sim.

— Está bem ; assim tambem a Calabria terá o seu representante, e é uma bella cousa.

O municipio quiz este anno que os dez ou doze meninos que têm de apresentar os premios sejam filhos de todas as partes da Italia, tirados das diversas secções das

escolas publicas. Temos vinte secções com cinco succursaes ; sete mil alumnos. Em tão crescido numero não foi difficil encontrar um rapaz de cada uma das regiões italianas. Da secção *Torquato Tasso* vêm dous representantes das ilhas, um sardo e um siciliano ; da escola *Boncompagni* vae um pequeno florentino, filho de um entalhador ; um romano, filho de Roma, da secção *Tommaseo* ; tambem ha venezianos, lombardos e romanholos ; da secção *Monviso* ha um napolitano, filho de um official ; nós damos um genovez e um calabrez, que és tu, Coraci. Serão doze com o piemontez. É bello, não vos parece ? Recebereis os premios das mãos dos vossos irmãos de todas as partes da Italia. Tomae sentido. Devem comparecer no palco todos os doze juntos. Recebei-os com applausos. São crianças, mas representam a patria como se foram homens. Uma pequena bandeira tricolor é symbolo da Italia, da mesma fórma que uma grande bandeira, não é verdade ? Applaudi-os, pois, calorosamente. Mostrae que tambem os vossos pequenos corações se inflammam, que tambem as vossas almas de dez annos se exaltam diante da imagem santa da patria. Depois de ter assim falado, retirou-se ; o mestre disse sorrindo :

— Com que então, Coraci, tu és o deputado da Calabria ?

E então todos começaram a bater palmas e a rir, e quando chegaram á rua cercaram Coraci, e agarrando-o pelas pernas, levaram-n'o em triumpho, gritando : — Viva ! viva o deputado da Calabria ! — Tudo por brincadeira, já se vê, e não por zombaria; eram expansões de coração, porque é uma criança estimada de todos : elle sorria. Assim o levaram até a esquina da rua, onde esbarraram com um sujeito de barbas pretas, que se poz a rir. O calabrez disse :

— É meu pae.

E nisto os rapazes deixaram-lhe o filho nos braços e foram, cada um para seu lado.

A distribuição dos premios

Março, 14.

Às duas horas, o enorme theatro estava cheio; platéa, galeria, camarotes, palco, tudo a transbordar ! Milhares de rostos ; meninos, senhoras, mestres, operarios, mulheres do povo, crianças ; era um agitar de cabeças e de mãos, um tremular de pennas, de laços de fita, de cabellos, um murmurio longo e festivo que causava alegria. O theatro estava todo guarnecido de festões de panno vermelho, branco e verde.

Na platéa haviam feito duas pequenas escadas : uma á direita, por onde os premiados deviam subir para o palco ; outra á esquerda, por onde os mesmos deviam descer depois de ter recebido o premio.

Á frente do palco havia duas ordens de poltronas vermelhas, e do espaldar da do centro pendiam duas corôazinhas de louro. Ao fundo, um tropheo de bandeiras ; de um lado, uma mesa com um panno verde, tendo em cima todos os premios atados com laços tricolores. A banda de musica estava na platéa, abaixo do palco. Os mestres e as mestras enchiam toda uma metade da primeira galeria, que fôra reservada para elles. Nos bancos e nas varandas da platéa, accumulavam-se centenaes de rapazes que deviam cantar e tinham a musica entre as mãos. No fundo e em torno, viam-se andar para um e outro lado mestres e mestras, que punham em fileira os premiados e havia uma quantidade enorme de parentes a dar-lhes a ultima penteadeira aos cabellos e o ultimo arranjo ás gravatinhas.

Apenas entrei com a minha familia no camarote, vi em outro, defronte, a mestrazinha da penna vermelha, que ria, com as suas bellas covinhas nas faces. e com ella a mestra de meu irmão, a *Freirinha*, toda vestidinha de preto, e a minha boa mestra da *primeira superior*, mas tão pallida, coitada ! tossia tão forte que se ouvia de um lado

a outro do theatro. Na platéa, descobri logo aquella querida cabeçorra de Garrone e a cabecinha loura de Nelli, encostada ao hombro d'aquelle. Um pouco mais adiante, vi Garroffi com o seu nariz de bico de coruja, atarefadamente, a recolher as listas impressas dos premiados, e tinha já um grande masso d'ellas para fazer o seu negocio. Sabel-o-emos amanhã.

Proximo a porta estava o vendedor de lenha com a mulher, vestidos de gala ao pé do filho, que tem um terceiro premio da *segunda*. Fiquei pasmado de lhe não vêr o barrete de pelle de gato e a jaqueta de malha côr de chocolate. D'esta vez estava vestido como um *fidalginho*. Numa galeria vi por um momento Votini, com um grande collarinho de rendas ; depois desapareceu. Em um camarote cheio de gente, junto ao proscenio estava o capitão de artilheria, pae de Robetti, aquelle das muletas que salvou a criança do *omnibus*.

Ao dar duas horas, a banda tocou e foram subindo pela escadinha o syndico, o prefeito, o assessor, o provedor e muitos outros *senhores*, todos vestidos de preto, que se assentaram nas poltronas vermelhas em frente do palco. A musica acabou de tocar. Veio então á frente o director da escola de canto com uma batuta na mão, e, a um signal seu, todos os meninos da platéa pozeram-se em pé, e a um outro aceno principiaram a cantar. Eram setecentos cantando uma lindissima canção, setecentos rapazes cantando juntos ; como é bello ! Todos os escutavam immoveis ; era um canto doce, limpido, vagaroso, que parecia cantico de igreja.

Quando acabaram, todos applaudiram. Depois fez-se silencio. A distribuição dos premios ia começar. Já se via na frente do palco o meu mestre da *segunda* com a sua cabeça ruiva e os seus olhos vivos, que devia lêr o nome dos premiados. Esperava-se que entrassem os doze rapazes para apresentar os attestados. Os jornaes tinham já dito que appareceriam filhos de todas as provincias da Italia ;

todos o sabiam e esperavam-os, olhando com curiosidade para o lado d'onde deviam entrar. O syndico e outros *senhores* aguardavam tambem a entrada d'elles ; todo o theatro estava mudo e silencioso.

De repente vêem-se marchar até o proscenio e parar alli, em fileira, todos os doze, sorrindo.

Tres mil pessoas, todo o theatro, se levantaram ao mesmo tempo, prorompendo num applauso que parecia um ribombar de trovão. Os rapazes ficaram um momento confusos e desconcertados.

— Eil-a, a Italia ! disse uma voz, no palco.

Reconheci logo Coraci, o calabrez, vestido de preto como sempre. Um vereador municipal que estava comnosco e conhecia a todos, ia-os indicando á minha mãe. Aquelle pequeno louro é o representante de Veneza, o romano é aquelle alto e frisado.

Havia dous ou tres vestidos fidalgamente, os outros eram filhos de operarios, mas todos limpos e aceiadinhos. O florentino, que era o mais pequenino, tinha uma faixa azul em volta da cintura. Passaram todos diante do syndico, que os beijava na fronte, emquanto um homem ao seu lado lhe dizia de vagar e sorrindo os només das cidades.

— Florença, Napoles, Bolonha, Palermo... E a cada um que passava, todo o theatro batia palmas. Depois correram todos á mesa verde em busca dos attestados, e o mestre principiou a lêr a lista, dizendo as secções, as classes e os nomes ; e os que iam ser premiados principiaram a sair e a desfilar.

Tinham apenas subido os primeiros, quando se ouviu por detraz do panno do fundo uma musica ligeira e harpejada de violinos que não cessou emquanto durou a desfilada, uma aria doce, sempre igual, que parecia o murmurio de muitas vozes carinhosas, vozes de todas as mães, de todos os mestres e de todas as mestras, num côro, todos juntos dando conselhos, rogando e fazendo amorosas advertencias.

E no emtanto os premiados passaram, um após outro, diante dos *senhores* sentados, que lhes entregavam os premios e diziam a todos uma palavra affectuosa ou faziam uma caricia. Os rapazes da platêa e da galeria applaudiam todas as vezes que passava algum muito pequeno, ou que pelos vestidos parecesse pobre, e tambem os que tinham cabelleiras encaracoladas ou estavam de vermelho ou de branco. Passaram alguns da primeira superior, que chegando alli atarantaram-se e não sabiam para onde se haviam de virar, e todo o theatro ria. Passou um de tres palmos de altura, que mal podia andar, com uma fita côr de rosa no hombro ; tropeçou no tapete, caiu e o prefeito levantou-o. Todos riram e deram palmas ; um outro resvalou pelas escadas até a platêa e ouviram-se gritos ; mas não lhe aconteceu mal algum. Passaram ainda outros muito differentes d'aquelles, rostos de traquinas, caras assustadiças, pequenos bufos que riam para todos e que mal chegavam á platêa eram detidos pelos paes e pelas mães, que d'alli a pouco os levavam para casa. Quando chegou a vez da nossa secção, então é que me diverti ! Passaram muitos dos meus conhecidos.

Passou Coretti, de roupa nova dos pés á cabeça, mostrando atravéz do sorriso alegre os dentes brancos ; e comtudo, quem sabe quantos feixes de lenha não tinha elle já carregado de manhã...

O syndico, ao dar-lhe o premio, perguntou-lhe o que era uma mancha vermelha que tinha na testa, e passou-lhe a mão sobre o hombro. Procurei com os olhos pela platêa o pae e a mãe, e lá os vi rindo e cobrindo a bocca com as mãos. Depois passou Derossi todo vestido de azul, com botões reluzentes e os cabellos de ouro em anneis, esbelto, agil, com a fronte alta, tão bello, tão sympathico, que a minha vontade era atirar-lhe um beijo ; e todos aquelles *senhores* falavam-lhe e apertavam-lhe as mãos. Depois o mestre gritou : — Julio Robetti ! e viu-se

chegar á frente, de muletas, o filho do capitão de artilheria. Centenares de rapazes sabiam do facto : a noticia espalhou-se num atomo, explodindo uma salva de applausos e de gritos, que fez estremecer o theatro; os homens levantaram-se todos, as senhoras começaram a agitar os lenços no ar, e aquella boa criança parou no meio do palco, aturdida, tremendo... O syndico chegou-o a si, dando-lhe o premio e um beijo, e tirando do espaldar da poltrona as duas coroazinhas de louro que alli estavam penduradas, enfiou-lh'as na travessinha das muletas.

E acompanhou-o até o camarote do proscenio, onde estava o capitão seu pae, que suspendeu o filho e passou-o para dentro, no meio de palmas, *bravos e vivas*.

E no emtanto, continuava a ouvir-se, ao longe, a musica ligeira e gentil dos violinos, e os meninos continuavam desfilando. Eram agora os da secção da *Consolata*, quasi todos filhos de vendedores do mercado; em seguida os da secção de *Vanchiglia*, filhos de operarios; vieram depois os da secção *Boncompagni*, dos quaes muitos são filhos de camponezes, e os da escola *Rayneri*, que foram os ultimos. Apenas havia acabado, os setecentos rapazes da platéa cantaram uma outra canção bellissima; depois o syndico falou, e em seguida o assessor, que terminou o discurso dizendo aos rapazes :

— Mas não saireis d'aqui sem saudardes aquelles que tanto se afadigaram por vós, que vos consagraram todas as forças da sua intelligencia e do seu coração, que vivem e morrem por vós. Eil-os ! e apontou para os mestres.

E então das galerias, dos camarotes e da platéa, todos os rapazes se levantaram e estenderam os braços gritando e saudando os mestres e mestras, que correspondiam agitando as mãos, os chapéos e os lenços, todos direitos, em pé, commovidos. Depois d'isso, a banda tocou mais uma vez; mais uma vez ainda o publico saudou ruidosa-

mente os doze meninos de todas as provincias da Italia, que se apresentaram no proscenio, enfileirados, de mãos dadas. sob uma chuva tempestuosa de flôres.

Litigio

Segunda-feira, 20.

Não por ter inveja do premio que Coretti ganhou, foi que briguei com elle esta manhã. Não, não foi por inveja. Mas eu tinha razão. O mestre tinha-o mandado para o meu lado, e eu estava a escrever no meu caderno de calligraphia ; elle tocou-me com o cotovelo, fiz um borrão e manchei tambem o original do conto mensal *Sangue Romanholo*, que tinha de copiar para o «Pedreirinho» que está doente. Zanguei-me e disse-lhe uma palavra feia ; elle respondeu-me sorrindo : — Não foi por querer.—Deveria acreditar-o, porque o conheço ; mas não gostei que elle risse e pensei : — Ah ! quem sabe se elle não está vaidoso por ter ganhado o premio !... — E pouco depois para vingar-me, dei-lhe um encontrão tão grande que fez estragar a pagina inteira.

Elle então, todo vermelho de raiva disse-me : — Tu sim, tu é que o fizeste de proposito.—E levantou a mão. O mestre viu e elle retirou-a logo. Mas accrescentou : — Espero-te lá fóra ! — Fiquei incommodado ; a raiva asseberbou-me ; mas eu arrependera-me.

Coretti não podia fazel-o senão involuntariamente. Elle é bom, pensei. Recordei-me logo de quando o vira em sua casa, como trabalhava e como servia de enfermeiro á mãe doente ; e depois, com que festa o recebi em minha casa e quanto elle agradeceu a meu pae.

Quanto não daria eu agora para lhe não ter dito aquella palavra, para lhe não ter feito aquella villania ! E pensava no conselho que me daria meu pae. — « Não tens razão ? Não, senhor. — Pois vae então pedir-lhe

desculpa.» Mas isso é que me não atrevia a fazer, porque tinha vergonha de humilhar-me. Olhava para elle de esquelha, via a jaqueta de malha descosida no hombro, talvez por ter carregado muita lenha, sentia que o estimava e dizia commigo : coragem ! Mas a palavra — *Desculpa-me* — ficava-me na garganta. Elle tambem olhava para mim, de revez, de tempos a tempos, e parecia-me mais atormentado do que enraivecido. Eu olhava-o tambem para mostrar que não tinha medo. Elle repetiu-me :

— Lá fóra falaremos.

E eu disse-lhe :

— Pois sim, lá fóra...

Mas lembrava-me do que meu pae me havia dito uma vez.

«Se não tens razão, defende-te, mas não batas», e dizia commigo : Defender-me-ei mas não baterei. Fiquei descontente, triste, e já nem mais dava attenção ao mestre. Emfim chegou o momento da saída. Quando estava só na rua, vi que elle me seguia. Parei e esperei-o com a regua na mão. Elle aproximou-se; levantei a regua.

— Não, Henrique disse elle com seu bom sorriso e acenando-me para baixar a regua.

— Sejamos amigos como d'antes.

Fiquei extatico um momento, senti-me como que empurrado, pelas costas e fui cair nos braços de Coretti. Beijou-me e disse :

— Nunca mais havemos de brigar, não é assim ?

— Nunca mais, nunca mais ! respondi.

E separamo-nos contentes.

Logo que cheguei a casa contei tudo a meu pae, julgando que lhe seria agradavel sabel-o; elle ficou serio e disse-me :

— Devias ser o primeiro a estender-lhe a mão, porque não tinhas razão alguma. Levantar a regua para um companheiro que é melhor do que tu e de mais a mais para o filho de um soldado!...

E arrancando-me a regua das mãos partiu-a em dous pedaços e atirou-os fóra.

Minha irmã

Segunda-feira, 20.

Porque, Henrique, depois que o papá te reprehendeu por te haveres comportado mal com Coretti, tiveste ainda aquella desatenção commigo? Nem imaginas a dôr que me causaste! Pois não sabes que quando eras criança estava eu horas e horas ao lado do teu berço, em vez de divertir-me com as minhas companheiras? que quando adormecias, levantava-me a todos os momentos da cama, de noite para ver se queimavas de febre? Não sabes que magôas tua irmã que te serviria de mãe e que te queria como a um filho, se uma desgraça tremenda nos fuisse a nós? Não sabes que, quando o papá e a mamã deixarem de existir, serei a tua melhor amiga, a unica com quem possas falar dos nossos mortos e da tua infancia, eu que, se fosse necessario, trabalharia por ti, Henrique, para ganhar-te o pão e fazer-te estudar? eu que te amarei sempre quando tu fores grande, que te estimei sempre quando estiveres longe, porque crescemos juntos e temos o mesmo sangue? Fica certo, ó Henrique, que quando fores homem e te acontecer uma desgraça e te vires só, fica certo de que me procurarás logo, virás ter commigo e me dirás: «Sylvia, minha irmã, deixa-me estar commigo, falemos de quando eramos felizes, lembra-te? falemos da nossa mãe e da nossa casa, d'aquelles bellos dias que já vão tão longe!» E tu, Henrique, acharás sempre tua irmã de braços abertos. Sim! meu querido Henrique, e perdôa-me tambem a censura que ora te faço. Eu não me lembrarei de nenhuma injustiça tua, e se mais desgostos me déres ainda, que importa! serás sempre do mesmo modo o meu irmão, e só me lembrarei de ter-te acalentado nos meus braços, creancinha, de ter amado commigo pae e mãe, de ter-te visto cres-

cer, e de ter sido por tantos annos a tua mais fiel compa-
nheira. Escreve-me, pois, hoje, uma phrase amiga sobre este
caderno, que eu desejo lêr antes da noite. E no entretanto,
para mostrar-te que não estou zangada contigo, vendo que
estavas cansado, copiei para ti o conto mensal «Sangue ro-
manholo» que querias copiar para o Pedreirinho doente ;
procura-o na gaveta do lado direito da tua mezinha. Escre-
vi-o todo esta noite, enquanto dormias. E agora, Henrique,
escreve-me uma palavra, eu t'o peço.

Tua irmã, Sylvia.

« Não sou digno de beijar-te as mãos.»

HENRIQUE.

Sangue romanholo

(CONTO MENSAL)

Naquella tarde a casa de Ferruccio estava mais soce-
gada que de costume. O pae, que possuia uma pequena
loja de marceneiro, tinha ido a Forli fazer compras, e a
mulher acompanhára-o com Luizinha, uma menina que ia
ao medico para operar-se de um olho doente, e não deviam
voltar senão na manhã seguinte. Faltava pouco para meia
noite. A mulher que viera fazer o serviço do dia fôra-se
embora ao escurecer.

Em casa só ficára a avó paralytica e Ferruccio, me-
nino de treze annos. Era uma czinha isolada ao rez do
chão, edificada sobre a estrada, a um tiro de espingarda
d'uma aldeia pouco distante de Forli, cidade da Roma-
nha ; e não havia ao lado senão uma casa deshabitada, ar-
ruinada dous mezes antes por um incendio, sobre a qual
pendia ainda a taboleta de uma hospedaria.

Por detraz da cazinha havia uma porta, cercada de uma sebe de espinhos para a qual dava tosca cancella rustica. A porta da venda, que servia igualmente de porta da casa, dava sobre a estrada. Em volta, estendia-se a campina solitaria, vastos campos lavrados e plantados de amoreiras.

Faltava pouco para a meia noite. Chovia e ventava. Ferruccio e a avó, ainda despertos, estavam na sala de jantar, entre a qual e a horta havia um quarto pequeno, atulhado de mobilia velha. Ferruccio só entrára em casa ás onze, depois de uma ausencia furtiva de muitas horas, e a avó esperava-o com os olhos abertos, cheia de anciedade, encravada numa poltrona sobre a qual costumava passar o dia todo e mesmo muitas noites, porque uma suffocação a opprimia, e nem a deixava estar deitada.

Chovia, e o vento ruflava nas vidraças com as bategas d'agua. A noite estava muito escura. Ferruccio entrára cansado e enlameado, com a jaqueta rasgada, e com pisadura de uma pedra natesta. Jogara pedradas com outros companheiros, e tinham vindo depois á unha, como de costume; e ainda por cima, tinha tambem jogado e perdido todo o dinheiro que possuia, e deixado cair o barrete num vallão. Posto que na cozinha não houvesse mais luz do que a que dava um pequeno candieiro de azeite, moribundo, no angulo da mesa, ao lado da poltrona, contudo logo a pobre velha percebeu o estado deploravel em que se achava o neto. Parte já o tinha adivinhado, o resto soube-o obrigando o rapaz a confessar.

Ella, a velhinha, amava o neto de todo o coração, e quando soube de tudo começou a chorar.

— Ah ! não ! disse depois de longo silencio. Tu não tens amizade alguma á tua pobre avó. Que coração é o teu para te aproveitares d'este modo da ausencia de teu pae e de tua mãe, para dar-me esses desesperos ! Todo o dia me deixaste só. Não tiveste pena de mim ! Toma sentido em ti, Ferruccio ; vaes indo por um máu caminho, que te con-

duzirá a um triste fim. Tenho visto outros que principiam como tu e acabaram mal. Começa-se a fugir de casa, a entrar em rixas com os outros rapazes, a perder o dinheiro no jogo ; depois, pouco a pouco, das pedradas passa-se ás facadas, do jogo aos outros vícios, e dos vícios ao roubo.

Ferruccio ficou a escutar a tres passos de distancia, teso, encostado a um armario, com o queixo sobre o peito, as sobrancelhas franzidas, abrazado, quente ainda do calor da lucta. Pelo meio da testa caía-lhe uma madeixa de cabellos castanhos, e tinha os olhos azues immoveis.

— Do jogo ao roubo, continuou a avózinha, as lagrimas correndo. Pensa bem nisto, Ferruccio. Pensa naquelle desgraçado, aqui vizinho, no Vito Mozzoni que anda agora na cidade feito um vagabundo ; que aos vinte e quatro annos já tinha estado duas vezes na cadeia, e matou de desgostos de coração a sua pobre mãe, que eu conheci, e fez o pae fugir para a Suissa, desesperado... Lembra-te d'esse infeliz a que teu pae se envergonha de comprimentar, sempre acompanhado de scelerados peiores do que elle, até o dia em que cair nas galés ! Pois bem, en o conheci bom rapaz ; principiou como tu. Por esse caminho levarás teu pae e tua mãe ao mesmo fim.

Ferruccio estava mudo. Não porque tivesse o coração duro, ao contrario ; as suas extravagancias derivavam mais da superabundancia de vida e de audacia, que de máus instinctos ; o pae acostumara-o mal, justamente porque, achando-lhe um character no fundo, capaz dos mais bellos sentimentos, e tendo provado ser de acção forte e generosa, deixara-o a redea solta, suppondo que tomaria juizo por si. Era antes bom do que máu, mas teimoso, e custava-lhe muito, mesmo quando tinha o coração opprimido pelo arrependimento, deixar fugir dos labios aquellas boas palavras que fazem perdoar :

« Sim, fiz mal, não o farei mais ; prometto, perdoe-me. »

Tinha ás vezes a alma cheia de ternura, mas o orgulho não lh'o deixava expandir.

— Oh ! Ferruccio, disse a avó vendo-o assim mudo, nem uma palavra de arrependimento me dizes ? vês a que estado estou reduzida ? Já me poderiam enterrar. Se tivesses coração, não me farias soffrer assim ; não obrigarias a chorar a mãe de tua mãe, velha já, perto do seu ultimo dia, a tua pobre avó que sempre te quiz tanto, que te embalava noites e noites inteiras, quando eras criança e que não dormia, só para te acalentar. Eu sempre dizia : este ha de ser a minha consolação ! E agora tu me matas, me consomes a vida, me fazes morrer. Como daria de boa vontade esta pouca de vida que me resta para ver-te bom e obediente, como o eras naquelle tempo, quando te conduzia ao sanctuario, lembras-te, Ferruccio ? Tu me enchias as algibeiras de pedrinhas e de folhas, e eu trazia-te para casa nos braços, adormecido. Nesse tempo, querias tu bem á tua pobre avó, mas agora que estou paralytica e tenho necessidade de affeição, como de ar para respirar, que não tenho mais nada no mundo, pobre mulher meio morta como já estou, Deus meu ! ...

Ferruccio, meio vencido pela commoção, ia lançar-se aos braços da avó, quando lhe pareceu ouvir um ligeiro rumor, um estalido no quarto proximo, que dava para a horta. Não pôde, porém, perceber, se eram as portas das janellas batendo impellidas pelo vento, ou se era outra qualquer cousa. Applicou o ouvido. A chuva caía. O rumor repetiu-se. A avó tambem o sentiu.

— Que será ? — perguntou ella, depois de um momento, perturbada.

— A chuva — respondeu o rapaz.

— Ora vamos, Ferruccio, — disse a velha, esfregando os olhos — promettes-me que has de ser bom, e que não mais has de fazer chorar a tua misera avó ?

Nisto um novo rumor ligeiro interrompeu-os.

— Mas... não me parece chuva! — exclamou empallidecendo... Vae ver. E accrescentou logo: Não, fica aqui — e agarrou-se ás mãos de Ferruccio.

Ficaram ambos com a respiração suspensa. Não ouviam senão o estrepito da agua.

Depois estremeceram ambos.

A um e outro pareceu sentir um arrastar de pés no quarto.

— Quem está ahi? — perguntou o rapaz, recobrando a voz a custo.

Ninguém respondeu.

— Quem está ahi? — tornou a perguntar Ferruccio, transido de susto.

Apenas pronunciadas aquellas palavras, os dous juntos soltaram um grito de horror! Dous homens appareceram repentinamente na sala; um agarrou o rapaz e tapou-lhe a bocca com a mão; o outro apertou a garganta da velha. O primeiro disse:

— Silencio, senão morres... — O segundo: Cala-te! — e levantou uma faca. Ambos traziam a cara tapada por um lenço escuro com dous buracos no logar dos olhos. Por um momento não se ouviu mais que a respiração penosa de todos os quatro, e o estalar da chuva lá fóra.

A velha dava gemidos cavernosos e tinha os olhos fóra das orbitas. Aquelle que segurava o rapaz disse-lhe ao ouvido:

— Onde teu pae tem o dinheiro?

— Acolá... no armario, respondeu o menino com um fio apenas de voz.

— Anda commigo, disse o ladrão.

E arrastou-o para a sala, apertando-lhe a garganta. No chão estava uma lanterna furta-fogo.

— Onde está o armario? perguntou.

O rapaz, suffocado, apontou para o armario. Então, para segurar bem a criança, o ladrão pôl-a de joelhos di-

ante do armario, apertando-lhe fortemente o pescoço com as pernas, de modo a poder suffocal-a, se gritasse; e segurando a faca entre os dentes, e a lanterna com uma das mãos, tirou do bolso com a outra um ferro aguçado, introduziu-o na fechadura, sondou, quebrou, escancarou as portas, remexeu furiosamente tudo, encheu as algibeiras, fechou, tornou a abrir, revolvendo tudo de novo; depois agarrou o rapaz pela garganta e trouxe-o de rasto até onde estava o companheiro, que ainda conservava subjugada a velha, convulsa, já com a cabeça caída e a bocca aberta.

Esse perguntou em voz baixa :

— Achou ?

O companheiro respondeu :

— Achei, accrescentando : — Espreita á porta.

O que estava segurando a velha correu á porta da horta a ver se estaria alguém, e disse de fóra com uma voz que parecia um assobio : — Vem !

O que tinha ficado e segurava ainda Ferruccio, mostrou a este a faca, e á velha que reabriu os olhos, disse :

— Nem uma palavra ! senão, volto atraz e corto-lhes o pescoço.

Nisto, ouviu-se ao longe pela estrada, um canto de muitas vozes. O ladrão voltára a cabeça subitamente para a porta e com aquelle movimento violento caíra-lhe o lenço da cara. A velha soltou um grito :

— Mozzoni !...

Maldita ! — rugiu o ladrão reconhecido, vaes morrer.

E lançou-se de faca em punho contra a velha, que desmaiára.

Mas com um movimento rapidissimo, soltando um grito desesperado, Ferruccio atira-se sobre a avó, cobrindo-a com o proprio corpo. O assassino fugiu, atirando ao chão a mesa e a lanterna, que logo se apagou. O rapaz es-corregou lentamente sobre a avó, e, caindo de joelhos, ficou naquella posição, com os braços em volta da cintura da paralytica e a cabeça no seio d'ella. Passaram-se assim

alguns momentos no meio da escuridão, e o canto dos aldeões ia-se perdendo ao longe pela campina. A velha tornára a si :

— Ferruccio ! — balbuciou ella, com voz apenas intelligivel, batendo os dentes.

— Avózinha ! respondeu o rapaz.

A velha fez um esforço para falar, mas o terror paralisara-lhe a lingua. Esteve um momento silenciosa, tremendo violentamente. Depois conseguiu perguntar :

— Já aqui não estão ?

— Não.

— Não me mataram — murmurou a velha com voz suffocada.

— Não, estás salva ! disse Ferruccio com voz fraca. Estás salva, querida avózinha. Roubaram dinheiro, mas papá tinha-o levado quasi todo comsigo.

A avó pôde respirar.

— Avó ! — disse Julio sempre de joelhos e apertando-a nos braços, querida avó ! Quer-me muito bem, não é ?

— Ferruccio ! meu pobre filho ! respondeu ella, correndo-lhe a mão pelos cabellos. Que susto não deves ter tido ! Oh ! Senhor de Misericordia ! ... Accende o candieiro, não fiquemos ás escuras, que ainda estou com medo.

— Avózinha ! continuou o rapaz — eu tenho-lhe dado muitos desgostos ...

— Não tens, não, Ferruccio, não digas essas cousas. Já esqueci tudo. e quero-te muito ! muito !,...

— Tenho lhe dado muitos desgostos, — repetiu Ferruccio, a custo, com voz tremula, mas olhe que sempre fui seu amigo. Perdoa-me, sim, avózinha ?

— Sim, filho, perdôo-te tudo, perdôo-te tudo, perdôo-te de todo o coração. Não estejas de joelhos, levanta-te, meu filho. Não te torno mais a ralhar. Tu és bom, muito bom ! Accendamos o candieiro. Tomemos um pouco de coragem. Levanta-te, Ferruccio.

— Obrigado, avózinha, — disse o rapaz com a voz

cada vez mais debil — agora já estou mais contente, e a avó ha de recordar-se de mim, não é verdade ? Ha de recordar-se sempre de mim, do seu Ferruccio.

— Meu filho ! exclamou ella, surprehendida e sobresaltada, apalpando e inclinando a cabeça para ver-lhe o rosto.

— Não te esqueças de mim — murmurou ainda o rapaz, cuja voz parecia um sopro. Dá um beijo a minha mãe..., a meu pae..., a Luizinha... Adeus, avózinha...

—Em nome do céu, que tens? — gritou a velha, apalpando anciosamente a cabeça do rapaz que repousava desamparada sobre os joelhos ; e com quanta força tinha, exclamou no maior desespero :

— Ferruccio ! Ferruccio ! meu querido filho ! meu querido filho ! meu amor ! Anjos do paraizo, valei-me !

Mas Ferruccio não respondeu mais. O pequeno heróe, o salvador da mãe de sua mãe, ferido com uma facada nas costas, entregará a Deus a sua bella alma corajosa.

O Pedreirinho moribundo

Segunda-feira, 27.

O pobre Pedreirinho está doente, e logo que o mestre disse que fossemos vê-lo, combinámos ir juntos, Garrone, Derossi e eu. Stardi vinha connosco, porém, como o mestre nos deu por trabalho a descripção do *Monumento a Cavour*, elle disse-nos que tinha de ir vê-lo para fazer a descripção mais exacta. Tambem para experimentar, convidámos o orgulhoso Nobis. Respondeu simplesmente : — Não.

Votini tambem se escusou, talvez com receio de manchar de cal o vestido. Fomos ás quatro horas ; chovia a cantaros. Em caminho, Garrone parou e disse :

— Que é que se ha de comprar ?

E fazia tilintar dous vintens na algibeira. Pozemos dous vintens cada um, e compramos tres laranjas grandes.

Subimos á agua furtada. Diante da porta, Derossi tirou a medalha e metteu-a no bolso... Perguntei-lhe porque, e elle respondeu :

— Não sei. É para não ter assim ares de... Parece-me mais delicado entrar sem a medalha.

Batemos e appareceu o pae, homenzarrão que parece um gigante. Trazia o rosto mudado e afflicto.

— Quem procuram ? — perguntou.

Garrone respondeu logo :

— Somos companheiros de escola do Antonio, e trazemos-lhe tres laranjas.

— Ah ! o meu pobre Toninho... — exclamou o pedreiro, sacudindo a cabeça — penso que não chegará a comer as vossas laranjas !

E limpou os olhos com as costas da mão... Fez-nos signal para que o acompanhassemos, e entrámos numa mansarda, onde vimos o Pedreirinho dormindo em um pequeno leito de ferro ; a mãe, debruçada sobre o leito, tinha o rosto entre as mãos, e voltou-se apenas para nos vêr. Na parede, viam-se penduradas algumas brochas, uma picareta e um crivo para cal ; aos pés do doente estava estendida a jaqueta do pedreiro, sarapintada de gesso. O pobre rapaz tinha emmagrecido ; estava pallido, com o nariz afilado, e tinha a respiração curta. Que pena me fez vêr naquelle estado o pobre Toninho, tão alegre e tão bom companheiro ! quanto não daria por tornar a vel-o fazer o *focinho de lebre* ! pobre Pedreirinho ! Garrone poz-lhe uma laranja em cima do travesseiro, mesmo ao pé do rosto ; o cheiro despertou-o, pegou nella, mas logo depois deixou-a cair e olhou fixo para Garrone.

— Sou eu — disse-lhe este — sou Garrone. Conheceme ?

Elle sorriu tão levemente que apenas se percebia, e

levantando a custo da cama a sua pequena mão deu-a a Garrone, que a tomou entre as suas, apoiando a face sobre ella, e disse-lhe :

— Coragem ! coragem ! Pedreirinho ! has de ficar bom depressa ! has de voltar á escola e o mestre ha de pôr-te junto de mim. Estás contente ?

O Pedreirinho não respondeu.

A mãe desatou em soluços.

— Ai! meu pobre Toninho! meu pobre Toninho! Tão meigo e tão bom ! e Deus quer arrebatá-lo !

— Socega, mulher, — exclamou o operario entristecido — socega pelo amor de Deus, ou eu perco a cabeça !

Depois disse-nos, com a voz presa na garganta :

— Vão... vão ! muito obrigado ! ... vão para casa, aqui nada podem fazer...

O pequeno tinha fechado os olhos e parecia morto.

— Precisa d'alguna cousa? perguntou Garrone.

— Não, meu filho, de nada preciso, muito obrigado — respondeu o pedreiro. — Vão para casa.

E dizendo isto, conduziu-nos até ao patamar e fechou a porta. Estavamos no meio da escada quando ouvimos gritar de cima :

— Garrone ! Garrone !

Tornamos a subir ás pressas todos os tres.

— Garrone ! . . . gritou o pedreiro, com o rosto mudado. — Chamou-te pelo nome... Ha dous dias que não falava... Disse duas vezes : Garrone ! Garrone ! — Quer vêr-te, vem depressa ! Deus queira que seja um bom signal !

— Até logo, disse-nos Garrone. Fico aqui.

E entrou com o pae.

Derossi tinha os olhos rasos de lagrimas, e eu perguntei-lhe :

— Choras pelo Pedreirinho ? Elle que já falou, ha de melhorar.

Tambem me parece... respondeu Derossi — mas não pensava agora nelle... Pensava em como é bôa e santa a alma de Garrone.

O Conde Cavour

Quarta-feira, 29.

É a descripção do monumento a Cavour que tu deves fazer. Descreve-o, pois. Mas quem foi o conde Cavour é que tu não podes comprehender por ora. Agora basta que saibas somente que foi elle por muitos annos o primeiro ministro do Piemonte ; foi elle quem mandou o exercito piemontez á Criméa, levantando com a victoria de Cernaia a nossa decaida gloria militar ; foi elle quem fez descer pelos Alpes cento e cincoenta mil francezes para expulsar os austriacos da Lombardia ; foi elle quem governou a Italia no periodo mais solemne da nossa revolução ; foi elle quem deu naquelles annos o mais poderoso impulso á santa empresa da unificação da patria ; elle, com o seu genio luminoso, com a sua constancia invencivel, com a sua actividade mais do que humana. Muitos generaes passaram horas afflictas no campo da batalha, mas elle passou-as bem mais terriveis no seu gabinete, quando a sua grande obra podia desmoronar-se de um momento para outro como fragil edificio a um abalo de terremoto. Horas e noites de luctas e de angustias elle as passou, saindo d'ellas com a razão desvairada e a morte no coração. Foi este gigantesco e tempestuoso trabalho que lhe abreviou vinte annos de vida ! E comtudo, devorado pela febre que o devia levar á sepultura, luctava ainda esforçadamente com a doença, para fazer alguma cousa, em prol da sua patria. — É estranho ! dizia dolorosamente no seu leito de morte, não posso, não sei mais lêr...

Emquanto lhe tiravam sangue e a febre augmentava, pensava elle na sua patria, e dizia imperiosamente :

—Curae-me ! meu espirito se obscurece, tenho necessidade de todas as minhas falcudades para tratar de negocios graves.

Quando chegou aos ultimos momentos e quando toda a cidade se agitava, ao rei, que estava á sua cabeceira, elle dizia com amargura :

—Tenho tantas cousas que dizer-vos, tantas cousas a revelar-vos, mas estou doente. . . não posso ! não posso !

E ficava em desespero. O seu pensamento febril eram os negocios do estado, as novas provincias italianas que se tinham unido a nós, e tantas cousas emfim que ficavam por fazer. Quando o delirio o assaltava :—Educae a infancia—gemia convulsamente,—educae a infancia e a mocidade ! governae com liberdade !

Crescia o delirio, a morte estava prestes e elle invocava ainda, com palavras ardentes, o general Garibaldi, com quem tivera desintelligencias ; Veneza e Roma, que não eram ainda livres ; tinha largas visões no futuro da Italia e da Europa ; sonhava uma invasão estrangeira ; perguntava onde estavam os corpos do exercito e os generaes. Tremia ainda por nós, pelo seu povo. A sua grande dôr não era, bem o vês, perder a vida ; mas era vêr fugir-lhe a patria que carecia ainda d'elle, e pela qual despendera em poucos annos as forças desmesuradas do seu vigoroso organismo. Morreu com o grito de batalha na garganta, e a sua morte foi grande como a sua vida. Agora pensa um pouco, Henrique, no que são os nossos trabalhos, que, no emtanto, nos pesam tanto ; no que são as nossas dôres, mesmo a nossa morte, em confronto com as fadigas, com as amarguras formidaveis, com as agonias tremendas d'aquelles homens em cujo coração pesa um mundo ! Pensa nisto, filho, e quando passares diante d'aquella imagem de marmore, dize-lhe de dentro da alma : — Gloria ! . . .

Teu pae.

ABRIL

A primavera

Sabbado, 1.

Primeiro de Abril ! Ainda tres mezes ! Esta foi uma das mais bellas manhãs do anno ! Eu estava contente na escola, porque Coretti tinha-me dito que fosse com elle e com o pae, depois d'amanhã, para vêr a chegada do rei, que o pae conhece ; e porque minha mãe tinha promettido levar-me no mesmo dia a visitar o Asylo Infantil de Corso Valdocco. Além d'isso estava satisfeito porque o Pedreiro está melhor, e porque hontem de tarde o mestre, passando, disse a meu pae : «Vae bem, vae bem.» Era uma linda manhã de primavera. Das janellas da escola via-se o céu azul, as arvores do jardim todas cobertas de rebentos, as janellas das casas, escancaradas, e os sotãos cheios de vasos verdejantes. O mestre não ria porque não ri nunca, mas estava de bom humor, e tanto que quasi se lhe não via a ruga direita pelo meio da testa. Explicava, gracejando, uma lição na ardosia. Via-se que sentia prazer em respirar o ar do jardim que entrava pelas janellas abertas, impregnado de um cheiro sadio, fresco, de terra e de folhas, que lembrava os passeios do campo. Enquanto explicava a lição, ouvia-se numa rua proxima um ferreiro batendo na bigorna, e na casa defronte uma mulher cantando para adormecer uma criança. Ao longe, no quartel da Cernaia, tocavam os clarins. Todos pareciam contentes, até o proprio Stardi.

Em certo momento, o ferreiro principiou a bater mais de rijo e a mulher a cantar mais alto. O mestre interrompeu a lição e poz-se a escutar. Depois disse lentamente, a olhar pelas janellas :

— O céo que sorri, uma mãe que canta, um operario honrado que trabalha, as crianças que estudam... Que bello que é!

Quando saímos da aula, observamos que tambem todos os outros estavam alegres, caminhando em filas, fazendo barulho com os pés, cantarolando como na vespera de umas ferias de quatro dias. As mestras gracejavam, e a da penna vermelha saltava atraz dos seus pequenos, como se fosse uma escolar ; os parentes dos meninos conversavam rindo, e a mãe de Crossi, a quitandeira, trazia na cesta muitos ramos de violetas que perfumavam todo o salão de entrada. Nunca senti tanta alegria como nesta manhã, ao ver minha mãe, que me esperava na rua, disse-lhe, indo ao seu encontro :

— Estou, mamãe, tão contente ! que será que me faz assim alegre esta manhã ?

E minha mãe respondeu-me, sorrindo, que era a bella estação e a bôa consciencia.

Rei Humberto

Segunda-feira, 3.

Ás dez em ponto, meu pae via da janella Coretti, o vendedor de lenha, e o filho, que me estavam esperando na praça, e disse-me :

— Elles lá estão, Henrique, anda vêr o teu rei.

Desci rapido como um raio. Pae e filho pareceram-me ainda mais alegres que do costume, e nunca me pareceu que se assemelhassem tanto um com o outro como nesta manhã. O pae trazia no paletó a medalha de valor, no

meio de duas *commemorativas*, e os bigodes frisados e aguçados como dous alfinetes. Pozemos-nos logo a caminho, em direcção á estação da estrada de ferro, onde o Rei devia chegar ás dez e meia. O pae de Coretti ia fumando cachimbo e esfregando as mãos.

— Sabeis — dizia — que o não tornei a vêr desde a guerra de sessenta e seis ? a bagatela de quinze annos e seis mezes ! Vi-o tres annos antes em França e depois em Mondovi; e aqui, que o poderia ter visto, nunca se deu o caso de achar-me na cidade quando elle vinha. Cousas do acaso.

Elle falava do rei Humberto como se tratasse de um camarada : *Humberto* commandava a 16.^a divisão... *Humberto* tinha vinte e dous annos e tantos dias... *Humberto* montava um cavallo assim e assim...

— Quinze annos ! dizia em voz alta, alongando o passo. Tenho muita vontade de o tornar a vêr ; deixei-o principe, vou encontral-o rei, mas quanto a isso tambem mudei eu: passei de soldado a vendedor de lenha. E ria-se.

O filho perguntou-lhe :

— Se o rei o vir ainda o conhecerá ?

— Tu és tolo, rapaz ! respondeu. Não faltava mais nada ! Humberto era um só, e nós eramos tantos como moscas. Então querias que elle estivesse a olhar-nos um por um ?

Desembocámos no *corso* Victor Manoel, onde havia muita gente em caminho da estação. Passava uma companhia de Alpinos, com os clarins, e passavam tambem dous carabineiros a cavallo e a galope ; o tempo estava magnifico.

— Sim, exclamou Coretti, animando-se. Sinto muito prazer em tornar a vêr o meu general de divisão. Ah ! como envelheci depressa ! Parece-me que ainda foi o outro dia que eu tinha a mochila ás costas e a espingarda na mão, no meio d'aquella balburdia, na manhã de 24 de Junho, quando estavamos para atacar á bayoneta ! Humberto ia

e vinha com os seus officiaes, emquanto o canhão troava ao longe; e todos olhavam para elle e diziam : «Que o não offenda alguma bala !» Bem longe estava eu de pensar que d'alli a instantes me acharia ao pé d'elle, em frente das lanças dos ulanos austriacos, a quatro passos um do outro, filhos ! estava um dia magnifico ! o céu como espelho, e um calor ! . . . Mas, vamos vêr se se pôde entrar.

Chegámos á estação, onde havia uma turba enorme ; carruagens, guardas, carabineiros, associações com estandartes. Tocava a banda de um regimento. O pae de Coretti quiz entrar no vestibulo, mas não lh'o consentiram. Tratou então de collocar-se na primeira fila do povo, que formava alas á saída, e, abrindo o caminho com os cotovelos, conseguiu levar-nos tambem para a frente. Mas aquella multidão, ondeando, empurrava-nos, ora para aqui, ora para alli. O vendedor de lenha lançava os olhos para o primeiro pilar do vestibulo, onde os guardas não deixavam estar ninguem. De repente disse :

— Vinde commigo.

E agarrando-nos pelas mãos atravessou em dous pulos o espaço vasio, e foi collocar-se lá com os hombros á parede. Correu logo um official de policia a dizer-lhe :

— Aqui não pôde entrar ninguem.

— Sou do quarto batalhão do 49, respondeu Coretti, apontando ao mesmo tempo para a medalha.

O official olhou-lhe o peito, e disse :

— Fique.

— Então, que disse eu ? exclamou Coretti triumphante ; são palavras magicas o *quarto do quarenta e nove* ! Pois não havia eu de ter o direito de vel-o um pouco á minha vontade, ao meu general, eu que estive no quadrado ! Se então o vi de perto, parece-me justo que o veja de perto agora. E digo general, mas o que elle foi por uma boa meia hora foi commandante do meu batalhão, emquanto estava no centro, e não o major Ulrich.

No emtanto, via-se no salão de entrada e cá fóra um

grande movimento de senhoras e de officiaes, e diante da porta enfileiravam-se carruagens, com os criados vestidos de vermelho.

Coretti perguntou ao pae se o principe Humberto tinha a espada na mão quando estava no quadrado.

— De certo, tinha a espada na mão para aparar alguma lançada, que tanto podia tocar a elle como a outro! Ah! os demonios desenfreados! Caíram-nos em cima como a ira de Deus! volteavam entre os grupos, os quadrados e os canhões que pareciam impellidos por um furacão, destruindo tudo. Era uma confusão de cavalleiros de Alexandria, de lanceiros de Foggia, de infantaria, de caçadores, um inferno que ninguem entendia. Eu ouvi gritar: «Alteza! Alteza!» e vendo aproximar-se as lanças caladas, descarregámos as espingardas, e uma nuvem de pó envolveu tudo. Depois a poeira rarefez-se e a terra estava juncada de cavallos e ulanos feridos e mortos. Voltei-me para traz e vi no meio de nós Humberto a cavallo, olhando em torno, com ar de quem perguntava: — Foi arranhado algum dos meus camaradas? — E nós gritamos — Viva! como doidos, mesmo ao pé d'elle. Deus! que momento aquelle!... Ahi chega o trem!

A banda tocou, os officiaes correram, a multidão levantou-se nas pontas dos pés.

— Não sae tão cedo... — disse um guarda. Ainda lhe vão fazer um discurso.

Coretti pae não cabia mais em si.

— Ah! quando penso nisto... estou mesmo a vel-o lá. Foi um bravo no tempo do cholera, e quando houve terremotos e todas essas cousas... mas eu o tenho na memoria como o vi então no meio de nós com a physionomia tranquilla! E estou certo de que tambem elle se recordará do quarto do 49, mesmo hoje que é rei, e que ficaria satisfeito se nos visse uma vez á mesa, a todos que o cercaram naquelles instantes. Temos agora, por cá, generaes, muitos galões e grandes *senhores*, mas lá não havia

senão soldados rasos. Ah ! se pudesse trocar com elle cara á cara quatro palavras ! O nosso general de vinte e dous annos, o nosso príncipe que estava então confiado ás nossas bayonetas ! Quinze annos ha que o não vejo !... O nosso Humberto ! E então esta musica faz-me ferver o sangue, palavra de honra !

Uma explosão de gritos interrompeu-o, milhares de chapéos se levantaram ao ar. Quatro *senhores* vestidos de preto subiram na primeira carruagem.

— É elle, gritou Coretti, e ficou como que encantado.

Depois balbuciou lentamente :

— Minha Nossa Senhora ! como elle está grisalho !

Todos tres nos descobrimos ; a carruagem caminhava vagarosamente pelo meio da multidão que gritava, e todos agitavam os chapéos. Olhei para Coretti pae.

Parecia-me outro ; parecia-me que crescera ; estava sério, um pouco pallido, direito, encostado á pilastra. A carruagem chegára diante de nós, a um passo de distancia.

— Viva ! gritaram muitas vozes.

— Viva !... gritou Coretti, depois dos outros.

O rei encarou-o de frente e fixou um momento a vista sobre as tres medalhas. Coretti então perdeu a cabeça e bradou :

— Quarto batalhão do 49 !

O rei, que se tinha voltado para o outro lado, tornou a olhar em direcção a nós, fixando muito Coretti ; estendeu a mão para fóra da carruagem, Coretti deu um salto para frente e apertou-lh'a. A carruagem passou, a multidão fechou-se, separando-nos, e perdemos um momento de vista Coretti, encontrando-o logo offegante, com os olhos humidos, chamando em volta pelo filho, e trazendo a mão muito erguida. O filho foi ao pae, e elle exclamou :

— Aqui, meu filho, que ainda tenho esta mão quente.

E passou-lh'a pelo rosto, dizendo :

— Ahi está uma carícia do rei.

E alli ficou como espantado, com os olhos fitos na carruagem que se ia afastando, com o cachimbo entre as mãos, no centro de um grupo de curiosos que o examinavam.

— Foi um do quadrado do 49, diziam.

— É um soldado que conhece o rei. Foi este quem lhe estendeu a mão.

— Apresentou uma petição ao rei—disse um mais alto.

— Não ! respondeu Coretti. Não apresentei petição alguma. Alguma cousa lhe daria eu, se elle m'a pedisse.

Todos olharam para o velho soldado.

E Coretti disse simplesmente :

— O meu sangue.

O asylo infantil

Terça-feira, 4.

Minha mãe, como me havia promettido, levou-me hontem depois do almoço ao asylo infantil de *corso* Valdocco, para recommendar á directora uma irmãzinha de Precossi. Eu nunca tinha visto um asylo e gostei muito.

Eram duzentas crianças, meninos e meninas, tão pequeninas, que os nossos da *primeira inferior* pareciam homens ao pé d'ellas. Chegámos justamente quando entravam enfileiradas para o refeitório, onde havia duas mesas muito compridas, cheias de buracos redondos, e em cada buraco uma tigela escura cheia d'arroz e de feijão, com uma colher de estanho ao lado.

Entrando, umas caíam, e estendiam-se ao comprido ; e alli ficavam estiradas até que alguma das mestras as fosse erguer. Muitas paravam diante de uma tijela, julgando ser alli o seu logar, e enguliam precipitadamente uma colherada. Quando chegava alguma mestra e dizia — Adiante — as crianças davam tres ou quatro passos, e

zás, outra colherada. Isto se repetia até que chegavam ao seu lugar, depois de terem comido ás furtadelas uma meia tigela.

Finalmente, á força de empurrões e gritos : — Aviem-se ! Despachem-se ! — pozeram-se todas em ordem e principiaram a rezar. Todas as das filas de dentro, que para rezar tinham de dar as costas á tijela, voltavam a cabeça para traz, e tinham-a sempre de olho, com receio de que a tirassem ; e assim rezavam com as mãos juntas os olhos no céu, mas o coração na *papa*.

Finalmente, principiaram a comer. Que curioso espectáculo ! uma comia com duas colheres, outra tomava a comida com as mãos ; umas apanhavam os feijões um a um, e encafuvavam-os no bolso ; outras apertavam-os na toalha e batiam-lhes em cima, reduzindo-os a massa. Algumas ficavam sem comer, vendo voar as moscas, e outras engasgavam-se, tossiam e espalhavam em volta uma chuva de arroz. Parecia um gallinheiro. Mas era engraçado. Faziam um bello effeito as duas filas de meninas, todas com os cabéllinhos atados no alto da cabeça com laços vermelhos, verdes e azues. Uma mestra perguntou a um grupo de seis meninas :

— Onde nasce o arroz ?

Todas as oito escancararam a bocca cheia de sopa, e responderam ao mesmo tempo, cantando :

— Nasce na agua.

Em seguida a mestra ordenou que todas levantassem as mãos. Então é que foi bonito vêr erguerem-se todos aquelles bracinhos que poucos mezes antes estavam ainda envoltos nas faixas infantis ; agitarem-se aquellas mãos pequeninas que pareciam outras tantas borboletas brancas e roseas. Depois saíram para o recreio, tendo antes tomado cada uma o seu cestinho que estava dependurado na parede, e dentro do qual levava cada uma a sua merenda. Saíram para o jardim, e espalharam-se, tirando para fóra dos cestos as provisões : pão, ameixas cozidas, um peda-

cinho de queijo, um ovo cozido, maçãs pequenas, grãos d'ervilha e uma aza de frango. Todo o jardim se cobriu num momento de migalhas, como se ahi se tivesse espalhado milho para um bando de passarinhos.

Comiam de todas as maneiras as mais extravagantes, parecendo coelhos, ou ratos e gatos, roendo, lambendo e chupando. Havia uma pequena que trazia ao peito um *gris-sino*, especie de biscoito longo e duro, e esfregava-o com uma nespera, como se estivesse polindo uma espada; algumas machucavam nas mãos queijinhos frescos, que lhes escorriam por entre os dedos que nem leite, passando-lhes para dentro das mangas, sem ellas darem por isso. Corriam umas atraz das outras, com os guardanapos e maçãs presas nos dentes, como câezinhos. Vi tres que remexiam uma palha dentro de um ovo cozido, julgando encontrar alli algum thesouro; espalhavam metade pelo chão, apanhando depois os bocadinhos, com grande paciencia, como se fossem perolas. Se alguma possuia qualquer cousa de extraordinario, era logo cercada por oito ou dez com as cabeças inclinadas a olharem para dentro do cestinho, como teriam olhado para a lua no fundo de um poço. Estavam talvez vinte em roda de um menino, todo cheio de si por ter na mão um cartuchinho de assucar; e todos a fazer-lhe negaças por vêr se conseguiam metter dentro o pão, e elle a uns deixava, mas a outros apenas consentia que mettessem o dedo para chupal-o depois.

Entretanto minha mãe, que tinha tambem vindo ao jardim, acariciava ora uma, ora outra. Muitas criancinhas andavam em volta d'ella a pedir-lhe beijos, com a carinha levantada para cima como se olhassem para um terceiro andar, abrindo e fechando a bocca como para pedir mamminha. Uma offerecia-lhe um gomo de laranja meio chupado, outra uma codeazinha de pão; uma menina deu-lhe uma folha, outra mostrou-lhe com grande seriedade a ponta de um dedo, onde, olhando com attenção, se via uma bolhazinha microscopica que fizera no dia anterior, che-

gando o dedo á chamma de um lampeão. Punham-lhe debaixo dos olhos, como grandes maravilhas, insectos pequenissimos, que nem sei como conseguiam vê-los e apanhal-os, rolhinhas de cortiça, botõezinhos de camisa e flôrezinhas arrancadas dos canteiros. Um pequerrucho com a cabeça amarrada de ataduras queria ser ouvido, por força, e tagarelava não sei que historia de uma cambalhota, de que se não entendia uma palavra. Outro quiz que minha mãe se curvasse e disse-lhe ao ouvido : — Meu pae faz escovas. — Em meio de tudo isso aconteciam aqui e alli mil desastrezinhos que faziam andar as mestras numa roda viva ; crianças que choravam porque não podiam desatar o nó de um lenço ; outras que disputavam a berros e unhadas duas pevides de maçãs ; um pequenino que tinha caído de bruços sobre uma cadeirinha tombada, e chorava em cima d'aquellas ruínas sem poder levantar-se.

Antes de sairmos, minha mãe agarrou pelos braços tres ou quatro, e então correram de todos os lados para se deixarem agarrar, com as carinhas sujas de gemas de ovos e de sumo de laranjas. Uma pegava-lhe das mãos, outra puxava-lhe pelo dedo para vêr o anel ; qual a puxar-lhe pela cadeia do relógio, qual a querer apanhar-lhe as tranças. — Cuidado ! — diziam as mestras — que lhe estragam o vestido ! — Minha mãe, sem se importar com o vestido, continuou a beijal-as, e ellas cada vez mais se agrupavam em torno d'ella ; as mais proximas estendendo os bracinhos como quem queria subir ; as de mais longe empurrando as outras para abrir caminho, e todas gritavam : adeus ! adeus ! adeus !

Emfim, minha mãe sempre pôde sair do jardim. Correram então todas a metter as cabecitas entre as grades da cancella para a verem passar e puzeram os braços de fóra para saudal-a, offerecendo ainda bocados de pão, pedacinhos de nespervas e cascas de queijo, todas na mesma gritaria.

— Adeus ! adeus ! adeus ! volta amanhã, vem outra vez, sim ?

Minha mãe ao passar correu a mão por aquellas cem mãozinhas abertas, como sobre uma grinalda de rosas vivas, e chegou desembaraçada á rua ; mas toda coberta de migalhas e de nodoas, amarrotada, desgrenhada, com uma das mãos cheia de flôres e os olhos cheios de lagrimas, contente, como se saísse de uma festa.

E lá dentro ouvia-se ainda um murmurio de vozes, como um longo pipilo de passaros que diziam :

— Adeus ! Adeus ! Vem outra vez !

Na gymnastica

Quarta-feira, 5.

Continuando o tempo bellissimo, fizeram-nos passar da gymnastica de salão para a dosapparelhos no jardim.

Garrone estava hontem no gabinete do director, quando chegou a mãe de Nelli, aquella senhora loura, vestida de preto, pedindo para que o filho, fosse dispensado dos novos exercicios. Cada palavra lhe custava um esforço, e falava pousando a mão sobre a cabeça do pequeno. — Elle não póde — dizia ella ao director. Mas Nelli mostrou-se muito magoado por ser excluido dos exercicios, e ainda mais por aquella humilhação...

— Mamãe, verás que eu faço como os outros ! dizia.

A mãe olhava-o em silencio, com um ar de piedade e de affecto. Depois observou com excitação :

— Receio que os seus companheiros...

Ella queria dizer : — Temo que riam d'elle.

— Não fazem nada ; está lá Garrone. Basta que elle se não ria.

Deixaram emfim que elle viesse. O mestre, o da cicatriz no pescoço, o que andou com Garibaldi, conduziu-nos logo aos mastros, que são muito altos ; era necessario trepar até acima, e ficar em pé sobre a prancha transversal. Derossi e Coretti andaram lá por cima como dous macacos ; Precossi tambem subiu com agilidade, apezar de embaraçado com aquelle jaquetão que lhe bate pelos joelhos ; e para vêr se o faziam rir emquanto subia, todos lhe repetiam o seu estribilho : — Desculpa-me, desculpa-me ! — Stardi bufava e ficava vermelho como um perú ; apertava os dentes que nem um cão damnado ; mas ainda mesmo com o perigo de arrebentar, havia de chegar até acima e chegou realmente ; Nobis quando se viu lá no alto, tomou uma postura de imperador. Mas Votini escorregou duas vezes apezar do seu vestido novo, de listrinhas azues, feito de proposito para gymnastica. Para subir mais facilmente , todos untaram as mãos com uma especie de breu, *colophonía*, como lhe chamam ; e sabe-se que é o negociante do Garoffi que a fornece em pó a todos, vendendo-a a vintem o cartucho, ganhando uma commissão. Depois tocou a vez de Garrone, que subiu mastigando pão, como se nada fosse, e creio que seria capaz de levar sobre os hombros qualquer de nós, tão corpulento e tão forte que é aquelle tourozinho ! Depois de Garrone, foi Nelli. Apenas o viram agarrar-se á barra com aquelles braços compridos e debeis, muitos começaram a rir e a zombar ; mas Garrone, encruzando os grossos braços sobre o peito, lançou em torno um olhar de tal modo expressivo, que dava mesmo a entender claramente que largaria, á primeira, quatro sopapos, mesmo em presença do mestre ; e todos cessaram de rir no mesmo instante. Nelli começou a trepar ; forcejava, coitado, fazia-se-lhe a cara arroxçada, respirava a custo e caía-lhe o suor pela testa.

O mestre disse-lhe — Desce — mas elle nada ! e esforçava-se ; obstinava-se, estava eu a vel-o de um momen-

to a outro resvalar por alli abaixo, meio morto. Pobre Nelli ! estava a lembrar quanto soffreria minha mãe se me visse assim na posição d'elle ! e pensando nisto e no bem que queria a Nelli, teria dado não sei o que, para vel-o acabar, e para ajudal-o de baixo, sem ser visto. Derossi e Coretti diziam, no emtanto :

— Acima, acima, Nelli ! força... mais um bocadinho, animo !...

E Nelli fez ainda um esforço violento, dando um gemido, e achou-se a dous palmos da prancha.

— Bravo ! — gritaram-lhe os outros. Coragem ! mais um impulso !...

E eis Nelli agarrando-se á prancha. Todos batiam palmas. — Bravo ! disse o mestre — mas agora basta ; desce.

Nelli, porém, quiz subir até acima como os outros, e com um pouco mais de esforço conseguiu por os cotovelos em cima da prancha, depois os joelhos, por ultimo os pés.

Por fim aprumou-se, offegante, e sorriu-nos.

Tornámos a dar palmas e então elle voltou-se para o lado da rua ; voltei-me tambem para o mesmo lado, e, através das plantas que marchetam a grade do jardim, vi a mãe d'elle que estava sobre o passeio, sem se atrever a olhar.

Nelli desceu e todos lhe fizeram muita festa ; estava excitado, corado, brilhavam-lhe os olhos e não parecia mais o mesmo.

Depois, á saída, quando a mãe lhe veio ao encontro, perguntou-lhe um pouco inquieta, abraçando-o :

— Então, meu pobre filhinho, que tal ? como te saístes ?

Todos os companheiros responderam a uma :

— Muito bem ! subiu como nós. É forte ! É agil ; fez tal qual como os outros.

Era de ver-se então a alegria d'aquella senhora.

Quiz agradecer-nos e não pôde... apertou a mão a

tres ou quatro, fez uma caricia a Garrone, e levando consigo o filho, vimol-os por um pedaço caminhar á pressa, discorrendo e gesticulando ambos, e ambos tão contentes como nunca vi tanta alegria.

O mestre de meu pae

Terça-feira, 11.

Que magnifico passeio dei com meu pae ! Foi assim. Ante-hontem ao jantar, meu pae lendo o jornal soltou de repente uma exclamação de surpresa. E disse :

— E eu que o julgava morto ha vinte annos ! Quem saber que é vivo ainda o meu primeiro mestre elementar, Vicente Crosetti, que tem hoje oitenta e quatro annos ? Leio aqui que o ministerio acaba de conferir-lhe a medalha de merito, por sessenta annos de professorado ! sessenta annos, comprehendes ? E apenas dous annos ha, que deixou de dar aula. Pobre Crosetti ! Mora a uma hora de caminho de ferro d'aqui, em Condove, na terra da nossa antiga jardineira da *villa* de Chieri.

E ajuntou :—Henrique ! Havemos ambos de ir vel-o.

E em toda a noite não falou de mais nada senão d'elle. O nome do seu mestre elementar trazia-lhe á memoria mil cousas de quando era menino, dos seus primeiros companheiros, de sua mãe já morta.

— Crosetti ! exclamava — tinha elle quarenta annos quando fui seu discipulo. Parece-me que o estou a vêr : um homemzinho já um pouco curvado, com os olhos claros e a cara sempre rapada. Era severo, mas de boas maneiras; amava-nos como pae, mas não nos perdoava uma falta. Era um simples camponez, e subiu assim á força de estudo e de privações. Um homem de bem. Minha mãe era-lhe muito afeiçoada, e meu pae tratava-o como a um amigo. Como foi de Turim metter-se em Condove ? ... De certo

não me conhecerá ; não importa, reconhecê-lo-ei. São passados quarenta e quatro annos. Henrique, iremos vel-o amanhã.

E hontem ás nove horas, estávamos já na estação da estrada de ferro de Susa. Eu bem queria que viesse também Garrone, mas não pôde, porque tinha a mãe doente.

Estava um bello dia de primavera. O trem corria por entre os prados verdejantes e sebes em flôr, e respirava-se um ar perfumado. Meu pae, contente, de quando em quando punha-me o braço em volta do pescoço e falava-me como a um amigo. E olhando para a campina :

— Pobre Crosetti ! dizia. Foi elle o primeiro homem que me acariciou e mais bem me fez, depois de meu pae. Nunca esqueci os seus bons conselhos, nem algumas das admoestações tão asperas que me faziam voltar á casa com um nó na garganta. Tinha as mãos grossas e curtas. Estou a vê-lo ainda, quando entrava na escola, pondo a bengala a um canto, e pendurando o capote no cabide, sempre da mesma fôrma. Todos os dias o mesmo humor ; sempre consciencioso, cheio de bôa vontade e attento, como se cada dia fosse o primeiro em que dava aula. Recordo-me, como se o estivesse ouvindo agora, quando elle se dirigia a mim. — Bottini, eia, Bottini ! olha que é o dedo indicador e o médio sobre a caneta. — Deve estar muito mudado depois de quarenta e quatro annos !

Apenas chegámos a Condove, fomos procurar a jardineira de Chieri que tem uma bodega num becco. Achamol-a com os seus meninos ; fez-nos muita festa, deu-nos noticias do marido, que deve voltar da Grecia, onde está a trabalhar ha tres annos, e da filha mais velha que está no *Instituto dos Surdos Mudos*, em Turim. Depois ensinou-nos o caminho para ir á casa do mestre, que é lá conhecido de todos.

Saimos da povoação e tomámos por uma ladeira íngreme, flanqueada de moitas em flôr. Meu pae ia calado, parecia todo absorto nas suas recordações, e de vez em

quando sorria e sacudia a cabeça. De repente parou, dizendo :

— Eil-o ! aposto que é elle.

Vinha descendo pelo atalho em direcção a nós um velho baixo, com a barba toda branca, chapéo grande, apoiando-se a uma bengala. Arrastava os pés, e tremiam-lhe as mãos.

— É elle, repetiu meu pae, apressando o passo.

Quando chegámos ao pé, parámos ; o velho parou também e olhou para meu pae. Tinha o rosto ainda fresco, e os olhos claros e vivos.

— O senhor é — perguntou meu pae, tirando o chapéo — o mestre Vicente Crosetti ?

O velho descobriu-se também e respondeu : — Sou eu — com a voz tremula, mas ainda cheia.

— Bem — disse meu pae, pegando-lhe na mão — permita a um seu antigo discipulo o prazer de apertar-lhe a mão, e perguntar-lhe como está. Vim de Turim para vel-o.

O velho olhou para elle, espantado, dizendo em seguida :

— Faz-me muita honra ; não sei... meu discipulo, desculpe-me... o seu nome por obsequio ?

Meu pae disse o nome — Alberto Bottini, o anno em que frequentára a sua escola e onde, accrescentando :

— O senhor não se recorda de mim, é natural, mas eu reconheço-o perfeitamente.

O mestre inclinou a cabeça, e olhava para o chão, pensando ; e duas ou tres vezes murmurou o nome de meu pae, que entretanto olhava para elle, com o olhar fixo, jovialmente. De repente, o velho levantou a cabeça, arregalou os olhos, e disse vagarosamente :

— Alberto Bottini... O filho do engenheiro Bottini ? aquelle que morava na praça Della Consolata ?

— Esse mesmo — respondeu meu pae, estendendo-lhe as mãos.

— Então... — disse o velho — permitta-me, caro senhor, permitta-me... e avançando um passo, abraçou meu pae ; a sua cabeça branca apenas lhe chegava ao hombro. Meu pae apoiou a face sobre a fronte d'elle.

— Tenha a bondade de vir commigo, disse o mestre. E sem falar, voltou-se e tomou o caminho que ia para casa.

Em poucos minutos chegamos a um terreiro, diante de uma pequena casa com duas portas e um pedaço de muro caído de branco.

O mestre abriu a porta e fez-nos entrar numa sala. Eram quatro paredes brancas. Num canto, um leito de cavallêtes com uma coberta de quadrinhos brancos e azues ; no outro, uma mesa com uma pequena estante, quatro cadeiras e uma velha carta geographica suspensa á parede. Sentia-se um cheiro agradável de maçãs.

Sentámos-nos todos os tres. Meu pae e o mestre olharam-se por alguns momentos em silencio.

— Bottini ! exclamou depois o mestre, fixando os olhos no chão de tijolos, que com o sol fazia o effeito de um taboleiro de xadrez. — «Agora me vou recordando bem ; a sua excellente mãe era tão bôa senhora ! No primeiro anno, estive o senhor no primeiro banco á esquerda, proximo da janella. Veja lá se me recordo. Estou a vêr ainda os seus cabellos em anneis». Depois estive um pouco a pensar. — «Era um rapaz muito vivo. No segundo anno, adoeceu de *crup*, recordo-me até de quando voltou á escola, muito magro, e embrulhado num chale. Já lá vão quarenta annos, não é verdade ? E que bondade tamanha em recordar-se e vir vêr o seu pobre mestre ! Já aqui têm vindo outros, meus antigos discipulos, visitar-me ; um coronel, alguns sacerdotes e varios senhores.»

Perguntou a meu pae qual era a sua profissão. E depois disse :

— Muito me alegre ! de todo o coração ! Agradeço-lhe muito. Ha já bastante tempo que não via nenhum an-

tigo discípulo, e receio bem que o senhor seja o ultimo, meu bom amigo.

— Para que diz isso ? exclamou meu pae — o senhor está bom e ainda robusto. Não deve falar assim.

— Oh ! não — respondeu o mestre — vê esta tremura — e mostrou as mãos. — Isto é máu signal. Appareceu-me esta molestia ha tres annos quando ainda dava aula. A principio não fiz caso, julguei que era incommodo passageiro ; mas, ao contrario, ficou e foi augmentando, até que um dia chegou em que não pude mais escrever. Ah ! aquelle dia, a primeira vez que fiz um borrão no caderno de um discípulo, foi um golpe para meu coração, caro senhor ; trabalhei ainda por algum tempo, mas afinal não pude mais. Depois de sessenta annos de ensino, devia dizer adeus á escola, aos rapazes, ao trabalho ! custou-me muito, custou-me muito. A ultima vez que dei licença, acompanharam-me todos a casa ; fizeram-me muita festa, mas eu estava muito triste, comprehendia que a minha vida estava acabada. Já um anno antes, tinha perdido minha mulher e meu unico filho ; ficaram-me apenas dous sobrinhos, camponeses. Agora vivo de algumas centenas de liras de pensão ; não faço mais nada. Os dias, parece-me que nunca se acabam. A minha occupação é folhear os meus livros velhos de escola, algumas collecções de jornaes escolares e um ou outro livrinho de que me têm feito presente. Estão alli, disse apontando para a pequena livraria, estão alli as minhas recordações e todo o meu passado. Nada mais me resta no mundo.

Depois, num tom improvisamente alegre :

— Quero fazer-lhe uma surpresa, meu caro senhor Bottini.

Levantou-se, aproximou-se da mesa, abriu uma gaveta onde estavam muitos pacotinhos, todos amarrados com um cordão, e sobre cada um d'elles via-se escripta uma data com quatro algarismos. Depois de ter procurado um pouco, abriu um, folheou muitos papeis, tirou uma fo-

lha amarellada, e apresentou-a a meu pae. Era trabalho de escola feito havia quarenta annos ! Em cima estava escripto : *8 de Abril de 1838. Alberto Bottini.* Meu pae conheceu logo a sua letra grande, de então, e poz-se a lêr sorrindo; mas, de repente, humedeceram-se-lhe os olhos. Levantei-me e fui perguntar-lhe o que tinha.

Passou-me um braço em volta da cinta, e, apertando-me ao peito, disse :

— Olha esta folha. Vês ? Estas são as correcções da minha pobre mãe. Ella engrossava-me sempre os *ll* e os *tt*. As ultimas linhas são todas de sua mão. Aprendera a imitar a minha letra, e quando eu estava cansado e tinha somno, era ella quem terminava o trabalho por mim ! a minha santa mãe !

E beijou a pagina.

— Estão aqui, disse o mestre, mostrando os outros pacotes — as minhas memorias. Todos os annos punha de parte um trabalho de cada um dos meus discipulos, e estão todos aqui em ordem e numerados. Ás vezes, folheio-os e leio uma linha aqui, outra lá, e vêem-me ao espirito mil cousas; parece-me reviver os annos passados. E quantos não são já passados, meu caro senhor ! Fecho os olhos e vejo rostos após rostos, classes após classes, centenares e centenares de crianças, e quantas d'estas não terão já morrido ! De muitas me recordo bem. Recordo-me principalmente dos melhores e dos piores, d'aquelles que me deram muita satisfação e dos que me fizeram passar momentos de tristeza. Por que eu tive tambem ingratos, como deve saber, e em não pequeno numero, mas agora, bem vê, é como se estivesse já no outro mundo, quero bem a todos, igualmente.

Tornou a sentar-se, e tomou uma das minhas mãos entre as suas.

— E de mim ? — perguntou meu pae, sorrindo. — Não se lembra das minhas travessuras ?

— Do senhor ! respondeu o velho com um sorriso —

neste momento não. Mas isto não quer dizer, de modo nenhum, que não as tivesse feito. Porém o senhor tinha muito juízo para a sua idade, era um rapaz serio. Recordo-me da grande afeição que lhe tinha a senhora sua mãe. Mas teve muita bondade e muita gentileza em vir procurar-me. Como pôde deixar as suas occupações para vir visitar o pobre velho mestre?

— Ouça, sr. Crosetti! — respondeu meu pae vivamente. — Recordo-me da primeira vez que minha bôa mãe me acompanhou á escola. Era a primeira vez que ella devia separar-se de mim por duas horas, e deixar-me fóra de casa, em outras mãos que não fossem as de meu pae, nas mãos de uma pessoa desconhecida, em summa. Para aquella bôa creatura, a minha entrada na escola era como a entrada no mundo, a primeira de uma longa série de separações necessarias e dolorosas; era a sociedade que lhe arrebatava, pela vez primeira, o filho, para não mais lh'o restituir inteira e completamente. Estava commovida e eu tambem. Recommendou-me ao senhor com a voz tremula, e depois, saindo, ainda me saudou já fóra da porta, com os olhos rasos de lagrimas. Lembro-me, que, nesse momento, o senhor lhe fez um aceno com a mão, pondo a outra no peito, como para dizer-lhe: «Confie em mim». Pois bem, meu mestre, aquelle gesto, acompanhado de um olhar pelo qual percebi que comprehendera todos os affectos e todos os pensamentos de minha mãe, aquelle olhar que queria dizer — Coragem! aquelle gesto que era uma honesta promessa de protecção, de affecto e de indulgencia, não o esqueci mais, gravou-se-me no meu coração para sempre; e foi essa recordação que me fez partir de Turim. E eis-me aqui, depois de quarenta e quatro annos, a dizer-lhe: — Obrigado, querido mestre.

O mestre não respondeu. Acariciava-me os cabellos com a mão, e a mão tremula caía-me dos cabellos sobre a testa, e da testa sobre os hombros.

No emtanto, meu pae olhava para as paredes nuas,

para o modesto leito, para um pedaço de pão e uma lata de azeitonas que estavam sobre a janella, e parecia querer dizer : — Pobre mestre ! Depois de sessenta annos de trabalho, é esse todo seu premio ?

Mas o bom velho estava contente e principiou de novo a falar com vivacidade da nossa familia, dos outros mestres do seu tempo e dos companheiros de escola de meu pae, que de uns se recordava, e de outros não ; e sobre cada um dava noticias d'isto e d'aquillo, quando meu pae interrompendo a conversa pediu ao mestre que viesse á povoação para almoçarmos juntos. Elle respondeu com expansão :

— Agradeço, agradeço.

Mas parecia indeciso. Meu pae pegou-lhe das mãos e instou de novo.

— Mas como me arranjarei eu para comer ? — disse o mestre. — Com estas pobres mãos que bailam d'esta maneira ? É uma penitencia até para os outros...

— Nós o ajudaremos, mestre, disse meu pae.

Acceitou então, abanando a cabeça e sorrindo.

— Um bello dia este ! — exclamou, fechando a porta por fóra ; um magnifico dia, caro senhor Bottini. Asseguro-lhe que o hei de recordar sempre até o fim da vida.

Meu pae deu o braço ao mestre, este pegou-me na mão, e descemos a rampa. Encontramos duas rapariguinhas descalças que conduziam umas vaccas, e um rapaz que passou correndo com um feixe de palhas aos hombros. O mestre disse-nos que eram duas escolares e um estudante da segunda, que de manhã levavam o gado a pastar e trabalhavam nos campos, descalços ; e de tarde calçavam os sapatos e iam á escola. Era quasi meio-dia. Não encontramos mais ninguem. Em poucos minutos chegamos á hospedaria, sentámos-nos a uma grande mesa, ficando no meio o mestre, e principiamos logo a almoçar. A hospedaria estava silenciosa como um convento.

O mestre estava muito contente e a commoção augmentava-lhe muito a tremura. Quasi não podia comer.

Mas meu pae partia-lhe a carne e o pão, punha-lhe o sal no prato. Para beber precisava sustentar o copo com as mãos ambas, e ainda assim lhe tilintava nos dentes; mas discorria com certo calor sobre os livros de leitura, de quando elle era moço, os horarios de então, os elogios que lhe tinham feito os superiores, os regulamentos dos ultimos annos, sempre com aquelle rosto sereno, um pouco mais corado do que antes, com a voz alegre e um sorriso quasi de moço. Meu pae olhava para elle, e olhava com a mesma expressão com que o surprehendo muitas vezes a olhar para mim, em casa, quando pensa e sorri consigo mesmo. O mestre deixou cair vinho no peito; meu pae levantou-se e limpou-o com o guardanapo.

— Oh! por quem é, senhor, não consinto — disse elle rindo-se, e murmurou algumas palavras em latim.

Por ultimo levantou o copo, que lhe dansava na mão, e articulou muito serio: — Á sua saúde, caro senhor engenheiro, a saúde de seus filhos e á memoria de sua bôa mãe.

— Á sua, meu bom mestre! — respondeu meu pae, apertando-lhe a mão.

No fundo da sala estavam o dono da hospedaria e outros, que olhavam e sorriam de um modo que se via estarem contentes d'aquella festa que se fazia ao mestre da sua terra.

Ás duas da tarde saímos. O mestre quiz nos acompanhar até a estação. Meu pae deu-lhe de novo o braço, e elle tornou a pégar-me pela mão. Eu levava-lhe a bengala. A gente passava e olhava, porque todos o conheciam; alguns comprimentavam-o. A certa altura da estrada, ouvimos de uma janella muitas vozes de meninos que liam juntos soletrando. O mestre parou, e pareceu ficar triste.

— Ahi está, caro senhor Bottini — disse — o que me

faz pena ; é ouvir a voz das crianças na escola e não estar eu lá e saber que está outro ! Por espaço de sessenta annos ouvi aquella musica, e já tinha o coração habituado a ella. Agora estou sem familia, não tenho mais filhos.

— Não, mestre ! — disse-lhe meu pae, continuando a caminhar. O senhor tem ainda muitos filhos espalhados neste mundo, que se recordam do senhor como eu me recordei sempre.

— Não, não — respondeu o mestre com tristeza. Não tenho mais escola, não tenho mais filhos. E pouco viverei sem elles. A minha hora está chegando.

— Não diga isso, nem pense em semelhante cousa, mestre ! — acudiu meu pae. Em todo caso o senhor fez tanto bem ! empregou sua vida tão nobremente !

O velho mestre inclinou a cabeça branca sobre o hombro de meu pae e apertou-me a mão. Tinhamos entrado na estação e ia partir o trem.

— Adeus ! querido mestre ! — disse meu pae, beijando-o nas faces.

— Adeus ! e muito obrigado ! adeus... respondeu o mestre, tomando com as mãos tremulas uma das mãos de meu pae, apertando-a sobre o coração.

Depois beijei-o e senti-lhe o rosto humido.

Meu pae impelliu-me para o carro, e quando ia subir, tirou rapidamente da mão do mestre o bastão grosseiro, e trocou-o pela sua magnifica bengala de castão de ouro com as suas iniciaes, dizendo-lhe :

— Conserve-a para memoria minha. — O velho tentou restituir-lh'a e tornar a receber a sua, mas meu pae estava já dentro, e tinha fechado a portinhola do carro.

— Adeus, meu bom mestre !

— Adeus, meu filho, — respondeu o velho quando o trem começava a mover-se. — Deus o abençõe pela consolação que veio trazer a este pobre velho.

— Até a vista ! — gritou meu pae, com a voz com-movida.

Mas o mestre sacudia a cabeça como quem queria dizer : «Não nos veremos mais.»

— Sim, sim, — repetia meu pae — até a vista.

E elle respondeu, levantando a mão tremula ao céu :

— Lá em cima...

E movendo-se o trem, o velho mestre desappareceu aos nossos olhos, assim, com a mão levantada...

Convalescença

Quinta-feira, 20.

Quem me diria, quando voltava tão alegre, com meu pae, d'aquelle bello passeio, que se passariam dez dias sem eu vêr nem os campos nem o céu !

Estive muito doente, em perigo de vida. Ouvi minha mãe chorar, vi meu pae muito pallido a olhar-me fixamente ; minha irmã Sylvia e meu irmão, falando baixo entre si, e o medico, com os seus oculos, sempre junto de mim, dizendo cousas que eu não comprehendia. Estive, com effeito, a ponto de dizer o ultimo adeus a todos. Ah ! pobre de minha mãe ! Passaram-se pelo menos tres ou quatro dias de que quasi nada me recordo, como se tivesse tido um sonho complicado e obscuro. Entretanto, lembro-me de ter visto á cabeceira da cama a minha mestra da *primeira superior*, que se esforçava por suffocar a tosse com o lenço, para não me acordar ; e recordo-me tambem, confusamente, de meu mestre que, inclinando-se para me beijar, roçou-me a cara com a barba ; e vi passar como uma nevoa a cabeça ruiva de Crossi, os anneis louros de De-

rossi, o calabrez vestido de preto e Garrone, que trouxe um raminho de amendoas com folhas, e saiu logo, porque sua mãe estava doente. Depois despertei como se acordasse de um somno longuissimo, e percebi que estava melhor vendo meu pae e minha mãe que sorriam, e ouvindo Sylvia que cantarolava. Oh ! que triste sonho que tive ! Depois principiei a melhorar todos os dias. Veio vêr-me o Pedreirinho, que me fez rir pela primeira vez com o seu *focinho de lebre*. E como o faz bem, agora que ficou com a cara mais comprida por causa da molestia que teve ! Coitado ! Veio tambem Coretti, e veio Garoffi, que me trouxe dous bilhetes de presente, para uma rifa que vae fazer de um canivete com *cinco surpresas*, que comprou a um bufarinheiro da praça de Bertola. Hontem tambem, enquanto dormia, veio Precossi, encostou a face nas costas da minha mão, sem despertar-me, e como vinha da officina do pae, com o rosto ennegrecido de carvão, deixou-me um signal negro no punho da camisa, que vi com grande prazer, quando acordei. Como se tornaram verdes as arvores nestes poucos dias ! E que inveja me fazem os meninos que vejo correr para a escola com os livros, quando meu pae me leva á janella. Mas dentro em pouco irei tambem. Estou impaciente por vêr outra vez todos os meus collegas, a minha carteira, o jardim, aquellas ruas ; saber tudo o que tem acontecido nesse tempo ; tornara a entregar-me aos livros, aos cadernos, que já me parece não vêr ha mais de um anno. Pobre de minha mãe, que está tão magra e tão pallida ! Pobre de meu pae que está tão abatido ! E os meus bons companheiros que vieram visitar-me e andavam na ponta dos pés e me beijavam a fronte ! Faz-me tristeza agora que me lembro que um dia nos havemos de separar. Com Derossi e mais alguns continuarei a estudar ainda, de certo, mas os outros ? Uma vez terminada a *quarta*, adeus ; não nos veremos mais. Nunca mais os terei á minha cabeceira, quando estiver doente, Garrone, Precossi, os bellos rapazes, os bons e queridos companheiros, nunca mais !

Os amigos operarios

Quinta-feira, 29.

Nunca mais, e porque, Henrique ? Isso dependerá de ti. Acabada a 4.^a classe, irás para o gymnasium ; elles serão operarios, mas ficarás na mesma cidade e talvez por muitos annos. E porque então os não verás mais ? Quando estiveres na universidade ou no lyceu poderás procurar-os nas suas lojas e nas suas officinas, e sentirás grande prazer tornando a vêr os teus companheiros de infancia, já homens, a trabalhar. Sempre quizera vêr se não irias procurar Coretti e Precossi onde quer que estivessem ! Has de ir lá e has de passar muitas horas em sua companhia, estudando a vida e o mundo, aprendendo com elles muitas cousas que outros não te saberiam ensinar, a respeito das suas artes, da sua sociedade e do teu paiz. E noto que, se não conservares estas amizades, será difficil que adquiras outras semelhantes no futuro ; amizades, quero dizer, fóra da classe a que pertences ; viverás assim numa classe só, e o homem que frequenta uma só classe social, é como o estudioso que não lê senão um livro. Prepara-te, portanto, desde já para conservar aquelles bons amigos para quando estiverdes separados, e começa desde já a preferil-os, por isso mesmo que são filhos de operarios. Os homens das classes superiores são os officiaes, e são os operarios os soldados do trabalho ; mas assim na sociedade como no exercito, o soldado não é menos nobre do que o official, porque a nobreza está no trabalho e não no dinheiro ; no valor e não nos galões ; mas se ha uma superioridade no merito, pertence esta ao soldado e ao operario, porque tiram menor proveito da propria obra. Ama pois, e respeita entre todos os teus companheiros, os filhos dos soldados do trabalho ; honra nelles as fadigas, os sacrificios de seus paes, despreza as differenças de fortuna e de classe, pelas quaes só os homens vis regulam os sentimentos e a cortezia, e pensa que o sangue abençoado que resgatou a

nossa patria saiu quasi todo das veias dos operarios das officinas e dos trabalhadores dos campos. Ama Garrone, ama Precossi, ama Coretti, ama o teu «Pedreirinho»; pois no peito d'esses pequenos operarios palpitam corações de principes; jura a ti mesmo que nenhuma mudança de fortuna poderá jámais arrancar estas santas amizades infantis da tua alma. Jura que se d'aqui a quarenta annos, passando por uma estação de estrada de ferro, reconheceres, mettido na blusa de machinista, o teu velho Garrone, com a cara empoeirada... ah! não preciso do teu juramento: estou certo que saltarias na machina e te lançarias nos braços do teu amigo, ainda que fosses senador.

Teu pae.

A mãe de Garrone

Sabbado, 29.

Triste noticia, logo que voltei á escola! Ha muitos dias Garrone não apparecia, porque a mãe estava gravemente doente. Sabbado á noite morreu.

Hontem de manhã, apenas entramos na escola, disse-nos o mestre:

— Ao pobre Garrone feriu a maior desgraça que pôde ferir ao homem: morreu-lhe a mãe. Amanhã voltará elle á aula, e peço a todos que desde já respeitem aquella terrivel dôr que lhe dilacera a alma. Quando elle entrar, saudae-o com affecto; nenhum gracejo, nenhum riso, peço-vos.

E esta manhã, um pouco mais tarde do que os outros, entrou o pobre Garrone. Senti um golpe no coração ao vel-o. Tinha o rosto amortecido, os olhos vermelhos, e mal se sustinha nas pernas; parecia ter estado um mez de cama. Quasi se não reconhecia; vinha todo vestido de preto, fazia compaixão.

Ninguém respirava, e todos olhavam para elle. Apenas entrou e viu outra vez aquella escola, onde sua mãe vinha buscar-o quasi todos os dias, aquella carteira onde tantas vezes ella se inclinara nos dias de exames para lhe fazer a ultima recommendação, olhou para o logar onde tantas vezes tinha pensado nella, impaciente por sair para correr-lhe ao encontro, e caiu num pranto desesperado. O mestre chamou-o para o pé de si, apertou-o ao peito e disse-lhe :

— Chora, chora, pobre criança, mas tem animo. Tua mãe já não existe neste mundo ; mas vê-te, ama-te ainda, vive ao teu lado, e has de tornar a vê-la, porque és uma alma bôa e honesta como ella. Tem coragem !

Dito isto, acompanhou-o até o banco ao pé do meu.

Eu não ousava olhar para elle. Tirou os cadernos e os livros que não tinha folheado havia muitos dias, e abrindo um livro de leitura, que tem uma vinheta representando o retrato de uma mãe com o filho pela mão, prorompeu a chorar de novo num pranto copioso, deixando pender a cabeça sobre o braço. O mestre fez-nos signal para que o deixassemos estar assim, e principiou a lição. Eu desejava falar-lhe, mas nem sabia o que lhe havia de dizer. Puz-lhe uma das mãos no braço e disse-lhe ao ouvido :

— Não chores, Garrone !

E elle não respondeu, e, sem levantar a cabeça da carteira, poz a sua mão na minha e deixou-a ficar algum tempo. A' saída ninguem lhe falou ; todos o rodeavam com respeito e silencio.

Eu vi minha mãe, que me esperava, e corria a abraçá-la ; porém ella, com os olhos fitos em Garrone, repelliu-me ! A' primeira vista não percebi porque, mas depois notei que Garrone, sózinho, um pouco afastado, olhava para mim com um olhar de inexprimivel tristeza, que queria dizer : «Abraças tua mãe, e eu não abraçarei mais

a minha... Tu tens ainda a tua mãe viva, e a minha morreo !»

E então comprehendí a razão por que minha mãe me repellira, e saí sem dar-lhe a mão.

José Mazzini

Sabbado, 29.

Garrone ainda veio esta manhã á escola ; trazia os olhos inchados de chorar, e apenas olhou para os pequeninos presentes que lhe tinhamos posto sobre a carteira para o consolar. O mestre tinha trazido uma pagina de um livro para lêr-lhe e incutir-lhe coragem. Primeiro advertiu-nos de que nós iriamos todos amanhã, ao meio-dia, á Camara Municipal para vêr entregar a medalha de *Valor civico* a um rapaz que salvára uma criança do rio Pó ; e que na segunda-feira nos dictaria a descripção da festa em logar do *Conto mensal*. Depois, voltando-se para Garrone, que estava de cabeça baixa, disse-lhe :

— Garrone, faze um esforço e escreve tambem o que vou dictar.

Todos pegamos na penna. O mestre dictou :

« José Mazzini nasceu em Genova em 1805, e falleceu em Pisa em 1872. Grande alma de patriota, grande engenho de escriptor, inspirador genial, o primeiro apostolo da revolução italiana, que por amor da patria viveu quarenta annos pobre, proscripto, perseguido, errante, heroicamente firme nos seus principios e nos seus propositos ; José Mazzini adorava sua mãe e herdára d'ella quanto na sua alma fortissima e nobre existia de mais alto e mais puro. A um seu fiel amigo assim escrevia elle para consolal-o na maior das desventuras. São pouco mais ou menos estas as suas palavras :

«Amigo! não tornarás a vêr mais tua mãe neste mundo. É esta a tremenda verdade. Não vou ter contigo, porque a tua dôr é d'aquellas dôres solemnes e santas que é necessario soffrer e vencer por si só. Comprehendes o que quero dizer com estas palavras: É necessario vencer a dôr? Vencer o que a dôr tem de menos santo e de menos purificador, o que em vez de melhorar a alma, a enfraquece e a abaixa. Mas a outra parte da dôr, a parte nobre, aquella que engrandece e eleva a alma, essa deve ficar contigo e não te deve deixar mais nunca. Nada neste mundo substitue uma mãe. Ou nas dores, ou nas consolações que a vida te pôde dar ainda, nunca a esquecerás. Deves, porém, recordal-a, amal-a e sentir a sua morte de um modo digno d'ella. Amigo, escuta-me! A morte não existe, a morte nada é. Não se pôde comprehendel-a.

A vida é vida, e segue a sua propria lei, o progresso. Ainda hontem tinhas tua mãe na terra, hoje tens um anjo em outro lugar; tudo o que é bom sobrevive, e, engrandecido de poder, torna á vida terrena. Assim tambem o amor de tua mãe. Ella ama-te agora mais do que nunca. E tu és responsavel pelas tuas acções em relação á ella, e das tuas obras depende encontral-a, tornar a vêl-a em uma outra existencia. Deves, pois, por amor e reverencia a tua mãe tornar-te melhor e dar-lhe alegria. Deverás d'ora avante, a cada um dos teus actos inquirir a ti mesmo: aproval-o-á minha mãe? A sua transformação deu-te no mundo um anjo da guarda, a quem deves referir todas as tuas acções. Sê, pois, forte e bom; resiste á dôr desesperada e vulgar, mas conserva a tranquillidade das grandes almas nos grandes soffrimentos. É isso o que ella quer.»

— Garrone — accrescentou o mestre — sê forte e tranquilliza-te; é isso o que ella quer — entendes?

Garrone acenou que sim com a cabeça, e no emtanto caíam-lhe as lagrimas copiosas, grossas, sobre as mãos sobre os cadernos e sobre a carteira.

Valor cívico

(CONTO MENSAL)

Ao meio dia estávamos com o mestre diante do palacio municipal, para vêr entregar a medalha de *Valor cívico* ao rapaz que salvou o companheiro do rio Pó.

No terraço da fachada fluctuava uma grande bandeira tricolor.

Entramos no atrio do palacio.

Já estava cheio. Viam-se ao fundo uma mesa com um panno vermelho, tendo em cima papeis, e, por traz, uma fila de poltronas douradas para o syndico e para a junta; os guardas do municipio estavam de fardamenta azul e calças brancas. Á direita estava enfileirado um destacamento de soldados da guarda cívica, cobertos de medalhas, e ao lado d'elles um pelotão de guardas da alfandega. Do outro lado, os bombeiros com fardamento de gala e muitos soldados de cavallaria, caçadores e artilheiros, esparsos, que foram alli apenas para ver. Em volta estava tudo cheio de *senhores*, de paisanos, de officiaes, de mulheres e crianças que se acotovelvam. Nós reunimo-nos á um canto, onde estavam já apinhados alguns alumnos de outras secções com os seus mestres, e proximo de nós achava-se um grupo de rapazes do povo, de entre dez a dezoito annos, que riam e falavam animadamente, e via-se que eram todos da margem do Pó, companheiros e conhecidos d'aquelle que ia ganhar a medalha. Em cima, de todas as janellas, debruçavam-se empregados do municipio, eaté a galeria da bibliotheca estava repleta de gente, que se opprimia contra a balaustrada. No lado opposto viam-se, como imprensadas, grande numero de mocinhas das escolas publicas e muitas *Filhas dos militares*, com os seus véos azues celestes. Parecia um theatro.

Todos conversavam alegres, olhando a cada momento

para o lado da mesa vermelha, a vêr se apparecia alguem. A banda de musica tocava em andamento vagaroso, ao fundo do portico.

Nas paredes batia o sol.

Bellissimo !

De repente, os que estavam no atrio, nas galerias e nas janellas começaram todos a bater palmas. Puz-me nas pontas dos pés para vêr.

A multidão que estava por detraz da mesa vermelha rompeu-se, e appareceram á frente um homem e uma mulher. O homem trazia pela mão um menino. Era o que tinha salvado o companheiro. O homem era o pae, um pedreiro, vestido de festa ; a mulher era a mãe, pequena e loura, vestida de preto. O rapaz, tambem pequeno e louro, trajava jaquetão cinzento.

Ao vêr tanta gente e ao ouvir tão grande estrepito de applausos, ficaram todos os tres de modo que não ousavam olhar nem mover-se. Um guarda municipal collocou-se ao lado da mesa, á direita. Tudo ficou calado um momento, e depois ruidosamente elevaram-se os applausos de todas as partes. O rapaz olhou para as janellas e depois para as galerias das *Filhas dos militares*; tinha o chapéo entre as mãos, e parecia não comprehender bem aonde estava. Achei que se parecia um pouco com Coretti, no rosto, mas um pouco mais corado. O pae e a mãe tinham os olhos fitos na mesa.

No emtanto, todos os rapazes do lado do Pó, que estavam ao pé de nós, apresentaram-se á frente, faziam gestos ao seu companheiro, para que este os visse, e chamavam-o em voz baixa : «Pin ! Pin ! Pinot ! ...»

Á força de chamar conseguiram fazer-se ouvir. O rapaz olhou para elles e escondeu o sorriso por detraz do chapéo.

Em certo momento os guardas perfilaram.

Entrou o syndico, acompanhado de muitos *senhores*. O syndico, todo branco, com uma grande faixa tricolor,

aproximou-se da mesa. Ficou de pé e todos os outros ficaram por detrás e dos lados.

A banda cessou de tocar, e a um gesto do syndico tudo se calou.

Elle principiou então a falar. As primeiras palavras não as entendi bem, mas comprehendí que contava o successo. Depois levantou a voz, que se espalhou clara e sonora por todo o atrio, e não perdi mais uma palavra.

«Quando viu do cáes o companheiro que se debatia nas aguas, já tomado pelo terror da morte, despiu-se precipitadamente e correu sem hesitar um momento. Gritaram-lhe : — Afogas-te ! — e elle não respondeu. Agarraram-o, e elle soltou-se. Chamaram-o pelo nome e já elle estava na agua ! O rio rolava cheio, e era terrível o perigo, mesmo para um homem. Mas arremessou-se contra a morte, com toda a força do seu pequeno corpo e do seu grande coração ; foi até deitar a mão ao desgraçado, que já estava mergulhado, e trouxe-o á tona d'agua. Luctou furiosamente com a onda que queria tragal-o, com o companheiro que tentava agarrar-se-lhe ; muitas vezes desapareceu, para reaparecer de novo por um desesperado esforço, obstinado e invencível no seu santo proposito, não como uma criança que tentasse salvar outra criança, mas como um homem, como um pae que luctasse para salvar um filho que fosse a sua esperança e a sua vida ! Afinal Deus não permittiu que tão generosa coragem ficasse inutil. E o nadador, a criança arrancára a victima ao rio gigante ; trouxe-a á terra e prestou-lhe ainda com os outros os primeiros soccorros ; depois do que, voltou para casa, só e tranquillo, a contar ingenuamente o que havia feito. Senhores ! Bello, veneravel, é o heroismo do homem ! Mas numa criança, a quem nada pedimos, porque em nada a avaliamos ; que nos parece já muito nobre e digna de ser amada, não quando faça, mas quando comprehenda e reconheça os sacrificios de outrem ; na criança o heroismo é alguma cousa de divino. Nada mais direi, senhores ! Não quero ornar de louvo-

res superfluos uma tão simples grandeza. Eil-o aqui diante de vós, o salvador valoroso e gentil. Soldados ! saudae-o como a irmão ; mães ! abençoe-o como a filho ; crianças ! recordae-vos do seu nome : fixae na mente as suas feições, e que ellas não se apaguem mais da vossa memoria, nem do vosso coração. Aproxima-te ! Em nome do rei da Italia, eu te dou a medalha de *Valor civico*. »

Um viva altissimo, levantado ao mesmo tempo por muitas vozes, echoou em todo o palacio.

O syndico tomou de sobre a mesa a medalha, e prendeu-a ao peito do rapaz. Depois abraçou-o e beijou-o.

A mãe poz uma das mãos sobre os olhos; o pae tinha a cabeça inclinada sobre o peito.

O syndico apertou a mão a ambos, e pegando no decreto da condecoração, atado com uma fita, entregou-o á mãe.

Depois dirigiu-se ao rapazinho e disse :

«Que a recordação d'este dia tão glorioso para ti, tão feliz para teu pae e para tua mãe, te mantenha por toda a vida no caminho da virtude e da honra. Adeus ! »

O syndico saiu ; a banda tocou, e tudo parecia acabado, quando o destacamento dos bombeiros se abriu e uma criança de oito a nove annos, impellida para frente por uma mulher que logo se escondeu, foi direita ao condecorado, e estreitou-o entre os braços. — Um outro estrondo de vivas e applausos retumbou por todo o atrio. Todos comprehenderam logo que era aquelle o rapaz, salvo do Pó, que vinha agradecer ao seu salvador. Depois de o ter beijado, agarrou-se-lhe a um braço para acompanhá-lo á saída. Elle adiante e o pae e a mãe atraz, caminhavam para a porta da saída, passando a custo entre o povo que fazia alas á sua passagem—guardas, meninos, mulheres, tudo em confusão. Todos tentavam chegar-se a frente, e punham-se nas pontas dos pés para ver o heroezinho. Os que estavam na frente, na passagem apertaram-lhe a mão. Quando passou diante dos alumnos das escolas,

todos agitaram os barretes no ar. Os das margens do Pó fizeram um grande barulho, puxando-lhe pelos braços e pela jaqueta, gritando:— Pin! viva Pin! Bravo, Pinot! Eu vi-o passar mesmo perto de mim. Estava com o rosto corado e muito contente. A medalha vermelha tinha a fita branca, vermelha e verde. A sua mãezinha chorava e sorria, o pae torcia o bigode com uma das mãos, que lhe tremia como se tivesse febre; e de cima das janellas e das galerias debruçavam-se todos a applaudir. De repente, quando estava a chegar debaixo do portico, veio de cima, da galeria das *Filhas dos militares*, uma verdadeira chuva de amores perfeitos, de raminhos de violetas e de margaridas, que caíam sobre a cabeça do heroezinho, do pae e da mãe, espalhando-se depois pelo chão. Muitos apanhavam-os á pressa e entregavam-os á mãe. A banda no fundo do atrio tocava lentamente uma aria bellissima, que parecia o canto de muitas vozes argentinas, que vagarosamente pelas margens de um rio, lentas se fossem afastando, perdendo-se ao longe...

MAIO

As crianças rachíticas

Sexta-feira, 5.

Hoje não fui á escola, porque não estava bom, e minha mãe levou-me com sigo ao *Instituto dos meninos rachíticos*, onde ia recommendar uma menina, filha do porteiro; mas não me deixou entrar na escola...

Não comprehendeste, Henrique, porque não te deixei entrar? Para não pôr diante d'aquelles desgraçados, alli no meio da escola, quasi como em exposição, um menino são e robusto. Muitas occasiões têm elles já de se achar em comparações dolorosas. Que triste cousa! Sobem-me as lagrimas do coração ao entrar lá dentro. Eram uns sessenta entre meninos e meninas. Pobres ossos torturados! pobres mãos! pobres pezinhos constrangidos e tortos! Pobres corpinhos aleijados! Observei logo á entrada muitas carinhas sympathicas e olhos cheios de affectos. Havia uma pequerrucha com o nariz afilado e o queixo pequeno, que parecia uma velhinha; mas tinha um sorriso de suavidade celeste. Alguns, de frente, são bellos e não parecem defeituosos; mas voltam-se e comprime-se-nos o coração. Estava o medico a fazer a visita. Punha-os em pé em cima dos bancos, e levantava-lhes os vestidinhos para tocar-lhes no ventre inchado e nas articulações intumescidas; mas não se envergonhavam d'isso, pobres creaturas! Bem se via que eram crianças acostumadas a ser despidas, examinadas e voltadas de todos os lados... E pensar que ainda agora ellas estão no periodo mais suave da doença, que quasi nada soffrem!... Mas quem pôde imaginar os

seus soffrimentos ao principiar a deformação do corpo, quando com o crescer da enfermidade sentirem diminuir o affecto em torno de si, pobres crianças deixadas horas e horas sósinhas no canto de uma sala ou de um pateo, mal nutridas, ás vezes ainda atormentadas, mezes e mezes, com ligaduras aapparelhos orthopedicos inuteis !

Agora, porém, graças aos cuidados, á bôa alimentação e á gymnastica, muitas melhoram.

A mestra mandou-as fazer gymnastica. Fazia compaixão vê-las, obedecendo ás vozes, esticar debaixo dos bancos todas aquellas perninhas enfaixadas e apertadas, cheias de inchações e aleijões, aquellas perninhas que seriam cobertas de beijos ! Muitas não podiam levantar-se do banco, e ficavam alli com a cabeça encostada ao braço, acariciando a muleta com a mão ; outras faziam movimentos com o braço, mas faltava-lhes a respiração e caíam sobre o banco, pallidas, mas sorrindo para dissimularem o cansaço. Ah ! Henrique, vós outros que tendes saúde, não sabeis apreciar-a, parecendo-vos cousa de pequeno valor. Eu pensava nos rapazes fortes e florescentes de viço, que as mães levam, como em triumpho, soberbas da sua belleza ; e sentia-me capaz de estreitar ao coração todas aquellas cabecinhas e dizer-lhes : « Se eu fosse só, não sairia mais d'aqui, consagrar-vos-ia a vida, servir-vos-ia de mãe a vós todas, até o meu ultimo dia ». E tambem têm aptidões aquelles anjinhos, e estudam, disse-me a mestra, uma senhora jovem e gentil, que tem na physionomia, cheia de bondade, certa expressão de tristeza, como um reflexo das desventuras que ella acaricia e consola. Santa mulher ! Entre todas as creaturas humanas que ganham a vida com o trabalho, não ha nenhuma que ganhe a vida mais santamente do que tu, minha boa filha.

Tua Mãe.

Sacrificio

Terça-feira, 9.

Minha mãe é boa, e minha irmã Sylvia é também como ella, tem o mesmo coração grande e nobre. Eu estava copiando hontem á noite uma parte do conto mensal—*Dos Apenninos aos Andes*—que o mestre repartiu por uns poucos para copiar, quando Sylvia entrou nos bicos dos pés e me disse apressadamente:

—Vem commigo, onde está mamãe. Ouvi esta manhã papae dizer, quando conversavam, que lhe correra mal um negocio, e estava aborrecido; a mamãe animava-o; estamos em más circumstancias, entendes? Não ha dinheiro; o papá disse mais, que lhe era necessario fazer sacrificios para equilibrar-se. Ora, é necessario que nós façamos também sacrificios iguaes, não te parece? Estás prompto?... Bem; eu vou falar á mamãe; tu has de dizer-lhe que sim, que promettes fazer o que eu disser.

Dito isto, pegou-me da mão e levou-me á mamãe, que estava cosendo muito pensativa. Sentei-me de um lado do sofá, e Sylvia disse-lhe sem rodeios:

—Ouve, mamãe, nós temos que te falar.

A mamãe olhou para nós maravilhada, e Sylvia principiou:

—O papá está sem dinheiro, não é verdade?

—Que dizes? respondeu nossa mãe, corando?—Não é exacto; que sabes tu? quem te contou isso?

—Eu sei, disse Sylvia resolutamente. Ouça, mamãe: a nós também deve tocar uma parte dos sacrificios. A mamãe tinha-me promettido um leque para o fim de maio, e Henrique esperava a sua caixa de tintas. Pois bem, não queremos cousa alguma; não queremos que se gaste dinheiro; ficaremos satisfeitos do mesmo modo, entende?

A mamãe tentou falar, mas Sylvia disse :

—Não ; ha de ser assim, temos decidido. E emquanto papá não tiver dinheiro, não queremos mais fructas nem mais nada ; bastar-nos-á a sopa, e de manhã ao almoço comeremos pão ; assim gastar-se-á menos com a mesa, com que já se despende muito. E nós promettemos andar sempre contentes como até aqui. Não é verdade, Henrique ?

Respondi que sim. E ella repetiu pondo a mão na bocca da mamãe : — Sempre contentes da mesma maneira ! E se ha outros sacrificios a fazer, ou seja no vestir ou no que fôr, nós os faremos de bôa vontade ; tambem se podem vender os nossos brinquedos. Dou todas as minhas cousas, e sirvo de criada de quarto ; não daremos mais nada a fazer fóra de casa, trabalharei com a senhora todo o dia e farei quanto quizer, porque estou disposta a tudo.

—A tudo!—exclamou, lançando os braços ao pescoço de minha mãe—contanto que o papá e a mamãe não tenham mais desgostos, e que continuemos a vê-los ambos tranquillos e de bom humor como até aqui, juntos da sua Sylvia e do seu Henrique, que lhes querem tanto bem e que dariam a vida por elles.

Ah! nunca vi minha mãe tão contente como ao ouvir aquellas palavras ; nunca nos beijou nas faces d'aquelle modo, entre chorando e rindo, sem poder falar.

Depois assegurou a Sylvia que esta tinha comprehendido mal, que não estavamos reduzidos ao que julgava, felizmente ; e cem vezes nos agradeceu, ficando alegre toda a noite, até que meu pae entrou, e ella contou-lhe tudo. Meu pobre pae não disse nada. Mas esta manhã, sentando-me á mesa... experimentei um grande prazer e uma grande tristeza ao mesmo tempo. Debaixo do guardanapo, encontrei a caixinha de tintas, e Sylvia achou o leque.

O incendio

Quarta-feira, 11.

Esta manhã, tinha eu acabado de copiar a minha parte da historia *Dos Apenninos aos Andes*, e procurava um thema para a composição livre que devia fazer, quando ouvi um rumor estranho nas escadas, e logo depois entrarem dous bombeiros, que pediram a meu pae licença para examinar as estufas e as chaminés, porque, diziam, via-se sair fumo de cima do telhado, sem saber d'onde vinha. Meu pae disse: — Examinem! e apesar de não termos fogo acceso em parte alguma, elles principiam a entrar nos quartos e a applicar o ouvido ás paredes para averiguar se sentiam o rumorejar do fogo nos tubos que vão para os outros andares da casa. Enquanto os bombeiros andavam pelos quartos, meu pae disse-me :

— Henrique! ahí tens tu um bom thema para a tua composição «Os bombeiros». Experimenta um pouco escrever o que te vou contar.

Vi-os trabalhar ha dous annos, quando saía do theatro *Balbo*, já tarde. Entrando na rua de Roma, vi um clarão desusado e uma onda de gente que corria. Uma casa estava a arder, linguas de fogo e nuvens de fumo irrompiam das janellas e do tecto; homens e mulheres appareciam ás varandas e desappareciam lançando gritos desesperados. Era grande o tumulto em frente da porta. A multidão gritava: Morrem queimados! soccorro! os bombeiros!

Chegára um carro nessa occasião e d'elle saltaram quatro bombeiros municipaes, os primeiros que compareceram, e entraram apressadamente na casa. Mal tinham entrado, presenciou-se uma scena horrivel. Uma mulher debruçou-se, gritando de uma janella do terceiro andar; subiu ao peitoril, e ficou agarrada, quasi suspensa no ar,

com as costas para fóra, curvada por baixo do fumo e das chammass, que, saindo pela janella, quasi lhe crestavam os cabellos. A multidão soltou um grito de horror. Os bombeiros, detidos por engano no segundo andar pelos inquilinos aterrados, tinham já destruido uma parede e entrado precipitadamente numa sala, quando cem vozes gritaram:—No terceiro andar!

Voaram ao terceiro andar. Ahi eram as ruinas do inferno! traves do tecto que desabavam, o corredor cheio de labaredas e nuvens de fumo que soffocava. Para que podessem chegar ás salas onde estavam os inquilinos foragidos, o único remedio era passar pelo telhado. Subiram sem hesitação, e um minuto depois appareceu sobre as telhas como que um phantasma negro, entre a fumaça. Era o cabo de bombeiros, que primeiro tinha chegado. Mas, para attingir a parte do telhado que correspondia ao quarto invadido pelo fogo, era necessario passar por um espaço estreitissimo, comprehendido entre uma trapeira e a borda do telhado. Tudo mais ardia. A pequena passagem, coberta de neve e de gelo, não tinha ponto algum de apoio.—É impossivel passar!—gritava de baixo a multidão. O cabo avançou para a beira do telhado; todos estremeceram e ficaram a olhar, com a respiração suspensa. Passou; um immenso viva subiu ao céu. O cabo continuou a correr, e chegando ao ponto ameaçado começou a quebrar furiosamente, a golpes de machado, telhas, traves, ripas, para abrir um buraco por onde podesse penetrar e descer ao interior. No entanto a mulher continuava suspensa para fóra da janella, o fogo rastejava-lhe pela cabeça; mais um minuto, precipitar-se-ia na rua.

O buraco estava aberto, e viu-se o cabo tirar o bolidrié e descer.

Os outros bombeiros que lá estavam, seguiram-n'o. No mesmo momento, uma altissima escada apropriada, trazida então, foi encostada á cornija da casa, em frente as janellas d'onde saíam chammass e gritos desesperados de

verdadeiros loucos! Julgava-se que fosse tarde.—Ninguém se salva, gritavam. Os bombeiros morrem queimados! Acabou! Estão mortos!—De repente appareceu á janella do peitoril á figura negra do cabo de bombeiros, illuminada de cima abaixo pelas chammas. A mulher agarrou-se-lhe ao pescoço, e elle, segurando-a pela cintura com ambos os braços, levantou-se e levou-a para dentro do quarto. A multidão soltou um grito de mil vozes, que cobriu o ruido crepitante produzido pelo incendio. Mas os outros? e para descer?—A escada, apoiada numa cornija diante de uma janella, ficava um pouco longe da varanda. Como poderiam agarrar-se a ella? Enquanto isso se dizia, um dos bombeiros, saindo pela janella, poz o pé direito sobre o batente e o esquerdo num degráo da escada, e assim, direito no ar, sobraçando um a um os inquilinos que os companheiros lhe apresentavam de dentro, entregava-os a outro que subira da rua, e os ia atando a um cabo, descendo-os cada um por sua vez, ajudado por companheiros que estavam em baixo e os recebiam nos braços. Passou primeiro a mulher do peitoril, depois uma criança, depois outra mulher e um velho. Todos estavam salvos. Depois do velho desceram os bombeiros que tinham ficado dentro; o ultimo a descer foi o cabo, que tinha sido o primeiro a chegar. A multidão acolheu-os com uma explosão de applausos; mas, quando veio o ultimo, a vanguarda dos salvadores, aquelle que primeiro tinha affrontado o abysmo, que teria morrido, se algum houvesse de morrer, a multidão saudou-o como a um triumphador, gritando e estendendo os braços num impulso affectuoso de respeito e de gratidão, e em poucos momentos o seu nome obscuro, José Robbino, foi pronunciado por mil boccas. Comprehendes? Esta é que é a coragem de coração, que não raciocina, que não vacilla, que vae direita, cega, como um raio, onde sente o grito de quem morre. Levar-te-ei um dia aos exercicios dos bombeiros, e mostrar-te-ei o cabo Robbino, porque has de ficar satisfeito em conhecê-lo. Não é verdade?

Respondi que sim.

— Eil-o, é este — disse meu pae. Voltei-me logo. Os dous bombeiros, terminando a visita, atravessavam a sala para sair.

Meu pae apontou-me o mais pequeno, o que tinha os galões, e disse-me :

— Aperta a mão do cabo Robbino.

O cabo parou e estendeu-me a mão, sorrindo. Eu apertei-lh'a ; elle fez um cumprimento e saiu.

— Lembra-te bem — disse meu pae — porque de milhares de mãos que has de apertar em tua vida, não haverá talvez dez que valham as suas.

Dos Apenninos aos Andes

(CONTO MENSAL)

Muitos annos ha, um rapaz genovez, de treze annos de idade, filho de um operario, partiu de Genova para a America, sósinho, em procura de sua mãe.

Saíra ella dous annos antes para a America, afim de se pôr ao serviço de alguma casa rica e ganhar assim, em pouco tempo, o bastante para rehabilitar a familia, a qual, em consequencia de varios contratempos, caíra em pobreza e achava-se cheia de dividas.

Tinha a pobre mãe chorado lagrimas de sangue ao separar-se dos filhos, um de dezoito annos, outro de onze, mas partira com coragem e cheia de esperanças. Apenas chegada á America, encontrou logo, por intermedio de um negociante genovez, primo de seu marido, estabelecido ali havia muito tempo, uma familia americana, que lhe pagava caro e a tratava bem. Durante algum tempo, tinha mantido com os seus uma correspondencia regular. Como haviam combinado entre si, o marido dirigia as cartas ao primo, que as entregava á mulher, e mandava tambem as

respostas, que expedia para Genova, accrescentando-lhes algumas linhas do seu punho. Ganhando oitenta liras por mez, e nada gastando comsigo, mandava para casa todos os trimestres uma boa somma, com a qual o marido, que era homem honrado, ia pagando pouco a pouco as dividas mais urgentes, readquirindo assim a sua bôa reputação. E no entanto trabalhava e andava muito satisfeito da vida, pela esperança de que a mulher regressaria em pouco tempo, porque a casa lhe parecia vasia sem ella.

Decorrido, porém, um anno da partida, depois de uma pequena carta em que ella dizia achar-se mal de saúde, nunca mais receberam cartas suas. Escreveram duas vezes ao primo, mas o primo não respondeu. Escreveram á familia americana, em cuja casa ella estava a servir, mas porque talvez estropiassem o endereço, tambem não tiveram resposta.

Pae e filhos estavam consternados, e o mais novo vivia opprimido de uma tristeza que não podia vencer.

Que fazer? A quem recorrer? A primeira idéa do pae foi partir e ir procurar a mulher na America; mas o seu trabalho? quem lhe sustentaria os filhos? Nem o mais velho poderia ir, porque esse justamente principiava a ganhar alguma cousa para ajudar a familia. E nesta afflicção viviam, repetindo todos os dias as mesmas considerações, tristes ou olhando uns para os outros em silencio, até que uma tarde, Marcos, o mais pequeno, saiu-se desembarradamente dizendo:

— Pois vou eu á America procurar minha mãe!

O pae inclinou a cabeça tristemente sem responder. Era uma idéa sentimental, mas cousa impossivel de realizar-se. Aos treze annos, fazer sósinho uma viagem á America, quando é necessario um mez para lá chegar! Mas o rapaz insistiu pacientemente. Insistiu naquelle dia, no outro dia, todos os dias, com grande calma, raciocinando com o bom senso de um homem.

Outros lá têm ido — dizia elle — e ainda mais peque-

nos do que eu. Uma vez a bordo do navio, chegarei lá como outro qualquer. E assim, pouco a pouco, chegou quasi a convencer o pae, que estimava-o, sabia que elle tinha juizo e coragem, que estava acostumado a privações e sacrificios, e que tão boas qualidades dobrariam de forças no seu coração, para o santo fim de achar sua mãe, que elle adorava. Accresce ainda que um commandante de vapor, amigo de um seu conhecido, ouvindo falar no facto, empenhou-se em obter gratis um bilhete de terceira classe para a America. Foi então que, depois ainda de alguma hesitação, o pae consentiu, e a viagem ficou decidida. Encheram-lhe um sacco de roupa, metteram-lhe no bolso algum dinheiro, deram-lhe o endereço do primo, e numa bella tarde do mez de Abril levaram-o a bordo.

— Marcos, meu filho ! — disse o pae, dando-lhe o ultimo beijo, com as lagrimas nos olhos, na escada do vapor que ia partir. Tem coragem ! Partes para uma santa missão. Deus te ajudará.

Pobre Marcos ! Elle tinha o coração forte e preparado tambem para as mais duras provas naquella viagem ; mas, quando viu desaparecer-lhe no horizonte a sua bella Genova, e se achou em alto mar, sobre aquelle grande vapor, cheio de camponezes emigrantes, sósinho, sem conhecer ninguem, com aquelle pequeno sacco que encerrava toda a fortuna, um desanimo triste e subito assaltou-o. Durante dous dias esteve atirado como um cão, á prôa, quasi sem comer, opprimido, preso por uma grande vontade de chorar. Toda a especie de pensamentos tristes lhe atravessavam o espirito, e o mais triste, o mais terrivel de todos era o que mais se obstinava em atormental-o : a idéa de que sua mãe talvez tivesse morrido. Nos seus sonhos interrompidos e penosos, via sempre a cara de um desconhecido que olhava para elle com ar de compaixão e lhe dizia depois ao ouvido : — Tua mãe morreu ! Atravez do oceano, na solidão, vinha-lhe um grande acabrunhamento. Os dias que se succediam, vãos e monotonos, confundiam-se-lhe na memo-

ria, como se dá com os doentes. Parecia-lhe estar no mar havia um anno. E todas as manhãs, acordando, experimentava novas tristezas, vendo-se alli, só, no meio d'aquella immensidade d'agua, em viagem para a America.

E a viagem não acabava mais : mar e céu, mar e céu, hoje como hontem, amanhã como hoje, agora, logo, sempre, eternamente. E passava longas horas encostado á amurada, a olhar para o mar sem fim, absorto, pensando vagamente em sua mãe, até que os olhos se lhe fechavam e a cabeça lhe caía de somno ; e então tornava a vêr aquella cara desconhecida que o olhava com ar de piedade, repetindo-lhe ao ouvido : — Tua mãe morreu ! E a essa voz acordava sobresaltado, e começava de novo a sonhar, com os olhos desmesuradamente abertos para o horizonte immoto.

Durára a viagem longuissimos dias ! Os ultimos foram os melhores. O tempo estava lindo, e o ar fresco. Marcos travara conhecimento com um bom velho lombardo que ia á America procurar um filho, cultivador de terras, e tinha-lhe contado toda a sua historia. O velho repetia-lhe a cada momento, batendo-lhe com a mão na nuca :

— Coragem, meu rapaz ! tu encontrarás tua mãe com saúde e contente.

Aquella companhia reanimava-o, a ponto de os seus pensamentos passarem de tristes a alegres.

Assentado á prôa, ao pé do velho camponez, que fumava cachimbo, debaixo de um bello céu estrellado, no meio de grupos de emigrantes que cantavam, cem vezes se lhe representava no pensamento a sua chegada á America. Via-se numa determinada rua, achava a loja, corria ao encontro do primo, perguntava-lhe : — Como está minha mãe ? onde está ella ?

«Vamos deprêssa ! vamos depressa ! e corriam juntos, subiam uma escada, abria-se uma porta...»

E aqui, o seu colloquio em silencio parava, a sua imaginação perdia-se num sentimento de inexprimivel ter-

nura, que lhe fazia tirar, ás escondidas, uma medalhinha que trazia ao pescoço, e murmurar, beijando-a, as suas orações.

No fim de muitos dias depois da partida, chegaram. Por uma bella e rosea aurora de maio, o vapor lançava ancora no porto. Aquelle tempo esplendido pareceu-lhe de bom agouro. Estava fóra de si de alegria e de impaciencia. A poucas milhas de distancia estava sua mãe ; ia vel-a em poucas horas ! E elle achava-se na America, no novo mundo, e tinha tido a coragem de vir só ! A longuissima viagem parecerá-lhe então ter-se escoado num minuto. Parecera-lhe que viera voando, sonhando, e despertára alli.

Com o sacco na mão, embarcou juntamente com outros muitos italianos, num vaporzinho que os levou até pouca distancia da margem, desembarcou no caes, despediu-se do seu velho amigo lombardo, e caminhou a passos apressados para a cidade.

Chegando á embocadura da primeira rua, aproximou-se de um homem que passava, e pediu-lhe por favor que lhe indicasse o rumo a seguir.

Mas não lhe tardou a noticia desesperada de que sua mãe não estava na cidade, e que se achava no interior do paiz.

A criança emmudeceu, e após a tortura d'esse desengano resolveu procurar sua mãezinha onde quer que ella estivesse.

Elle sabia que ia partir para o interior, pelo grande rio que vinha desembocar no porto, uma barca onde iam patricios seus, genovezes robustos, bronzeados, cuja linguagem suave lhe lembrava a patria amada. E Marcos resolveu partir com elles.

Partiram ; e a viagem durou tres dias e quatro noites, e foi ella um espanto para o pequeno viajante.

Tres dias e quatro noites subindo aquelle maravilhoso rio, que, comparado ao nosso grande Pó, não passa este de um regato ; e o comprimento da Italia quadruplicado não

atinge o seu curso. A grande barca seguia lentamente contra a corrente de tão desmesurada massa de agua. Passava pelo meio de grandes ilhas, em outro tempo ninhos de serpentes e de tigres, cobertas de laranjeiras e salgueiros, semelhantes a bosques fluctuantes. A barca ora se enfiava por estreitos canaes de que parecia não poder mais sair, ora desembocava em grandes extensões de agua, semelhantes a vastos lagos tranquillos. Depois, outra vez por entre ilhas e canaes enredados de um archipelago, no meio de massiços enormes de vegetação. Reinava um silencio profundo. Por largos espaços, as margens e as aguas solitarias, vastissimas, davam a imagem de um rio desconhecido, onde aquella pobre vela fosse a primeira do mundo a aventurar-se. Quanto mais se adiantavam, tanto mais aquelle monstruoso rio o desanimava. Imaginava sua mãe lá nas origens, e que a navegação duraria annos ! Duas vezes no dia comia um pouco de pão e de carne salgada com os barqueiros, que, vendo-o triste, não lhe dirigiram mais palavra. Á noite, dormia sobre a coberta, e despertava a cada momento em sobresalto, electrizado, estatelado pela luz limpidissima da lua, que branqueava as aguas de leite, immensas, e as praias longinquas, geladas. Então o coração confrangia-se-lhe. Mas, depois, pensava : « *Minha mãe passou por aqui, viu estas ilhas e praias* », e não lhe pareciam mais tão estranhos e solitarios aquelles logares, por onde o olhar de sua mãe se detivera. Á noite um dos barqueiros cantava... Aquella voz fazia-lhe lembrar as cantigas de sua mãe, quando o adormecia em criança. A ultima noite, ao ouvir aquelle canto espiritalisante, sagrado e triste, começou a soluçar. O barqueiro parou; depois gritou-lhe:

— Animo ! animo ! que diabo ! Um genovez a chorar porque está longe de casa ! Os genovezes dão volta ao mundo gloriosos e triumphantes !

Mas, novas decepções e outras novas dôres vieram desilludil-o. Depois de varias peregrinações pelo interior, tendo cada dia um desengano, e cada noite uma esperança,

depois de todos os soffrimentos curtidos em terra estranha, sem agasalho sufficiente, sem pão ás vezes e sem dinheiro e sem roupa, esfarrapado, abatido, mas sempre revoltado contra a conspiração surda da terra e dos homens, afinal veio a saber que em longes terras, além das montanhas, ahi devia estar sua mãe querida a quem buscava.

Esta só noticia, que bastaria para desanimar um homem, deu-lhe nova seiva e nova energia. Aggregou-se a um bando de homens rusticos e boiadeiros, que faziam a travessia do sertão, e com elles partiu quasi mendigo, pagando esse favor com o serviço de criado, ajuntando lenha para o rancho, vigiando os pousos, emfim trabalhando como podia.

Afinal, nas proximidades do lugar onde devia estar sua mãezinha, despediu-se do *capataz* e dos boiadeiros. A caravana devia seguir caminho differente, e o rapaz teve de deixal-a. O *capataz*, commovido, deu-lhe as informações precisas, poz-lhe o sacco ao hombro de modo a não incommodal-o, e sem mais demora, como se tivesse receio de commover-se, disse-lhe adeus.

O rapaz teve apenas tempo de beijar-lhe um braço. Até os homens rudes e de trato aspero pareciam movidos de lastima ao verem-no ficar assim, agora sósinho, e disseram-lhe adeus com a mão, afastando-se. Elle correspondeu a esse adeus, e ficou a olhar para o comboio, até que o perdeu de vista, envolvido na poeira vermelha da campina. Depois poz-se a caminho tristemente.

Uma cousa, porém, confortou-o um pouco desde o começo. Depois de tantos dias de viagem por aquella interminavel planicie sempre a mesma, via diante de si uma cadeia de montanhas altissimas, azues, que lhe recordaram os Alpes e lhe davam uma idéa da aproximação de sua patria. Eram os Andes, a espinha dorsal do continente americano, essa cadeia immensa que se estende da Terra do Fogo até o mar glacial do pólo arctico, por milhares de leguas. E tambem o confortava o sentir o ar cada vez mais quente;

o que acontecia pela razão de que, subindo em direcção ao norte, mais se avizinhava das regiões tropicaes. A grandes distancias deparavam-se pequenos grupos de casas e uma taverna, onde comprava qualquer cousa para comer. Encontrava homens a cavallo, e de vez em quando mulheres e meninos sentados no chão, immoveis e graves, com caras verdadeiramente estranhas para elle, côr de barro, com os olhos obliquos, os ossos das faces salientes, que o olhavam attentamente, e acompanhavam-o com a vista, voltando a cabeça lentamente como automatós. Eram indios.

No primeiro dia caminhou quanto lhe permittiam as forças, e dormiu debaixo de uma arvore. No segundo, caminhou muito menos e com menos coragem. Tinha os sapatos rotos, os pés esfolados e o estomago enfraquecido pela má alimentação. Ao anoitecer, principiou a ter medo. Tinha ouvido dizer na Italia que naquelles paizes havia muitas serpentes. Parecia-lhe que as sentia rastejar, babando visgos immundos, e elle parava, depois corria, sentindo calafrios nos ossos. Ás vezes compadecia-se de si proprio, e chorava em silencio, caminhando. Depois pensava: Oh! quanto não soffreria minha mãe, se soubesse do tamanho medo que tenho!

Esta idéa restituia-lhe a coragem. Então, para se distrahir, pensava em muitas cousas d'ella; recordava as suas palavras quando partira de Genova, recordava o cuidado com que ella costumava conchegar-lhe a roupa em volta do pescoço, quando estava na cama e era ainda criança, e quando ás vezes pegava nelle ao collo, e lhe dizia: — «Fica um pouco aqui commigo»; e ficava assim muito tempo, com a cabeça apoiada na sua, scismando, scismando. E dizia comsigo: — Ver-te-ei um dia, querida mãe? Chegarei ao fim da minha viagem, minha mãe? E caminhava, caminhava por entre arvores desconhecidas e vastas plantações de canna de assucar, e prados sem fim, sempre com aquellas grandes montanhas azues, agudas, que espiguihavam o céu sereno como pontas luzidas de touros robustos, en-

furecidos. Quatro dias, cinco, uma semana se passou. As forças iam-lhe gradualmente faltando, e dos pés-lhe escorria sangue. Finalmente uma tarde, ao pôr do sol, disseram-lhe: — «Fica a cinco milhas d'aquí.» Soltou um grito de alegria, e apressou o passo, como se tivesse readquirido num momento todo o vigor perdido.

Pouco lhe durou a illusão, as forças abandonaram-o de repente; caiu sobre as bordas de um fosso fundo. Mas o coração batia-lhe de contentamento.

O céu coberto de estrellas luminosas nunca lhe parecera tão bello. Contemplava-o deitado sobre a relva para dormir, e pensava que, talvez ao mesmo tempo, sua mãe estivesse vendo aquelle mesmo céu. E dizia: Minha mãe, onde estás, que fazes neste momento? pensarás no teu filho? pensarás no teu Marcos, já tão proximo de ti?

Pobre Marcos! se elle pudesse vêr o estado em que então se achava sua mãe, teria feito um esforço sobrehumano para caminhar ainda, e chegar perto d'ella algumas horas antes. Estava doente de cama numa sala ao rez do chão de uma cazinha fidalga, onde habitava toda a familia Mequinez, que lhe era muito affeiçãoada e lhe fazia grande esmola. A pobre mulher estava já adoentada quando o engenheiro Mequinez foi obrigado a partir ás pressas da cidade, e não tinha melhorado ainda com os bons ares do interior. Depois, o não ter recebido respostas ás suas cartas, nem do marido, nem do primo, o presentimento sempre vivo de alguma grande desgraça, a anciedade continua em que vivia, incerta entre o partir e o ficar, esperando todos os dias uma noticia funesta, tinha-a feito piorar, fóra do commum. Por ultimo manifestára-se-lhe uma molestia gravissima, uma hernia intestinal estrangulada.

Havia quinze dias que não se levantava da cama. Era

necessaria uma operação cirurgica para salvar-lhe a vida. Naquelle momento, justamente, em que o seu Marcos chamava por ella, estavam á sua cabeceira a dona e o dono da casa, procurando convencel-a com muita ternura de que se deixasse operar, e ella persistia na recusa, chorando. Um distincto medico da cidade já tinha vindo uma semana antes, mas inutilmente.

— Não, meus queridos senhores — dizia ella — não me falem nisso ; não tenho mais forças para resistir ; morreria na operação. É melhor que me deixem morrer assim. Não me interesso mais pela vida. Está tudo acabado para mim. E melhor é que eu morra antes de saber o que aconteceu á minha familia.

E os amos a dizerem-lhe que não, que tivesse coragem, que das ultimas cartas, mandadas para Genova directamente, havia de receber resposta, que se deixasse operar pelo amor que tinha a seus filhinhos. Mas aquelle pensamento dos filhos não fazia senão aggravar mais angustiosamente o desanimo profundo que a prostrava desde tanto tempo. Áquellas palavras desatava em pranto.

— Oh ! os meus filhos ! os meus filhos ! exclamava juntando as mãos, talvez já não existam ! É melhor que eu morra tambem. Muito obrigada, meus amigos, agradeço-lhes de todo o coração. Mas é melhor que eu morra. Tambem não ficaria bôa com a operação, estou certa. Muito obrigada por tantos cuidados, meus bons patrões. É destino meu morrer aqui. Está decidido.

E elles a consolal-a e a repetir-lhe : — Não, não diga isso ; — e pegavam-lhe nas mãos e pediam ; porém ella fechava os olhos e caía numa prostração funda, de gente inanida e morta.

E os patrões ficavam alli, por um pouco de tempo, á luz fraca de uma lamparina, contemplando com grande piedade aquella mãe admiravel, que para salvar a sua familia vinha morrer a duas mil leguas da sua patria ; mor-

rer depois de ter soffrido tanto ! pobre mulher, tão honesta, tão bôa, tão desgraçada !

No dia seguinte, de manhã cedo, com o seu sacco aos hombros, curvado e coxeando, mas cheio de animo, Marcos entrava na cidade onde devia encontrar sua mãezinha querida ; vinha com as mesmas illusões e os mesmos desesperos ; a cidade tinha a mesma cruel semelhança das outras ; eram as mesmas ruas estreitas e compridas ; as mesmas casas baixas e brancas ; em toda a parte, uma vegetação nova e esplendida, um ar perfumado, uma luz maravilhosa, um céu limpido e profundo, como elle nunca vira nem mesmo na Italia. Caminhando pelas ruas adiante, tornou a sentir a agitação febril, o mysterio esperado das noticias imprevistas. Olhava para as janellas de todas as casas ; olhava para todas as mulheres que passavam, com a inquieta esperança de encontrar sua mãe ; quizera interrogar quantos passavam e não se atrevia a interromper ninguém.

Todos os que chegavam ás portas, olhavam com curiosidade para o pobre rapaz esfarrapado e poeirento, que mostrava vir de tão longe. Procurava elle entre a gente, pessoa cuja physionomia lhe dêsse confiança e a quem fizesse a tremenda pergunta, quando deu com a vista na taboleta de uma taverna, na qual estava escripto um nome italiano. Dentro estavam um homem de oculos e duas mulheres. Marcos aproximou-se vagarosamente da porta, e tomando alento perguntou :

— Os senhores saber-me-ão dizer onde mora a familia Mequinez ?

— Do engenheiro Mequinez ? — perguntou o taverneiro.

— Sim, do engenheiro Mequinez — respondeu Marcos com voz de contentamento.

— A familia Mequinez — disse o taverneiro — não está na cidade.

Um grito desesperado de dôr, como de uma pessoa apunhalada, fez echo áquellas palavras.

O taverneiro e a mulher levantaram-se, e alguns vizinhos correram.

— Que é ? que tens tu ? — perguntou o taverneiro, puxando-o para dentro e fazendo-o sentar. — Não é cousa para desesperar ; que diabo ! Se os Mequinez não estão aqui, perto estão, a poucas horas d'aqui.

— Onde ? onde ? — gritou Marcos, levantando-se como um resuscitado.

— A umas quinze milhas da cidade — continuou o homem — na margem do Saladillo ; num lugar onde se está construindo um grande engenho de assucar e um grupo de casas ; é ahi a morada do Sr. Mequinez. Todo o mundo sabe ; podes lá chegar em poucas horas.

— Ha um mez que lá estive, disse um 'sujeito que acudira ao grito de Marcos.

Marcos olhou para elle, com os olhos muito abertos, e perguntou precipitadamente, empallidecendo :

— E viu lá a criada do Sr. Mequinez, a genoveza ?

— A genoveza ? Vi, sim.

Marcos rompeu em soluços convulsivos, estrepitosos, rindo e chorando. Depois, com um impeto de resolução violenta :

— Por onde se vae ? Depressa, digam-me onde é o caminho... parto já, ensinem-me o caminho.

— Mas é um dia de viagem — disseram todos a uma só voz. — Tu estás muito fatigado e precisas de repouso. Partirás amanhã.

— É impossivel ! impossivel ! — respondeu Marcos.

— Digam-me por onde se vae, não esperarei mais um minuto ; parto immediatamente, ainda que tivesse de morrer pelo caminho.

Vendo que não cedia, não se oppozeram mais.

— Deus te acompanhe ! — disseram-lhe. — Tem cuidado no caminho da matta... Bôa viagem, *italianito*. Um homem acompanhou-o até fóra da cidade. Indicou-lhe o caminho, deu-lhe alguns conselhos e demorou-se a vê-lo seguir pela estrada. Em poucos minutos o rapaz diminuiu o passo e desapareceu, coxeando com o seu sacco ás costas, por detraz das arvores frondosas que orlavam a estrada.

Aquella noite foi tremenda para a pobre enferma. Soffria dôres atrozes que lhe arrancavam gritos de reben-tar as veias e lhe davam momentos de delirio. As mulheres que lhe assistiam, não sabiam o que fazer.

A senhora vinha vê-la de quando em quando, muito entristecida. Todos principiaram a recear que, embora a doente consentisse em deixar-se operar, o medico que devia vir na manhã seguinte, chegaria já tarde. Nos momentos em que delirava, comprehendia-se que os seus ter-riveis padecimentos não provinham das dôres do corpo, mas do pensamento na familia distante. Pallida, magra, com o rosto mudado, mettia as mãos pelos cabellos, em desesperação que confrangia a alma, e gritava :

— Meu Deus ! meu Deus ! morrer tão longe !... morrer sem tornar a vê-los. Infelizes filhos que ficam sem mãe, ó minhas creaturas, ó meu pobre sangue ! E o meu Marcos, tão pequenino ainda, tão bom ! tão affectuoso ! Nem sabeis como elle era ! se a senhora o conhecesse... Não o podia largar dos braços quando parti ; chorava, chorava que fazia dó ! parecia adivinhar que não veria mais sua mãe. Pobre Marcos ! meu pobre filho ! Pensei que me estalava o coração. Se eu morresse naquelle momento ! Se eu morresse quando me dizia adeus !... Se então caísse fulminada, se morta eu caísse !...

« Sem mãe, pobre criança, que amava tanto, e tanta

necessidade tem de mim ; sem mãe, na miseria, mendigando talvez, elle, Marcos, o meu querido Marcos, a estender a mão com fome ! Oh ! Deus eterno ! Não ! eu não quero morrer ! O medico ! Chamem-no depressa. Quê venha, despedace-me, corte-me as entranhas, faça-me enlouquecer, mas salve-me a vida. Quero ficar bôa. Quero viver, partir, fugir, amanhã ! já ! O medico ! O medico ! soccorro ! soccorro !

E as mulheres agarravam-lhe as mãos, afagavam-na, rogavam e a faziam tornâr a si pouco a pouco, falando-lhe de Deus e da esperança. Então ella recaía num abatimento mortal, chorava, mettendo as mãos nos cabellos grisalhos, gemia como uma criança, em lamentos prolongados e murmurando de quando em quando : — Oh ! a minha Genova ! A minha casa ! Todo aquelle mar ! . . . O meu Marcos, o meu pobre filho ! Onde estará agora a minha pobre creatura !

Era meia noite. E o pobre Marcos, depois de ter passado muitas horas á borda de um barranco, extenuado de forças, caminhava através de matta vastissima, de arvores gigantescas, monstros de vegetação e de troncos desmesurados, semelhantes a pilastras de cathedraes, que entrancavam, á prodigiosa altura, as cabelleiras enormes, brancas, inundadas pelo luar. Vagamente naquella meia obscuridade, via myriades de troncos de todas as fórmãs : direitos, inclinados, torcidos, em attitudes estranhas de ameaça e de lucta ; alguns derrubados por terra, como torres caídas de um jacto, cobertos de uma folhagem tersa, vigorosa e confusa, que semelhavam uma multidão irada, luctando palmo a palmo ; outros, juntos, em grandes grupos, verticaes e cerrados, como feixes de lanças titanicas cujas pontas espetassem as nuvens feridas, sangrentas ;

uma grandeza soberba, uma desordem prodigiosa de formas colossaes : espectáculo formidavel !

Momentos havia que era invadido de grande terror. Mas, de repente fugia-lhe a alma rapida para a mãe. Estava exausto, com os pés em sangue, só no meio d'aquella formidavel floresta, onde não via senão de tempos a tempos, demoradamente, pequenas habitações humanas, que ao pé d'aquellas arvores semelhavam miseros mame-lões terrosos de formigas subterraneas e laboriosas.

Estava abatido, mas não sentia fadiga; estava só e todavia não tinha medo. A grandeza da floresta dilatava, engrandecia-lhe tambem a alma; a proximidade de sua mãe dava-lhe a força e ousadia de um homem; a recordação do oceano, dos desanimos, das dôres soffridas e vencidas, das fadigas já supportadas, da sua rija constancia inabalavel, fazia-lhe levantar a fronte, e todo o seu forte e nobre sangue genovez refluia-lhe ao coração, numa onda vermelha de altivez e audacia. E uma cousa nova e original se dava nelle: depois de dous annos de ausencia, a imagem de sua mãe conservára-se-lhe na mente, obscura e esmaecida, e naquelle momento essa imagem se illuminava, clara, completa; e tornava a ver-lhe o rosto inteiro e puro, como nunca o tinha visto até ahi, via-a muito perto a falar, via os movimentos fugitivos dos seus olhos e dos labios, todas as suas posições, todos os gestos, todas as sombras do pensamento d'ella; e, impellido por aquellas recordações insistentes, apressava o passo; e uma commoção nova, uma ternura indizivel crescia-lhe no coração, fazendo-lhe correr pelas faces lagrimas torrentuosas, doces, consoladoras; e seguindo nas trevas falava com ella, dizendo as palavras que dentro em pouco lhe murmuraria ao ouvido:

— Estou aqui, minha mãe, estou aqui; não te deixarei mais; voltaremos para casa juntos; estarei sempre a teu lado no navio, agarrado a ti, e ninguem mais me separará de ti, querida mãe; ninguem, nunca mais.

E nem se apercebia que nos cimos das arvores gigantes se ia esbatendo a luz argentina da lua, diante da branca e limpida aurora.

Às oito horas d'aquella manhã, o medico, joven americano, estava já á cabeceira da doente, em companhia de um assistente, tentando pela ultima vez persuadil-a a deixar-se operar, e com elle faziam calorosas instancias o engenheiro Mequinez e sua esposa.

Tudo, porém, era inutil. A mulher, sentindo-se exhausta de forças, não tinha mais fé na operação ; estava certa, dizia, de morrer no acto ou de não sobreviver mais que algumas horas, depois de ter soffrido dores mais atrozes do que as que a deviam matar naturalmente. O medico insistia em repetir :

— A operação é segura e a sua cura é certa ; basta só um pouco de coragem ! E é igualmente certa a sua morte se se recusar a ella.

Eram palavras soltas ao vento.

— Não, respondeu ella com voz fraca — tenho ainda coragem para morrer ; mas falta-me para soffrer inutilmente. Obrigada, senhor doutor. Está destinado que seja assim. Deixe-me morrer tranquilla.

Ninguém falou mais. Então a doente voltou o rosto para a sua ama e fez-lhe com a voz moribunda os seus ultimos pedidos.

— Querida e bôa senhora, disse a muito custo em soluços, peço-lhe o favor de mandar aquelle pouco dinheiro á minha familia, por intermedio do senhor consul. Espero que ainda estejam todos vivos. O meu coração m'o prediz bem nestes ultimos momentos. Faça-me o favor de escrever-lhes dizendo-lhes que tenho sempre pensado nellés, que tenho sempre trabalhado para elles... para os meus filhos... mas que morri com coragem... resignada... aben-

coando-os... e que recommendo a meu marido e a meu filho mais velho... o mais pequeno, o meu pobre Marcos, a quem tive sempre no coração até ao ultimo momento.

E, exaltando-se de repente, gritou, erguendo as mãos:

— O meu Marcos! o meu filho! a minha vida! E voltando os olhos cheios de lagrimas, viu que sua ama não estava alli, porque a tinham chamado furtivamente. Procurou com o olhar o amo; tinha tambem desapparecido! Via apenas as duas enfermeiras e o assistente.

Na sala vizinha sentia-se um rumor de passos apressados, um murmurio de vozes rapidas e contidas, de exclamações suffocadas. A doente fixou os seus olhos velados, esperando. Depois de alguns minutos viu voltar o medico tambem com as feições alteradas. Todos tres olhavam para ella com expressão singular, e trocavam entre si algumas palavras em voz baixa. Pareceu-lhe que o medico dissera á senhora: — «É melhor já». A doente não comprehendia.

— Josepha — disse a ama com a voz tremula — tenho uma boa noticia a dar-lhe. Vá preparando o coração para recebel-a.

A mulher fixou-a attentamente.

— Uma noticia — continuou a senhora, sempre agitada — que lhe vae dar muita alegria.

— A enferma abriu os olhos.

— Prepare-se, proseguiu a senhora, para ver uma pessoa a quem quer muito bem.

A mulher levantou a cabeça com um impulso vigoroso e principiou a olhar rapidamente, ora para a senhora, ora para a porta, com os olhos fulgurantes.

— Uma pessoa, accrescentou a senhora, que chegou agora inesperadamente.

— Quem? gritou a mulher com voz rouca e estranha, como de pessoa assustada.

Um instante depois soltou um grito agudissimo; sentando-se repentinamente na cama, ficou immovel, com os

olhos arregalados e com as mãos nas fontes, como diante de uma apparição sobrehumana. Marcos, rôto e coberto de pó, estava hirto á entrada da sala, agarrado por um braço pelo doutor.

A mulher gritou tres vezes:

— Deus! Deus! oh! meu Deus!

Marcos aproximou-se, e ella, estendendo os braços descarnados e apertando-o ao seio com força de um tigre, desatou num riso violento, cortado de profundos soluços e lagrimas, que a fizeram tornar a cair suffocada no travesseiro.

Mas reanimou-se logo, e gritou louca de alegria, enchendo-lhe a cabeça de beijos:

— Como vieste aqui? Porque? És tu? Como estás crescido!... Quem te trouxe? Estás só? Não estás doente? És tu, Marcos? Não é um sonho? Deus meu! fala-me!

Depois, mudando de tom e repentinamente: Não, cala-te! Espera! E voltou-se para o medico, impetuosamente: — Já, depressa, doutor. Quero ficar bôa. Estou prompta. Não perca um momento. Mande sair Marcos, para que não veja... Isso não é nada, meu Marcos. Contar-me-ás depois... Ainda um beijo... Vae. Aqui estou, doutor.

Marcos foi conduzido para fóra.

Os amos e as enfermeiras saíram apressadamente, ficando apenas o operador e o ajudante, que fecharam a porta.

O Sr. Mequinez tentou conduzir Marcos para uma sala afastada, mas foi-lhe impossivel. Elle parecia pregado no soalho.

— Que é, perguntou, que tem minha mãe? Que é que lhe estão fazendo?

Então Mequinez, de vagar, e tentando sempre afastal-o, disse-lhe:

— Olha cá... ouve. Tua mãe está doente; é preciso

fazer-lhe uma operação... Depois te explicarei. Vem comigo.

— Não, respondeu o rapaz, resistente — quero ficar aqui. Explique-me aqui mesmo.

O engenheiro amontoava palavras, insistindo em afastal-o. O rapaz principiava a assustar-se e a tremer.

De repente, um grito agudissimo, como um grito de um ferido de morte, resoou por toda a casa. O rapaz respondeu com um grito de desesperado :

— Minha mãe está morta !

O medico abriu a porta e disse :

— Não; tua mãe está salva.

O rapaz olhou para elle um momento, e depois rojou-se-lhe aos pés soluçando :

— Muito obrigado...

O medico ergueu-o com um gesto, dizendo-lhe :

— Levanta-te. Foste tu, pequeno heroe, que salvaste tua mãe.

Verão

Quinta-feira, 23.

Marcos, o genovez, é o penultimo pequeno heroe que conhecemos, este anno; e falta-nos apenas um mez para as ferias.

Temos apenas dous exames mensaes, vinte e seis dias de lição, seis quintas-feiras e cinco domingos !

Sente-se já o ar do fim do anno.

As arvores do jardim, frondosas e floridas, cobrem de bella sombra os aparelhos de gymnastica.

Os alumnos andam já vestidos de verão. É bonito vêr agora, á saída das classes, como tudo é diverso dos mezes decorridos ! Os cabellos que chegavam aos hombros foram deitados abaixo, todas as cabeças á escovinha. Vêem-se chapéozinhos de palha de todas ás fórmãs, com fitas que

descem pelas costas abaixo, camisas e gravatinhas de todas as côres ; todos os mais pequenos com qualquer cousa vermelha ou azul nas vestes, um enfeite, um debrum, uma borlazinha, um trapinho que seja de côr viva, applicado de qualquer modo pela mamãe, com tanto que faça vista ; até os mais pobres ; e muitos vêm para a escola sem chapéos, como fugidos de casa. Alguns trazem o trajo branco de gymnastica. Ha um alumno da mestra Delcati, vestido de vermelho da cabeça aos pés, parecendo um caranguejo cozido.

Andam alguns vestidos á marinheira. Mas o mais bello é o Pedreirinho, que traz um chapéozinho de palha, que lhe dá ares de um coto de vela com um *paralume* ; e é engraçado vel-o fazer o *focinho de lebre* por baixodas abas. Coretti tambem poz de parte o seu barrete de pello de gato, e traz agora um velho gorro de viajante, de seda cinzenta. Votini traz um vestido á escosseza, todo justinho. Crossi mostra o peito nú. Precossi regala-se dentro de uma bluzza azul de mestre ferreiro. E Garoffi ? Agora que se viu obrigado a deixar o capote que escondia o seu commercio, traz á mostra as algibeiras cheias de toda a especie de bagatelas de adelo ; vêem-se-lhe sair dos bolsos listas de loterias. Agora todos mostram o que trazem : leques feitos de jornal, gaitas de canna, fréchas para atirar aos passaros, hervas, grillos que saem para fóra do bolso e vão vagarosamente subindo pelo paletó ! muitos dos pequenos trazem raminhos de flôres para as mestras. Tambem as mestras andam todas vestidas de verão, e de côres, excepto a *Freirinha*, que se veste sempre de preto e a mestrazinha da penna vermelha, que não deixa, nem a sua penna, nem o laço de fitas côr de rosa ao pescoço, todas amarrotadas pelas mãozinhas das suas discipulas, que a fazem sempre rir e correr. É a estação das cerejas, das borboletas, das musicas nas ruas e dos passeios dos campos ; muitos da *quarta classe* fogem para ir aos banhos no Pó ; todos já têm o coração em férias, e cada dia sae-se da

escola mais impaciente, mais alegre do que no dia anterior. Entretanto faz-me pena ver Garrone vestido de luto, e a minha pobre mestra da primeira cada vez mais abatida e mais pallida, tossindo sempre mais forte. Agora anda curvada e comprimenta-me com um modo tão triste !...

Poesia

Sexta-feira, 26.

Principias a comprehender a poesia da escola, Henrique ; mas por ora não vês a escola senão de dentro. Parecer-te-á mais bella e mais poetica d'aqui a trinta annos, quando lá fores acompanhar teus filhos, e a vires de fóra como a vejo agora. Esperando por ti, passeio pela rua silenciosa em volta do edificio, e applico o ouvido ás janellas do rez-do-chão, fechadas com persianas. Numa janella ouço a voz de uma mestra que diz : « Ah ! aquelle côrte do t ! Assim não está bem, meu filho ! Que diria teu pae ? »

Noutra janella proxima sóa a voz grossa de um mestre, que dicta lentamente : Comprei cincoenta metros de seda a quatro mil seiscentos o metro, vendi-os a . . . »

« Mais além, a mestra da penna vermelha, que lê em voz alta : « Então Pedro Micca, com o morrão acceso . . . »

Da classe vizinha ouve-se como um chilrear de cem passaros, o que quer dizer que o mestre se ausentou por um momento. Vou andando, e ao voltar a esquina ouço chorar um menino, e a voz da mestra reprehendendo-o ou consolando-o. De outras janellas ouvem-se cá fóra versos, nomes de grandes homens e bons, fragmentos de sentenças que aconselham a virtude, o amor da patria e a coragem.

Depois seguem-se momentos de silencio, em que se diria que o edificio está vasio, e parece incrível que lá estejam dentro setecentos rapazes ; depois sentem-se estrondosas gargalhadas provocadas pelo gracejo de um mestre de bom hu-

mor... E a gente, que passa, pára para escutar, e todos vovem um olhar de sympathia para aquelle bello edificio, que encerra em si tanta mocidade e tantas esperanças. Depois ouve-se repentinamente um rumor surdo, um bater de livros, um rumor de carteiras, um estrepito de pés, um bôrborinho, que se propaga de classe em classe, debaixo para cima, como ao divulgar-se a nova de estar finda a aula. E áquelle rumor uma multidão de mulheres, de homens, de mocinhas e de moços acotovelam-se, dentro e fóra da porta, esperando os filhos, os irmãos, os sobrinhos; enquanto das portas das aulas rompem aos pulos pelo salão de entrada os mais pequenos para tomarem as suas capas e os seus chapéozinhos, fazendo grande traquinada no soalho, bailando em roda até que o bedel lh'os dê um a um. E finalmente saem em grandes fileiras, batendo com os pés. Principia então a chuva de perguntas dos parentes: — Soubeste a lição? Que trabalho te deu o mestre? que tens tu para amanhã? Quando é o exame mensal?

E tambem as pobres mães que não sabem ler, abrem os cadernos, olham para os problemas, perguntando pelos pontos — Pois só oito! Dez com louvor! — Nove de lição! — E inquietam-se, alegam-se, interrogam aos mestres, falam de programmas e de exames.

Como é bello tudo isso! Como é grande, e que immensa promessa é para o mundo!

Teu Pae.

A surda-muda

Domingo, 29.

Não podia acabar melhor do que acabou, com a visita d'esta manhã, o mez de maio. Sentimos tocar a campainha e corremos todos. Ouço a voz de meu pae, que diz em voz de espanto: Por aqui, Jorge!—

Era Jorge, o nosso jardineiro de Chieri, que tem agora a familia em Condove, e chegava nesse instante de Genova, onde havia desembarcado no dia anterior, de regresso da Grecia, depois de trabalhar tres annos numa estrada de ferro. Trazia um grande fardo debaixo do braço. Está um pouco envelhecido, mas sempre corado e jovial.

Meu pae queria que entrasse, mas elle disse que não, e perguntou logo muito serio:

— Como vae a minha familia? Como está Gigia?

— Bem, até ha poucos dias—respondeu minha mãe.

Jorge deu um grande suspiro:

— Oh! Deus seja louvado! Não tinha coragem de me apresentar nos *Surdos-mudos* sem primeiro ter noticias d'ella. Deixo aqui este fardo e corro a buscal-a. Ha tres annos que não vejo a minha pobre filha! Tres annos ha, não vejo nenhum dos meus.

— Acompanha-o, disse-me meu pae.

— Ainda uma palavra, desculpe-me, disse o jardineiro no patamar.

Mas meu pae interrompeu-o:

— E os negocios?

— Bem, respondeu—graças a Deus! Trouxe alguns cobres e...mas...queria perguntar... Como vae a instrucção da mudinha? diga-me alguma cousa. Deixei-a que era mesmo um animalzinho, pobre creatura! Creio pouco já nesses collegios. Aprenderia a fazer os signaes? Minha mulher bem escrevia-me: «Está aprendendo a falar e está fazendo progressos». Mas, dizia eu, que vale que ella aprenda a falar, se não sei fazer os signaes? Como nos poderemos entender? pobre criança! Aquillo é bom para se comprehenderem entre si, um desgraçado com outro.

— Mas como vae ella! como vae?

Meu pae sorriu-se e respondeu:

— Não te digo nada, tu verás. Vae, vae depressa; não lhe roubes mais um minuto.

Saímos; o *Instituto* é perto. Caminhando a passos largos, o jardineiro falava-me de modo a entristecer-se. Ah! a minha pobre Gigia! Nascer com aquella desgraça! E dizer que nunca pude ouvir, pronunciado por ella, o nome de pae, e que nunca me ouviu chamar-lhe *filha*, porque nunca disse nem ouviu uma palavra no mundo!... e graças a Deus por se ter encontrado ainda uma pessoa caridosa que tem feito as despesas do *Instituto*! Mas antes de oito annos não podia entrar. Ha tres annos que não está em casa. Já vae fazer os onze. Está crescida? diga-me alguma cousa, está crescida? É alegre?

—Ha de ver, ha de ver! respondi-lhe, apressando o passo.

—Mas onde é esse *Instituto*? perguntou. Quando minha mulher a levou lá, já eu tinha partidó; parece-me que deve ser d'este lado.

Tínhamos justamente chegado. Entrámos logo no parlatorio. Veio-nos ao encontro um guarda.

—Sou o pae de Gigia Voggi—disse o jardineiro; quero ver minha filha! depressa, depressa!

—Estão no recreio, respondeu o guarda. Vou avisar a mestra.

E saiu.

O jardineiro nem sequer podia falar, nem estar parado; olhava para os quadros das paredes, mas sem vêr nada. A porta abriu-se; entrou uma mestra vestida de preto, com uma rapariga pela mão, e pae e filha olharam-se um momento, e depois lançaram-se nos braços um do outro dando um grito. A menina estava vestida de riscadinho branco e vermelho, com avental branco. É mais alta do que eu. Chorava e tinha o pae apertado ao peito com ambos os braços.

O pae recuou um pouco, e poz-se a miral-a dos pés á cabeça, com chispas nos olhos, anceiando, como se tivesse dado uma grande corrida, e exclamou: Ah! como está crescida! E como está bonita! Oh! a minha querida, a minha

pobre Gigia ! A minha mudinha ! É a senhora a mestra ? Diga-lhe, por favor, que me faça alguns dos seus signaes, que sempre entenderei alguma cousa, e depois irei aprendendo pouco a pouco. Diga-lhe que me faça comprehender alguma cousa com os seus gestos.

A mestra sorriu-se e disse em voz baixa á menina :
— Quem é este homem que veio procurar-te ?

E a pequena, com uma voz grossa, estranha, desharmoniosa como de selvagem que falasse pela primeira vez a nossa lingua, mas pronunciando claro e sorrindo, respondeu :

— É meu pae.

O jardineiro deu um passo para traz e gritou, como um louco :

— Ella fala ? Mas é possível ? Será verdade ? Fala ? Mas tu falas, minha filha ? falas ? — E abraçou-a de novo e beijou-a na testa tres vezes. — Mas não é com os gestos que falam, senhora mestra ? Pois não é com os dedos, assim ? . . . Mas que é isto ?

— Não, Sr. Voggi, respondeu a mestra, não é com gestos. Era assim pelo methodo antigo. Aqui ensina-se pelo methodo novo, pelo methodo oral. O senhor não sabia ?

— Mas eu não sabia nada, respondeu o jardineiro estupefacto. Ha tres annos que estou fóra. Talvez m'o tivessem escripto, mas então não comprehendi. Tenho uma cabeça de ferro. Oh ! minha filha, pois tu me comprehendes ? Ouves a minha voz ? Responde, sentes ? Ouves o que te digo ?

— Não, bom homem, disse a mestra. Não ouve a sua voz, porque é surda. Ella percebe pelos movimentos da nossa bocca quaes são as palavras ; é este o methodo novo ; mas não ouve as palavras de ninguem, nem tão pouco as que ella mesma diz ; pronuncia-as, porque lh'as temos ensinado letra por letra, e o modo como deve dispôr os labios e mover a lingua e o esforço que deve fazer com o peito e com a garganta para emittir a voz.

O jardineiro não percebeu e ficou com a bocca aberta. Não acreditava.

—Dize-me, Gigia, perguntou á filha, falando-lhe ao ouvido. Estás contente por teu pae ter voltado?

E levantando a cabeça, ficou esperando a resposta. A filha olhou para elle, pensativa, e nada disse.

O pae ficou perturbado. A mestra riu-se. Depois disse:

—Note, bom homem. Ella não lhe respondeu porque não viu os movimentos dos seus labios. O senhor falou-lhe ao ouvido. Agora repita a pergunta, tendo o rosto bem de frente do rosto d'ella.

O pae, olhando para ella mesmo em face, repetiu:

—Estás contente por teu pae ter voltado! Por não se ausentar mais?

A pequena, que tinha olhado attentamente para os labios, procurando até vêr dentro da bocca, respondeu francamente:

—Sim, estou contente por teres voltado, e não quero que te vás mais embora... nunca mais.

O pae abraçou-a impetuosamente; depois, á pressa, como para confirmar-se melhor, fez uma infinidade de perguntas, umas sobre outras.

— Como se chama a mamãe?

— An-to-ni-a.

— Como se chama tua irmã pequena?

— A-de-lai-de.

— Como se chama este collegio?

— *Dos surdos mudos.*

— Duas vezes dez quantos são?

— Vinte.

Quando pensamos vêl-o rir de alegria, começou de repente a chorar. Mas eram lagrimas de prazer.

— Animo! disse-lhe a mestra. O senhor tem motivo para alegrar-se, não para chorar. Repare que tambem faz chorar sua filha. Então está contente, não é verdade?

O jardineiro tomou a mão da mestra e beijou-a por duas ou tres vezes, dizendo : — Obrigado, senhora professora E perdoe-me não saber agradecer-lhe mais.

— Mas não só fala, disse a mestra, tambem escreve. Faz contas. Conhece e nome de todos os objectos usuaes. Sabe um pouco de historia e de geographia. Agora está ella na classe normal. Quando frequentar as outras classes, saberá muito, muito mais. Ha de sair d'aqui habilitada para exercer uma profissão. Temos *surdas-mudas* que estão nas lojas servindo aos freguezes, e que tratam dos seus negocios como as outras pessoas.

O jardineiro ficou outra vez pasmado. Parecia que se lhe confundiam de novo as idéas. Olhou para a filha e coçou a cabeça.

A sua physionomia era de quem queria ainda alguma explicação.

Então a mestra, voltando-se para o guarda, disse-lhe :

— Chame cá uma menina da classe preparatoria.

O guarda voltou pouco depois com uma *surda-muda* de oito a nove annos, entrada ha poucos dias no Instituto.

— Esta, disse a mestra — é uma d'aquellas a quem ensinamos os primeiros elementos. Eis como se faz : quero, por exemplo, que ella diga — *é* — Repare com attenção.

A mestra abriu a bocca como se abre para pronunciar a vogal *é*, e fez signal á menina para que a imitasse. A menina obedeceu. Então a mestra acenou-lhe, que emittisse a voz. Emittiu logo um som, mas em vez de — *é* — pronunciou — *o*.

— Não — disse a mestra. Não é assim — e pegando nas mãos da menina, poz uma d'ellas aberta na garganta e outra sobre o peito, e repetiu — *é*.

A menina, sentindo pelo tacto o movimento da garganta e do peito da mestra, reabriu a bocca como antes, e pronunciou perfeitamente — *é*. Do mesmo modo fez-lhe

dizer *c* e *d*, conservando sempre as pequeninas mãos no peito e garganta.

— Comprehende agora? perguntou.

O pae tinha comprehendido, mas parecia ainda mais maravilhado do que quando não comprehendia.

— Então ensinam a falar assim? — perguntou depois de um momento de reflexão, olhando para a mestra. — E têm paciencia de ensinar assim, a pouco e pouco, a um por um, a todos? durante annos e annos!?... Mas as senhoras são santas! santas e anjos do paraizo! Mas não ha no mundo recompensa para ellas! Que posso eu dizer? — Ah! deixem-me agora um bocado com a minha filha, deixem-a só commigo por cinco minutos.

E retirando-se para um lado com ella, fel-a sentar e principiou a interrogar-a; ella a responder, e elle a rir-se com os olhos brilhantes, batendo com as mãos em cima dos joelhos, pegando nas mãos da filha e olhando para ella, fóra de si de contentamento, a ouvil-a como a uma voz que viesse do céu. E logo perguntou á mestra:

— O sr. director dará licença que eu lhe agradeça?

— O director não está — respondeu a mestra — mas ha uma pessoa a quem deve agradecer. Aqui cada menina pequena é entregue aos cuidados de uma companheira maior, que lhe serve de irmã e de mãe. A sua filha está confiada a uma *surda-muda* de dezaseis annos, filha de um padeiro, que é bôa e quer-lhe muito bem. Ha dous annos, vae todas as manhãs ajudal-a a vestir-se, penteia-a, ensina-lhe a coser, arranja-lhe a roupa, faz-lhe bôa companhia. Luíza, como se chama a tua mamãe do Instituto?

A rapariga sorriu e respondeu:

— Ca-tha-ri-na Gior-da-no.

E voltando-se para o pae, disse:

— É muito, muito bôazinha.

O guarda, saindo a um signal da mestra, voltou logo com outra *surda-muda*, loura, robusta, de cara alegre,

vêstida também de riscadinho vermelho, com avental cinzento, a qual parou á porta; fez-se muito corada, depois inclinou a cabeça, rindo. Tinha o corpo de uma mulher e parecia uma criança.

A filha de Jorge correu-lhe logo ao encontro, pegou-lhe na mão como uma criança, e trouxe-a ao pé do pae, dizendo com a sua voz grossa :

— Ca-tha-ri-na Gior-da-no.

— Ah! a bôa menina! exclamou o pae, estendendo a mão para acariciá-la, mas retirou-a outra vez e repetiu: — Ah! a bôa menina, que Deus a abençõe, e lhe dê todas as fortunas, todas as consolações, e a faça sempre feliz, á menina e a todos os seus, uma bôa rapariga assim! Pobre da minha Gigia!... É um operario honesto, um pobre pae de fa milia que lhe deseja a felicidade, de todo o coração.

Ella, a grande, acariciava a pequena, que se conservava de cabeça baixa, sorrindo; e o jardineiro continuava a olhal-a como se fosse ella uma santa.

— Hoje pôde levar comsigo a sua filha — disse a mestra.

— Se a levo — respondeu o jardineiro. — Levo-a a Condove e trago-a amanhã de manhã. Ora, se eu não levasse a minha filha!

A filha saiu para vestir-se.

— Ha tres annos que não a vejo! — disse o jardineiro. — E agora que fala! Levo-a a Condove. Mas antes, vou dar um giro por Turim, com a minha mudinha pelo braço; quero que todos a vejam e hei de leval-a aos meus quatro amigos para que a ouçam. Ah! que dia feliz! Isto é que se chama uma consolação! vamos! dá o braço a teu pae, minha Gigia.

A rapariga, que tinha voltado com um chalezinho e uma touca, deu-lhe o braço.

— E muito obrigado a todos, disse o pae; muito obri-

gado a todos, com toda a minha alma o digo, ainda cá hei de voltar para lhes agradecer.

Ficou um momento a pensar, e, apartando-se arrebatadamente da filha, voltou atraz, mexendo com uma das mãos na algibeira, e gritou como um furioso:

— Muito bem ! eu sou um pobre diabo, mas aqui está, deixo vinte liras para o Instituto. Um *marengo* de ouro, bonito e novo.

E dando uma grande pancada sobre a mesa, deixou lá ficar o *marengo*.

— Não, não, bom homem—disse a mestra, commovida—guarde o seu dinheiro, não posso acceital-o, guarde-o. Isto não pertence a mim. Venha quando cá estiver o director. Mas elle não acceitará também, esteja certo d'isso. Custou-lhe muito a ganhar, bom homem. Ficamos-lhe gratos do mesmo modo.

— Não, senhora, deixo—respondeu o jardineiro insistindo. Depois... ver-se-á.

Mas a mestra tornou a metter-lhe a moeda na algibeira, sem dar-lhe tempo a que repellisse. Elle então resignou-se, inclinando a cabeça, e depois, rapidamente atirando um beijo com a mão á mestra e á mocinha maior, tornou a pegar no braço da sua Gigia e saiu pela porta fóra, dizendo :

— Vem, vem, minha filha, minha pobre mudinha, meu *hesouro !

E a filha exclamou com a sua voz grossa :

— Oh ! que dia bonito.

JUNHO

Garibaldi

3 de Junho. Amanhã é festa nacional.

Hoje é dia de lucto nacional.

Hontem á noite morreu Garibaldi. Sabes tu quem foi Garibaldi ? Foi aquelle que libertou dez milhões de italianos da tyrannia dos Bourbons. Morreu aos setenta e cinco annos. Nascera em Niza, filho de um capitão de navio. Aos oito annos salvou uma mulher, aos treze salvou uma barca cheia de companheiros que naufragavam, aos vinte e sete arrebatou das aguas de Marselha um moço que se afogava, aos quarenta e um livrou um navio de incendio no oceano. Combateu dez annos na America pela liberdade de um povo estranho, combateu em tres guerras contra os austriacos pela liberdade da Lombardia e do Trentino, defendeu Roma dos francezes em 1849, libertou Palermo e Napoles em 1860 ; combateu em favor de Roma em 1857, luctou em 1870 contra os allemães em defesa da França. Elle tinha a chamma do heroismo e o genio da guerra. Luctou em quarenta combates e venceu trinta e sete. Quando não combateu, trabalhou para viver, e isolou-se numa ilha solitaria cultivando a terra.

Foi mestre, marinheiro, operario, negociante, soldado, general e dictador. Era grande, simples e bom. Odiava todos os oppressores, amava todos os povos, protegia todos os fracos ; não tinha outra aspiração que não fosse o bem ; recusava as honras, desprezava a morte, adorava a Italia. Quando sol-

tava um grito de guerra, legiões de valentes corriam ao seu encontro de todas as partes. Os fidalgos deixavam os seus palacios ; os operarios, as suas officinas ; os alumnos, as escolas, para ir combater ao sol da sua gloria. Na guerra trazia uma camisa vermelha. Era robusto, louro, bello. Nos campos de batalha era um raio, nas suas amizades uma criança, nas suas dôres um santo. Mil italianos morreram pela patria, felizes de morrer vendo-o passar de longe victorioso ; milhares se deixaram matar por elle, milhões o abençoaram e hão de abençoal-o sempre.

Morreu ; o mundo inteiro chora-o. Tu não o comprehendes por ora ; lerás os seus feitos, ouvirás falar d'elle continuamente na vida, e a medida que fores crescendo, a sua imagem crescerá tambem diante de ti ; quando fores homem, vel-o-ás gigante ; e quando tu não existires, quando já não viverem os filhos dos teus filhos e aquelles que d'elles nascerem, ainda as gerações hão de ver alta, na gloria, a cabeça luminosa do redemptor dos povos, coroada pelos nomes das suas victorias, como um resplendor de estrellas, e a cada italiano illuminar-se-á a fronte e a alma ao pronunciar o seu nome.

Teu pae.

O exercito

Domingo, 11. Festa nacional, retardada sete dias por causa da morte de Garibaldi.

Fomos á praça Castello ver a revista dos soldados que desfilavam diante do commandante do corpo do exercito, no meio de duas grandes alas de povo. A medida que desfilavam ao som das fanfarras e das bandas, meu pae ia-me mostrando os corpos e os trophéos das bandeiras. Primeiros, os academicos, que um dia serão officiaes de eu-

genheiros e de artilheria, cerca de trezentos, vestidos de preto, passaram com uma elegancia ousada e desenvolta de soldados e de estudantes. Depois d'elles desfilou a infantaria, a brigada Aosta, que combateu em Goito e em S. Martinho; a brigada Bergamo, que combateu em Castel Fidardo; quatro regimentos, companhias atraz de companhias; militares de borlazinhas vermelhas, que pareciam grinaldas extensissimas de flôres côr de sangue, presas pelas extremidades, agitadas e conduzidas através da multidão. Depois da infantaria seguiam os soldados do corpo de engenheiros, os operarios da guerra, com pennachos de crina preta e galões carmesim; e enquanto estes desfilavam, viam-se á retaguarda, avançando, centenares de pennas compridas, direitas, que sobrelevavam ás cabeças dos espectadores: eram os *alpinos*, os defensores das portas da Italia, todos altos, rosados e fortes, com os cabellos á calabreza, e as divisas de um lindo verde, côr da herva das suas montanhas. Desfilavam ainda os alpinos, quando um susurro da multidão levantou-se e o antigo batalhão 12 de caçadores, os primeiros que entraram em Roma pela brecha da porta Pia, todos de preto, ageis, vivos, com pennachos ao vento, passaram como uma onda de corrente negra, fazendo ecoar na praça os sons agudos dos clarins, que pareciam gritos de alegria. Mas a sua fanfarra foi coberta pelo estrepito aspero e pesado da artilheria de campanha; então passaram soberbamente sentados sobre os altos caixões, puxados por trezentas parelhas de cavallos impetuosos, os bellos soldados, com seus galões amarellos, os formidaveis canhões d'aço e de bronze, scintillantes sobre as carretas ligeiras que saltavam e ressoavam fazendo tremer a terra.

Vinha depois, lenta, grave, bella, na sua apparencia dolorosa e rude, com os seus robustos soldados, com as suas mulas valentes, a artilheria de montanha, que leva a destruição e a morte até onde sóbe o pé do homem. E finalmente, passou a galope, com os elmos ao sol, com as lan-

ças erguidas, com as bandeiras ao vento, com scintillações de prata e de ouro, enchendo o ar de tinidos e relinchos de cavallos, o soberbo regimento de cavallaria de Genova, que se assignalou em dez campos de batalha, desde Santa Lucia a Villa Franca.

— Como é bello ! exclamei.

Mas meu pae fez-me quasi uma censura por aquellas palavras, dizendo-me ;

— Não consideres o exercito como um bello espectaculo. Todos esses moços, cheios de força e de esperança, podem de um dia para outro ser chamados a defender o nosso paiz e em poucas horas caírem despedaçados pelas balas e pela metralha. Todas as vezes que ouvires gritar numa festa : viva o exercito ! viva a Italia ! imagina para além dos regimentos que passam, um campo juncado de cadaveres e alagado de sangue, e então o *viva* ao exercito te sairá mais do fundo do coração, e a imagem da Italia se te apresentará mais severa e mais grandiosa.

Italia

Terça-feira, 13.

Deves saudar assim a patria, nos dias das suas festas : Italia, minha patria, nobre e querida terra onde meu pae e minha mãe nasceram e serão sepultados, onde espero viver e morrer, e onde meus filhos crescerão e morrerão ; bella Italia, grande e gloriosa de muitos seculos, unida e livre de ha pouco, tu, que derramaste a luz de tantos genios divinos sobre o mundo, e por quem valorosos filhos morreram no campo de batalha e tantos heroes no patibulo, mãe augusta de trezentas cidades e de trinta milhões de filhos, eu, criança que ainda te não comprehendo e te não conheço inteira, venero-te e amo-te de toda a minha alma, e tenho orgulho de ter nascido de ti e de chamar-me teu filho.

Amo os teus mares esplendidos e os teus Alpes sublimes, amo os teus monumentos sollemnes e as tuas recordações immortaes, amo a tua gloria e a tua belleza ; — amo-te e venero-te toda, como a parte tua dilecta, onde pela primeira vez vi o sol e ouvi o teu nome.

Amo-vos toda de um grande affecto e com igual gratidão — Turim valorosa, Genova soberba, Bolonha douta, Veneza encantadora, Milão poderosa ; amo-vos com igual reverencia de filho, Florença gentil e Palermo terrivel, Napoles immensa e bella, Roma maravilhosa e eterna ! Amo-te, patria sagrada ! Juro-te que amarei todos os teus filhos como irmão ; que honrarei sempre no meu coração os teus grandes vivos e os teus grandes mortos ; que serei um cidadão trabalhador e honesto, que trabalharei constantemente por nobilitar-me, para tornar-me digno de ti, e concorrerei com as minhas pequenas forças para que desapareçam um dia da tua face a miseria, a ignorancia, a injustiça, o crime, e para que possas viver e expandir-te tranquillamente na magestade do teu direito e da tua força. Juro-te que te servirei com quanto estiver em mim, com a intelligencia, com o braço, com o coração, humildemente, ousadamente ; e que se um dia careceres do meu sangue e da minha vida, darei vida e sangue, morrerei levando num grito ao céu o teu santo nome, e mandando o meu ultimo beijo á tua bandeira abençoada.

32 grãos

Sexta-feira, 16.

Nestes cinco dias que passaram depois da festa nacional, o calor tem subido tres grãos. Agora estamos em pleno verão ; todos começam a achar-se fatigados ; todos têm perdido as bellas côres rosadas da primavera ; os peçoços e as pernas adelgaçam-se, as cabeças inclinam-se e os olhos fecham-se.

O pobre Nelli, que soffre muito com o calor, traz o rosto côr de cera, e adormece algumas vezes, profundamente, com a cabeça sobre o caderno ; mas Garrone está sempre attento, e põe-lhe diante um livro aberto, em pé, para que o mestre o não veja.

Crossi apoia a cabeça ruiva sobre a carteira, de modo que parece deslocada do corpo e posta alli. Nobis queixa-se de que somos muitos e lhe tiramos o ar. Ah ! que esforço é necessario fazer agora para estudar ! Vejo das janellas de casa aquellas formosas arvores, de sombra tão cerrada, e para onde correria de tão bôa vontade ; e vem-me a tristeza e a contrariedade por ser obrigado a ir metter-me entre os bancos. Mas depois animo-me ao vêr minha bôa mãe, que me observa sempre quando saio para a escola, vê se estou pallido, e diz-me a cada pagina de trabalho : — Estás bom ? E todas as manhãs, ás seis, acordando-me para a lição : — Coragem ! Poucos dias faltam, depois serás livre, descansarás, e gozarás da sombra das alamedas.

Sim, ella tem bastante razão em lembrar-me os meninos que trabalham nos campos, sob a força do sol, ou entre os cascalhos do rio que cégam e escaldam, e aquelles outros das fabricas de vidros que estão todos os dias immoveis, com o rosto inclinado sobre uma luz de gaz, se levantam todos mais cedo do que nós, e não têm férias. Coragem, pois ! E até nisto é Derossi o primeiro de todos, pois não soffre nem calor nem somno ; sempre vivo, alegre, com os seus anneis de cabellos louros, como no inverno, e estuda sem fadiga, e esperta a todos em volta de si, como se refrescasse o ar, á sua voz. Há ainda dous outros, também vivos e attentos : o cabeçudo do Stardi, que dá murros na cara para não adormecer, e que quanto mais fatigado está e mais calor sente, tanto mais aperta os dentes e arregala os olhos, que parece querer comer o mestre ; e o negociante do Garoffi, todo atarefado em fabricar leques de papel vermelho, ornados com figurinhas de caixas de

phosphoros, que vendê a dous vintens cada um. Mas o mais bravo é Coretti, o pobre Coretti, que se levanta às cinco para ajudar o pae a carregar lenha. Às onze na escola, não pôde mais ter os olhos abertos, e cae-lhe a cabeça sobre o peito. E, comtudo, reanima-se, dá palmadas na nuca, pede permissão para sair para lavar a cara, e quer que os vizinhos o sacudam e belisquem. Mas, apesar de tudo, esta manhã não pôde resistir, adormeceu num somno de chumbo ; o mestre chamou-o alto : Coretti ! Então o filho do carvoeiro, que mora perto d'elle, levantou-se e disse :

—Coretti trabalhou das cinco as sete a carregar lenha.

O mestre deixou-o dormir e continuou a dar lição por uma meia hora. Depois foi ao banco de Coretti, e devagarinho, soprando-lhe no rosto, acordou-o. Ao ver diante de si o mestre, inclinou-se para traz assustado. Mas o mestre tomou-lhe a cabeça entre as mãos, e disse, beijando-o nos cabellos :

—Não te censuro, meu filho. Não é teu somno o da preguiça, mas o somno da fadiga.

Meu pae

Sabbado, 17.

Certo, nem teu companheiro Coretti, nem Garrone, responderiam nunca a seu pae, como respondeste esta tarde ao teu, Henrique ! Como é possível ? Deves jurar-me que jamais acontecerá cousa semelhante, emquanto eu viver. Todas as vezes que a uma reprehensão de teu pae te corra aos labios uma resposta má, pensa naquelle dia que ha de irremediavelmente chegar, quando elle te chamar á cabeceira de

sua cama para dizer te : — Henrique, vou deixar-te. — Oh ! meu filho, quando sentires a sua voz pela ultima vez, e ainda por muito tempo depois, quando chorares só no seu gabinete abandonado, no meio d'aquelles livros que elle não abrirá mais, então, recordando-te de lhe teres algumas vezes faltado ao respeito, perguntarás a ti mesmo : — Como é possível ? — Então comprehenderás que elle foi sempre o teu melhor amigo; que, quando era obrigado a castigar-te, soffria mais do que tu, e que nunca te fez chorar senão para fazer-te bem; então arrepende-te-ás e beijarás chorando aquella mesa sobre a qual tanto trabalhou, sobre a qual consumiu a vida por amor de seus filhos. Agora não comprehendes : elle occulta tudo que lhe diz respeito, excepto a sua bondade e seu amor. Tu não sabes que elle está algumas vezes de tal modo acabrunhado pela fadiga, que julga não ter mais que poucos dias de vida e que nesses momentos não fala senão de ti e não tem outro pezar no coração senão o de deixar-te pobre e sem amparo. E quantas vezes pensando nisto entra na tua alcova enquanto dormes, e fica alli com a luz na mão a contemplar-te, e fazendo depois um esforço, cansado e triste como se acha, volta ao trabalho ! Então ignoras que muitas vezes elle te procura, porque tem uma amargura no coração, desgostos que cabem a todos os homens neste mundo; procura-te como a um amigo, para confortar-se e esquecer-se; e tem necessidade de refugiar-se no teu amor para rehaver a serenidade e a coragem ? Pensa, pois, que dór deve ser a sua, quando, em vez de achar amor em ti, encontra frieza e má criação. Não te macules mais d'esta ingratidão horrivel. Pensa que, quando mesmo fosses tão bom como um santo, não poderias nunca compensal-o bastante d'aquillo que elle tem feito e faz continuamente por ti. E pensa tambem, com a vida não se pôde contar, uma desgraça poderia roubar teu pae enquanto és ainda criança—nestes dous annos, dentro de tres mezes, amanhã mesmo. Ah ! pobre Henrique, como então verias mudar-se tudo em volta de ti ! como te pareceria vasia e triste a casa com a tua pobre mãe vestida de preto ! Vae, filho. Vae onde

está teu pae, ao quarto onde trabalha, vae nas pontas dos pés, que te não sinta entrar, vae pousar a fronte sobre os seus joelhos, pedir-lhe que te perdôe e te abençõe.

Tua mãe

No campo

Sexta-feira, 23.

Meu bom pae perdoou-me ainda esta vez, e deixou-me ir ao passeio que tínhamos combinado na quarta-feira com o pae de Coretti, o vendedor de lenha.

Todos nós precisavamos de um pouco de ar das montanhas. Foi uma festa. Encontramos-nos hontem ás duas na praça da Constituição, Derossi, Garrone, Garoffi, Precossi, Coretti (pae e filho) e eu, com as nossas provisões de frutas, salchichas e ovos cozidos, e tínhamos também copinhos de couro e canecas. Garrone levava uma cabaça com vinho branco ; Coretti, uma frisqueira de soldado, de seu pae, cheia de vinho tinto ; e o pequeno Precossi, com sua blusa de ferreiro trazia debaixo do braço um pão enorme de dous kilos. Fomos no *bond* até *Gran-Madre di Dio*, e depois toca a subir pelos morros. Que verdura ! tanta sombra ! e que fresco ! Andavamos ás cambalhotas na relva, banhavamos as caras nos regatos, e saltavamos pelas cercas de espinhos. Coretti, pae, seguia-nos de longe com o jaquetão no hombro, fumando o seu cachimbo de gesso, e de vez em quando acenava-nos com a mão, que não rasgassemos as roupas. Precossi assobiava ; nunca o tinha ouvido assobiar. Coretti, filho, esse fazia tudo, caminhando ; sabe fazer tudo aquelle homemzinho ; com um canivete cheio de folhas e do tamanho de um dedo, fazia rodinhas de moinho, garfos, seringas, e queria levar os embrulhos dos outros ; ia carregado a ponto de lhe cair o suor em

bagas, mas sempre vivo como um cabrito. Derossi parava a cada momento para dizer o nome das plantas e dos insectos; não sei como elle faz para saber tanta cousa. Garrone comia pão em silencio, mas não nos dizia mais as graças alegres de outro tempo, pobre Garrone, depois que perdeu a mãe! Mas elle é sempre bom como uma perola. Quando algum de nós se preparava para saltar um fosso, corria logo para o outro lado, afim de nos dar a mão. E como Precossi tinha medo das vaccas por ter levado umas marradas em criança, sempre que passava alguma, Garrone punha-se logo na frente d'elle. Subimos até Santa Margarida, ás escorregadelas, aos trambolhões... Precossi, esbarrando nuns espinheiros, fez um rasgão na blusa, e ficou alli, envergonhado, com os farrapos a voar, mas Garoffi, que traz sempre alfinetes no paletó, concertou-o tão bem, que não se percebia, e elle dizia sempre:—«Desculpe, desculpe.» Garoffi não perdia o seu tempo pelo caminho: colhia hervas proprias para salada e caracões; e todas as pedras que luzissem um pouco, mettia logo na algibeira, pensando que dentro houvesse ouro ou prata.

E correndo sempre, de quéda em quéda, ora á sombra, ora ao sol, acima e abaixo, pelos cabeços e pelos atalhos, chegámos afinal, afadigados, offegantes, ao cimo de um morro onde nos sentámos para comer. Via-se uma planicie immensa e todos os Alpes azues com os cimos brancos. Estavamos a morrer de fome e o pão desaparecia. Coretti, pae, dava-nos porções, rações de salchichas em cima de folhas de abobora. E então começamos a falar, todos ao mesmo tempo, dos mestres, dos companheiros que não tinham podido vir, e dos exames. Precossi tinha vergonha de comer, e Garrone mettia-lhe na bocca, á força, o melhor da sua parte.

Coretti estava sentado ao lado do pae, com as pernas cruzadas, e pareciam mais dous irmãos do que pae e filho, ao vêl-os assim juntos ambos, corados, a rir com uns dentes muito alvos. O pae trincava com gosto,

esvasiava também os copinhos e canécas que deixavamos em meio, e dizia :

— Para vocês que estudam, o vinho faz muito mal. São os vendedores de lenha que têm necessidade d'elle.

Depois agarrava o filho pelo nariz, sacudindo-o e dizendo-nos :

— Rapazes ! deveis querer bem a este, que é a flôr dos meninos. Sou eu quem o diz.

E todos riam, excepto Garrone ; e elle proseguia, trincando :

— Que pena, hein ? agora estão todos juntos como bons amigos e camaradas, mas d'aqui a alguns annos... quem sabe ? Henrique e Derossi serão talvez advogados, professores, que sei eu ? e os outros quatro, na loja ou na officina, ou em qualquer parte para onde o diabo os mande. E então, bôa noite, camaradas !

— Que ! atalhou Derossi. Para mim, Garrone ha de ser sempre Garrone ; Precossi será sempre Precossi ; e os outros o mesmo, venha eu a ser imperador da Russia ; onde elles estiverem, estarei eu também.

— Muito bem ! — exclamou Coretti pae, levantando a frasqueira ; — assim é que se fala, com os diabos ! Toque ! Vivam os bravos companheiros, e viva a escola, que faz uma só familia dos que a têm e dos que não a têm.

Nós tocamos todos a sua frasqueira com os copinhos e canecas, e bebemos a ultima vez. E elle :

— Viva o quadrado do 49 ! gritou, levantando-se nas pontas dos pés e entornando até o ultimo gole ; e se um dia tiverdes de fazer quadrados, tratae de resistir como nós resistimos.

Era já tarde. Descemos, correndo, cantando e caminhando por muito tempo, todos de braços dados, chegando ao Pó ao escurecer ; andavam pela noite milhares de pyrilampos. E não nos separámos senão na praça da Constituição, depois de termos todos combinado reunir-

mo-nos domingo para ir ao *Victor Manoel* ver a distribuição dos premios aos alumnos das escolas nocturnas. Que bello dia! Como entraria em casa contente, se não tivesse encontrado a minha pobre mestra! Encontrei-a, quando ella vinha descendo as escadas da nossa casa, quasi ao escurecer, e apenas me reconheceu, tomou-me as duas mãos e disse-me ao ouvido: «Adeus, Henrique, lembra-te de mim.» Percebi que chorava. Subi e disse a minha mãe: «Encontrei a minha mestra».—Ella vae agora metter-se na cama—respondeu minha mãe, que tinha os olhos vermelhos. E depois accrescentou com grande tristeza, olhando-me fixamente:

—A tua pobre mestra... está muito doente.

A distribuição dos premios aos operarios

Domingo, 25.

Como tinhamos convencionado, fomos todos juntos ao theatro « *Victor Manoel* » para vêr a distribuição dos premios aos operarios. O theatro estava enfeitado como a 14 de Março e litteralmente cheio; eram, quasi tudo, familias de operarios, e a platéa era occupada pelos discipulos e discipulas da escola de canto choral, que entoavam um hymno aos soldados mortos na Criméa, hymno tão bello que, quando acabou, todos se levantaram a dar palmas e a gritar de modo que tiveram de cantar outra vez. Em seguida, principiaram a desfilar os premiados diante do syndico, do prefeito e de muitos outros, que davam livros e cadernetas da Caixa Economica, diplomas e medalhas.

Num canto da platéa vi o *Pedreirinho* sentado ao lado da mãe; em outro lugar estava o director, e por detraz d'elle a cabeça ruiva do meu mestre da *segunda classe*.

Desfilaram primeiro os alumnos da escola nocturna

de desenho, ourives, gravadores, lithographos, e tambem carpinteiros e pedreiros. Depois, os da escola de commercio, os do lyceu municipal, entre os quaes varias moçinhas, operarias, todas vestidas de festa, que foram saudadas com grande applauso. Estavam sorrindo. No fim vieram os alumnos das escolas nocturnas elementares, e então principiou a ser mais bella a festa. Passava gente de todas as idades, de todas as profissões e vestida de todas as modas, homens com os cabellos grisalhos, aprendizes de officios, operarios de grandes barbas pretas.

Os pequenos estavam inquietos; os homens, um pouco embaraçados. O povo applaudia os mais velhos e os mais novos. Mas ninguem sorria entre os espectadores, como faziam na nossa festa. Viam-se todos os rostos attentos e serios. Muitos dos premiados tinham a mulher e os filhos na platéa, e havia crianças que quando viam passar o pae no palco, chamavam-no pelo nome em voz alta, e lhe acenavam com a mão, sorrindo. Passaram camponezes e carregadores. Estes eram da escola *Buoncompagni*. Da escola da *Cidadella* passou um *engraxate*, que meu pae conhece; o prefeito deu-lhe um diploma. Depois d'elle vi passar um homem alto como um gigante, que me pareceu já ter visto outras vezes. Era o pae do *Pedreirinho*, que recebia o segundo premio. Recordei-me de quando o tinha visto nas aguas-furtadas, á cabeceira do filho doente, e procurei logo o filho na platéa. Pobre *Pedreirinho* ! Elle olhava para o pae com os olhos muito vivos; e para occultar a commoção fazia o *focinho de lebre*. Naquelle momento senti um estrondo de applausos, e olhei para o palco; era a vez de um pequeno limpador de chaminés, com a cara lavada, mas com a roupa do trabalho; o syndico falava-lhe, tomando-o pela mão. Depois do limpador de chaminés veio um cozinheiro. Depois passou a receber a medalha um varredor municipal da escola *Raineri*. Eu sentia não sei que no coração, como que um grande affecto e um grande respeito, pensando

quanto não haviam custado aquelles premios a todos aquelles trabalhadores, paes de familia cheios de cuidados, quantas fadigas além das suas fadigas, quantas horas roubadas ao somno, de que tanto carecem, e tambem quanto esforço da intelligencia não habituada ao estudo e quanto desazo de mãos callosas pelo trabalho.

Passou um moço de officina, e bem se conhecia haver-lhe o pae emprestado a jaqueta para a occasião ; e bamba-leavam-lhe tanto as mangas, que teve de as arregaçar alli mesmo, no palco, para poder tomar o seu premio ; e muitos riram, mas o riso foi logo suffocado pelas palmas. Depois veio um velho, com a cabeça calva e as barbas brancas. Passaram soldados de artilheria, dos que vinham á aula nocturna na nossa secção ; depois, guardas da alfandega, guardas municipaes, dos que fazem guarda a nossa escola. No fim, os alumnos da escola choral cantaram ainda o *Hymno aos mortos da Criméa*, mas com tanto arrebatamento d'esta vez e com tal força de sentimentos, vinha tão direito ao coração, que o publico quasi não applaudiu mais, e saíram todos commovidos, lentamente, e sem fazer barulho. Em poucos momentos toda a rua ficou cheia de gente.

Em frente á porta do theatro estava o limpador de chaminés, com o seu livro de premio, encadernado em vermelho, e em volta alguns *senhores* que lhe falavam. Muitos comprimentavam de um para outro lado da rua, operarios, rapazes, guardas, mestres.

O mestre da *segunda* saiu no meio de dous soldados de artilheria.

E viam-se mulheres de operarios com as crianças nos braços, que sustentavam nas mãozinhas o diploma do pae, e o mostravam a todos com orgulho.

A minha mestra morta

Terça-feira, 27.

Emquanto estávamos no theatro «Victor Manoel», a minha pobre mestra morria. Morreu ás duas horas, sete dias depois que veio á casa de minha mãe.

O director veio hontem de manhã dar-nos a triste noticia na aula, e disse : — Os que d'entre vós foram seus alumnos, sabem quanto lhes queria bem : era uma mãe para elles. Agora já não existe. Uma terrivel molestia minava-lhe desde muito tempo a vida. Se não fosse obrigada a trabalhar para ganhar o pão, teria podido tratar-se e talvez restabelecer-se; e sem duvida teria prolongado a vida por alguns mezes, se tivesse pedido uma licença. Mas quiz estar entre os seus discipulos até o ultimo dia. Na tarde de sabbado, 17, despediu-se d'elles, com certeza de os não tornar a ver, deu-lhes ainda bons conselhos, beijou-os a todos e retirou-se, soluçando. Agora ninguem mais tornará a vel-a. Recordae-vos d'ella, meus filhos.

O pequeno Precossi que tinha sido seu alumno da *primeira superior*, inclinou a cabeça sobre a mesa e poz-se a chorar.

Hontem de tarde, depois da escola, fomos todos á casa onde ella morava, para acompanhar o corpo á Igreja. Estava já na rua um carro funebre, com dous cavallos, e muita gente que esperava, falando em voz baixa. Estavam o director e todos os mestres e mestras da nossa escola e de outras secções onde ella tinha ensinado annos antes; estavam tambem quasi todos os pequenos da sua *classe*, conduzidos pela mão das mães que seguravam tochas, e muitissimos de outras classes e umas cincoenta alumnas da secção Baretti, umas trazendo corôas, outras, grinaldas de rosas. Já havia muitas flôres sobre o carro, a que es-

tava presa uma grande corôa de *saudades* sobre a qual se via escripto com letras pretas: — *Á sua mestra, as antigas alumnas da quarta classe.*—E por baixo da corôa grande pendia uma outra pequena, que tinham trazido as crianças. Por entre a multidão viam-se muitas creadas mandadas pelos amos com velas e tambem dous criados de libré com tochas accesas. Um *fidalgo* rico, pae de um discipulo d'ella, tinha mandado vir a sua carruagem forrada de seda azul. Todos se amontoavam defronte da porta. Muitas mocinhas enxugavam as lagrimas. Esperamos um pedaço de tempo em silencio. Finalmente trouxeram o caixão. Alguns pequenos, quando viram metter o feretro dentro do carro, principiaram a chorar alto, e um começou a gritar de tal modo, como se só naquelle momento comprehendesse que a sua mestra tinha morrido; e caiu em soluços tão violentos, que foi necessario retiral-o. O acompanhamento, posto em ordem, lentamente principiou a mover-se. Iam adiante as *Filhas do Retiro da Conceição*, vestidas de verde; depois as *Filhas de Maria*, todas de branco com uma faixa azul; depois os padres, e atraz do carro os mestres e mestras, os pequeninos escolares da *Primeira superior* e todos os outros, e atraz de todos a multidão. A gente que chegava ás janellas e ás portas, ao ver todo aquelle povo e as corôas, dizia logo:

— É uma professora.

Entre as senhoras que acompanhavam os mais pequenos, algumas havia que choravam. Chegados que foram á igreja, tiraram o feretro do carro e levaram-o para o centro da nave, defronte do altar-mór. As mestras pozeram-lhe as corôas em cima e as crianças cobriram-o de flôres, e toda a gente em volta, com as velas accesas, principiou a cantar orações na igreja grande e escura.

Depois, de repente, quando o padre disse o ultimo *Amen*, as velas apagaram-se, todos saíram apressadamente, e a mestra ficou só. Pobre mestra, tão bôa para

mim, que tinha tanta paciência e que por tantos annos se tinha cansado!

Ella deixou os seus poucos livros aos seus discipulos : a um, um tinteiro, a outro, um quadrinho, tudo aquillo que possuia ; e dous dias antes de morrer disse ao director que não deixasse ir os mais pequenos ao seu enterro, porque não queria que chorassem. Fez tanto bem, soffreu tanto, e morreu. Pobre mestra, que ficaste sósinha naquella igreja escura ! Adeus ! Adeus ! Adeus para sempre, minha bôa amiga, doce e triste recordação da minha infancia !

Agradecimentos

Quarta-feira, 28.

Quiz acabar o seu anno de escola a minha pobre mestra, e morreu faltando tres dias para terminar as lições.

Depois de amanhã iremos ainda uma vez á *classe* ouvir ler o ultimo *conto mensal* — *Naufragio* — e depois... está tudo acabado. Sabbado, 1 de Julho, os exames. E passou assim o quarto anno. E, se não fosse a morte de minha mestra, teria passado bem.

Lembro-me do que sabia em outubro, e parece-me que sei hoje muito mais. Tenho muitas cousas novas na memoria, e sei dizer e escrever melhor do que outros maiores, e sinto-me capaz até de os ajudar nos seus trabalhos ; comprehendendo com mais facilidade e entendo quasi tudo que leio. Estou satisfeito.

Mas quantos me incitaram e me ajudaram a aprender, de um modo ou de outro, em casa, na escola, pela rua, por toda a parte, enfim, onde ia e onde podia vêr qualquer cousa ! A todos agradeço agora. Agradeço primeiro a ti, bom mestre, que foste tão indulgente e affectuoso para comigo, e a quem custou uma fadiga cada novo conhecimento

com que agora me alegre e de que tenho orgulho. Agradeço-te, Derossi, meu admirável companheiro, que com tuas explicações promptas e delicadas me fizeste comprehender tantas cousas difficeis e vencer os obstaculos dos exames; a ti tambem, Stardi, bravo e forte, que me mostraste como uma vontade de ferro tudo subjuga; a ti Garrone, bom e generoso, que fazes bons e generosos todos os que te conhecem; e tambem a vós, Precossi e Coretti, que me déstes o exemplo da coragem nos soffrimentos e da serenidade no trabalho—eu digo obrigado a ti e a todos os mais! Mas acima de todos agradeço-te, meu pae, meu primeiro mestre, meu primeiro amigo, que me déste tão bons conselhos e me ensinaste tantas cousas, ao mesmo tempo que trabalhavas para mim, occultando-me sempre as tuas tristezas e procurando por todos os modos tornar-me o estudo facil e a vida bella; e a ti minha doce mãe, meu anjo da guarda querido e abençoado, que gozaste de todas as minhas alegrias e participaste de todas as minhas amarguras, que te afadigaste, estudaste e choraste commigo, acariciando-me com uma das mãos e apontando-me com a outra para o céu. Ajoelho-me diante de vós como quando era criança, e, com toda a ternura que soubeste incutir-me n'alma, em doze annos de sacrificios e de amor, eu vos agradeço.

O naufragio

(ULTIMO CONTO MENSAL)

Alguns annos ha que por uma manhã do mez de Dezembro, levantava ferro do porto de Liverpool um grande vapor, que levava a bordo mais de trezentas pessoas, e entre ellas setenta homens de tripulação.

O capitão e quasi todos os marinheiros eram inglezes. Entre os passageiros contavam-se varios italianos, tres se-

nhoras, um padre e uma companhia de musicos ambulantes. O navio dirigia-se á ilha de Malta, o tempo estava ennevoado.

Entre os viajantes de terceira classe, á prôa, havia um rapazinho italiano de doze annos, pequeno para sua idade, mas robusto: um bello rosto ousado e severo de siciliano. Estava só, junto ao mastro do traquete, sentado em cima de um montão de cordas, ao lado de uma mala usada, que continha as suas roupas, e sobre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto moreno e os cabellos negros e ondulados, que quasi lhe caíam nos hombros. Estava vestido pobremente, com um manto já gasto sobre as costas e uma velha bolsa do couro a tiracóllo.

Olhava em torno de si, pensativo, para os passageiros, para o navio, para os marinheiros que passavam correndo e para o mar inquieto. Tinha a expressão doentia de um rapaz que acabava de soffrer grande desgraça de familia, rosto de criança e physionomia de homem.

Pouco depois da partida do navio, um dos marinheiros, italiano de cabellos grisalhos, appareceu á prôa, trazendo pela mão uma mocinha, e parando defronte do pequeno siciliano disse-lhe:

—Aqui tens uma companheira de viagem, Mario. Deixou-a ficar e foi-se embora.

A mocinha sentou-se sobre o montão de cordas ao lado do rapaz. Olharam-se um para o outro.

—Aonde vaes? perguntou-lhe o siciliano.

A pequena respondeu:

—A Malta por Napoles; depois accrescentou: — Vou encontrar-me com meu pae e minha mãe, que me esperam. Chamo-me Julieta Faggiani.

O rapaz nada disse. Poucos minutos depois tirou de sua bolsa pão e fructas seccas; a mocinha trazia biscoitos. Comeram.

—Alegrae-vos! gritou o marinheiro italiano, passando rapidamente. Vae começar o baile.

O vento ia augmentando e o navio balouçava fortemente. Mas os dous não enjoavam, e pouco lhes importava isso. A mocinha sorria. Tinha aproximadamente a idade de seu companheiro, mas era muito mais alta; de rosto moreno, delicado, um pouco fraca, e vestia mais que modestamente. Tinha os cabellos curtos e annelados, um lenço vermelho em volta da cabeça, duas argolinhas de prata nas orelhas.

Comendo, iam contando a sua vida. O rapaz não tinha mais nem pae nem mãe. O pae, operario, morrera em Liverpool poucos dias antes, deixando-o só, e o consul italiano mandava-o agora para Palermo, sua terra, onde tinha ainda alguns parentes afastados. A mocinha tinha sido levada para Londres, um anno antes, por uma tia viuva que a estimava muito, com consentimento de seus paes, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos mezes depois a tia morrera esmagada por um bonde, sem deixar-lhe um vintem; e então, vendo-se obrigada a recorrer ao consul, esse a embarcára para a Italia. Ambos foram recommendados ao marinheiro italiano. De modo que, concluiu a pequena, meu pae e minha mãe esperavam e que voltasse rica, e em vez d'isso volto pobre como fui. Mas elles querem-me da mesma maneira. E meus irmãos tambem. Tenho quatro, todos pequenos. Sou a mais velha da casa. Hão de fazer-me muita festa ao vêr-me. Hei de entrar nas pontinhas dos pés... O mar está horrivel!

Depois perguntou ao rapaz:

— E tu vaes ficar com os teus parentes?

— Sim, se me quizerem, respondeu.

— Não te querem bem?

— Não sei.

— Eu completo treze annos pelo Natal, disse a mocinha.

Depois principiaram a discorrer do mar, da gente que tinham em redor de si. Todo o dia estiveram juntos, tro-

cando de quando em quando algumas palavras. Os passageiros pensavam ser irmão e irmã. Ella, a criança, fazia uma meia ; elle meditava. O mar ia engrossando cada vez mais. Á noite, quando se separaram para dormir, disse ella a Mario :

— Dorme bem.

— Ninguém dormirá bem ; pobres crianças ! exclamou o marinheiro italiano, passando de corrida a chamado do capitão. O rapazinho ia responder á sua amiga—Bôa noite !—quando um jorro de agua, inesperado, caíndo sobre elle com violencia, o atirou de encontro a um banco.

— Ai ! mãe do céu ! que se feriu ! — gritou a rapariga, lançando-se sobre elle.

Os passageiros que desciam á camara, não deram attenção.

A mocinha ajoelhou-se ao lado de Mario, que ficára atordoado com a quêda, limpou-lhe a testa, que estava ensanguentada, e tirando o lenço vermelho que lhe cobria os cabellos, envolveu-lhe a cabeça, aconchegando-a ao peito para melhor poder atar as pontas do lenço, caíndo-lhe nessa occasião no peito uma gotta de sangue sobre o seu vestido amarello. Mario reanimou-se e poz-se em pé.

— Sentes-te melhor ? — perguntou a mocinha.

— Não tenho mais nada — respondeu elle.

— Dorme bem — disse Julieta.

— Bôa noite — respondeu Mario.

E desceram pelas duas escadinhas dos seus dormitórios. O marinheiro tinha predito a verdade. Ainda não tinham adormecido, quando se desencadeou uma tempestade medonha. Foi como um assalto repentino de vagas furiosas, que em poucos momentos partiram um dos mastros e levaram comsigo, como se fossem folhas seccas, tres botes que estavam presos aos guindastes e quatro bois que estavam na prôa. No interior do navio nasceu a confusão, o terror, um alarido immenso de gritos, choros e

preces que faziam erriçar os cabellos. A tempestade foi-se tornando cada vez mais tormentosa durante a noite. Ao despontar da aurora cresceu ainda. As ondas alterosas, flagellando o vapor obliquamente, rebentavam sobre a coberta, despedaçavam, lambiam e levavam tudo consigo. A plataforma que cobria a machina arrombou-se, e a agua precipitou-se dentro com um estrepito horrivel; as fornalhas chiando apagaram-se, e os machinistas fugiram; jorros de agua, grossos e impetuosos, penetravam por toda a parte. Uma voz potente gritou: Ás bombas! — Era a voz do capitão. Os marinheiros correram ás bombas. Mas um golpe de mar repentino, encontrando o navio pela ré, despedaçou parapeitos e portinholas, e a agua torrentuosa desabou pesada dentro do navio.

Todos os passageiros, mais mortos do que vivos se haviam refugiado na sala grande. Num certo momento appareceu o capitão.

— Capitão! capitão! gritaram todos juntos. Que se faz? Estamos em perigo? Ha esperanza? Salve-nos!

O capitão esperou que todos se calassem e disse friamente:

— Resignemo-nos.

Só uma mulher soltou um grito — Piedade! ninguem mais pôde pronunciar uma palavra. O terror tinha paralisado todas as bocças.

Muito tempo se passou assim num silencio de tumulos. Olhavam uns para os outros, com os rostos pallidos, em calefrio, tremulos. O mar sempre e sempre furioso, horrendo, bramia formidavel.

O navio balouçava pesadamente.

Num dado momento o capitão tentou lançar ao mar um barco salva-vidas. Cinco marinheiros entraram nelle e o barco foi arreado, mas foi logo emborcado por uma onda, e afogaram-se dous marinheiros, um d'elles o

italiano; os outros a custo conseguiram aferrar-se ás cordas, e subiram escorrendo agua.

Depois d'isto, os proprios marinheiros perderam toda a coragem. Duas horas depois o navio estava já immerso na agua até a altura das enxarcias.

Um espectaculo tremendo passava-se no emtanto sobre a coberta. As mães, desgrenhadas, ferozes, cingiam os filhos ao peito desesperadamente; os amigos abraçavam-se e diziam-se adeuses; alguns desciam aos camarotes, para morrer sem verem o mar; um viajante disparou uma pistola na cabeça, e caiu de bruços sobre a escada do dormitorio, onde expirou no meio do sangue.

Muitos agarravam-se freneticamente aos outros; as mulheres contorciam-se em convulsões horrendas, rezavam e diziam orações com o aspecto heretico e impiedoso dos que desesperam da vida.

Alguns estavam ajoelhados em volta de um padre. Ouvia-se um côro de suspiros e lamentos infantis, de vozes agudas e estranhas; viam-se aqui e alli pessoas immoveis, rijas como estatuas, pasmadas, com as pupilas abertas, sem olhar, faces de cadaveres e de loucos.

Os dous pequenos, Mario e Julieta, agarrados a um mastro do navio, olhavam para o mar, com os olhos desmesuradamente fixos, penetrando o infinito como insensatos.

O mar tinha-se aquietado um pouco, mas o navio continuava a submergir-se lentamente. Não restavam mais do que alguns minutos.

— A lancha ao mar! — gritou o capitão.

Uma lancha, a ultima que ficára, foi lançada ás aguas, e quatorze marinheiros com tres passageiros entraram nella. O capitão ficou a bordo.

— Desça connosco — gritaram de baixo.

— Não ! devo morrer no meu posto ! respondeu o capitão.

— Encontraremos algum navio — gritaram de novo os marinheiros ; salvar-nos-emos. Ahi, está perdido.

— Eu fico.

— Ha ainda um lugar ! — gritaram de novo os marinheiros, dirigindo-se aos outros viajantes.

— Uma mulher !

Uma senhora adiantou-se então, amparada pelo capitão, mas, á vista da distancia a que se achava a lancha, não se sentiu com coragem de tentar o salto, e tornou a cair sobre o convéz. As outras estavam quasi todas desmaiadas e moribundas.

— Um menino ! — gritaram ainda os marinheiros.

Áquella voz, o rapaz siciliano e a sua companheira, que tinham estado até alli como petrificados por um terror sobrehumano, despertados repentinamente pelo violento instinto da vida, desprenderam-se num impulso do mastro, e lançando-se sobre a borda do navio, gritaram a uma voz :

— A mim ! a mim ! — procurando empurrar-se um ao outro para traz, como duas feras enfurecidas !

— A lancha está sobrecarregada.

— O mais pequeno !

Ao ouvir aquellas palavras, a mocinha deixou cair os braços como fulminada, e permaneceu immovel, olhando para Mario com os olhos já amortecidos. Mario, depois de fital-a um instante, viu a mancha de sangue sobre o seu peito, recordou-se, e o lampejo de uma idéa divina illuminou-lhe o rosto.

— O mais pequeno ! gritaram em côro os marinheiros, com imperiosa impaciencia. Partimos já !

Então Mario, com uma voz que não parecia mais a sua, gritou :

— Ella é mais leve ! Vae tu, Julieta, tens pae e mãe, eu não tenho ninguém. Dou-te o meu lugar !

— Desce !

— Deita-a ao mar ! — disseram os marinheiros.

Mario agarrou Julieta pela cintura e deitou-a ao mar. A mocinha deu um grito e mergulhou. Um marinheiro agarrou-a por um braço e puxou-a para cima da lancha.

O rapaz ficou firme na borda do navio, com a fronte alta, os cabellos ao vento, tranquillo, sublime, como se a gloria o tivesse alli immobilisado e petrificado em estatua do Sacrificio.

A lancha moveu-se e fel-o apenas a tempo de escapar do redomoinho da agua, produzido pela submersão do navio, que esteve a ponto de emborcal-a.

Então Julieta, que estivera até aquelle momento quasi insensivel, levantou os olhos para Mario e desatou em copioso pranto.

— Adeus, Mario ! gritou-lhe entre soluços, com os braços estendidos para elle. Adeus ! Adeus !

— Adeus ! — respondeu o rapaz, levantando a mão.

A lancha afastava-se velozmente sobre o mar agitado, debaixo de um céu tetrico. Ninguem mais gritava a bordo do navio. A agua lambia já as bordas da cobertura.

De repente Mario caiu de joelhos com as mãos postas e os olhos cravados no céu.

A mocinha de longe cobriu o rosto, mas quando ergueu a cabeça, estendeu a vista sobre o mar.

O navio já havia desaparecido.

JULHO

A ultima pagina de minha mãe

Sabbado, 1.

Está, pois, acabado o anno, Henrique. Bem é que te fique como recordação do ultimo dia a imagem d'essa criança sublime que deu a vida por sua amiga. Agora estás para separar-te dos teus mestres e dos teus companheiros, e eu devo dar-te uma noticia triste. A separação não durará sómente tres mezes, durará sempre. Teu pae, por deveres da sua profissão, tem de deixar Turim, e nós todos com elle. Sairemos no proximo outomno. Terás de entrar numa escola nova. Isto te entristece, não é verdade? porque estou certa de que estimas tua velha escola, onde durante quatro annos duas vezes ao dia experimentaste o prazer do trabalho, onde viste por tanto tempo, a uma certa hora, os mesmos parentes, e teu pae e tua mãe que te esperavam a sorrir, a tua velha escola onde se abriu a tua intelligencia, onde encontraste tão bons companheiros, onde cada palavra que ouvias tinha por fim o teu bem, e nenhum dissabor soffreste que te não fosse util. Conserva, pois, este affecto comtigo, e dá um adeus de coração a todos aquelles collegas. Alguns supportarão grandes desventuras, perderão cedo pae e mãe, outros morrerão na flôr da idade, outros derramarão nobremente o seu sangue nas batalhas, muitos serão bons e honestos operarios, paes de familias laboriosas e honestas como elles, e quem sabe se entre elles não haverá alguns que prestem ainda grandes serviços ao seu paiz e façam o seu nome glorio-

so ? *Separa-te, portanto, d'elles affectuosamente, deixa um pouco da tua alma naquella grande familia onde entraste criança e d'onde saes moço, e que teu pae e tua mãe muito amam, porque nella foste muito amado.*

A escola é uma mãe, meu Henrique. Ella levou de meus braços uma criança que balbuciava apenas e agora restitue-m'a forte, robusta, bôa e estudiosa. Abençoada seja a escola, e tu não a esquecerás mais, meu filho. Oh ! é impossivel que a esqueças. Far-te-ás homem, viajarás o mundo, verás cidades immensas e monumentos maravilhosos, e de muitos d'estes te esquecerás ; mas aquelle modesto edificio branco, com aquellas persianas cerradas e aquelle pequeno jardim onde desabrochou a primeira flôr da tua intelligencia, vel-o-ás até o ultimo dia da tua vida, como verei a casa em que ouvi a tua voz pela primeira vez.

Os exames

Segunda-feira, 3.

Eis-me finalmente na época dos exames.

Pelas ruas que circumdam a escola não se fala de outra cousa, os meninos, os paes, as mães e até as criadas : — exames, pontos, thema, média, reprovação, promoção, todos dizem as mesmas palavras. Hontem de manhã foi o dia de *Composição*, hoje é o de *Arithmetica*. Era commovente vêr todos os parentes que conduziã os meninos á escola, dando-lhes os ultimos conselhos pelo caminho, muitas mães que acompanhavam os filhos até as mesas, para vêr se havia tinta no tinteiro, e experimentar a penna. E ainda ao sair da porta voltavam-se dizendo : — Coragem ! Attenção !

O nosso mestre assistente era Coatti, aquelle de barba preta que finge a voz do leão e não castiga a nin-

guem. Havia rapazes que estavam brancos de medo. Quando o mestre abriu o officio do municipio e tirou o *problema*, não se ouvia respirar. Dictou o problema em voz alta, olhando para um e outro lado com uns olhos terriveis; mas comprehendia-se que se lhe fosse permittido dictar tambem a solução para que todos fossem promovidos, fal-o-ia com o maior prazer. Depois de uma hora de trabalho, muitos principiaram a inquietar-se, porque o problema era difficil. Um começou a chorar. Crossi dava muros na cabeça. E muitos não eram realmente culpados de não saber, pobres meninos! Elles não tinham muito tempo para estudar, nem tinham o auxilio interessado dos paes.

Mas a Providencia estava alli. Era necessario vêr a que trabalho se dava Derossi para ajudal-os, os meios que procurava para passar uma *cifra* e suggerir uma operação sem se perceber, tão solícito com todos que parecia ser elle o nosso mestre. Tambem Garrone, que é forte em arithmetica, auxiliava quanto podia, e ajudava por fim a Nobis, que vendo-se atrapalhado tornou-se muito amavel; Stardi esteve mais de uma hora immovel, com os olhos no problema e com os punhos nas fontes, e depois resolveu tudo em cinco minutos.

O mestre andava por entre os bancos, dizendo :

— De vagar! *recommendo-vos todo o vagar!*

E quando via algum desanimado, abria muito a bocca como para devoral-o, imitando o leão, unicamente para o fazer rir e animal-o. Pela volta das onze horas, espreitando por entre as persianas, vi muitos paes que iam e vinham pela rua, impacientes; entre elles estava o pae de Precossi com a sua camisola azul, e que saíra naquelle momento da officina, ainda com a cara toda tisonada.

Estava tambem a mãe de Crossi, a quitandeira; a mãe de Nelli, vestida de preto, que não podia estar socegada. Pouco antes do meio-dia chegou meu pae, e levantou os olhos para a minha janella. Meu querido pae! Ao meio-dia todos tinhamos acabado. E era de ver-se á saída

todos ao encontro dos meninos a fazerem perguntas e a folhearem os cadernos, a comparal-os com os trabalhos dos companheiros.

— Quantas operações? Qual é o total? — E a subtracção? — E a resposta? — E a virgula dos decimaes?

Todos os mestres andavam para um e outro lado, chamados de cem partes. Meu pae arrancou-me da mão o meu rascunho, olhou e disse:

— Está muito bom.

Ao nosso lado estava o ferreiro Precossi, que examinava tambem o trabalho do filho, um pouco inquieto e sem perceber nada. Voltou-se para meu pae:

— Poderá fazer-me o favor? ... o total?

Meu pae leu a cifra. Elle foi vêr. Combinava.

— Bravo, meu pequenino! — exclamou todo satisfeito.

E meu pae e elle olharam-se um momento com um bom sorriso como dous amigos.

Meu pae estendeu-lhe a mão; elle apertou-a. E separaram-se dizendo: — Ao exame oral! ao oral!

Dados poucos passos, ouvimos uma voz de falsete que nos fez voltar a cabeça. Era o ferreiro que cantava.

O ultimo exame

Sexta-feira, 7.

Esta manhã fizeram-se os exames oraes. Ás oito horas estavam todos na *classe*, e ás oito e um quarto principiaram a chamar-nos, quatro de cada vez, á sala grande, onde havia uma enorme mesa coberta com um panno verde, e em torno o director e os quatro mestres, entre os quaes o nosso. Fui um dos primeiros chamados. Pobre mestre!

Esta manhã conheci bem quanto nos estima. Em-

quanto os outros nos interrogavam, não tirava os olhos de nós; inquietava-se quando nos via indecisos em responder, socegava quando davamos boas respostas. Ouvia tudo e fazia-nos mil acenos com as mãos e com a cabeça para dizer-nos: — bem — não — sê attento — mais devagar — coragem! Ter-nos-ia suggerido tudo, se podesse falar. Se no logar d'elle estivessem collocados uns após outros os paes de todos os alumnos, não teriam feito mais. Tive vontade de gritar-lhe — obrigado! — dez vezes, na presença de todos. E quando os outros mestres me disseram: — Muito bem, póde retirar-se — scintillaram-lhe os olhos de alegria. Voltei logo para a *classe* a esperar meu pae. Estavam ainda lá quasi todos. Sentei-me ao lado de Garrone. Mas eu não estava contente. Pensava em que era a ultima vez que estaríamos uma hora um perto do outro.

Ainda lhe não tinha dito que não frequentaria a *quarta* classe com elle, porque tinha de sair de Turim com meu pae.

Elle nada sabia. E estava alli curvado, com a sua grande cabeça inclinada sobre a carteira, a desenhar ornatos em volta de uma photographia de seu pae vestido de machinista, um homem alto e corpulento, com um peçoço de touro e uma apparencia séria e honesta como a d'elle. E quando estava assim curvado, com a camisa um pouco aberta na frente, via-se-lhe sobre o peito nú e robusto a cruzinha de ouro que lhe deu de presente a mãe de Nelli, quando soube que era elle o protector de seu filho. Mas era necessario que eu lhe falasse a respeito da minha viagem. E disse-lhe: «Garrone, neste outomno meu pae ausenta-se de Turim para sempre.» Elle perguntou-me se eu ia tambem. Respondi-lhe que sim.

— Não frequentarás a *quarta* classe connosco? perguntou.

Respondi-lhe que não.

Ficou então por um pouco de tempo sem falar, conti-

nuando o seu desenho. Depois perguntou-me, sem levantar a cabeça.

— Has de recordar-te sempre de teus companheiros da *terceira* ?

— Sim, disse-lhe, — de todos, mas... de ti mais do que de todos. Quem poderá esquecer-se de ti ?

Elle olhou para mim firme e serio, com um olhar que dizia mil cousas, mas sem dar uma palavra ; só me estendeu a mão esquerda, fingindo continuar a desenhar com a outra, e eu apertei entre as minhas aquella mão forte e leal.

Naquelle momento entrou apressadamente o mestre com o rosto avermelhado, e disse em voz baixa e rapida, com ar alegre : — Bravo ! até agora tudo vae bem ! Assim possam ir os outros que faltam ; bravo, rapazes ! coragem ! estou contentissimo !

E para mostrar-nos a sua alegria e divertir-nos, fingiu tropeçar e agarrar-se á parede para não cair ; e riu-se, elle a quem nunca tinhamos visto rir. O facto pareceu-nos tão estranho, que, em vez de rirmo-nos, ficámos todos estupefactos ; todos sorrimos, mas nenhum se riu. Pois bem, não sei porque, mas fez-me pena e ternura ao mesmo tempo aquella manifestação de alegria infantil. Era todo o seu premio aquelle momento de alegria, era a compensação de longos mezes de bondade, de paciencia e tambem de amargores. Tinha-se afadigado tanto tempo, tinha vindo tantas vezes dar lição doente, pobre mestre ! Isso era tudo o que nos pedia, em troca de tanto affecto e de tantos cuidados ! E agora parece-me que hei de vel-o sempre assim naquelle momento feliz, quando me recordar d'elle durante muitos annos ; e se quando fôr homem, elle viver ainda e nos encontrarmos, falar-lhe-ei d'aquelle dia em que me tocou o coração, e dar-lhe-ei um beijo nos seus cabellos brancos.

Adeus

Segunda-feira, 10.

Ao meio-dia fomos todos pela ultima vez á escola para saber o resultado dos exames, e receber os certificados de promoção. A rua estava repleta de parentes, que tinham invadido até o salão de entrada, e muitos chegaram ás *classes*, amontoando-se ao lado da mesa do mestre; na nossa enchiam todo o espaço entre a parede e os primeiros bancos. Estavam o pae de Garrone, a mãe de Derossi, o ferreiro Precossi, Coretti, a senhora Nelli, a quitandeira, o pae do «Pedreirinho», o pae de Stardi e muitos outros que eu nunca tinha visto; e havia de todos os lados um susurro, um bulicio, que parecia estarmos numa praça.

Entrou o mestre. Fez-se um grande silencio. Tinha nas mãos a lista e começou a lêr: Abatucci, *promovido*, sessenta sexagesimos; Archini, *promovido*, cincoenta e cinco septuagesimos; o «Pedreirinho», *promovido*; Crossi, *promovido*; depois leu mais alto: Ernesto Derossi, *promovido*, setenta septuagesimos e o primeiro premio; todos os parentes que estavam alli e o conheciam, disseram:

— Parabens, Derossi! E elle sacudiu os seus cabelos louros, com o seu sorriso desenvolto e bello, olhando para a sua mãe, que o saudou com a mão. Garoffi, Garrone, o Calabrez, *promovidos*. Depois, tres ou quatro em seguida, reprovados; e um d'esses pôz-se a chorar, porque seu pae, que estava á porta, fez-lhe um gesto de ameaça. Mas o mestre disse ao pae: — Não, senhor, perdôe-me, nem sempre é culpa d'elles; muitas vezes é infelicidade. É esse um dos casos.

Depois leu: — Nelli, *promovido*, sessenta e dous septuagesimos. Sua mãe mandou-lhe um beijo com o leque. Stardi, *promovido* com sessenta e sete septuagesimos; mas

ao ouvir aquella bella classificação elle nem sequer desprende os punhos das fontes. O ultimo foi Votini, que tinha vindo muito bem vestido e penteado, *promovido*. Lido o ultimo, o mestre levantou-se e disse: — «Senhores, é esta a ultima vez que nos encontramos reunidos. Temos estado juntos um anno, e agora separamos-nos bons amigos, não é verdade? Aqui fez pausa e depois recommçou: «Se algumas vezes sem querer fui injusto ou demasiado severo, desculpae-me».

— Não, não, disseram os parentes e discipulos; não, senhor mestre, nunca.

— Desculpae-me, repetiu o mestre—e continuae a querer-me bem. No anno vindouro não estareis mais commigo, mas tornar-vos-ei a vêr e tereis sempre um lugar no meu coração. Até á vista, meus filhos!

Dito isto, veio para junto de nós e todos lhe estendem as mãos, trepados nos bancos. Prenderam-o pelos braços e pelas abas do casaco, muitos beijaram-o; e cinquenta vozes disseram ao mesmo tempo:

— Até á vista, mestre! obrigado, senhor mestre! Passe bem! Lembre-se de nós.

Quando saiu, parecia opprimido pela commoção. Saímos todos atropelladamente.

E todas as outras *classes* saíram tambem; era um borbórinho, uma grande algazarra de meninos e de parentes que diziam adeuses aos mestres e ás mestras e saudavam-se uns aos outros. A mestra da penna vermelha tinha quatro ou cinco crianças que se lhe pegavam ás costas e umas vinte em volta de si, que até lhe tiravam a respiração; e a *Freirinha* tinham-lhe amarrotado o chapéo, e haviam prendido entre os botões de seu vestido preto, ou mettido nas algibeiras, uma duzia de raminhos de flôres. Muitos faziam festa a Robetti, que justamente naquella dia tinha abandonado pela primeira vez as muletas. De toda a parte se ouvia dizer: — Até o novo anno! Até 20 de Outubro. Até o dia de Todos os Santos.

Ah ! como todos os dissabores eram esquecidos naquella hora !

Votini, que tinha sido sempre tão invejoso de Derossi, foi o primeiro a ir ao seu encontro de braços abertos. Eu saudei o « Pedreirinho » e beijei-o no momento em que elle fazia o seu ultimo *focinho de lebre*, bella criança ! Saudei Precossi, saudei Garoffi, que me annunciou ter eu ganho na sua ultima loteria, e deu-me um peso de louça para papeis, partido num canto ; disse adeus a todos os outros.

Era de ver como o pobre Nelli se apegava a Garrone, e ninguem os podia mais separar. Todos se juntaram em volta de Garrone, e—adeus Garrone, adeus, até á vista—e tocavam-o, abraçavam-o, e faziam-lhe festas, áquelle bravo e santo rapaz. Estava tambem seu pae todo admirado, embevecido, a sorrir. Garrone foi o ultimo que abracei na rua, e não o pude fazer sem suffocar um soluço dentro do peito. Elle beijou-me na fronte.

Depois corri para meu pae e minha mãe. Meu pae perguntou-me :

— Despediste-te de todos os teus companheiros ?

E eu disse que sim.

— Se ha algum a quem tenhas offendido, vae pedir-lhe que te perdôe e o esqueça. Não ha nenhum ?

— Nenhum, respondi.

— Então, adeus ! — disse meu pae com a voz commovida, lançando um ultimo olhar á escola.

E minha mãe repetiu :

— Adeus !

Eu não pude articular palavra.

FIM



INDICE

	PAGS.		PAGE.
Outubro		<i>Os pobres</i>	46
O primeiro dia de escola....	3	Dezembro	
O nosso professor.....	5	O negociante.....	49
Uma desgraça.....	6	Vaidade.....	50
O menino calabrez.....	7	A primeira neve.....	52
Os meus companheiros.....	9	O Pedreirinho.....	54
Um rasgo de generosidade..	11	Uma bola de neve.....	56
A minha antiga mestra.....	12	As mestras.....	58
Em um sótão.....	14	Em casa do ferido.....	60
A escola.....	16	O PEQUENO ESCRIVEN-	
O PATRIOTAZINHO DE		TE FLORENTINO.....	61
PADUA.....	17	A vontade.....	69
Novembro		<i>Gratidão</i>	71
O limpador de chaminés ...	20	Janeiro	
O dia de finados.....	22	O mestre substituto.....	73
Meu amigo Garrone.....	23	A livraria de Stardi.....	75
O carvoeiro e o fidalgo	25	O filho do artista ferreiro...	76
A mestra de meu irmão.....	26	Uma bella visita.....	78
Minha mãe.....	28	Os funeraes de Victor Manoel	80
O meu companheiro Coretti.	30	Franti expulso da escola....	81
O Director.....	34	O TAMBORZINHO SARDO	83
Os soldados.....	36	O amor da patria.....	91
O protector de Nelli.....	38	Inveja.....	93
O primeiro da classe.....	39	A mãe de Franti.....	95
O PEQUENO VIGIA LOM-		<i>Esperança</i>	96
BARDO.....	41		

	PAGS.		PAGS.
Fevereiro		Convallescença	194
Uma medalha bem dada ...	99	<i>Os amigos operarios</i>	196
Bons propositos	101	A mãe de Garrone.....	197
O trem de ferro.....	103	José Mazzini.....	199
Soberba.....	105	Valor civico.....	201
As victimas do trabalho	107		
O preso	108	Maiο	
O ENFERMEIRO DE		<i>As crianças rachiticas</i>	206
TATA.....	112	Sacrificio.....	208
A officina.....	121	O incendio.....	210
O palhaçozinho.....	123	DOS APENNINOS AOS	
O ultimo dia de carnaval... 127		ANDES.....	213
Os meninos cegos	130	Verão	231
O mestre enfermo	136	<i>Poesia</i>	233
A rua.....	138	A surda-muda.....	234
Março		Junho	
As escolas nocturnas	140	<i>Garibaldi</i>	243
A lucta	142	O exercito.....	244
Os parentes dos meninos... 144		<i>Italia</i>	246
O numero 78	145	32 grãos.....	247
O pequeno morto.....	147	<i>Meu pae</i>	249
A vespera de 14 de Março .. 149		No campo	251
A distribuição dos premios. 151		A distribuição dos premios	
Litigio	156	aos operarios.....	254
<i>Minha irmã</i>	158	A minha mestra morta.....	257
SANGUE ROMANHOLO .. 159		Agradecimentos.....	259
O Pedreirinho moribundo... 166		O NAUFRAGIO.....	260
<i>O conde Casour</i>	169		
Abril		Julho	
A primavera.....	171	<i>A ultima pagina de minha</i>	
O rei Humberto	172	mãe	268
O asylo infantil.....	177	Os exames.....	269
Na gymnastica.....	181	O ultimo exame.....	271
O mestre de meu pae	184	Adeus	274

Edições da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

- Compendio de Corographia do Brasil**, pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 1 vol. in-16, illustrado com numerosas gravuras, contendo um mappa do Brasil e um de cada Estado, 2.^a edição, cart. 3\$000
- Arithmetica Intuitiva** — *curso elementar e medio*, contendo: 2340 exercicios e calculo mental, 900 problemas escriptos e 163 gravuras, por Olavo Freire. 1 vol. de 402 pags. cart. 1\$500
- Separadamente: Curso elementar 1\$000
Curso medio 1\$000
- Arithmetica Intuitiva** — *curso complementar*, contendo: 1645 exercicios e problemas, 100 problemas resolvidos e 136 gravuras, por Olavo Freire. 1 vol. de 332 pags. cart. 1\$500
- Compendio de Pedagogia Escolar**, precedido de um resumo de *Psychologia applicada á educação*, de accordo com o programma da Escola Normal, pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 1 vol. cart. 2\$500
- Minha Primeira Viagem á Volta do Mundo**, traducção do Dr. Laet. 1 vol. 3\$000
- Historia do Brasil**, pelo Dr. F. Pinheiro Bittencourt. 1 vol. in-16, com illustrações, cart. 2\$000
- Grammatica Elementar e lições progressivas de composição**, por Hilario Ribeiro, adoptada nas escolas primarias da Capital Federal e de diversos Estados, premiada pelo Jury da Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro. Edição revista, emendada e anotada por João Ribeiro. 1 vol. cart. 1\$000
- Breves Noções de Historia Natural**, organisadas segundo o programma de ensino das escolas publicas primarias do Districto Federal, pelo Dr. Carlos de Novaes. 1 vol. com 228 pags. e 203 figuras, cart. 2\$000
- Sciencias Naturaes e Physicas** — Zoologia — Botanica — Physica — Chimica — Physiologia — pelo Dr. Felicissimo Rodrigues Fernandes, ensino primario do 2.^o gráo, curso medio e superior. 1 vol. com 302 pags. e 259 figuras, cart. 2\$000
- Livro de Exercicios**, para o curso elementar primario da Grammatica portugueza, por João Ribeiro. 1 vol. cart. 1\$000
- Minha Historia Sagrada**, traducção do Dr. Carlos de Laet, obra approvada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, illustrado de numerosas e bellissimas gravuras e chromos. 3\$000
- Exercicios Cartographicos**, por Olavo Freire, approvados pelo Conselho Superior de Instrucção Publica da Capital Federal — seis cadernos 2\$000
- Tratado de Versificação** — A Poesia no Brasil — A Metrica — Generos literarios, por Olavo Bilac e Guimarães Passos, 2.^a edição. 1 vol. cart. 3\$000
- Theatro Infantil** (comedias e monologos em prosa e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto, 2.^a edição. 1 vol. cart. 2\$000